

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

LEONARDO EURIPEDES NELSON BORGES

**A CASA DO TOMBO: O DESENHO DE LOCAÇÃO COMO PRÁTICA
MEMORIALISTA EM UBERLÂNDIA-MG**

UBERLÂNDIA-MG

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

LEONARDO EURIPEDES NELSON BORGES

**A CASA DO TOMBO: O DESENHO DE LOCAÇÃO COMO PRÁTICA
MEMORIALISTA EM UBERLÂNDIA-MG**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Helena da Silva Delfino Duarte - Aninha Duarte.

UBERLÂNDIA-MG

2023

LEONARDO EURIPEDES NELSON BORGES

**A CASA DO TOMBO: O DESENHO DE LOCAÇÃO COMO PRÁTICA
MEMORIALISTA EM UBERLÂNDIA-MG**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais.

Uberlândia, 26 de janeiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Helena da Silva Delfino Duarte - Aninha Duarte
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU

Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula Spini
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU

Prof^ª. Dr^ª. Elsieini Coelho da Silva
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU

*Dedico este trabalho às minhas memórias
sobre a “terra gentil que seduz”.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ouvir minhas orações e me acolher.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram em minha jornada e meu crescimento e contribuíram para os valores que tenho hoje.

A minha família, por todo o carinho e por acreditar nos meus sonhos.

A minha tia Dorcas em especial, pelos causos sobre a cidade de Uberlândia.

A Flávio Muniz, por acreditar em mim, incentivar meus estudos e contribuir para meu conhecimento sobre a cidade de Uberlândia.

A Flaviane Malaquias, mulher negra, arte-educadora, por todos os anos de processo de aprendizado e companheirismo até aqui e por me enxergar no meu potencial desde sempre.

A Emerson Soares, meu companheiro, por todo o suporte emocional e a assistência nos momentos difíceis que passei nessa jornada.

A minhas amigas Julia Lucatti e Medousa BellaMorte, por todos os anos de trajetória da Urban Sketchers Uberlândia e todos os desenhos de locação lindos que fizemos.

A toda a equipe do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, em especial Marcela, ex-oficial administrativa da instituição, por toda a atenção e o suporte com os documentos e as informações necessárias.

A Ana Paula, por me ensinar sobre a importância da história e da arquivologia, e ajudar imensamente em meu processo de pesquisa.

Em especial a Aninha Duarte, professora, orientadora, que me ajudou a trilhar esse caminho da pesquisa ao longo dos anos, com muito carinho, fé, cuidado e atenção. Agradeço pelo zelo e por acreditar em mim e me mostrar que arte é vida.

A essa instituição, pelo acolhimento e por proporcionar a realização do meu sonho de um dia dela fazer parte como discente.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu sincero obrigado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Leonardo da Vinci, <i>Feto humano</i> - Estudos a caneta e tinta (1510).....	34
Figura 2	Michelangelo Buonarroti, <i>Estudos para a Sibila da Líbia</i> e um pequeno esboço para uma <i>Figura Sentada</i> (verso) (1510-1511)..	34
Figura 3	Albrecht Dürer, <i>Estudo de Três Mãos</i> (1490).....	35
Figuras 4 e 5	À direita, Francisco de Goya, <i>Cazador disparando</i> (1775), lápis preto e giz branco sobre papel azul cinzento, reverso da folha, 323 x 206 mm; à esquerda, Francisco de Goya (1795), <i>Tres parejas de encapuchados</i> , pincel e aguada de tinta nanquim sobre papel vergê creme, 176 x 261 mm.....	36
Figura 6	Paul Cézanne, <i>O Pintor</i> (depois de <i>A Obra-Prima Desconhecida, de Balzac</i>) (1868-1871), lápis no papel.....	37
Figura 7	Le Corbusier, <i>Desenhos de particulares do Duomo</i> (1907), lápis no papel.....	37
Figura 8	Imagem do artista e jornalista Gabriel Campanario.....	39
Figura 9	Gabriel Campanario, <i>Sketching, vista de Nova York</i> (2008), nanquim e aquarela sobre papel.....	40
Figuras 10 e 11	À direita, foto dos participantes do 1º Urban Sketchers Uberlândia - Coreto da Praça Clarimundo Carneiro, localizado no Centro, em Uberlândia-MG. À esquerda, participantes do 4º Urban Sketchers Uberlândia - Casa da Cultura, à praça Coronel Carneiro, nº 89, no Bairro Fundinho, nesta cidade.....	43
Figura 12	<i>Print</i> do perfil do Urban Sketchers Uberlândia na plataforma do Instagram.....	44
Figura 13	Leo Borges, <i>Registro do 39º Urban Sketchers Uberlândia - Antigo prédio da Biblioteca Municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira</i> , localizado na Praça Cícero Macedo no Bairro Fundinho, em Uberlândia-MG (2018), nanquim sobre papel.....	46
Figura 14	Igreja de Nossa Sra. do Rosário, de Uberlândia, na Praça Rui Barbosa, edificada nos anos 1930.....	51

Figura 15	Leo Borges, <i>Registros da Cidade Histórica - Uberlândia</i> (2022)....	55
Figura 16	Leo Borges, <i>Registros da Cidade Histórica: Registro n° 1 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário</i> (2022), nanquim sobre papel canson 300g, 21x28,5 cm.....	59
Figura 17	Leo Borges, <i>O Eco das Coisas em Nós: Deambulações dos Registros Temporais</i> - Livro de artista (2018).....	62
Figura 18	Leo Borges, <i>O Eco das Coisas em Nós: Deambulações dos Registros Temporais</i> - Livro de artista, fragmento do livro (2019)..	62
Figuras 19 e 20	Heloísa Schneiders da Silva, Humberto Vieira e Maria Helena Weber, <i>Âmbula: a caixa</i> (1982).....	66
Figura 21	Prédio da antiga Cia. Força e Luz de Uberabinha, construído na década de 1920. Atualmente no local funciona a Oficina Cultural de Uberlândia - Praça da Liberdade, hoje Clarimundo Carneiro; início da Rua Tiradentes; década de 1930.....	68
Figura 22	Em seu ateliê, Finotti lança a tinta sobre os esboços captados no campo.....	70
Figura 23	Ido Finotti, <i>Sem título</i> (1975), Uberlândia-MG, óleo s/tela, 80x35,5 cm.....	70
Figura 24	Ido Finotti, <i>Antiga Matriz Nossa Senhora do Carmo</i> (1943), Uberlândia-MG (edificada em 1861 e demolida em 1943), óleo s/tela, 50x70 cm.....	71
Figura 25	Geraldo Queiroz, <i>Sem título</i> (1941), óleo s/ madeira, 27x24 cm....	73
Figuras 26 e 27	Geraldo Queiroz, <i>Sem título</i> – Localizadas no Mercado Municipal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil (1956/1957).....	74
Figura 28	Geraldo Queiroz, <i>A Primeira Missa</i> (1948) - acervo: Paulo Henrique Carrara Arantes.....	76
Figura 29	Foto de <i>A CASA DO TOMBO - Livro 1: Registros da Urban Sketchers Uberlândia</i> (2022), livro-caixa-arquivo, 25,5x36x5 cm..	78
Figura 30	Foto de <i>A CASA DO TOMBO - Livro 2: Livro do Tombo</i> (2022), diário gráfico, 31x38 cm.....	79
Figura 31	Foto de <i>A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia</i> (2022), livro-caixa-arquivo, 31x31x14,5 cm.....	79

Figura 32	Foto do 23º Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casa 1919</i> , localizada na Rua Bernardo Cupertino no Bairro Fundinho, em Uberlândia-MG.....	82
Figura 33	Foto da Casa 1919 descaracterizada, localizada na Rua Bernardo Cupertino no Bairro Fundinho, em Uberlândia-MG.....	82
Figura 34	Organização da Classe 01: <i>Registros da Urban Sketchers Uberlândia</i> , caixa vazia.....	83
Figura 35	Organização da Classe 01 - <i>Registros da Urban Sketchers Uberlândia</i> , caixa com os documentos.....	83
Figura 36	Organização da Classe 01 - <i>Registros da Urban Sketchers Uberlândia</i> , separação por tipologias.....	84
Figura 37	Leo Borges, 4º Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casa da Cultura</i> (2017), localizada na Praça Cel. Carneiro, nº 89 - Fundinho, hachura em nanquim e lápis de cor.....	85
Figura 38	Leo Borges, 7º Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casarão da Praça Adolfo Fonseca</i> (2017), localizado na Rua Goiás, nº 340 - Fundinho, hachura em nanquim.....	85
Figura 39	Leo Borges, 12º Urban Sketchers Uberlândia: <i>Antiga Mansão da Av. João Pinheiro</i> (2018), localizada na Av. João Pinheiro, nº 426 - Centro, hachura em nanquim.....	86
Figura 40	Leo Borges, 13º Urban Sketchers Uberlândia: <i>Residência Chacur</i> (2018), localizada na Rua Vigário Dantas, nº 344 - Fundinho, hachura em nanquim.....	87
Figura 41	Leo Borges, 19º Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casinha Azul da R. Tiradentes</i> (2018), localizada na Rua Tiradentes, nº 194 - Centro, hachura em nanquim.....	87
Figura 42	Leo Borges, 21º Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casaréu</i> (2018), localizado na Rua Vigário Dantas, nº 138 - Fundinho, hachura em nanquim.....	88
Figura 43	Leo Borges, 22º Urban Sketchers Uberlândia: <i>Futura</i> (2018), localizado na Av. Rio Branco, nº 105 - Cazeca, hachura em nanquim.....	88

Figura 44	Leo Borges, 24° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casinha da Av. Fernando Vilela</i> (2018), localizada na Av. Fernando Vilela, nº 280 - Martins, hachura em nanquim.....	89
Figura 45	Leo Borges, 26° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casa Branca da Av. Engenheiro Diniz</i> , (2018) localizada na Av. Engenheiro Diniz, nº 820 - Martins, hachura em nanquim.....	89
Figura 46	Leo Borges, 27° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casa da Praça do Líbano</i> (2018) localizada na Rua Olegário Maciel, nº 41 - Martins, hachura em nanquim.....	90
Figura 47	Leo Borges, 30° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casinha da Rua Bernardo Guimarães</i> (2018), localizada na Rua Bernardo Guimarães, nº 525 - Fundinho, hachura em nanquim.....	90
Figura 48	Leo Borges, 33° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Placitude</i> (2018), localizado na Rua Bernardo Guimarães, nº 592 - Fundinho, hachura em nanquim.....	91
Figura 49	Leo Borges, 34° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casinha da Rua Machado de Assis</i> (2018), localizada na Rua Machado de Assis, nº 722 - Centro, hachura em nanquim.....	91
Figura 50	Leo Borges, 40° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Inthebra TH</i> (2019), localizado na Rua General Osório, nº 97 - Fundinho, hachura em nanquim.....	92
Figura 51	Leo Borges, 41° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Modo Arquitetura</i> (2019), localizada na Rua Augusto Cezar, nº 127 - Fundinho, hachura em nanquim.....	92
Figura 52	Leo Borges, 44° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Pousada Chaluzé</i> (2019), localizada na Av. Francisco Ribeiro, nº 60 - Santa Mônica, hachura em nanquim.....	93
Figura 53	Leo Borges, 47° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casinha da Rua Bernardo Cupertino</i> (2019), localizada na Rua Bernardo Cupertino, nº 463 - Martins, hachura em nanquim.....	93
Figura 54	Leo Borges, 48° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casarão Grill</i> (2019), localizado na Praça Coronel Carneiro, nº 52 - Fundinho, hachura em nanquim.....	94

Figura 55	Leo Borges, 52° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Edifício Cecilia Inácia</i> (2020), localizado na Rua Souza Costa, nº 364 - Tabajaras, hachura em nanquim.....	94
Figura 56	Leo Borges, 15° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Akkar Restaurante</i> (2018), localizado na Av. Getúlio Vargas, nº 474 - Centro, hachura em nanquim.....	95
Figura 57	Leo Borges, 16° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Mercado Municipal de Uberlândia</i> (2018), localizado na Rua Olegário Maciel, nº 255 - Centro, hachura em nanquim.....	96
Figura 58	Leo Borges, 18° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Armazém Monopólio</i> (2018), localizado na Praça Cícero Macedo, nº 36 - Fundinho, hachura em nanquim.....	96
Figura 59	Leo Borges, 31° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Panificadora Fiorella</i> (2018), localizada na Rua Goiás, nº 114 - Centro, grafite sobre papel.....	97
Figura 60	Leo Borges, 54° Urban Sketchers Uberlândia, <i>Sabiá Livros</i> (2020), localizado na Rua Alberto Alves Cabral, nº 202 - Santa Mônica, hachura em nanquim.....	97
Figura 61	Leo Borges, 45° Urban Sketchers Uberlândia: <i>E. E. Enéas de Oliveira Guimarães</i> (2019), localizado na Rua XV de Novembro, nº 44 - Fundinho, hachura em nanquim.....	98
Figura 62	Leo Borges, 51° Urban Sketchers Uberlândia: <i>E. E. Dr. Duarte Pimentel de Uihôa</i> (2020), localizada na Av. Vasconcelos Costa, nº 78 - Martins, grafite sobre papel.....	99
Figura 63	Leo Borges, Sketch Walk Urban Sketchers Uberlândia Edição Calourada das Artes-UFU: <i>Vista para Quadra da UFU</i> (2020), localizada na Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica, hachura em nanquim.....	99
Figura 64	Leo Borges, 1° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Coreto</i> (2017), Praça Clarimundo Carneiro, s/n - Centro, grafite sobre papel.....	100

Figura 65	Leo Borges, 39° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Antiga Biblioteca Municipal de Uberlândia</i> (2019), localizada na Praça Cícero Macedo, s/n - Fundinho, hachura em nanquim.....	101
Figura 66	Leo Borges, 50° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Centro Municipal de Cultura de Uberlândia</i> (2020), localizado na Praça Coronel Antônio Alves Pereira, s/n - Centro, grafite sobre papel.....	101
Figura 67	Leo Borges, 55° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Centro Municipal de Cultura de Uberlândia</i> , (2022), localizado na Praça Coronel Antônio Alves Pereira, s/n - Centro, hachura em nanquim.....	102
Figura 68	Leo Borges, 53° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Estádio Municipal Parque do Sabiá</i> (2020), localizado na Av. José Roberto Migliorini, s/n - Santa Mônica, hachura em nanquim.....	102
Figura 69	Leo Borges, 20° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Museu Municipal de Uberlândia</i> (2018), localizado na Praça Clarimundo Carneiro, n° 67 - Centro, hachura em nanquim.....	103
Figura 70	Leo Borges, 25° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Prédio de Arcos e Tijolos</i> (2018), localizado na Av. Engenheiro Diniz, n° 1.178 - Martins, hachura em nanquim.....	104
Figura 71	Leo Borges, 29° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casarão da Av. Afonso Pena (Palacete Naghettini)</i> (2018), localizado na Av. Afonso Pena, n° 56 - Centro, grafite sobre papel.....	105
Figura 72	Leo Borges, 32° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Castelinho da Av. Floriano Peixoto</i> (2018), localizado na Av. Floriano Peixoto, n° 182 - Centro, hachura em nanquim.....	106
Figura 73	Leo Borges, 35° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Casa Azul da Rua Bernardo Guimarães</i> , (2018), localizada na Rua Bernardo Guimarães, n° 100 - Centro, hachura em nanquim.....	107
Figura 74	Leo Borges, 46° Urban Sketchers Uberlândia: <i>Cemitério São Pedro</i> (2019), localizado na Av. Paes Leme, n° 855 - Osvaldo Resende, hachura em nanquim.....	107
Figura 75	Foto da Ata de abertura do Livro do Tombo (2022).....	109
Figura 76	Anotações sobre detalhes e estruturas dos livros de tomo e livros de registros da cidade de Uberlândia-MG.....	109

Figura 77	Foto de <i>A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo</i> (2022), diário gráfico, 31x38 cm.....	111
Figura 78	Foto 1 do <i>Registro nº1 - Centro Educacional Cristina Cavanis em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo</i> (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	112
Figura 79	Foto 2 do <i>Registro nº1 - Centro Educacional Cristina Cavanis em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo</i> (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	113
Figura 80	Foto 1 do <i>Registro nº 2 - E. M. Professora Olga Del Fávero Caic Laranjeiras em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo</i> (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	114
Figura 81	Foto 2 do <i>Registro nº 2 - E. M. Professora Olga Del Fávero Caic Laranjeiras em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo</i> (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	115
Figura 82	Foto 1 do <i>Registro nº 3 - E. E. Professor Inácio Castilho em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo</i> (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	116
Figura 83	Foto 2 do <i>Registro nº 3 - E. E. Professor Inácio Castilho em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo</i> (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	117
Figura 84	Foto 1 do <i>Registro nº 4 - Mercure Plaza Center Shopping em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo</i> (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	118
Figura 85	Foto 2 do <i>Registro nº 4 - Mercure Plaza Center Shopping em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo</i> (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	119
Figura 86	Foto 1 do <i>Registro nº 5 - Casa Cruzeiro em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo</i> (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	120
Figura 87	Foto 2 do <i>Registro nº 5 - Casa Cruzeiro em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo</i> (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	121

Figura 88	Foto 1 do <i>Registro n° 6 - Camelódromo Municipal em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	122
Figura 89	Foto 2 do <i>Registro n° 6 - Camelódromo Municipal em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	123
Figura 90	Foto 1 do <i>Registro n° 7 - Poliesportivo São Jorge em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	124
Figura 91	Foto 2 do <i>Registro n° 7 - Poliesportivo São Jorge em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	125
Figura 92	Foto 1 do <i>Registro n° 8 - Parque do Sabiá em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	126
Figura 93	Foto 2 do <i>Registro n° 8 - Parque do Sabiá em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	127
Figura 94	Foto 1 do <i>Registro n° 9 - Parque do Santa Luzia em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	128
Figura 95	Foto 2 do <i>Registro n° 9 - Parque do Santa Luzia em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	129
Figura 96	Foto 1 do <i>Registro n° 10 - Terminal Santa Luzia em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	130
Figura 97	Foto 2 do <i>Registro n° 10 - Terminal Santa Luzia em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	131

Figura 98	Foto 1 do <i>Registro n° 11 - Parque de Exposições Camaru em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	132
Figura 99	Foto 2 do <i>Registro n° 11 - Parque de Exposições Camaru em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	133
Figura 100	Foto 1 do <i>Registro n° 12 - Cemitério São Pedro em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	134
Figura 101	Foto 2 do <i>Registro n° 12 - Cemitério São Pedro em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022)</i> , hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm.....	135
Figura 102	Organização da Classe 03 - <i>Registros da Cidade Histórica - Uberlândia</i> , caixa com os documentos separados (2022).....	137
Figura 103	Organização da Classe 03 - <i>Registros da Cidade Histórica - Uberlândia</i> , caixa e documentos (2022)	137
Figura 104	Terminal Central (terminal de transporte coletivo urbano), Praça Sérgio Pacheco.....	140
Figura 105	Registro atual do Terminal Central.....	140
Figura 106	Foto do <i>Registro n°1 - Terminal Central em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022)</i> , hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	141
Figura 107	Terminal Rodoviário Castelo Branco (Estação Rodoviária), inaugurada em 1976 na gestão do ex-prefeito Renato de Freitas - Bairro Martins.....	142
Figura 108	Registro atual da Rodoviária de Uberlândia.....	143
Figura 109	Foto do <i>Registro n°2 - Terminal Rodoviário de Uberlândia em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022)</i> , hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	143
Figura 110	Prédio da antiga Estação Rodoviária, construído em 1946; a Biblioteca Pública Municipal funcionou no local - Praça Cícero Macedo - Bairro Fundinho.....	145

Figura 111	Registro atual da Antiga Biblioteca Pública Municipal, hoje Reserva Técnica.....	145
Figura 112	Foto do <i>Registro n°3 - Biblioteca Pública Municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022)</i> , hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	146
Figura 113	Praça da Liberdade, atual Praça Clarimundo Carneiro - no centro, o coreto; evento cultural no local, década de 1920.....	148
Figura 114	Registro atual do Coreto na Praça Clarimundo Carneiro.....	148
Figura 115	Foto do <i>Registro n°4 - Coreto em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022)</i> , hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	149
Figura 116	Praça da Liberdade, atual Praça Clarimundo Carneiro - prédio da Câmara Municipal, construído em 1917 – imagem da década de 1920; atualmente no local funciona o Museu Municipal.....	150
Figura 117	Registro atual do Museu Municipal de Uberlândia.....	151
Figura 118	Foto do <i>Registro n° 5 - Museu Municipal de Uberlândia em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia (2022)</i> , hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	151
Figura 119	Prédio da antiga Cia. Força e Luz de Uberabinha, construído na década de 1920; atualmente no local funciona a Oficina Cultural de Uberlândia - Praça da Liberdade, hoje Clarimundo Carneiro, início da rua Tiradentes, década de 1930.....	153
Figura 120	Registro da atual Oficina Cultural.....	154
Figura 121	Foto do <i>Registro n° 6 - Oficina Cultural de Uberlândia em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022)</i> , hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	154
Figura 122	Fórum Abelardo Pena na Praça Prof. Jacy de Assis, inaugurado em 03 de maio de 1977.....	156
Figura 123	Registro atual do Centro Municipal de Cultura.....	156
Figura 124	Foto do <i>Registro n° 7 - Centro Municipal de Cultura em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022)</i> , hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	157

Figura 125	Prédio do Teatro Grande Otelo, Av. João Pinheiro.....	158
Figura 126	Registro atual do Teatro Grande Otelo.....	159
Figura 127	Foto do <i>Registro n° 8 - Teatro Grande Otelo em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia</i> (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	159
Figura 128	Vista parcial da cidade: em 1º plano Uberlândia Clube, na Rua Santos Dumont. À esquerda, em 2º plano, construção do Edifício Tubal Vilela e, no centro, a Praça da República (dos Bambus), atual praça Tubal Vilela - ano de 1959.....	161
Figura 129	Registro atual do Uberlândia Clube Sociedade Recreativa.....	162
Figura 130	Foto do <i>Registro n° 9 - Uberlândia Clube Sociedade Recreativa em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia</i> (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	162
Figura 131	Estádio Municipal João Havelange (Parque do Sabiá), inaugurado em 1982.....	164
Figura 132	Registro atual do Estádio Municipal Parque do Sabiá.....	165
Figura 133	Foto do <i>Registro n° 10 - Estádio Municipal Parque do Sabiá em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia</i> (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	165
Figura 134	Vista aérea da cidade, Bairro Aparecida - no centro, fica o estádio Juca Ribeiro.....	167
Figura 135	Registro atual da arquibancada do Estádio Juca Ribeiro, onde se abriga um complexo de lojas.....	167
Figura 136	Foto do <i>Registro n° 11 - Estádio Juca Ribeiro em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia</i> (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	168
Figura 137	Imóvel na Rua Vigário Dantas esquina com Rua Bernardo Guimarães, onde atualmente funciona a Escola Casaréu.....	170
Figura 138	Registro atual da Escola Casaréu.....	170
Figura 139	Foto do <i>Registro n° 12 - Casaréu em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia</i> (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	171

Figura 140	Prédio da Superintendência Regional da Fazenda, atualmente Casa da Cultura, na Praça Cel. Carneiro - década de 1970.....	173
Figura 141	Registro atual da Casa da Cultura.....	173
Figura 142	Foto do <i>Registro n° 13 - Casa da Cultura em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia</i> (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	174
Figura 143	Imóvel localizado na Rua Vigário Dantas com Marechal Deodoro - Residência Chacur, tombado como patrimônio histórico - década de 2000.....	175
Figura 144	Registro atual da Residência Chacur.....	176
Figura 145	Foto do <i>Registro n° 14 - Residência Chacur em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia</i> (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	176
Figura 146	Vista parcial da cidade, trecho da Av. Afonso Pena próximo à Rua Goiás. À direita, prédio alto, da família Naghettini, construído na década de 1920 - imagem da década de 1930/40...	178
Figura 147	Registro atual do Palacete Naghettini.....	178
Figura 148	Foto do <i>Registro n° 15 - Palacete Naghettini em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia</i> (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	179
Figura 149	Prédio do Mercado Municipal, Rua Olegário Maciel com Av. Getúlio Vargas, construído na década de 1940.....	181
Figura 150	Registro atual da frente do Mercado Municipal de Uberlândia, vista da Av. Getúlio Vargas.....	181
Figura 151	Foto do <i>Registro n° 16 - Mercado Municipal de Uberlândia em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia</i> (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	182
Figura 152	Praça Rui Barbosa, conhecida atualmente como Praça da Bicota, década de 1930.....	184
Figura 153	Registro atual da Praça da Bicota (Praça Rui Barbosa).....	184
Figura 154	Foto do <i>Registro n° 17 - Praça da Bicota em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia</i> (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	185

Figura 155	Igreja de Nossa Sra. do Rosário, de Uberlândia, na Praça Rui Barbosa, edificada nos anos 1930.....	187
Figura 156	Registro atual da Igreja do Rosário.....	188
Figura 157	Foto do Registro nº18 - <i>Igreja de Nossa Senhora do Rosário em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia (2022)</i> , hachura em nanquim, 21x29,5 cm.....	188
Figura 158	Croqui para exemplificar uma possível exposição do material de <i>A CASA DO TOMBO</i>	191

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COMPHAC	Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PCB	Partido Comunista Brasileiro
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
USk Udia	Urban Sketchers Uberlândia

RESUMO

Uberlândia é uma cidade com gigantesco crescimento demográfico, no entanto, os patrimônios históricos tombados se localizam em sua maioria em sua região central. A partir dessa premissa, o trabalho busca a valorização e o tombamento de locais da periferia, onde o artista Leo Borges viveu por grande parte de sua vida. A partir das produções dos desenhos de locação em diários gráficos realizados entre 2017 e 2022, o artista pretende constituir um arquivo de si, levando uma intenção autobiográfica, trazendo registros e memórias na condição de uberlandense, através da atividade memorialista do desenho. Foram realizados empréstimos de termos e metodologias da arquivologia para a construção deste projeto. São apresentados os assuntos e os elementos que fundamentam o processo: o desenho de locação, o diário gráfico, o arquivo, a Urban Sketchers e o patrimônio histórico, em diálogos com Uberlândia. Em seguida expõe-se a concepção do processo criativo dos diários gráficos (o livro do tombo e os livros-caixa-arquivo) e do arquivo, apresentando as inquietações com a memória histórica de Uberlândia e a exploração dos desenhos como potência documental para criação de um arquivo pessoal. Também se fundamenta na discussão, uma reflexão sobre o livro do tombo e os livros-caixa-arquivo sob a ótica dos livros de artista. Apresentam-se brevemente os artistas Ido Finotti e Geraldo Queiroz que, com suas pinturas de paisagem e suas contribuições para a memória histórica de Uberlândia do século XX, foram fundamentais para a construção e a inspiração do projeto. O resultado do trabalho consiste na organização do arquivo a partir de três diários gráficos em formatos distintos, com 68 desenhos que representam patrimônios históricos e lugares de Uberlândia importantes para o artista. Espera-se, através do desenho, constituir uma imagem da Uberlândia da época do artista e valorizar a cidade em tempos passados.

Palavras-chave: Desenho de Locação. Arquivo. Diário Gráfico. Patrimônio Histórico. Uberlândia.

ABSTRACT

Uberlândia is a city with gigantic demographic growth, however, the listed historical heritage sites are mostly located in its central region. Based on this premise, the work seeks to value and protect places on the periphery, where the artist Leo Borges lived for most of his life. From the productions of the location drawings in graphic diaries made between 2017 and 2022, the artist intends to constitute an archive of himself, taking an autobiographical intention, bringing records and memories in the condition of Uberlandense, through the memorialist activity of drawing. Terms and methodologies were borrowed from archival science for the construction of this project. The subjects and elements that underlie the process are presented: the location design, the graphic diary, the archive, Urban Sketchers and historical heritage, in dialogues with Uberlândia. Next, the conception of the creative process of the graphic diaries (the book of the tomb and the archive-box-books) and of the archive is exposed, presenting the concerns with the historical memory of Uberlândia and the exploration of the drawings as a documental power for the creation of a personal file. It is also based on the discussion, a reflection on the book of the tombo and the box-archive books from the perspective of artist's books. The artists Ido Finotti and Geraldo Queiroz are briefly introduced, who, with their landscape paintings and their contributions to the historical memory of Uberlândia in the 20th century, were fundamental to the construction and inspiration of the project. The result of the work consists of organizing the file from three graphic diaries in different formats, with 68 drawings that represent historical heritage and important places in Uberlândia for the artist. It is expected, through drawing, to constitute an image of Uberlândia from the artist's time and to value the city in past times.

Keywords: Location Design. Archive. Graphic Diary. Historical Heritage. Uberlândia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	24
CAPÍTULO I: ARQUIVO CORRENTE.....	30
1.1 O desenho de locação e o diário gráfico como práticas de arquivamento.....	30
1.2 A Urban Sketchers e a valorização do patrimônio histórico e cultural...	38
1.3 Trajetórias do Urban Sketchers Uberlândia.....	42
1.4 Notas sobre o patrimônio histórico e os embates com a modernidade em Uberlândia.....	47
CAPÍTULO II: ARQUIVO INTERMEDIÁRIO.....	54
2.1 Processo criativo: os desenhos de locação na criação de um arquivo pessoal.....	54
2.2 Os diários gráficos sob a ótica do livro de artista.....	60
2.3 Artistas de Uberlândia e suas contribuições para o meu processo de criação.....	67
2.3.1 Ido Finotti: a importância das pinturas de paisagem na construção da memória histórica de Uberlândia e região do século XX.....	67
2.3.2 Geraldo Queiroz: preenchendo lacunas na memória artística e cultural da cidade de Uberlândia.....	72
CAPÍTULO III: ARQUIVO PERMANENTE.....	77
3.1 <i>Série A CASA DO TOMBO: o desenho de locação como prática memorialista em Uberlândia-MG</i>	77
3.2 Definindo as classes e as tipologias do acervo.....	77
3.2.1 Classe 01: <i>Registros da Urban Sketchers</i>	81
3.2.2 Classe 02: <i>O Livro do Tombo</i>	108
3.2.3 Classe 03: <i>Registros da Cidade Histórica – Uberlândia</i>	136
3.3 Análise da proposta de organização do arquivo pessoal.....	189

CONCLUSÃO.....	192
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	195
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.....	196
ANEXO A: PLANO DE CLASSIFICAÇÃO DOS DOCUMENTOS.....	198
ANEXO B: TABELA DE TEMPORALIDADE DOS DOCUMENTOS.....	201

INTRODUÇÃO

Quando penso no meu fazer artístico no campo das artes visuais, noto como a linguagem do desenho pode criar bons diálogos a partir dele. No desenho de locação¹, mais facilmente conhecido como desenho de paisagem urbana, percebo que o meu traço compõe imagens que guardam e comunicam as minhas vivências sobre os lugares e os objetos representados. Essa visão do desenho sob um viés de conservação deriva do entendimento do registro gráfico como ferramenta de documentação daquilo que se pretende documentar. Também confere ao desenho a função de atividade memorialista, uma vez que arquiva as impressões de quem desenha.

Como bom conservador de memórias, posso dizer que sou um ótimo acumulador delas. Também posso contar que a prática do acúmulo com a finalidade de reter coisas necessárias, caras ou importantes para mim deriva de uma herança familiar advinda do lado materno. Esse hábito foi negado por mim por muitos anos, do qual eu, como indivíduo, me distanciei e me coloquei num lugar imaculado de onde enxergava os outros sendo acumuladores, e não eu. Refletir sobre o que é acumular coisas além da visão de um problema de transtorno acumulativo², como é o caso da minha família, me fez perceber que acumular é uma prática comum e que produz vestígios de nossa existência. Alguns acúmulos são intencionais e outros são produzidos no acaso do cotidiano.

Neste momento, antes de apresentar os objetivos da pesquisa, faz-se necessário um percurso por minhas vivências importantes para escolha dos objetos de estudo em questão. Entendo que acumular é um hábito que reverbera de diferentes formas para cada pessoa, seja como um processo espontâneo, seja para preencher um vazio. A falta e a perda geraram em minha família materna o hábito de acumular. Quando todos cresceram e constituíram família, cada um dos filhos de meus avós,

¹ Expressão que se usa para referir aos desenhos de paisagem urbana.

² Caracterizado pelo acúmulo compulsivo de posses, este transtorno faz com que pessoas desordenadamente encham as suas moradias com objetos. Na maioria dos casos, o ambiente se torna insalubre devido à quantidade de artefatos e à sua natureza. Fonte: PIMENTA, T. Transtorno de acumulação: o que é e como identificar. **Vittude Blog**. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/transtorno-de-acumulacao-o-que-e-como-identificar/#:~:text=O%20que%20C3%A9%20transtorno%20de,e%20a%20natureza%20dos%20mesmos>. Acesso em: 15 jan. 2022.

incluindo minha mãe, tinha a sua maneira de fazer acumulações. A casa de meu avô, a qual chamo de *Casa Cruzeiro*³, localizada no bairro Bom Jesus, na avenida Mauá, em Uberlândia-MG, Brasil, está sempre aberta a abrigar nossa grande família e é também um lugar cheio de objetos espalhados ao longo da residência. Relato sobre essa casa pois vivi boa parte da infância lá, em meio à bagunça e ao cheiro de mofo, cigarro e poeira. É um lugar que não só traz memórias como também moldou minhas formas e visões de mundo através da convivência com a família.

Dentro desse contexto, vale informar que a casa de minha mãe, onde vivo até hoje, também sempre foi recheada de coisas e objetos. Entre móveis, conjuntos de louça e brinquedos que ela achava pelas ruas e trazia para casa, posso afirmar que não representavam uma acumulação em excesso, mas marcaram a forma como eu vejo o mundo, em diversos aspectos. Sempre tive uma dispensa cheia em casa porque minha mãe fazia uma grande compra do mês. O armário cheio era indício de que ela nunca iria passar mais vontade de comer ou deixar de usar algum produto por não ter condições financeiras. Meu olhar de criança sempre me levava a ver o que minha mãe trazia para casa como algo interessante, quase sempre em bom estado, mas também levantava perguntas sobre qual a utilidade daquilo no contexto. Lembro os sonhos dela de terminar a reforma da casa, ainda hoje no cimento, com alguns cômodos mais completos que outros. Nossa casa foi uma do programa de habitação do governo concebido no início dos anos 1990, no Residencial Laranjeiras, ou Grande São Jorge, como chamamos, também situado na referida cidade.

Conheci o que era privacidade aos 16 anos, quando o cômodo de bagunça da casa se tornou meu quarto. Crescer em meio às "coisas" e regado a histórias fez com que eu fixasse a vida com as formas de uma casa, de enxergar tudo de forma concreta. A poesia estava nas coisas, tornando constante a necessidade de guardar. Quando ganhei meu quarto, voltei-me para dentro dele, na ideia de construir meu mundo, minha zona de conforto. Paredes se tornaram telas, um lugar para me expressar dentro da minha própria casa. A minha relação com o grafismo começa a se criar a partir daí, dos murais em preto e branco que fiz nas paredes do quarto. Cada semana fazia um desenho diferente e, quando aquilo tornou-se insustentável, porque não havia mais espaço nas paredes, passei para o papel, e assim foi um início, até eu chegar à faculdade e entrar mais em contato com o desenho e a pintura.

³ Nome que faz referência ao sobrenome da família.

Na época em que ganhei o quarto, comecei a perceber que havia coisas que eu guardava porque era um registro de mim ou da passagem que fizera por algum lugar. Naquele momento, não imaginava me interessar por acumulação e por desenhos de locação, dado que sempre gostei de moda. Comecei naquela época o que hoje chamo de “pequenas acumulações”, guardando unhas cortadas há anos, cabelos que já tive, folhas de pontos dos trabalhos que já passei, raspas de lápis dos estágios que fiz em meio à graduação. Com o começo dos meus estudos e práticas artísticas comecei a enveredar não só por minhas acumulações e as da minha família, mas pelas acumulações de outras pessoas. Com o tempo, entendo que a acumulação pode ser um termo tão plural como ela mesma, podendo encaixar-se em outros lugares – e aqui começa a surgir o meu interesse pelo estudo da paisagem e da cidade.

A ideia da casa começou a se ampliar em dimensões urbanas, pois, da mesma forma que eu andava pela minha casa tentando entender o que todos aqueles objetos e paredes diziam de mim ou para mim, caminhava pela cidade e, mesmo com as memórias dessas andanças, ainda ficava um resquício de dúvida: o que esse lugar dizia de mim? Que Uberlândia é essa? Em uma cidade tão efêmera e de grande mobilidade como esta, desenhar se colocou como uma importante prática de arquivamento da paisagem e de guarda das memórias que não são só minhas, mas também sobre aquelas pessoas que nasceram ou viveram aqui. Comecei a ir para a rua a fim de desenhar. As linhas acumulam uma experiência daquilo que o tempo quer constantemente usurpar. Pensar que a existência de um lugar ou objeto pode ser tão finita quanto a borda do papel no qual se desenha, apresenta o desenho como um desafio ao esquecimento.

Ao realizar meus desenhos de locação, volto o olhar para a cidade e percebo que o Centro já é outro, o Mercure Plaza do Center Shopping já não é o prédio mais alto da cidade, a avenida Rondon Pacheco tomou outras configurações e parece a cada dia ganhar mais viadutos atravessando-a. Parece que Uberlândia andou na mão do progresso e construindo pontes, enquanto me preocupo em estar aqui no agora e ao mesmo tempo retroceder, para construir as pontes necessárias entre mim, minhas memórias e o passado dessa cidade. Nesse processo reflexivo sobre minha vida, as acumulações e a cidade, percebo que acumulação é uma prática do arquivamento de mim mesmo, de tentar conservar os estados das coisas importantes para mim, daquilo que fundamenta a minha história.

A partir das atividades da Urban Sketchers Uberlândia⁴, um grupo aberto para entusiastas do desenho de locação, pude sensibilizar meu olhar e ver a importância que meus desenhos possuem. Trazem não só conhecimento sobre os lugares registrados por mim, mas também o valor documental de preservação, tanto da paisagem em geral, como dos patrimônios históricos. O uso de diários gráficos e a fácil portabilidade desse suporte conferem praticidade à realização dos desenhos.

Dadas minha breve história como cidadão uberlandense e minha relação com a paisagem urbana e os objetos em conformidade com o desenho, trago nesta pesquisa, intitulada *A CASA DO TOMBO: o desenho de locação como prática memorialista em Uberlândia-MG*, o trabalho de conhecer e apresentar as histórias da cidade de Uberlândia a partir da minha perspectiva gráfica e de memórias alimentadas pelas produções de desenhos de locação no período de atividades da Urban Sketchers Uberlândia entre 2017 e 2022. No conjunto final da obra, o objetivo é organizar um arquivo pessoal com esses desenhos de locação e novos desenhos que foram produzidos intencionalmente no ano de 2022 para serem agregados a este acervo, construindo uma narrativa sobre a cidade, que vai do centro até a periferia.

O nome da série, *A CASA DO TOMBO*, surge do ato de compreender a “casa” como unidade de referência íntima, sendo a primeira formadora de nossas memórias. Nossas lembranças se constituem nela e a partir de quem ali vive. Há uma intenção de causar a impressão de intimidade, dado que todas as imagens deste trabalho se conformam em um arquivo pessoal, levando o desejo de transportar o espectador ao encontro com a cidade através de minhas memórias e meus afetos por ela. A ampliação da visão da casa para o conceito macro de habitar, traz a cidade como nossa grande morada, onde produzimos nossas vivências. O termo “tombo” se refere à ação de tombar, para fins de preservar um bem material. Assim, o nome *A CASA DO TOMBO* leva a missão de tombar as memórias que tenho da cidade, reconstruindo-as por meio da atividade memorialista do desenho, exercendo a dupla potência de um reencontro com minha identidade uberlandense e, ao mesmo tempo, trazendo um conjunto de registros do meu tempo e de meus contemporâneos, que busca valorizar o passado e preservar o presente.

O texto desta monografia foi dividido em três capítulos cujos nomes são relacionados às fases de um arquivo, sendo: *Arquivo Corrente* (documentos de uso

⁴ Grupo aberto formado por entusiastas do desenho de paisagem urbana, presente na cidade de Uberlândia-MG, Brasil.

recorrente e que são indispensáveis nas atividades do cotidiano), *Arquivo Intermediário* (documentos que já não são usados com muita frequência, mas precisam ficar armazenados temporariamente por alguma questão, até ter sua destinação final) e *Arquivo Permanente* (documentos os quais, em razão de seu valor de pesquisa, comprobatório ou informativo, são destinados à preservação permanente).

Sendo assim, no primeiro capítulo, intitulado *Arquivo Corrente*, são abordados os assuntos indispensáveis para a fundamentação da pesquisa, sendo realizados traçados históricos sobre os pontos que a rodeiam: o desenho de locação, o arquivo, o patrimônio histórico, Uberlândia e a Urban Sketchers. Apresento de forma breve a atuação dos arquivos ao longo da história e como se entende a prática do desenho em diários gráficos como prática de arquivamento, sendo fundamentais como documentos e objetos memorialísticos. Em seguida, faço menção à Urban Sketchers, desde sua origem em um contexto mundial, até como chega a Uberlândia, evidenciando como esse evento contribui para valorização e proteção do patrimônio histórico. Aqui também são expostas notas sobre o patrimônio histórico, entendendo a chegada do monumento e como ele se converte em patrimônio histórico, apontando alguns embates da modernidade com essa modalidade de construção em Uberlândia.

No segundo capítulo, *Arquivo Intermediário*, pontuo o direcionamento dos objetos da pesquisa a partir do meu processo criativo de forma narrativa, explicando como foi a reflexão sobre esses desenhos e a cidade e como escolho transformar toda essa produção em um arquivo pessoal. Trago algumas definições sobre livro de artista para que seja possível entender a desconstrução e a nomeação dos diários gráficos produzidos, pensando em estruturas como caixas-arquivo e um livro do tombo. Uso a referência de dois artistas da cidade – Ido Finotti e Geraldo de Queiroz – para entender a importância deles na construção de um imaginário coletivo sobre a Uberlândia e região do séc. XX através do registro da paisagem no desenho e na pintura e como isso colabora para me inspirar a compor a imagem da cidade no meu tempo, através dos valores imagéticos e documentais do desenho de locação.

O terceiro e último capítulo, com o nome *Arquivo Permanente*, é destinado à apresentação do arquivo pessoal e como ele foi organizado. Exponho a documentação e as tipologias do acervo, descrevendo como organizei cada uma das três classes que definem este arquivo. Organizado em três diários gráficos distintos na forma suporte, são separados por: *Registros da Urban Sketchers Uberlândia*; *O*

Livro do Tombo; e *Registros da Cidade Histórica - Uberlândia*. Tais separações definem uma relação do público e do íntimo. Finalizo o capítulo com uma análise da proposta. O Plano de Classificação dos Documentos e a Tabela de Temporalidade são ferramentas usadas para organizar e estruturar um arquivo, sendo vinculados em anexos após o texto.

Na totalidade desses três capítulos pude conhecer de forma mais aprofundada os elementos fundamentais para a construção deste arquivo, as histórias que agregou a meu conhecimento e de meus conterrâneos sobre a cidade e a força do desenho no seu aspecto expressivo e documental. Chego ao trabalho que apresento neste momento, em que linhas, olhares e memórias se convertem em documentos e lembranças de um presente que logo se tornará um passado, guardado sobre livros os quais lembrarão que aquela Uberlândia um dia existiu.

CAPÍTULO I

ARQUIVO CORRENTE

A casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. Fixamos a casa com as dimensões que ela teve para nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos revê-la com os olhos de adulto. Para enxergar as coisas nas suas antigas proporções, como posso tornar-me de novo criança? A pergunta já está no Evangelho. Algumas pessoas, em geral os artistas, guardaram essa possibilidade de remontar às fontes. (BOSI, 1987, p. 356).

1.1 O desenho de locação e o diário gráfico como práticas de arquivamento

Viver em um mundo que vem se transformando rapidamente traz a busca constante por formas de fixação do tempo, evitando que o passado se perca. Com fluxos que comprimem cada vez mais as escalas do espaço e tempo, parece haver um desejo de tudo guardar na memória, de poder conservar todas as fotos e documentos para que nada seja esquecido. “A ampliação inimaginável da capacidade de armazenar informações convive, paradoxalmente, com um enorme medo da amnésia.”⁵ (SCHMIDT, 2008, p. 188). Os arquivos são um dos sintomas de que a memória se torna uma preocupação social, cultural e política central para a contextualização de algumas narrativas a respeito do que já foi, para fins de corporificar uma imagem de quem somos. Torna-se importante aqui fazer breves pontuações sobre os arquivos e sua passagem ao longo da história.

Os arquivos funcionam como sistemas de informações ligados a formas de registro do tempo e materialização dos fatos, agindo como uma memória física. Consistem também em formas de organização estrutural e funcional para a documentação⁶ e, por isso, são associadas a áreas com maior relevância como

⁵ A amnésia é uma condição clínica onde há uma perda total ou parcial da capacidade para recordar experiências ou acontecimentos que ocorreram segundos antes, nos dias anteriores, há mais tempo ou após o evento que causou a amnésia. Fonte: MERCK & CO., INC. Amnésia - Distúrbios cerebrais, da medula espinal e dos nervos. *In: Manual MSD Versão Saúde para a Família*. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-cerebrais,-da-medula-espinal-e-dos-nervos/disfun%C3%A7%C3%A3o-cerebral/amn%C3%A9sia>. Acesso em: 10 dez. 2022.

⁶ Documentação, da palavra latina “documentatiōne”, é o ato e o resultado de documentar: provar algo através de documentos ou evidências. O termo geralmente se refere ao conjunto de documentos que

estudos sociais, históricos e artísticos. No geral, os arquivos servem para apoiar o gerenciamento operacional de processos de trabalho. Estes atuam como uma memória de seus produtores e da sociedade em geral. Tanto os produtores de documentos públicos quanto privados mantêm registros para lembrar ou para serem lembrados. “Eles precisam de suas memórias individuais e organizacionais para que possam manter sua capacidade de serem entendidos e de documentar a sua própria história.” (THOMASSEM, 2006, p. 7). Para que registros de valores culturais duradouros sejam preservados através do tempo, é importante que haja um bom funcionamento das organizações e que indivíduos e associações sejam responsáveis por seus feitos.

No decorrer da história, o arquivo passa por várias formas de organização estrutural e funcional da documentação. Com o surgimento da escrita, vieram os primeiros arquivos, cuja origem conhecida data das civilizações pré-clássicas, as quais já elaboravam modelos de organização de documentos avançados para o período. Os gregos e os romanos fazem com que o arquivo cresça na sua eficiência e usabilidade como aparelho de organização da informação, acesso e consulta. Na Idade Média a gestão de documentos vai estar fundamentalmente nas mãos da Igreja, detentora do “saber e da cultura”, concentrados em catedrais e mosteiros, que se ocupavam da ampliação e da valorização do arquivo religioso. Na Idade Moderna surgem novas tipologias de documentos (a arte e a cartografia são exemplos), colocando a noção de utilidade e preservação da memória para além da questão legal ou religiosa (REIS, 2006).

Manter álbuns de fotografias, diários, livros ou quaisquer tipos de documentação na atualidade, no meu entendimento, torna-se necessário para documentar e preservar a história de uma pessoa ou de uma organização, podendo existir a criação de arquivos, como os pessoais, que não necessariamente sejam relacionados a figuras históricas ou pessoas importantes. “Uma parte pequena desses arquivos que, com o passar do tempo, perderam sua função testemunhal, são preservados por serem considerados parte de uma herança cultural e fonte potencial para pesquisas históricas.” (THOMASSEM, 2006, p. 7). Neste sentido, o registro de desenhos de estudo e de anotações ganha uma valorização como forma de

documentação e parte do processo associado à produção artística, tendo grandes contribuições por meio do Renascimento⁷.

O desenho como um registro temporal é um documento autobiográfico⁸ que abarca a descoberta de um evento, podendo ser observado, imaginado ou uma lembrança. O desenho é uma prática a se fazer no tempo, isso porque ele guarda um conjunto de intenções e instantes em si. Essa soma de instantes se acumula por meio do olhar de quem o faz. O diálogo que o desenho estabelece com o tempo delega três funções básicas, sendo elas: desenho de criação (comunicação de ideias), desenho de observação (processo de estudo ou pesquisa) e desenho de memória (parte do que se lembra ou comunica algo que se quer preservar). Essas três categorias são descritas por Berger (2005) e vinculadas a um tempo específico: futuro, presente e passado.

Dessa forma, o desenho como um objeto a se fazer no tempo pode-se apresentar tanto como o processo, quanto o que ele encerra. A exemplo disso, o autor nos conta:

O fóssil é o resultado do acaso. A imagem fotografada foi escolhida para preservação. A imagem desenhada contém a experiência de olhar. Uma foto é a prova do encontro entre um evento e um fotógrafo. Um desenho questiona lentamente a aparência de um acontecimento e, ao fazê-lo, lembra-nos que as aparências são sempre uma construção com uma história. (Nossa aspiração à objetividade só pode ser derivada de admitir a subjetividade.). (BERGER, 2005, p. 42)

Dentro da história da arte, o reconhecimento do desenho como algo que leva ao entendimento da realidade visual propicia a produção dos cadernos pessoais. Por razões de valor e metodologia, o diário gráfico assumia uma posição lateral na produção comercial, sendo um suporte nas produções de obras artísticas, ou uma memória física como armazenamento para recuperação de informações. Essa

⁷ “A arte renascentista foi um movimento que aconteceu entre os séculos XIV e XVII e que foi marcado por profundas mudanças, uma vez que promoveu ideias que ousaram quebrar com os dogmas e os pensamentos da igreja”. Fonte: AGÊNCIA PAPOCA. Arte Renascentista: como ela colocou o homem no centro de tudo?. **LAART**. 2020. Disponível em: <https://laart.art.br/blog/arterenascentista/#:~:text=A%20arte%20renascentista%20%C3%A9%20um,como%20tamb%C3%A9m%20retratavam%20a%20natureza>. Acesso em: 10 dez. 2022.

⁸ A autobiografia é um tipo de gênero literário que constitui uma narrativa de caráter pessoal e o seu traço mais significativo é a inserção do próprio escritor como personagem principal. Escrever uma autobiografia implica um pacto literário e não histórico ou documental, porque ora a narrativa apresenta um resgate memorialístico (baseado na realidade) ora constrói a trama com os fios da ficção. O desenho colocado como autobiográfico imprime essa narração de forma transfigurada e não especificamente de forma transcrita. Fonte: SILVA. Daniele Cristina Agostinho. *Autobiografia*. In: **Infoescola**. S.d. Disponível em: <https://www.infoescola.com/generos-literarios/autobiografia/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ferramenta se coloca como um suporte à pesquisa de seu autor, contendo um conjunto de informações visuais atribuídas sobre determinado assunto. Ele também pode ser conhecido por vários nomes como Livro de Artista⁹ ou *Sketchbook*¹⁰ e advém substantivamente de expressões gráficas e visuais. Vale observar que a escolha da utilização da expressão “diário gráfico” no decorrer deste texto, em vez de “livro de artista”, dá-se por uma aproximação mais íntima do artista com a utilização dessas palavras.

O diário gráfico ganha relevância histórica por conseguir relatar o percurso de seus autores e ser uma fonte primária na descrição temporal dos fatos. Geralmente trata-se de um caderno em pequeno formato, de modo que facilmente possa ser carregado no dia a dia para fins de registros de observação, de imaginação ou pensamentos que vão ser informações importantes para o seu autor. O desenho e a escrita aparecem como formas habituais de registro, sendo possível a existência de diários gráficos que comportem outras linguagens como a pintura e a colagem.

É possível recuperar alguns artistas como Leonardo da Vinci (1452-1519) (Figura 1), que representa a chegada do Renascimento entre os séculos XV e XVI e, com ele, a eleição do desenho como meio de representação autônomo; Michelangelo Buonarroti (1475-1564) (Figura 2) e Albrecht Dürer (1471-1528) (Figura 3), o qual em seus cadernos trazia uma qualidade técnica e gráfica dos desenhos e um volume de produção que demonstram os seus percursos artísticos e científicos. Dada a fragilidade dos documentos e o seu caráter intimista, muitos destes cadernos não sobreviveram ao tempo. (RAHIM; RODRIGUES, 2014).

⁹ Segundo a definição de Stephen Bury, “Livros de artista são livros ou objetos em forma de livro; sobre os quais, na aparência, final o artista tem um grande controle”. O livro é entendido nele mesmo como uma obra de arte. Estes não são livros com reproduções de obras de artistas, ou apenas um texto ilustrado por um artista. Na prática, esta definição quebra-se quando o artista a desafia, puxando o formato livro em direções inesperadas. Este item também será mais bem descrito no próximo capítulo, quando apresentado os livros de artista. Fonte: BURY, Stephen. **Artists' Books: The Book as a Work of Art**, 1963–1995. Universidade de Michigan, Scholar Press, 1995.

¹⁰ Termo em inglês para “caderno de desenhos”.

Figura 1: Leonardo da Vinci, *Feto humano* - Estudos a caneta e tinta (1510)



Fonte: www.britannica.com/biography/Leonardo-da-Vinci/Anatomical-studies-and-drawings. Acesso em: 10 dez. 2022.

Figura 2: Michelangelo Buonarroti, *Estudos para a Sibila da Líbia e um pequeno esboço para uma Figura Sentada (verso)* (1510-1511)



Fonte: www.art-prints-on-demand.com/a/albrecht-duerer/adrerstudyofthreehandsc14.html. Acesso em: 10 dez. 2022.

Figura 3: Albrecht Dürer, *Estudo de Três Mãos* (1490)



Fonte: www.dasartes.com.br/de-arte-a-z/desenho-feito-quando-tinha-12-anos-e-atribuido-a-michelangelo/. Acesso em 10 dez. 2022.

Os diários gráficos foram importantes ferramentas no fenômeno das viagens e expedições, servindo para os artistas como meio de produção de conhecimento, na procura de diferentes contextos culturais, físicos e visuais em outras partes do mundo. A viagem como fenômeno de experiência e partilha de conhecimento é, pelo menos desde o Renascimento, uma prática comum nos circuitos culturais europeus (DURAND, 1953 *apud* RAHIM; RODRIGUES, 2014). A expansão marítima e colonial promoveu viagens e expedições a lugares remotos na descoberta do Novo Mundo, em que o relato verbal e gráfico constituiu uma das principais fontes documentais (MAURO, 1995 *apud* RAHIM; RODRIGUES, 2014). Desde essa época pode-se observar tanto a linguagem do desenho como o diário gráfico sendo importante suporte na documentação e na historização de indivíduos de suas épocas. A Itália representou em muitos casos um destino produtivo. Goya (1746-1828), em sua viagem à Itália, apresenta desenho com forte movimento de figuras humanas, com uso de materiais como carvão e giz sanguínea (Figuras 4 e 5).

Figuras 4 e 5: À direita, Francisco de Goya, *Cazador disparando* (1775), lápis preto e giz branco sobre papel azul cinzento, reverso da folha, 323 x 206 mm; à esquerda, Francisco de Goya (1795), *Tres parejas de encapuchados*, pincel e aguada de tinta nanquim sobre papel vergê creme, 176 x 261 mm



Fonte: <https://www.scielo.br/j/vh/a/TdSbfKQXqdrBD7xzskCB3cv/?lang=pt#>. Acesso em: 10 dez. 2022.

É importante reconhecermos a ação de viajar como uma ótima atividade que leva a ação de observar o espaço e ao conhecimento através dos registros, gráficos e fotográficos. A democratização das viagens na era industrial e a saída dos artistas do estúdio para a pintura ao ar livre como marca do impressionismo e de outras correntes pictóricas do século XIX fizeram com que artistas se deslocassem e, como consequência, a utilização do diário gráfico como instrumento de trabalho e companheiro de viagens. Isso gerou uma valorização da observação *in situ*¹¹, constituindo a saída do artista do ateliê como uma viagem para realização de desenhos que seriam croquis¹² para realização de futuros trabalhos. Os cadernos de Cézanne (1839-1906) (Figura 6) mostram essa urgência da exploração do desenho como tática para a produção artística.

No século XX, com a advento das vanguardas, o diário gráfico como esboço ganha uma ideia de ultrapassado. Vê-se a valorização dos percursos individuais, e adquire propriedade como desenvolvimento pessoal e artístico. Le Corbusier (1887-1965) (Figura 7) e muitos outros artistas decisivos do panorama cultural novecentista utilizaram o diário gráfico, alternando um espectro visual entre a precisão do registro

¹¹ Expressão do latim que significa “no lugar” ou “no local”, na tradução literal para a língua portuguesa. Fonte: <https://www.significados.com.br/in-situ/>. Acesso em: 08 jan. 2023.

¹² Nome que se dá também a um desenho que consiste em um esboço ou desenho de essência.

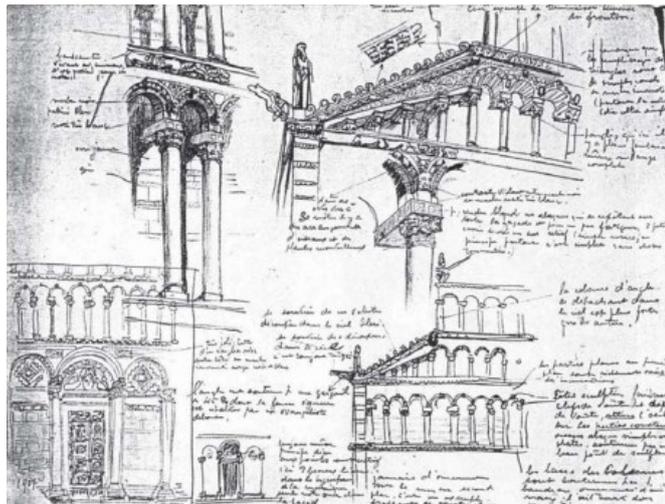
objetivo de observação e a expressão emocional da interpretação individual (HOPKINS, 2000 *apud* RAHIM; RODRIGUES, 2014).

Figura 6: Paul Cézanne, *O Pintor* (depois de *A Obra-Prima Desconhecida*, de Balzac) (1868-1871), lápis no papel



Fonte: <https://www.jeanninecook.com/blog-jeannine-cook-silverpoint-artist/paul-czannes-drawingsin>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Figura 7: Le Corbusier, *Desenhos de particulares do Duomo* (1907), lápis no papel



Fonte: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44673>. Acesso em: 10 dez. 2022.

No advento da pós-modernidade, o número de desenhadores que fazem uso privilegiado do diário gráfico para registros de desenho de locação, como processo e como produto, tem crescido entre os entusiastas do desenho de paisagem como

forma de expressão, registro e documentação em suas viagens ou por onde passam. Assim desenvolvem um senso de comunidade, fundamentado tanto em grupos e coletivos de ilustração, como em práticas individuais, pontuados por publicações desses desenhos nas redes sociais, revelando uma importante prática de compartilhamento em rede. O desenho de locação e o diário gráfico como suporte compõem o seio da minha produção artística e se apresentam como os objetos desta pesquisa para refletir sobre seu valor artístico e documental diante do que eles representam e os elos que constroem com a minha identidade.

1.2 A Urban Sketchers e a valorização do patrimônio histórico e cultural

A prática do desenho de locação e o uso do diário gráfico no cotidiano de quem desenha paisagem têm feito surgir movimentos pelo mundo como a Urban Sketchers, uma organização de ilustradores constituída no ano de 2007 em Seattle, nos EUA, pelo jornalista e desenhista espanhol Gabriel Campanario¹³ (Figuras 8 e 9). A organização possui um blogue criado em 2008, em que qualquer pessoa pode publicar seus desenhos, independentemente da sua formação artística. Para participar, basta seguir as regras estabelecidas pela comunidade em seu manifesto¹⁴. Em 2009 o movimento se tornou uma organização sem fins lucrativos com um conselho e corpo diretivo. Além disso, a Urban Sketchers realiza encontros regionais e exposições em diversos locais. Uma vez por ano é realizado um simpósio internacional no qual os participantes têm a oportunidade de entrar em contato com ilustradores de todo o mundo.

¹³ Ilustrador e jornalista espanhol, hoje radicado nos Estados Unidos e colaborador do jornal *The Seattle Times*.

¹⁴ Gabriel Campanario criou um manifesto que passou a ser o elemento agregador do grupo. O documento está disponível em: <https://urbansketchers.org/pt/who-we-are/>. Acesso em: 09 jan. 2023.

Por meio de Eduardo Bajzek¹⁵, João Pinheiro¹⁶ e Juliana Russo¹⁷, o Urban Sketchers ganha uma versão nacional em 2011 e se espalha pelo Brasil. Em 2015 foi estruturada uma Comissão Organizadora para o USk¹⁸ Brasil e logo após, em 2016, é organizado o primeiro Encontro Nacional no Brasil, na cidade de Curitiba, no Paraná. A missão do Urban Sketchers é “elevar o valor artístico, narrativo e educativo do desenho no local, promovendo a sua prática e ligando pessoas em todo o mundo que desenharam no local onde vivem e viajam”. (URBAN SKETCHERS, *site*, 2022).

Figura 8: Imagem do artista e jornalista Gabriel Campanario



Fonte: <https://coleartstudio.com/gabi-campanario-bio>. Acesso em: 10 dez. 2022.

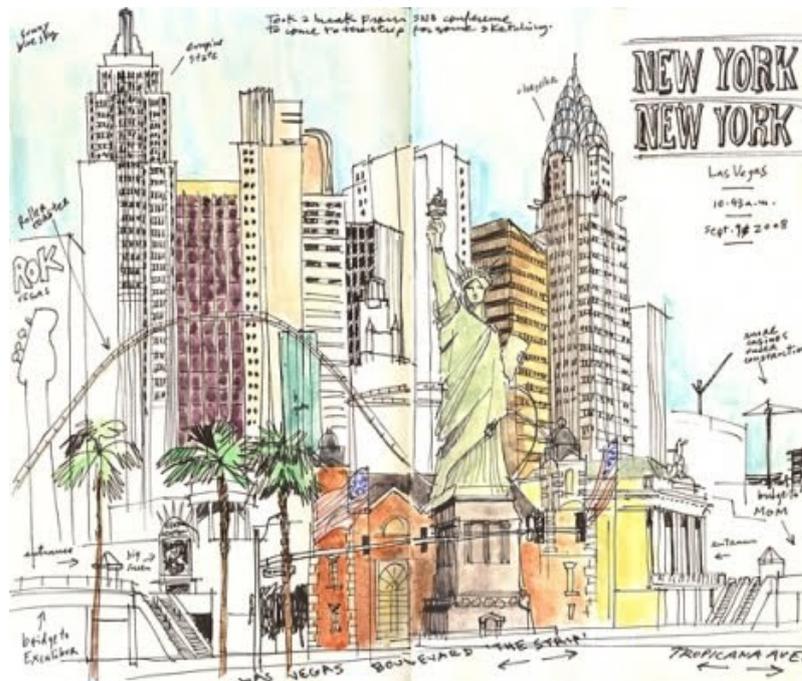
¹⁵ Eduardo Bajzek - graduado em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Mackenzie e premiado pela American Society of Architectural Illustrators, trabalha há 20 anos como ilustrador, tendo realizado mais de 2.100 trabalhos. Fonte: <https://www.domestika.org/pt/bajzek#:~:text=Graduado%20em%20Arquitetura%20e%20Urbanismo,realizado%20mais%20de%202.100%20trabalhos>. Acesso em : 15 jan. 2023.

¹⁶ João Pinheiro (São Paulo, 1981) é um quadrinista, artista visual e professor brasileiro. Com 19 anos, começou a estudar Artes Plásticas na Faculdade Paulista de Artes, passando a se dedicar ao desenho, tendo colaborado com revistas no Brasil e no exterior. Fonte: <https://www.jpineiro.com.br/index.php/bio/contato/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

¹⁷ Juliana Russo Burgierman nasceu em São Paulo em 1976. Desde 2004, mistura seu trabalho autoral com ilustrações para revistas, jornais e livros. Integrou o projeto Cidades para Pessoas, uma pesquisa de iniciativas para cidades mais humanas, e o grupo Urban Sketchers, que reúne desenhistas de cidades pelo mundo. Fonte: <https://elastica.abril.com.br/especiais/ju-russo/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

¹⁸ Abreviatura de Urban Sketchers.

Figura 9: Gabriel Campanario, *Sketching, vista de Nova York* (2008), nanquim e aquarela sobre papel



Fonte: <https://urbansketchers.org/pt/2008/11/21/viva-las-vegas/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

No *site* oficial da organização está disponível o manifesto, que integra a visão e o senso de unidade do grupo:

1. Nós fazemos desenhos de locação, através da observação direta, seja em ambientes externos ou internos.
2. Nossos desenhos contam histórias do dia a dia, dos lugares em que vivemos, e para onde viajamos.
3. Nossos desenhos são um registro do tempo e do lugar.
4. Nós somos fiéis às cenas que estamos retratando.
5. Nós utilizamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual.
6. Nós nos apoiamos e desenhamos juntos.
7. Nós compartilhamos nossos desenhos *online*.
8. Nós mostramos ao mundo, um desenho de cada vez. (URBAN SKETCHERS, *site*, 2022).

Dado o manifesto, conclui-se que o desenho por meio da observação direta e presencial no lugar constitui a base do que é este movimento. Desenhar em grupo traz a força e a motivação, complementadas pela expressão do registro individual, que por sua vez valoriza a identidade de cada um. Há uma riqueza das escolhas de materiais, temas, técnicas e suportes, conferidos entre os desenhadores. O ato final de publicação em rede da informação gráfica produzida permite a socialização em torno dos desenhos.

A participação em blogs regionais oficiais da Urban Sketchers é realizada por convite. No entanto, todos os que queiram participar na comunidade podem fazê-

lo, através das extensões digitais criadas por meio de grupos de USk em plataformas como o Flickr ou mais comumente no Facebook. Esses grupos são abertos a todos os desenhadores e curiosos, independentemente do nível ou capacidade de representação gráfica.

Os encontros de USk, frequentemente elaborados pelos grupos espalhados pelo País, vão ao encontro do espírito da Urban Sketchers por meio do desenho urbano *in situ*, dos agrupamentos de diversas pessoas e do espírito de partilha dos desenhos entre a comunidade *online* (*site*, blogue e fórum). O desenho permite transmitir a memória e a história física da cidade com o movimento das pessoas e dos transportes. Assim, por meio do registro sensível, pode-se mostrar como o patrimônio se encontra na continuidade da vida das cidades e abre janelas que ilustram o espírito do lugar. Veiga (2019) nos diz que um dos efeitos dos registros visuais é poder nos despertar para os conceitos de preservação e divulgação do patrimônio de forma criativa:

É salutar que reconheçamos a importância da preservação de patrimônios edificados, enquanto registros formais da transformação espacial de uma cidade. A valorização e comprometimento de uma comunidade para com o seu passado, por meio da preservação do lugar em que vive, é sinônimo de respeito para com sua história e com seus antepassados. Salvaguardar os espaços e edificações de um núcleo urbano, contribui para uma melhor compreensão dos eventos e modos de viver de tempos pretéritos. (VEIGA, 2019, p. 38).

Em se tratando da preservação do patrimônio, para que os efeitos sejam positivos há que se criar uma relação de pertencimento entre os indivíduos relacionados e os elementos a serem preservados. O desenho configura a materialidade de uma memória coletiva que encontrará subsídios mais consistentes para se perpetuar, tornando o desenho um objeto atemporal, compondo um desejo de materializar as experiências vivenciadas em algum território. Assim, a prática dos desenhos de locação na Urban Sketchers abre caminhos para se registrar e eternizar aquilo que são nossos patrimônios históricos culturais, arquivando imagens que muitas das vezes sobrevivem mais tempo que os lugares que registramos, possibilitando entender o que mudou no lugar onde estamos e por que estes se constituem como monumentos importantes para a comunidade local.

1.3 Trajetórias do Urban Sketchers Uberlândia

Faz-se necessário apresentar o percurso do Urban Sketchers em Uberlândia e como esse movimento influenciou minhas práticas artísticas, levando até a presente pesquisa. Para isso, farei o relato a partir da minha perspectiva de participante e coorganizador dos eventos nos últimos anos.

Passei o primeiro semestre da graduação tecendo noções e conhecimentos sobre desenhos e sempre com uma preocupação em executá-los do modo mais formal possível. A frustração era um sentimento presente, sendo que naquela época, meados de 2017, ainda estava começando a conhecer o que hoje é meu traço. Sempre gostei dos detalhes e era algo que presentificava nos meus desenhos. Assim fiz por um tempo, pensando ser um fator primordial no meu trabalho.

No segundo semestre de 2017, comecei a me interessar por desenho de paisagem urbana. Estava inscrito na disciplina de Criação da Forma¹⁹ e realizávamos os desenhos de perspectiva aplicados em ambientes internos e externos. Uma amiga fazia parte de um grupo de Urban Sketchers em Ponta Grossa-PR e estava vindo morar em Uberlândia nessa época. Unindo o útil ao agradável, resolvi convidá-la para montarmos um grupo de desenho em Udia²⁰.

A ideia de criar um grupo de Urban Sketchers na cidade foi uma experiência gostosa para quem participou e para mim, primordialmente. Esse processo começou a desconstruir em minha mente a ideia de retratar realisticamente um lugar ou um desenho, e a começar a identificar outros valores como um novo senso de realidade, partindo do desenho enquanto essência de um objeto representado e de questões com a memória e o espaço.

Com o desenho de locação, em poucos traços é possível identificar o objeto retratado. Ainda que esteja presente a expressão “desenho de paisagem urbana” ao longo do texto, será mais utilizado “desenho de locação”, por uma habituação do nome em meio às práticas da Urban Sketchers. Também chamado popularmente de croqui urbano, ele trabalha com a intenção de marcar uma aparência, não necessitando de muitos traços e nuances para encorpar a imagem construída. Tal qual uma lembrança,

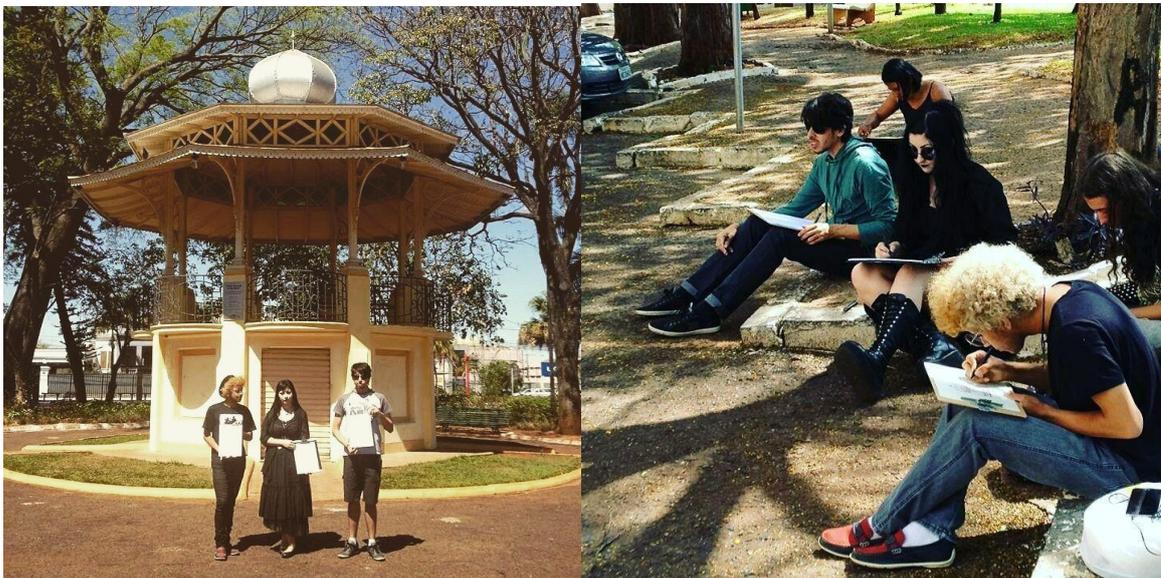
¹⁹ Disciplina obrigatória de Criação da Forma ministrada no 2º semestre letivo de 2017 pelo Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão, com carga horária de 60 horas, no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia – MG.

²⁰ Abreviação do nome da cidade de Uberlândia-MG, Brasil.

o croqui se comporta em cada traço como notas daquilo ou daquele que se tem intenção de guardar/preservar.

O Urban Sketchers, quando chega a Uberlândia, só ganha *status* e organização ao longo dos anos a partir do manifesto. Unindo a minha falta de conhecimento sobre o movimento à pouca experiência de minha amiga nessa questão, houve altos e baixos nesses últimos cinco anos. Como amantes de arquitetura clássica, sugerimos nos encontros realizar um *tour* por toda a arquitetura histórica da cidade (Figuras 10 e 11). No primeiro ano, foram realizados eventos em todos os fins de semana, fazendo com que fosse alcançada a marca de 50 encontros. Depois desse período, foi acordado que precisávamos reduzir o fluxo e dinamizar os dias de evento em meio a divulgação e convites. Contamos sempre com um número reduzido de participantes, salvo algumas exceções.

Figuras 10 e 11: À direita, foto dos participantes do 1º Urban Sketchers Uberlândia - Coreto da Praça Clarimundo Carneiro, localizado no Centro, em Uberlândia-MG. À esquerda, participantes do 4º Urban Sketchers Uberlândia - Casa da Cultura, à praça Coronel Carneiro, nº 89, no Bairro Fundinho, nesta cidade



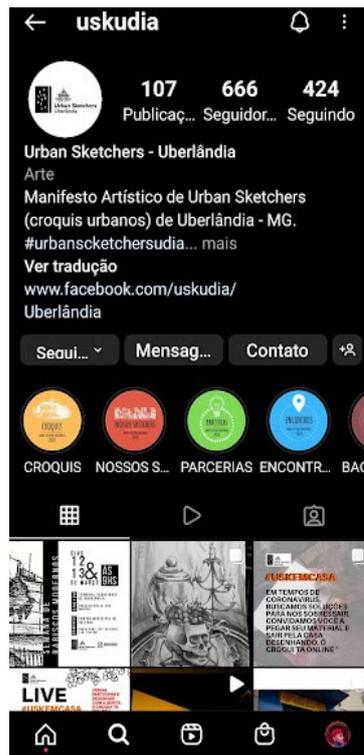
Fonte: Acervo do artista. Fotos: Leo Borges (2017).

Entre croquis aos domingos, proposta de encontros noturnos e encontros especiais, só se oficializa em Uberlândia o grupo de Urban Sketchers em janeiro de 2020. Um ponto a se considerar é o fato de o movimento ter maior influência na plataforma do Facebook²¹, sendo uma das redes sociais de fácil acesso, e um item

²¹ A página do Urban Sketchers Uberlândia na plataforma do Facebook se encontra inexistente nos dias atuais e sem *prints* de registro. Deixo aqui o endereço do grupo da Urban Sketchers Brasil, um

importante para socializar os desenhos e se conectar com a comunidade como um todo, funcionando como uma espécie de fórum. Geralmente cada grupo de USk tem uma página no Facebook para que publique desenhos feitos em seus eventos e chamadas para os croquis. Também é aberta para que outras pessoas da cidade ou que passam por ela publiquem seus croquis de forma autônoma na página. Nosso grupo em Uberlândia passou um tempo postando na referida página, a qual foi perdida em 2019; entretanto, nosso lugar de maior fluxo de postagens era a plataforma do Instagram (Figura 12), quando criamos uma conta em 2018. Não era comum ver postagens pelos grupos de croqui nessa plataforma como ocorre recentemente, devido ao crescimento e maior uso desta rede social, e porque tal rede limita a autonomia do usuário, dificultando que qualquer pessoa poste seus desenhos.

Figura 12: Print do perfil do Urban Sketchers Uberlândia na plataforma do Instagram



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

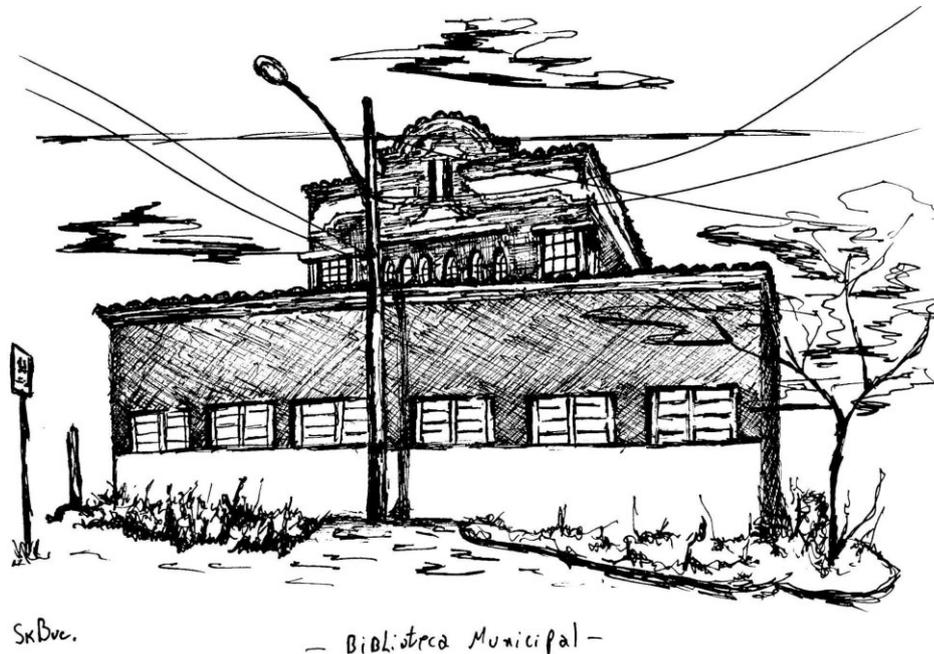
Em 2020 realizamos algumas *lives* trazendo propostas de desenhos dos ambientes dentro de casa e encontros via Google Streetview, numa iniciativa comum de todos os grupos de Usk no Brasil, levantando-se a *hashtag* #uskemcasa. Esses eventos *online* foram uma medida para continuar realizando os encontros em meio à crise sanitária da Covid-19 que se instalou naquele ano, causando um período de quarentena. Houve um breve retorno de atividades presenciais em março de 2022, porém, ali já era um indício que os encontros estavam chegando ao fim, ou ao menos a uma pausa. Hoje os encontros não são mais realizados e eu, com Julia Lucatti, que passou a ajudar a organizá-los desde 2019, decidimos parar de promover os eventos em função de outros projetos paralelos. Independentemente de nossas necessidades e rumos, o Urban Sketchers Uberlândia pode e deve continuar a existir, na medida em que outras pessoas tomem a frente desse feito.

Entendo que a prática do croqui, para além do suporte e do gesto gráfico, funciona como imagens que registram, documentam a história de um determinado local. Através da observação do espaço e do meu gesto gráfico pude criar diálogos com a cidade, alimentando minha subjetividade e retroalimentando a subjetividade de quem chega, observa e faz uma leitura sobre os meus registros. A contemplação e a perscrutação são ações presentes na prática do desenho que cria a composição de um mapa afetivo constituído a cada croqui realizado. O desenho de locação, sendo um objeto atemporal, atravessa temporais maiores que a carne. Como imagem, esses desenhos têm o poder de suscitar memórias e transportar-nos para lembranças, sendo por vezes possível retornar àquele local e ver o que mudou desde as últimas impressões (Figura 13).

Quando olho para os lugares representados nos meus desenhos, busco pensar: o que é possível fazermos, enquanto indivíduos, para criar ações de permanência e preservação do que é histórico e valioso para a comunidade, sem que haja uma disputa com o novo? Vivemos épocas em que o novo sempre parece sobrepor-se ao velho, e isso se intensifica na contemporaneidade, com o avanço das engenharias e a verticalização das cidades, realidade frequentemente presenciada em uma localidade de grande crescimento demográfico como Uberlândia. Parte de as pessoas entenderem que o bem preservado não atrapalha o desenvolvimento do município, tampouco perde sua funcionalidade. “[...] A participação na cena pública eleva, sem dúvida, o nível de informação do narrador, mas não o liberta, necessariamente, da modelagem a que, afinal, vão sendo submetidos homens e

acontecimentos.” (BOSI, 1987, p. 381). Cabe aos órgãos administradores, com a participação da comunidade, ter o cuidado e a atenção com o aparelho urbano à medida que a cidade avança e se entendem tais estruturas como significativas para sua memória e identidade histórica.

Figura 13: Leo Borges, *Registro do 39º Urban Sketchers Uberlândia - Antigo prédio da Biblioteca Municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira*, localizado na Praça Cícero Macedo no Bairro Fundinho, em Uberlândia-MG (2018), nanquim sobre papel



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2018).

“Percebemos o mundo de acordo com nossa própria perspectiva. [...] Aquilo que pintamos é sempre um retrato da nossa maneira de ver.” (SCHEINBERGER, 2016, p. 118). A partir de minhas experiências criadas com a Urban Sketchers, entendo que esse movimento gerou um olhar mais aprofundado sobre a cidade, o patrimônio e a história de Uberlândia na medida em que minha perspectiva se formou e se alimentou da memória coletiva. A prática do desenho de locação contribuiu não só com a constituição de uma memória, mas com o desejo de conhecer e guardar a cidade de Uberlândia perante sua modernização e a constituição constante de um arquivo de imagens deste tempo como dispositivo reverso ao esquecimento.

1.4 Notas sobre o patrimônio histórico e os embates com a modernidade em Uberlândia

Por que o patrimônio histórico e os meios de conservação e preservação da nossa identidade são importantes? Como surge e se edifica a ideia de patrimônio histórico? Em *A Alegoria do Patrimônio*, Choay (2006) nos traz uma perspectiva inicial sobre o assunto:

A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos. (CHOAY, 2006, p.11)

Patrimônio então surge ligado a grupos familiares, estruturas econômicas e jurídicas de uma sociedade que se encontram no tempo e no espaço, sólidas, enraizadas, porém, ele não é definido assim desde sempre. Hoje essa palavra ganha uma ressonância diferente: seja genética, seja natural, histórica ou outras qualificações nas quais ela cabe – todas fazem dela, segundo a autora, um conceito ‘nômade’. Quando trazemos aqui nossos questionamentos ao patrimônio, estamos revelando a condição de nós como sociedade.

Desde a década de 1960 não se confunde mais patrimônio histórico com monumento histórico, visto que o que se articula entre patrimônio e monumento são atribuições distintas, pois o que passa a se entender como patrimônio é senão parte de uma herança que não para de crescer com a inclusão de novos tipos de bens, o alargamento do tempo e do espaço em que esses bens se instalam.

O monumento²² parece perder seu significado à medida que o conceito de arte cresce e ganha fama a partir do Renascimento, desfazendo o avivamento da memória

²² “Em primeiro lugar, o que se deve entender por monumento? O sentido original do termo é o do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (‘advertir’, ‘lembrar’), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um

de Deus, a condição humana das criaturas e a ideia de beleza. O aperfeiçoamento e o desenvolvimento de outros suportes da memória como os livros e a fotografia também fazem com que os monumentos, levados pelo hábito, tenham uma carreira formal e insignificante.

A noção de patrimônio histórico urbano constituiu-se na contramão do processo de urbanização dominante. O longo período de consagração do monumento histórico continha apenas em sua origem as orientações e os questionamentos que caracterizam o período atual. A mundialização de valores e referências ocidentais como na Convenção de Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural²³, de 1972, preparada pelo advento de uma administração assumida pelo Estado, especialmente com a adoção do modelo francês, fez do culto ao monumento histórico uma religião ecumênica. A difusão da “cultura” leva à perda de seu caráter de realização pessoal e torna-se indústria. A partir desse advento, os monumentos e o patrimônio histórico adquirem dupla função. Tornam-se obras que propiciam saber e prazer, à disposição de todos, mas também produtos culturais, prontos para ser consumidos, transpondo valor de uso em valor econômico.

A valorização do patrimônio histórico, ao mesmo tempo em que atribuída valor, seria capaz de corromper ou prejudicar sua apreensão pelo público. A disseminação da cultura, que levou à precipitação da sua mudança semântica, trouxe à valorização do patrimônio histórico um caráter ambíguo, carregando a noção de mais-valia.

Pensando na integração do patrimônio histórico, sua reutilização é a forma mais difícil para a valorização, isso porque implica a exposição ao desgaste e às usurpações de uso a fim de que não caia em desuso. Para isso, requer-se uma avaliação do fluxo de potenciais usuários, tendo em conta o estado material do

dispositivo de segurança. O monumento assegura, acalma, tranquiliza, conjurado o ser do tempo. Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos. Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e o aniquilamento”. (CHOAY, 2006, p. 17-18).

²³ “A Convenção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, adotada em 1972 pela Organização das Nações Unidas para a Ciência e a Cultura (UNESCO), tem como objetivo incentivar a preservação de bens culturais e naturais considerados significativos para a humanidade. Trata-se de um esforço internacional de valorização de bens que, por sua importância como referência e identidade das nações, possam ser considerados patrimônio de todos os povos. Cabe aos países signatários desse acordo indicar bens culturais e naturais a serem inscritos na Lista do Patrimônio Mundial. As informações sobre cada candidatura são avaliadas pelos órgãos assessores da Convenção (Icomos e IUCN) e sua aprovação final é feita, anualmente, pelo Comitê do Patrimônio Mundial, composto por representantes de 21 países. O Brasil ratificou a Convenção em 1978”. Fonte: IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Mundial**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/24>. Acesso em: 09 jan. 2023.

edifício. Com os efeitos da crescente visitação ao patrimônio histórico urbano e seu consumo cultural, o fato de ser alvo de investimentos do mercado imobiliário tende a isolar dele as populações locais ou menos privilegiadas, causando uma banalização. A respeito disso, Choay (2006) lança a seguinte questão:

Essa indústria responde adequadamente à demanda de distração da sociedade de lazer e confere, além disso, o status social e a distinção associados ao consumo dos bens patrimoniais. Mas onde fica o acesso aos valores intelectuais e estéticos que há no patrimônio histórico? (CHOAY, 2006, p. 228).

A prevenção dos efeitos adversos deve considerar tanto a proteção dos monumentos quanto o seu público. Pensando nos efeitos sobre a relação do grande público com a herança arquitetônica, devem-se elaborar estratégias de conservação em segundo grau, adequando políticas urbanas, construindo medidas pedagógicas e medidas de controle de fluxo e visitação. Possuímos algumas ferramentas estratégicas contra o consumo excessivo patrimonial que tende a se converter em degradação. Seja pelos valores cognitivos, seja pelos pedagógicos e artísticos oferecidos pelo patrimônio à sociedade de lazer, nenhuma das motivações institucionalmente reconhecidas ou levantadas colabora para entender o culto ao patrimônio. Nesse sentido a pergunta ainda persiste:

Qual é o fundamento em que repousa a conservação do patrimônio histórico arquitetônico num mundo que se munuiu de recursos científicos e técnicas para guardar na memória e interrogar seu passado sem a mediação de monumentos ou de monumentos históricos reais? (CHOAY, 2006, p. 237).

O desenvolvimento da inflação patrimonial na década de 1950, época de agitação cultural nas sociedades industriais; e do advento da era eletrônica, com memórias artificiais e melhorias dos sistemas de comunicação, aproximaram-nos cada vez mais da mobilidade e da instantaneidade. Vive-se uma revolução destacando a multiplicação das mediações entre os homens e das telas entre os homens e o mundo. Em um contexto no qual cada vez mais o tempo e os seus efeitos dão a sensação de acelerar-se, “o patrimônio histórico parece fazer hoje o papel de um vasto espelho no qual nós, membros das sociedades humanas do fim do século XX, contemplaremos a nossa própria imagem.” (CHOAY, 2006, p. 240).

O patrimônio teria assim perdido sua função edificadora, sucedido por uma missão defensiva, que salvaguardava a recuperação de uma identidade ameaçada. Com transformações que parecem andar descompassadas, trazendo

questionamentos a sua própria identidade, os traços narcisistas, meios de lidar, surgem confortando a angústia e as incertezas do presente com a adição de novos elementos.

Ao mesmo tempo em que os avanços tecnológicos são de grande valia e trazem benefícios para nós e nossa sociedade, essa aceleração do progresso, esse *frisson* que surge ao quisermos continuar avançando para o futuro, leva eventualmente a olharmos para o que vem a seguir sem considerar o que ficou para trás.

Os bens culturais, muitas vezes patrimonializados, não apresentam valores intrínsecos. Seus valores são, isto sim, atribuídos por sujeitos particulares, pois se trata de uma prática social que identifica, em determinados elementos, referenciais para a sua cultura por serem significativos para tais sujeitos. Estes são, desse modo, autores, intérpretes e ainda informantes de seu patrimônio cultural. (SILVA, 2009, p. 51).

Rizzoto e Britto (2009, p. 38) *apud* Lopes (2002) apontam que

Em Uberlândia, as elites dirigentes sempre prezam por um modelo de cidade moderna e guiada para o futuro. Assim, a cidade, desde sua emancipação, vislumbrava como destino um futuro grandioso, pelo qual cotidianamente se empenharam seus governantes. Esse discurso foi se materializando e compondo um cenário no qual a cidade ia timidamente se consolidando como “moderna”. (Grifo do autor).

Muito do que se tem preservado da memória histórica uberlandense parte de iniciativas na década de 1980, com professores universitários, a então recém-criada Secretaria de Cultura, o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural - COMPHAC e a cena política da época. Antes desse período, havia praticamente uma inexistência de políticas públicas de preservação ao patrimônio histórico, sendo a Igreja Nossa Senhora do Rosário (Figura 14) uma das primeiras edificações a ter seu tombamento, em 1968.

Vista e idealizada por muitos como uma cidade moderna e progressista, a cidade somente direciona a sua atenção para a preservação de sua memória histórica no primeiro governo de Zaire Rezende (1983 a 1988)²⁴. Hoje Uberlândia se destaca no interior do País, com um grande crescimento demográfico. Ainda que a cidade não se dê ao luxo de dizer que possui um centro histórico, boa parte do que é nomeado como patrimônio histórico-cultural está concentrado no centro da cidade, numa mescla

²⁴ Zaire Rezende (Uberlândia, 25 de dezembro de 1931— Uberlândia, 31 de maio de 2022) foi um médico e político brasileiro, prefeito de Uberlândia por dois mandatos. Fonte: <https://www.camara.leg.br/deputados/74769/biografia>. Acesso em: 09 jan. 2023.

de estilos de arquiteturas neocoloniais de uma fase mais antiga com uma arquitetura modernista do último século.

Figura 14: Igreja de Nossa Sra. do Rosário, de Uberlândia, na Praça Rui Barbosa, edificada nos anos 1930



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia-MG – Brasil (s.d.)

Existe uma lista extensa de móveis e bens inventariados da qual uma pequena, ínfima parcela é tombada e preservada. A falta de educação patrimonial aliada ao pensamento arcaico de algumas pessoas, afirmando que o velho é um atraso, resulta em demolições que acontecem uma vez ou outra pelo centro da cidade, para dar lugar a lojas e estacionamentos. Há uma forte especulação imobiliária dominando a citada localização, assim como os bairros adjacentes.

Partindo das iniciativas e dos movimentos no passado, hoje existem organizações que apontam seus olhares para o patrimônio histórico e buscam assegurar que as políticas de preservação sejam efetivas. Há órgãos de preservação em nível municipal, como é o caso do já mencionado Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia - COMPHAC, criado pelo Decreto nº 3.506 de 31 de março de 1987 (UBERLÂNDIA, 1987, *site*), assinado pelo prefeito Zaire Rezende. Esse órgão é vinculado à Secretaria Municipal

de Cultura, tendo como atribuição zelar pela preservação do patrimônio histórico, arqueológico, artístico e cultural do Município.

O artigo 2º da Lei nº 7.791 de 12 de junho de 2001 (UBERLÂNDIA, 2001, *site*) diz que são das atribuições do COMPHAC:

I - Divulgar e estimular, através dos órgãos de divulgação ou de campanhas educativas, a prática de preservar o Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural do Município;

II - Acompanhar o processo documental e informativo dos órgãos da administração pública, entidades privadas e pessoas físicas, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos, estimulando programas para preservação destes acervos;

III - propor ao Executivo Municipal o tombamento de bens móveis ou imóveis, de propriedade pública ou particular, existentes no Município, que dotados de comprovado valor histórico, arqueológico, artístico, cultural, arquitetônico ou paisagístico, justifiquem o interesse público na sua preservação.

No Brasil, temos organizações em nível nacional como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, sendo este uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao IPHAN proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. (IPHAN, *site*, 2022). Foi criado em 13 de janeiro de 1937, por meio da Lei nº 378 (BRASIL, 1937), assinada pelo presidente da época, Getúlio Vargas. Conforme as convenções da Unesco, sendo elas a Convenção do Patrimônio Mundial de 1972, como já citada neste capítulo, e a Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003, o IPHAN também responde por conservação, salvaguarda e monitoramento dos bens culturais brasileiros inscritos na Lista do Patrimônio Mundial e na Lista o Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. (IPHAN, *site*, 2022).

No artigo 216 da Constituição Brasileira de 1988, são definidas como patrimônio cultural as:

formas de expressão, modos de criar, fazer e viver. Também são assim reconhecidas as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e, ainda, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Nos artigos 215 e 216, a Constituição reconhece a existência de bens culturais de natureza material e imaterial, além de estabelecer as formas de preservação desse patrimônio: o registro, o inventário e o tombamento. (IPHAN, *site*, 2022).

Concluo este capítulo entendendo que a chegada da modernidade e o acesso a ela contribuem para o avanço da nossa existência na condição de sociedade, porém,

sofremos um sério risco de perder nossa história caso não haja uma sensibilização em preservá-la. Há uma linha sensível e delicada entre a existência concomitante do passado e do presente. Sabemos que tudo que conhecemos, por mais que trabalhemos para alargar sua existência, um dia deixará de existir. Contudo, com os devidos cuidados, podemos fazer valer o zelo de nossos bens para que futuras gerações conheçam nossa história e como chegaram até lá através dela. Dentre as formas de salvaguarda dos patrimônios, sejam eles materiais ou imateriais, existe o tombamento²⁵, que se inscreve em um livro de tomo²⁶.

O livro de tomo serve à nossa pesquisa como referência à produção de um dos meus diários gráficos, ressignificando suas páginas de inscrição e registro em registro gráfico por meio das minhas memórias e experiências com os lugares em Uberlândia, utilizando-me do desenho de locação. Assim, este diário que será o meu livro de tomo apresentará uma das formas de mostrar que o croqui urbano poderá carregar um valor documental e uma forma de salvaguardar e preservar os bens diante do progresso e da descaracterização da paisagem uberlandense, guardando Uberlândia dos efeitos da modernidade.

²⁵ O tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. Em âmbito federal, o tombamento foi instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas, e cujos preceitos fundamentais se mantêm atuais e em uso até os nossos dias. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em: 11 dez. 2022.

²⁶ Livro no qual os patrimônios são devidamente credenciados e etiquetados numericamente. Pode-se ter tomo de patrimônios imóveis, no caso chamados patrimônios preservados ou tombados para fins de preservação; e tomo de patrimônios móveis, para controle de relação.

CAPÍTULO II

ARQUIVO INTERMEDIÁRIO

Por um lado não há presente que não seja obcecado por um passado e por um futuro, por um passado que não se reduz a um antigo presente, por um futuro que não consiste em um presente por vir. A simples sucessão afeta os presentes que passam, mas cada presente coexiste com um passado e um futuro sem os quais ele próprio não passaria. (DELEUZE, 1990, p. 52).

2.1 Processo criativo: os desenhos de locação na criação de um arquivo pessoal

Neste capítulo relato como ocorreu o processo de criação do meu arquivo pessoal, perpassando pelos temas abordados nesta pesquisa, que se inicia na linguagem do desenho e nos diários gráficos em função dos registros da paisagem urbana e nas atividades da Urban Sketchers Uberlândia. Esses pontos convergiram para reflexões sobre o espaço urbano e a atividade memorialista do desenho, levando ao objetivo deste trabalho, que é compor um conjunto de desenhos organizados em um arquivo por meio de diários gráficos, adquirindo um valor documental e de representatividade histórica sobre a cidade de Uberlândia e ainda valorizando o patrimônio histórico no contexto gráfico.

Faz-se necessário apresentar as reflexões e os atravessamentos que foram fundamentais para chegar ao objetivo final. Em primeiro lugar, passei a basear minha compreensão sobre a memória partindo de uma frase de Ecléa Bosi: “A memória não é sonho, é trabalho.” (BOSI, 1987, p.17). Essa afirmação me leva a pensar que a memória não é um fenômeno que simplesmente acontece, ela dispõe de artifícios e ferramentas usadas no cotidiano, no construto das representações que povoam a nossa consciência. Penso que por trás de uma memória sempre há uma intenção de reter para não perder, aliada ao “trabalho” de guarda de um momento, fato ou objeto.

Assim sendo, produzir registros e documentos como forma de salvaguardar uma memória, ou até com a pretensão de fabricar memórias, é prática nada inovadora, porém necessária. Pensar nas memórias que já acumulei constitui um esforço de trazer à consciência os momentos que residem em minhas lembranças e os documentos que selecionei e guardei como algo importante o suficiente a ponto de não ser esquecido. Meus trabalhos artísticos, assim como minhas acumulações,

foram realizados no intento de uma produção diária da minha identidade e do que é caro para mim. Boa parte do que guarda minhas memórias está contido em caixas e diários gráficos que se revelam como importantes ferramentas/suporte para a conservação dos registros e documentos, levando em conta o fácil acesso a elas. Por isso, usar as caixas (Figura 15) e os diários gráficos como suporte para os desenhos que virão neles se revela familiar e uma ótima opção para a preservação dessas imagens.

Figura 15: Leo Borges, *Registros da Cidade Histórica - Uberlândia* (2022)



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Passo agora a relatar alguns itens e preferências de meu processo de criação. Sempre trabalhei com folhas soltas com a intenção de compor um conjunto ao final do processo. Um diário gráfico poderia vir tanto com as folhas soltas dentro de uma caixa, como também por meio das minhas encadernações, dado o gosto pela artesanaria da produção de cadernos costurados. Poderia eu chamar esses diários de “livros de artista”, mas nomeá-los “diário gráfico” tanto no histórico frequente do meu

trabalho, como na integração desta pesquisa, faz-se mais pertinente, haja vista a forte presença do desenho sobre o papel em meus trabalhos. Usar a folha de papel de forma livre antes de compor uma encadernação significa, para mim, pensar o desenho como dito no manifesto da Urban Sketchers: “Nós mostramos ao mundo, um desenho de cada vez” (URBAN SKETCHERS, 2022, *site*). A folha livre facilita o fazer do desenho, que teria outras tensões se já estivesse em um caderno.

As participações nos eventos da Urban Sketchers Uberlândia trouxeram não só uma paixão pelo registro da paisagem urbana por meio do desenho, mas a consciência de começar a identificar esses registros como potência de documentação do espaço e, de forma mais íntima, questionar o aparelho urbano constantemente. Isso possibilita entender o que já foi e o que é essa cidade. Com anos de encontros do grupo, criou-se um volume de desenhos que até pouco tempo eu enxergava somente como registros de lugares de Uberlândia e boas lembranças dos eventos nos quais foram realizados e, eventualmente, foi armazenado em uma pasta no meu guarda-roupa.

O fato de tais eventos criarem uma situação constante cujos participantes, inclusive eu, dispunham do privilégio de ficar a contemplar os lugares da paisagem uberlandense enquanto desenhavam, levou-me a refletir sobre o espaço onde eu estava. Produzir desenhos sobre a paisagem de Uberlândia, sendo alguém nascido e criado nessa cidade, me fez questionar: que cidade é essa? Que memórias surgem no meu trânsito sobre ela e nos meus registros gráficos? Como a produção dos desenhos impacta a minha percepção da cidade? Feitos esses questionamentos, busquei um reencontro com os desenhos realizados desde as primeiras atividades do USk em Uberlândia, propondo-me um exercício nostálgico e contemplativo de olhar para esses registros e tentar cavar histórias e experiências, fossem minhas ou de meus familiares.

Percebi que havia um interesse autobiográfico em querer cavar essas imagens de um passado recente que ao mesmo tempo remete a um passado distante. Cecília Salles (2011) nos diz que o artista encontra na fugacidade dos momentos uma forma de recuperá-los de sua condição frágil, transpondo em fertilidade. Pensando nos desenhos de locação que se tornam documentos desses momentos, concordo com Salles quando afirma que:

Esses documentos agem como "reservas poéticas" (*apud* MAIAKÓVSKI, 1984) ou "acervo passional" (*apud* CESARE PAVESE, 1988), que podem

oferecer a possibilidade de resgate desses efeitos a qualquer momento. São registros feitos na linguagem mais acessível no momento em que aparecem e que ficam à espera de uma futura tradução. (SALLES, 2011, p. 58).

Foi importante analisar o que estava sendo guardado em meus desenhos. Diante das reflexões geradas, tendo em vista que foi dada uma atenção ao patrimônio histórico, pude perceber um volume predominante de registros da parte central da cidade. Isso porque Uberlândia apresenta uma concentração dos seus patrimônios históricos culturais no Centro, região habitada desde as origens do município, que dali se expandiu. É uma cidade extremamente modernista e de forte especulação imobiliária²⁷, que viu surgirem órgãos e políticas de preservação ao patrimônio somente na década de 1980, como já relatado no primeiro capítulo.

Percebo que, ainda que positivamente tenhamos parte da história de Uberlândia preservada e muitas edificações em processo de tombamento, sinto-me esvaziado enquanto ando pelas ruas do Centro, seja por naquele momento não entender o que os patrimônios históricos culturais dizem sobre a história de Uberlândia, seja por fazer um esforço em lembrar minhas memórias sobre esses lugares. Essa situação só me levou a constatar que em algum momento não me reconheci na paisagem, ou precisei avidamente conhecer o lugar de onde eu vim.

Foi através dos meus desenhos de locação que comecei a ir atrás das histórias e de fotografias antigas dos lugares históricos registrados por mim e meus colegas nos eventos da Urban Sketchers Uberlândia. Conversas entre familiares, pessoas dos meus ciclos sociais e visitas frequentes ao Arquivo Público Municipal²⁸ foram essenciais para criar uma imersão na história da cidade e de seus patrimônios histórico-culturais. A pesquisa começa a ter um sentido quando desenvolvo um forte interesse em conhecer um livro de tombamento. Tive a oportunidade de apreciar os livros de tombamento de Uberlândia e, nesse encontro, descobri que não era um só livro, mas cinco deles, divididos entre livros de registro e livros de tombamento.

²⁷ Campos Filho (2001, p. 48) define especulação imobiliária, em termos gerais, como “[...] uma forma pela qual os proprietários de terra recebem uma renda transferida dos outros setores produtivos da economia, especialmente através de investimentos públicos na infraestrutura e serviços urbanos [...]”. Fonte: CAMPOS FILHO, Cândido M. **Cidades Brasileiras: seu controle ou o caos**. São Paulo, SP: Studio Nobel, 2001.

²⁸ O Arquivo Público de Uberlândia foi criado no ano de 1986 com a finalidade de guardar e preservar a documentação pública produzida pela Prefeitura e Câmara Municipal. Além desta documentação, mantém sob sua custódia importantes coleções constituídas por documentos iconográficos, cartográficos, manuscritos, jornais, fotografias e revistas sobre a cidade, provenientes de instituições ou de particulares. Fonte: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/arquivo-publico/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

Havia um descontentamento da minha parte ao olhar aqueles livros com uma expectativa de ver uma estrutura diferente e, no fim das contas, encontrar um livro todo escrito à mão, quase uma espécie de ata. Aproveitei a experiência para anotar informações as quais poderiam ser importantes para este trabalho, detendo-me mais sobre o livro de tombamento, observando sua estrutura de documentação. Descrevo como foi usar tal estrutura no capítulo seguinte.

Após essa experiência, fiquei instigado a pensar em como eu poderia compor um livro de tombo mesclando as informações que compilara agregando-lhes um valor visual, construindo um diário gráfico como uma forma de registro de tombamento. Surgiu então a ideia de elaborar as fichas de tombo, juntando as informações históricas e os desenhos de locação. Em um primeiro momento não pensei em usar os desenhos da Urban Sketchers Uberlândia, apenas selecionei lugares da cidade por meio dos desenhos que já havia feito em eventos e busquei acrescentar alguns locais que considerasse relevantes para entrarem neste trabalho. Produzi 18 novas imagens em papel canson 300 g usando a caneta técnica com tinta nanquim, material de uso frequente nos meus desenhos de locação.

Em um momento de análise, na pós-produção desses desenhos, percebi que se criou uma unidade em alguns aspectos. Ainda que os desenhos, de forma singular, tivessem perspectivas diferentes, não foi acatada a escala do próprio monumento; porém, o conjunto manteve seu objetivo de captar a essência da paisagem, conservando uma referência do lugar. Alguns locais cuja arquitetura é pesada e monumental espremem-se para caber no tamanho A4 do papel, perdendo um pouco de vista sua monumentalidade (Figura 16). No instante do registro, foram consideradas a memória e a vontade de registrar e documentar, perdendo-se de vista as escalas.

Outro ponto a se observar nessas imagens é a assepsia espacial do desenho. Ainda que com bastante traços em hachuras, a composição se faz por uma estrutura limpa e desprovida de cor, dando espaço para a linha, o preto e branco e os sombreamentos formados pelas hachuras. Há uma presença de ícones urbanos que ora compõem a cena, ora ganham protagonismo na composição. Em contrapartida, há uma ausência constante de figuração humana nesses desenhos. Essa carência de pessoas pode se justificar por um sentimento de esvaziamento e falta de calor, de presença humana em relação à história da cidade.

Figura 16: Leo Borges, *Registros da Cidade Histórica: Registro n° 1 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário* (2022), nanquim sobre papel cansom 300 g, 21x28,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Tendo essa situação posta, busquei pensar quais ressonâncias esses lugares teriam sobre mim e quais sentidos eles me promoviam. Ainda que esses desenhos representem a história da cidade e que tais memórias façam parte, involuntariamente, de uma fração das minhas enquanto componentes da cidade onde nasci, ao final não compõem uma totalidade ou não conseguem representar o que é Uberlândia para mim.

Os desenhos de locação em questão, sejam os realizados em eventos do USk, sejam os que compõem esse miolo de novas produções, estão narrando algo sobre a cidade histórica, sobre a casa de alguma figura histórica do município. O ponto crucial desta pesquisa é não perder de vista essa cidade histórica, mas compreender que a cidade existe para além do Centro e que uma quantidade significativa das minhas memórias sobre Uberlândia é de cunho um tanto relacionado à periferia. Resgatar os lugares importantes para mim, os quais estão nas bordas da cidade é, em uma primeira medida, entender que uma cidade é maior que o seu centro ou o local onde se originou, e que a história não é um aparelho estagnado, ela continua sendo

produzida. Um patrimônio histórico surge como algo que representa grande relevância histórico-cultural para uma comunidade.

Com mais clareza, pude perceber que era necessário tomar lugares que tivessem um eco pessoal, que fossem importantes para mim, no exercício de minha licença poética e como cidadão uberlandense. Para a produção do livro de tomo tornou-se necessário então que fosse composta por lugares que trouxessem memórias e relevância histórica para mim. Selecionei 12 locais para a produção dos desenhos e das fichas de tombamento, das quais, ao final do processo, resultará o livro.

Contudo, pensando em todos os desenhos produzidos até aquele momento, não era possível que o resultado deste trabalho fosse apenas um livro de tomo. Optei pelo diário gráfico como parte do processo da pesquisa, evitando o descarte dos desenhos antigos, tanto os da Urban Sketchers, como também os realizados no começo da pesquisa. Diante de todo esse material acumulado, produzido ao longo do período de 2017 a 2022, surgiu o objetivo final da pesquisa: compor um arquivo pessoal com base em um processo de seleção, tratamento dos documentos e possíveis descartes nesse processo. No fim da jornada, este arquivo se comporta como um legado da minha memória sobre o lugar onde nasci e cresci. Também é um importante conjunto de imagens e informações sobre Uberlândia, ampliando a visão e o conhecimento da cidade por meio do desenho, atribuindo-o não somente como forma de expressão, mas também como meio de registro e documentação histórica.

2.2 Os diários gráficos sob a ótica do livro de artista

Diante da produção dos diários gráficos, ainda que esta seja a expressão escolhida para referir-me a eles, é necessário trazer algumas discussões sobre os livros de artista para entendimento e ressignificação de um livro de tomo e da construção dos livros-caixa-arquivo, compreendendo o livro de artista como categoria artística e elencando o nome “diário gráfico” como uma variação de tal integrante dessa categoria.

Usar o livro e a caixa como formas de suporte para o meu trabalho plástico traz funções mais acessíveis de locomoção e acesso aos registros; há possibilidade de receber diversas linguagens dentro do suporte e seu caráter atemporal apresenta uma

boa escolha para se trabalhar. Ainda que um livro de tombo esteja na dimensão formal de sua função, para esta pesquisa ele pode transitar entre a função de diário e cadernos de ilustração, os quais ainda preservam o exercício de folhear, a paginação e o elemento texto, tendo em quase nada corrompida a ideia de um livro.

Pensando sobre as possibilidades criativas que um livro de artista oferece, foi importante abordar questões como: quais formas eu poderia trabalhar que não fossem sobre as acepções tradicionais de um livro comum? Esse livro é uma caixa, uma mala? Tem páginas ou cartões? É interativo ou assume a função de um objeto em si, que se relega somente à contemplação? Deve-se chamar livro de artista ou deve ter outro nome?

Buscando referências em trabalhos que já realizei, lembrei-me de um trabalho recente, de 2019, no qual produzi um livro de artista, na disciplina Ateliê de Desenho²⁹, rompendo com a ideia original do livro, trazendo os desenhos dentro de uma caixa. Eu retratava processos acumulativos de pessoas de Uberlândia e já me interessava por memória e materialidade (Figuras 17 e 18). O foco desse trabalho foi a produção de desenhos e colagens a respeito da história de pessoas que são acumuladoras compulsivas. Aqui persigo a ideia de caixa como um simulacro da capa, o invólucro do miolo, uma caixa incrustada de pequenos objetos coletados por mim na residência dos entrevistados. Os objetos também foram usados nas páginas, ou o mais correto seria chamá-los de “registros temporais”, como escolhi na época. Eram folhas soltas, em cada uma havia uma mescla de colagem, desenho, aguada e informações textuais. Cada registro temporal se comportava como um mini-inventário dessas pessoas, conformando todas elas em uma acumulação maior. O livro poderia então tratar do tema e ser uma própria acumulação. Trago esse trabalho como exemplo, pois uma parte da ideia de documentação e produção de desenhos desta pesquisa se assemelha em alguma medida a ele.

²⁹ Disciplina optativa de Ateliê de Desenho ministrada no 1º semestre letivo de 2019 pelo Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão, com carga horária de 60 horas, no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia – MG.

Figura 17: Leo Borges, *O Eco das Coisas em Nós: Deambulações dos Registros Temporais* - Livro de artista (2019)



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2019).

Figura 18: Leo Borges, *O Eco das Coisas em Nós: Deambulações dos Registros Temporais* - Livro de artista, fragmento do livro (2019)



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2019).

Em meio a sabores e produções dos diários gráficos, surgiram não só questões no processo criativo acerca de como seriam, mas da problemática que sua existência traz em pensar sobre limites e tensões da forma e do conceito de um livro. Paulo Silveira (2008), em seu livro *A Página Violada*, realiza um estudo reunindo diversos artistas, autores e obras, construindo uma aproximação formal e conceitual ao livro de artista contemporâneo. O autor elenca o termo em seu sentido *lato*, discutindo suas variações e condição semântica dela, colocando o artista como o indivíduo responsável por equilibrar em algum ponto por ele eleito entre o respeito às conformações tradicionais de um livro e a ruptura ou transgressão (física ou espiritual) às normas consagradas de apresentação do objeto livro. (SILVEIRA, 2008).

Dado que o tema e as discussões sobre o livro de artista não se esgotam, serei mais sintético e trarei apenas alguns pontos sobre esse assunto, dentre eles algumas definições e exemplos de artistas que podem contribuir para a pesquisa. Existem várias formas de definir e nomear um livro de artista, visto que as possibilidades de técnicas, materiais e formatos são diversos.

Seja qual for o material eleito, tanto em um suporte mais formal como o papel, como no meio virtual por vídeo ou projeções, esse campo expandido pode ser traduzido em narrativas visuais que se caracterizam por apresentar certa sequencialidade em sua forma e conteúdo, para além de transmitir uma relação entre o espaço e o tempo com a memória. O livro de artista nos possibilita depender do material e das intenções usadas, contar a história de uma pessoa, de um grupo ou de algum lugar, podendo ser através de desenhos, fotografias, pinturas e demais linguagens. São essas características que interessam a esta pesquisa, que permitem trazer a ideia de um livro de tombamento oficial e poder trabalhar de forma análoga à sua forma e função, ou romper as tradições do livro, produzindo os livros-caixas-arquivo.

Silveira (2008), em seus estudos, encontra um registro para a expressão “livro de artista” na Grande Enciclopédia Larousse Cultural, mantida sem mudança no texto nas edições de 1988 a 1998. O autor nos traz tal definição: “Livro de artista, obra em forma de livro, inteiramente concebida pelo artista e que não se limita a um trabalho de ilustração. (Sob sua forma mais livre, o livro de artista torna-se livro-objeto).” (SILVEIRA, 2008, p. 25).

Ainda em Silveira (2008), vemos Anne Moeglin-Delcroix (1997) fazer uma distinção entre livro de artista e livro ilustrado. Mesmo ambos tendo informações

textuais e figurativas, Moeglin-Delcroix parece definir o livro de artista como uma produção mais manual em que a produção, tanto textual como de imagem, está a serviço inteiramente do artista, enquanto um livro ilustrado pode ser a obra de um poeta ou escritor na qual ele conta com um artista para realizar as ilustrações relativas aos respectivos textos.

Conforme Silveira (2008), sobre o livro na produção do artista:

Caracteriza, assim, um campo a ser subdividido pelo papel desempenhado pelo livro (e sua ideia como tal) na produção do artista: o livro atuará como suporte (o que é apresentado como o usual) ou o livro atuará como objeto (a ponto de deslocar a amplitude de sua demonstração até o livro-objeto³⁰, os trabalhos escultóricos e o não-livro) (SILVEIRA, 2008, p. 41).

O autor cita ainda Johanna Drucker (1995), em suas considerações sobre o livro de artista, relatando que ela defende ser o livro de artista um gênero artístico. E Plaza (1982) afirma que “a criação do livro como forma de arte comporta um distanciamento crítico em relação ao livro tradicional; contestando-o recria-se a tradição em tradução criativa, fazendo surgir novas configurações e formas de leitura.” (PLAZA, 1982, p. 4).

Apresentando mais informações sobre conceitos para livro de artista, Silveira (2008) menciona que “Os melhores resumos históricos do desenvolvimento do livro de artista no Brasil foram realizados por Annateresa Fabris e Cacilda Teixeira da Costa nos anos 80.” (SILVEIRA, 2008, p. 65). E continua:

Em 1988, Annateresa Fabris publicou no jornal O Estado de S. Paulo o artigo “O livro de artista: da ilustração ao objeto”. Parte do princípio de que “a multiplicação Regina Silveira, Anamorfa, 1979 (a encadernação não é original). Regina Silveira, Executivas, 1977 (a encadernação não é original). 66 de sua prática na nossa década [de 80] e a reflexão suscitada por ele parecem constituir claros indícios de que esse veículo alternativo não esgota sua significação no processo minimalista-conceitual, não podendo, portanto, ser pensado só a partir dele”. Fabris localiza o primórdio do livro de artista na união entre a arte e a literatura em William Blake, e seu ponto de mutação em John Cage (Silence, 1961), com a transformação numa estrutura intelectual “que revela a pesquisa inerente às operações artísticas, que enfatiza o processo de leitura em detrimento da percepção, o conceito em detrimento da contemplação”. (FABRIS, 1988 *apud* SILVEIRA, 2008, p. 65-66).

³⁰ “[...] objeto tipográfico e/ou plástico formado por elementos de natureza e arranjos variados.” (SILVEIRA, 2008, p. 25).

O livro de artista que não se faz absoluto em forma literária, mostra que o tempo pode estar além da elocução³¹. Para além do repertório do livro de artista em seu sentido amplo, o livro, em sua forma tradicional ou na forma mais radical, o livro-objeto, apresenta marcas e representações temporais em meio a suas intersecções e sobreposições. O livro como possibilidade de registro pode trazer a leitura como uma percepção sequencial, sendo próprio da obra, a ação mecânica do leitor revela a cada página a impressão de um novo começo. Outro ponto que o livro toca é a serialidade, entendendo a obra numa inserção cronológica e estilística. Assim, sequencialidade e serialidade se tornam responsáveis por materializar a estrutura física do livro. A narração também pode envolver a sequencialidade por si só, sem elocuições lexicais, apenas com expressão³² plástica (SILVEIRA, 2008, p. 83).

Obras como *Âmbula - A Caixa* (1982) (Figuras 19 e 20), de Maria Helena Weber em parceria com os artistas Humberto Vieira e Heloisa Schneiders da Silva, exposta pela primeira vez na exposição *Âmbula ou A Misteriosa Caixa-Paisagem*, confere a diversidade de formatos dos livros de artista. A obra também aparece na exposição *Arte Gaúcha Hoje*, de 1983, sendo um “exemplar de uma ‘proposta’, categoria utilizada para nomear as obras que não se enquadram nas convencionais modalidades artísticas (pintura, escultura, desenho etc.) e que, pelo conservadorismo da época, não eram aceitas por essas convenções.” (FIDELIS, 2014, p. 144). A obra foi adequadamente chamada de “objeto”, uma categoria reconhecida internacionalmente e derivada em parte da escultura.

Gosto de exemplificar com essa obra pois ela é uma ótima referência à produção desta pesquisa. Dois dos três livros de artista que apresento como minha produção são caixas contendo desenhos e fichas de tombo. Ambas as caixas rompem com as tradições do livro e conservam a ideia de serialidade e cronologia de seu conteúdo.

³¹ Ação ou efeito de demonstrar um pensamento (ou opinião) através da utilização de palavras. Fonte: <https://www.dicio.com.br/elocuciao/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

³² Paulo Silveira (2008) usa tanto em seu livro a palavra expressão conforme o uso geral, como sendo a enunciação de uma ideia ou sentimento, tornada compreensível através de qualquer meio. Esse entendimento não está em desacordo com a definição proposta por Arnheim (1989, p. 438), onde a expressão é definida “como maneiras de comportamentos orgânico ou inorgânico revelados na aparência dinâmica de objetos ou acontecimentos perceptivos”.

Figuras 19 e 20: Heloísa Schneiders da Silva, Humberto Vieira e Maria Helena Weber, *Âmbula: a caixa* (1982)



Fonte: SILVEIRA (2008, p.17).

Certamente, o sucesso que os livros de artista geraram nos anos 1980 por meio do papel conceitual e intelectual que desfrutaram duas décadas antes, trouxe uma variedade de suportes em decorrência de uma transformação crítica e do valor documental que é assumido por meio do seu caráter de registro. Ao pensar no objetivo deste trabalho, construir diários gráficos que são colocados como objetos de arte e assumem uma função análoga à de um documento, concordo com Michel Vovelle (1997), citado por Silveira (2008), que atribui ao livro de artista a possibilidade de se assumir como documento através da lente do historiador, chamando de “imagem-testemunho” o que relata e que contribui, por si só, para construir o acontecimento em toda a sua espessura política, social e cultural. O autor parece concordar com o caráter documental e de registro do livro de artista, lembrando a presença do documento pessoal, o registro da intimidade do artista em meio a colagens nos livros de artista no princípio do século XX. E alerta:

O documento parece ser uma significativa unidade de representação de um evento, assumindo um papel de materializador do tempo histórico pessoal e social no livro de artista. Se o vestígio se propõe como uma “evidência”, o documento coloca-se como confirmação do fidedigno. Comportando-se como material artístico, um e outro podem questionar seus papéis. A oposição entre verdade e mentira assume, aqui, a gerência da forma, ao exigir que o seu suporte seja preservado em sua tradição como garantia de deferimento. (SILVEIRA, 2008, p. 90).

Concluo para esse ponto, em relação ao livro de tombo: para além da função que cumpre com o registro formal das inscrições de tombamento do patrimônio material, guardando memórias em forma de documento, ao fazer meu próprio livro de tombamento, amplio o modo de registro que, em sua forma tradicional, configura-se como um registro textual. Os livros-caixa-arquivo assumem a forma mais radical do livro na pesquisa. Ainda que sejam objetos artísticos que trazem uma função análoga

à de um documento, no conjunto final desta pesquisa, eles cumprem a função real de um documento, por fazer parte de um arquivo pessoal. Nos livros, busco agregar ao texto as narrativas visuais que, por meio dos desenhos de locação, farão o registro dos tombamentos, pensando nas habilidades do desenho como um conjunto de instantes e arquivamento de memórias, registrando e transmitindo uma relação entre o espaço da cidade e o tempo histórico com a minha memória individual.

2.3 Artistas de Uberlândia e suas contribuições para o meu processo de criação

Gostaria de trazer dois artistas que tecem diálogos com esta pesquisa quando olhamos para algumas de suas obras de paisagem, os quais retratam cenas da Uberlândia de sua época e trazem a memória viva em seus trabalhos. Ido Finotti, com suas pinturas de paisagens naturais e urbanas da região triangulina; e Geraldo de Queiroz, com seus painéis de pastilha e sua forte contribuição para o cenário artístico da cidade. Neste ponto, pode-se ver a relação que estabeleci com ambos e conhecer um pouco do universo de cada um deles, presentes em vários momentos durante os anos de graduação. A breve contextualização da biografia dos artistas se faz necessária na medida em que são meus conterrâneos ou, em outro caso, adotaram a cidade, fazendo parte da história de Uberlândia, nosso local tema da pesquisa.

2.3.1 Ido Finotti: a importância das pinturas de paisagem na construção da memória histórica de Uberlândia e região do séc. XX

Ido Finotti (1899-1980), artista brasileiro, filho de imigrantes italianos e nascido na cidade de Espírito Santo do Pinhal, interior de São Paulo, começou no ofício de pinturas decorativas de paredes e, depois de algum tempo já morando definitivamente em Uberlândia, passou a direcionar sua produção para as pinturas artísticas do gênero paisagem, com óleo sobre tela. Finotti divide sua vida em um breve momento em Uberaba e posteriormente em Uberlândia, adotando-a como sua cidade e nela vivendo até sua morte, na década de 1980. “O artista descreve com seus pincéis e com a sua poética as paisagens naturais e urbanas do Triângulo Mineiro, em especial

o cerrado e os rios da região, expressando assim uma visualidade que constrói o imaginário coletivo regional.” (FINOTTI, R. 2016, p. 12).

Foi em Uberlândia que o artista construiu sua vida, sua família e as atividades artísticas e empresariais. Iniciou-se nas atividades artísticas desde cedo: aos 12 anos em sua cidade natal tornou-se aprendiz de pintura parietal, com o empreiteiro de obras italiano Giacomo Stefano. Como pintor parietal, Ido Finotti contribuiu com a decoração de paredes de edifícios, como a do antigo Hotel Esplanada, construído nos anos 1920 em São Paulo; o Paço Municipal de Uberaba; e a Companhia Força e Luz de Uberabinha³³, que hoje abriga a Oficina Cultural de Uberlândia (Figura 21). Esta última leva o artista a mudar-se definitivamente para a mencionada cidade. Com o que aprendera como pintor parietal, já criava uma aproximação com as artes plásticas, por meio das mais variadas técnicas de confecção de adornos, silhuetas e padronização de estilizados. Por volta de 1930, durante 18 anos, Finotti comandou um grupo de artistas realizando pinturas decorativas em Uberlândia e região.

Figura 21: Prédio da antiga Cia. Força e Luz de Uberabinha, construído na década de 1920. Atualmente no local funciona a Oficina Cultural de Uberlândia - Praça da Liberdade, hoje Clarimundo Carneiro; início da Rua Tiradentes; década de 1930



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

³³ A primeira companhia de energia elétrica de Uberlândia - Companhia de Força e Luz de Uberabinha - foi criada em 1912, e seu novo imóvel construído na década de 1920. Em 1929, foi criada a Companhia Prada de Eletricidade, que comprou o patrimônio da Cia. de Força e Luz. O imóvel de dois pavimentos, implantado no terreno da esquina da Praça Clarimundo Carneiro e Rua Tiradentes foi construído para alojar a administração da Cia. Prada. A construção do imóvel é atribuída a Fernando Vilela e ao arquiteto e construtor Cipriano del Fávero (também pintor-decorador, como Ido Finotti). (FINOTTI, R., 2016, p. 28).

Ido Finotti dedicou-se a um empreendimento que abriu no centro de Uberlândia, onde expunha e vendia suas pinturas. Foi em 1947 que o artista decidiu deixar as pinturas parietais para se tornar comerciante, inaugurando a Confeitaria Na Hora, que assumiu a função de galeria de arte de Finotti na época. Com a decaída das pinturas decorativas, passou a se dedicar somente às telas. Depois que inaugurou a confeitaria, sua produção de pinturas das paisagens se intensificou. Segundo Ricardo Finotti (2016), sobrinho do artista e pesquisador de sua obra³⁴,

A Confeitaria Na Hora foi um importante espaço para a introdução da pessoa de Ido Finotti na sociedade local como comerciante, e para inserção e circulação de suas pinturas como artista plástico. O período em que ela existiu, constituiu a fase mais intensa de produção de pinturas em tela de Ido Finotti. O estabelecimento teve seu funcionamento encerrado em dezembro de 1981, um ano após a morte do artista proprietário. (FINOTTI, R., 2016, p. 46).

Ele ainda relata que Ido Finotti realizava seus esboços em *plein air* (ao ar livre), vindo a finalizar as composições posteriormente em seu ateliê (Figuras 22, 23 e 24). Aqui já começo a notar algumas características em razão das quais me identifico com o artista, não somente por vivermos na mesma cidade, mas por ver a partir do meu trabalho a construção do imaginário urbano de Uberlândia da minha época. Outro ponto em comum que percebo é a produção dos esboços em *plein air*, o que seria algo semelhante ao que faço na Urban Sketchers, com os desenhos de locação *in loco* (no local); sendo o único ponto divergente é que não uso os meus croquis como base para outros trabalhos.

Uma das ferramentas que uso nesta pesquisa para a produção das fichas de tombo são fotografias dos locais que foram desenhados, como elemento complementar às informações inseridas em cada documento. Fazer fotos também vem de um hábito da Urban Sketchers Uberlândia, de registrar os eventos e os desenhos e postar em rede. Ido Finotti usava em seu processo a fotografia como outro recurso além do croqui, para depois realizar suas pinturas. A respeito disso, Marco Andrade (1999) *apud* Finotti, R. (2016) comenta:

O uso da câmera fotográfica como meio de captar as cenas, colhidas nas muitas excursões ao campo, em alternativa aos tradicionais esboços a lápis, ou mesmo a uma pintura de *plein air*, que parece confirmar-se por alguns relatos, indica uma opção de construção da imagem mais próxima de Courbet que dos artistas de Barbizon ou dos impressionistas. Isso se reflete em uma

³⁴ *Link* para acesso à dissertação do autor: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17735>. Acesso em: 02 jan. 2022.

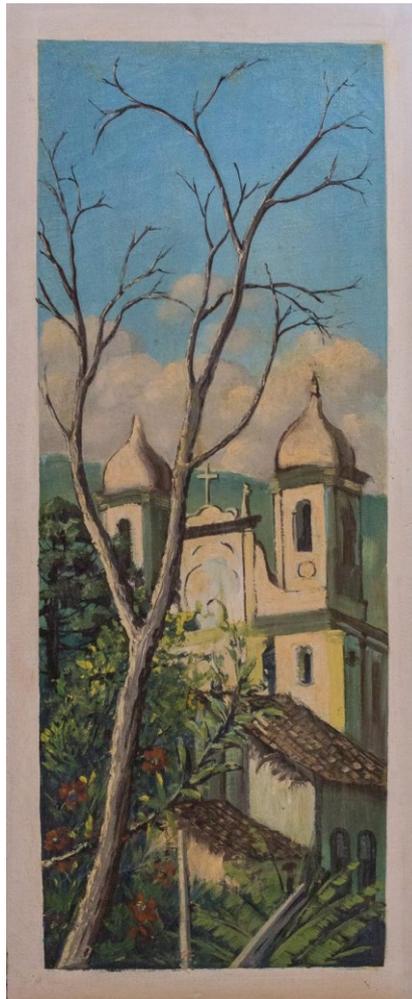
obediência às formas que se afasta de qualquer arroubo técnico ou cromático mais ousado. (ANDRADE, 1999, p. 4 *apud* FINOTTI, R., 2016, p. 72).

Figura 22: Em seu ateliê, Finotti lança a tinta sobre os esboços captados no campo



Fonte: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17735>. Acesso em: 02 jan. 2022.

Figura 23: Ido Finotti, *Sem título* (1975), Uberlândia-MG, óleo s/tela, 80x35,5 cm



Fonte: <https://acervomuna.com.br/obras/sem-titulo-153/>. Acesso: 02 jan. 2022.

Figura 24: Ido Finotti, *Antiga Matriz Nossa Senhora do Carmo* (1943), Uberlândia-MG (edificada em 1861 e demolida em 1943), óleo s/tela, 50x70 cm



Fonte: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17735>. Acesso em: 02 jan. 2022.

Finotti tinha o costume de fabricar suas próprias tintas, havendo maior frequência da técnica a óleo em seus trabalhos. Em suas paisagens do cerrado predominavam cores acinzentadas ou sombreadas. Em suas pinturas era comum que ele usasse suportes alternativos, como sacos de aniagem para fazer suas telas, placas de compensado, papelão e caixas de sapato.

O artista distribuiu seus registros entre cenas rurais e urbanas, exibindo a paisagem típica de Minas Gerais. Dentre esses registros estão fachadas de igrejas/capelas de municípios triangulinos; olhares com pinturas dos rios regionais como Uberabinha, Tijuco e Araguari; exploração de elementos e fenômenos típicos do cerrado como ipês, galhos retorcidos, cupinzeiros e queimadas (que ocorriam com frequência na região).

Ido Finotti forma uma visualidade pictórica da região mineira que representa um misto de invenção e naturalismo do cerrado, agregando valor ao imaginário local. Assim, o artista compõe uma importante relação sociocultural que contribui tanto do ponto de vista do registro plástico quanto para a construção de uma iconografia regional:

Ido Finotti demonstra ter em suas composições uma tentativa de congelar a beleza e a serenidade do meio intocado resguardando-o em seus quadros; uma preocupação com a perda da qualidade de vida que a natureza oferece com suas cores e sua tranquilidade, ameaçada pelo avanço da urbanização e a crescente mudança de vida rural para urbana. (FINOTTI, R., 2016, p. 68).

Suas obras do gênero paisagem e a sua poética preenchem uma lacuna na memória artística e cultural da cidade de Uberlândia e região. “Seus temas são compostos de visões que os olhos dos que habitam nossa região estavam habituados a contemplar, e que muitas delas não são vistas mais, a não ser em suas telas que as eternizaram.” (FINOTTI, R., 2016, p. 68). Apesar de o autor deste trabalho não dialogar com essa pesquisa quanto à linguagem, haja vista que Finotti era da pintura, registrando mais a natureza e o cerrado do que a cidade de fato, percebo que busco o mesmo desejo de eternizar meus desenhos na memória da minha cidade como eu a conheci e a conheço, uma paisagem fadada à obsolescência de sua estrutura, perante a modernidade. Ainda que este e outros trabalhos anteriores meus já realizados tenham fortes diálogos com a estrutura da cidade, procuro andar nas mesmas direções que os trabalhos de Ido Finotti, compondo uma relação sociocultural que vem tanto do ponto de vista do registro gráfico do desenho, quanto de registrar a paisagem para a construção de uma iconografia sobre Uberlândia, que se flagra por meu olhar, percepção e traço.

2.3.2 Geraldo Queiroz: preenchendo lacunas na memória artística e cultural da cidade de Uberlândia

Geraldo Queiroz (1916-1958), que nasceu em Uberlândia-MG, é mais um dos artistas que compõem a cena artística do município, considerado um dos principais artistas locais, conhecido pelos seus painéis espalhados pela cidade. Trabalhou com diversas linguagens como pintura, escultura, mosaicos e painéis, tudo de forma autodidata. Dentre seus painéis, são abordadas temáticas como cenas bucólicas com indígenas em meio à floresta, a paisagem rural (Figura 25) e os animais, e também cenas cotidianas da cidade, como trabalhadores e crianças brincando. Segundo Juscelino Humberto Cunha Machado Junior (2011), Queiroz foi pioneiro na instalação de uma escola de arte na cidade, na década de 1950, a qual não cobrava mensalidade. “Viveu e se dedicou praticamente para o Partido Comunista Brasileiro - PCB e para a arte. Sua temática conservou a figuração, porém, encontramos alguns trabalhos que dialogam com a abstração e ainda com a linguagem dos quadrinhos”. (MACHADO JUNIOR, 2011, p. 29).

Figura 25: Geraldo Queiroz, *Sem título* (1941), óleo s/ madeira, 27x24 cm



Fonte: <https://acervomuna.com.br/obras/sem-titulo-155/> Acesso em: 09 jan. 2023.

Sua relação de amizade com o então arquiteto João Jorge Coury³⁵, também integrante do partido, estreitou-se cada vez mais em função da parceria que fizeram com as produções dos murais de Queiroz. O trabalho de Coury, que foi responsável por difundir a linguagem moderna na região, uniu arquitetura à arte de Queiroz para alargar a cultura da cidade. Traldi (2012) cita Reducino (2011), quando afirma que existia uma necessidade da elite uberlandense a ser atendida, em relação aos trabalhos desempenhados por Coury e Queiroz:

A importância dada ao trabalho de Geraldo Queiroz seria consequência do interesse dessa elite numa arquitetura que a projetasse esteticamente, no mundo moderno da arquitetura residencial. Este interesse favoreceu uma oportunidade ímpar a Geraldo Queiroz que, por meio de sua arte, deixou registrado nos novos edifícios e residências, construídas entre as décadas de 1940 e 1950, a marca de sua poíesis. Estes trabalhos garantiram-lhe respeito como artista mosaicista e a sobrevivência por meio da arte. (REDUCINO, 2011, p. 77 *apud* TRALDI, 2012, p. 289).

³⁵ João Jorge Coury (1908/1970) foi um difusor dos conceitos de arquitetura e urbanismo modernos na região, desde a década de 1940 e, que sediado na cidade de Uberlândia/MG, atuou durante trinta anos em toda região, sendo o único escritório de arquitetura estabelecido na cidade até a segunda metade da década de 1950. Fonte: https://www.researchgate.net/publication/320575606_Trajectoria_profissional_JJ_Coury_e_a_difusao_do_ideario_moderno_arquitetonico_no_triangulo_mineiro. Acesso em: 15 jan. 2023.

Na década de 1950, Queiroz também realizou painéis em baixos-relevos em algumas residências da cidade e no Mercado Municipal de Uberlândia, construído em 1944. Devido às reformas que o Mercado Municipal sofreu, os baixos-relevos ficaram encobertos por camadas de pinturas, poeira e fuligem. Com os processos de restauração, as obras foram reveladas somente no ano de 2008. Alguns dos descuidos com esses trabalhos surgiram de novas janelas colocadas no edifício e, depois da restauração, descobriu-se que foram feitos cortes de um pedaço de um mural (Figuras 26 e 27). Machado Junior (2011) nos descreve um pouco o trabalho do artista no local:

A técnica utilizada pelo artista para a confecção destes murais, conforme informação dos familiares era de baixo-relevo, ou seja, no reboco ainda fresco utilizava argila própria do local (hoje Avenida Getúlio Vargas) e com o cinzel desenhava no próprio reboco, demonstrando habilidade na representação em perspectiva e figura humana. (MACHADO JUNIOR, 2011, p. 37).

O artista, ao produzir os murais em baixo-relevo, remete a um fazer do desenho como quem risca a superfície, trazendo a lembrança do gesto gráfico de uma forma matérica em que Queiroz retira matéria do suporte, no caso, uma parede. Nesse sentido, faço aproximações com o artista na percepção da sua obra enquanto simulação do gesto gráfico e principalmente na identificação com trabalhos do gênero paisagem, seja em suas pinturas, seja em seus painéis, os quais desempenham representativo papel na construção da imagem de Uberlândia no tempo do artista, obras que se inscrevem na memória da cidade.

Figuras 26 e 27: Geraldo Queiroz, *Sem título* – Localizadas no Mercado Municipal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil (1956/1957)



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Marileusa Reducino (2011) menciona a contribuição do trabalho de Queiroz como um artista comunista que, ao realizar a imagem *Primeira Missa*, retrata uma imagem política e social da cidade de Uberlândia, mas contraria os costumes da época ao pintar todos os túmulos num mesmo local. A obra é um óleo sobre aglomerado³⁶, representando a primeira igreja da cidade, a Nossa Senhora do Carmo (Figura 28), onde hoje é a reserva técnica do Museu Municipal, e que nos serve como documento de um marco histórico.

Sobre *Primeira Missa*, Reducino nos conta:

Retalhos de memórias coletivas tecidas pelo artista resultam na imagem da *Primeira Missa*. Fragmentos das experiências dos primeiros habitantes desta cidade, restauradas nas lembranças das suas histórias vividas, fragmentos que colaboram na escavação arqueológica do passado e na reelaboração do presente.

A história da cidade em fragmentos arqueológicos despertados pela ausência matérica da capela de Nossa Senhora do Carmo, da Matriz de Nossa Senhora do Carmo, que provocam buscar na história da cidade, o processo de criação do arraial de São Pedro de Uberabinha. A relação de poder exercida pelo clero sobre os homens desta cidade e a percepção da igreja como poder de sustentabilidade espiritual, social e cultural no cotidiano do habitante destas paragens. Tanto assim, que somente se fez Arraial após o erguimento da primeira edificação católica no capão do mato aqui existente. Nas imagens, vestígios do percurso do poder da igreja católica, religião estreitamente ligada às conquistas e ao domínio em terras brasileiras. O exercício de homens e mulheres imbuídos da vontade de transformar este local em um cenário urbano e temente a Deus, que distanciou-se paulatinamente das suas configurações rurais dando lugar às que lhe desse identidade urbana, mas sem desatar a primeira identidade em detrimento da segunda. Um arraial em que vida e morte possuíam o mesmo valor, mas também discriminava os fiéis na morada final, no costume de enterrar dentro da igreja os homens e mulheres mais abastados e os cidadãos “comuns” distantes das imagens dos santos. No entanto Geraldo Queiroz em *Primeira Missa* burla este costume pintando túmulos idênticos, todos no campo santo da Capela. (REDUCINO, 2011, p. 30-31).

³⁶ Chapa constituída de partículas de madeira selecionada, geralmente pinus ou eucalipto, aglutinadas por resina sintética, comumente usada para fabricação de móveis. (MACHADO JUNIOR, 2011, p. 32).

Figura 28: Geraldo Queiroz, *A Primeira Missa* (1948) -acervo: Paulo Henrique Carrara Arantes



Fonte: www.itvurbanismo.com.br/nossa-senhora-do-carmo-ja-deu-nome-a-uberlandia/.
Acesso em: 12 dez. 2022.

Dos painéis de Geraldo Queiroz às paisagens de Ido Finotti, percebo que faço meus pares na medida das minhas intenções com este trabalho, entendendo a importância das obras desses artistas como representantes de seu tempo vivido, sobre a Uberlândia de sua época, sobrevivendo nas imagens que despertam memórias sobre a contemplação de uma paisagem que se foi, modificou-se, levando o passado ao presente, numa imagem viva daquele contexto. Por isso, a construção de um arquivo unindo meus registros da paisagem de Uberlândia, não só diz sobre uma experiência do meu desenhar e de minha memória sobre a cidade, mas das possibilidades de matizar e guardar uma cidade que corre nos trilhos da modernidade, cada dia mais mutante e efêmera. Deixo sobre meus desenhos mais uma contribuição para a memória da cidade, a mesma Uberlândia que acolheu Finotti, a Uberlândia de Queiroz e, hoje, a minha Uberlândia.

CAPÍTULO III

ARQUIVO PERMANENTE

O arquivamento do eu é uma prática plural e incessante. [...] Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo. (ARTIÉRES, 1998, p. 31).

3.1 Série A CASA DO TOMBO: o desenho de locação como prática memorialista em Uberlândia-MG

Neste capítulo expandido serão apresentadas as etapas do processo de produção de cada um dos diários gráficos e como eles, juntos, compõem o arquivo pessoal. Trago as metodologias utilizadas na proposição da organização dos desenhos de locação dentro dos livros e as tipologias e classes definidas a partir deles.

Vale salientar que, sendo um artista, estou me enveredando pelo campo da arquivologia para tomar emprestados alguns de seus termos e metodologias como fundamento do processo criativo desta obra/arquivo. O método usado para compreensão e elaboração dos resultados obtidos se dá por uma abordagem qualitativa, devido ao caráter subjetivo da obra, sendo o mais adequado na construção de arquivos pessoais.

3.2 Definindo as classes e as tipologias do acervo

Esta obra/arquivo é composta pelo meu acervo documental de desenhos de locação sobre o município de Uberlândia, acumulado ao longo dos últimos cinco anos e organizado de forma empírica, ou seja, sem nenhum tratamento arquivístico antecedente. Nessa empreitada, ocupo o lugar de pesquisador, bem como de sujeito da obra, sendo este meu arquivo pessoal. Foram necessárias consultas ao Arquivo Público Municipal de Uberlândia, ao *site* da Prefeitura e às redes sociais da Urban

Sketchers Uberlândia a fim de reunir informações e dados necessários para o andamento do trabalho, além das minhas memórias na posição de sujeito deste arquivo. Com os desenhos em mãos e as informações obtidas, investiguei quais as tipologias existentes entre os documentos do acervo e quais as relações que cada uma estabelece comigo e a cidade, tentando aclarar um pouco as diversas questões e memórias que foram evocadas sobre Uberlândia.

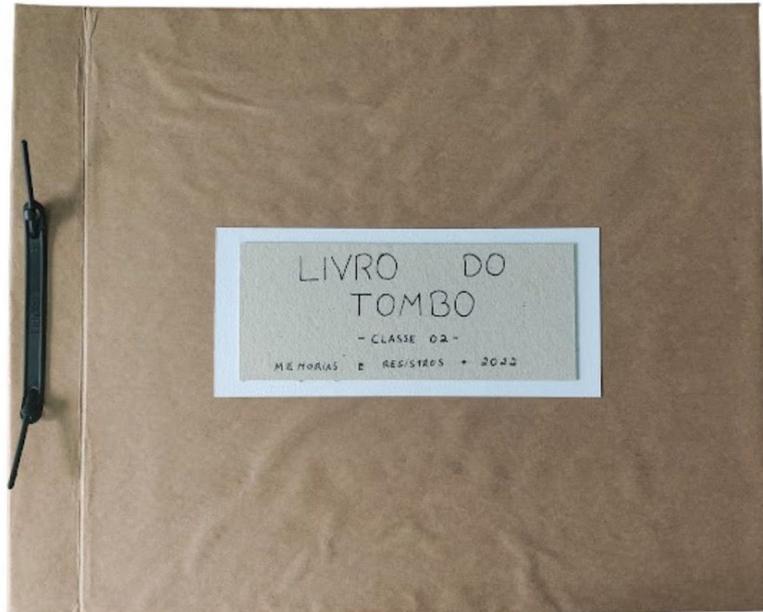
A organização foi realizada da seguinte maneira: a partir de uma análise de todo o conjunto dos desenhos, através das demandas e do processo criativo que se deu, foram definidas três classes para esse arquivo. Cada classe corresponde a um diário gráfico, sendo o conjunto formado por um livro de tombo e dois livros-caixa-arquivo, que percorrem desde desenhos de locais mais íntimos a lugares que são patrimônios históricos de Uberlândia (Figuras 29, 30 e 31).

Figura 29: Foto de *A CASA DO TOMBO - Livro 1: Registros da Urban Sketchers Uberlândia* (2022), livro-caixa-arquivo, 25,5x36x5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 30: Foto de *A CASA DO TOMBO - Livro 2: Livro do Tombo* (2022), diário gráfico, 31x38 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 31: Foto de *A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia* (2022), livro-caixa-arquivo, 31x31x14,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

As três classes do arquivo estão divididas em: *Registros da Urban Sketchers em Uberlândia*, reservados aos desenhos realizados no período de atividades no grupo entre 2017 e 2022; *O Livro do Tombo*, que reúne tombamentos de lugares de memória pessoal; e *Registros da Cidade Histórica - Uberlândia*, na qual trago os lugares da cidade tombados ou em processo de tombamento. Os desenhos são completados pelas informações coletadas sobre os lugares representados, a depender da composição de cada um dos livros, podendo conter informações históricas, memórias e fotos dos locais, atuais ou antigas.

Assim, temos o primeiro livro-caixa-arquivo contendo registros da Urban Sketchers Uberlândia e fotografias dos eventos. O segundo, o *Livro do Tombo*, contém os desenhos dos meus locais mais importantes, registros fotográficos, com suas respectivas informações técnicas e relatos de memória. O terceiro, também um livro-caixa-arquivo, possui desenhos dos patrimônios históricos da cidade, fotografias antigas coletadas no Arquivo Público Municipal de Uberlândia e fotografias de registro pessoal, com informações técnicas, relatos de memória e biografias históricas coletadas e referenciadas dos inventários disponíveis no *site* da Prefeitura.

Este arquivo forma um conjunto heterogêneo de documentos que apresentam uma Uberlândia do século passado com uma Uberlândia atual através do desenho, trazendo olhares que vão do centro à periferia. Existem ao todo 68 desenhos de locação, boa parte deles publicados em redes sociais oficiais da Urban Sketchers Uberlândia.

Logo, foram analisadas possíveis tipologias e modos de organização existentes dentro do acervo e em cada uma das classes, facilitando a separação dos documentos dentro dos diários gráficos por características em comum, sendo as mais usuais as funções que cada local exerce ou exerceu e os tipos arquitetônicos que apresentam. Será possível visualizar a organização e a metodologia de cada um deles de forma esquematizada a partir do Plano de Classificação dos Documentos (Anexo A), que define as tipologias entre os desenhos presentes em cada uma das classes; e da Tabela de Temporalidade dos Documentos (Anexo B), a qual disponibiliza informações técnicas e de destinação dos documentos. Essa última tabela serve para apontar se alguns documentos são de destinação permanente para o arquivo, se haverá descarte ou quanto tempo levará a guarda do documento.

Devido aos arquivos pessoais normalmente terem seus acervos traduzidos por realidades muito diferentes das que habitualmente são foco de trabalhos arquivísticos,

a identificação das tipologias que podem existir requer uma natureza mais investigativa. Ao fim da composição do arquivo, ele contribuirá para que se possa fazer uma reflexão sobre como o desenho de locação, em sua potência artística e documental, pode ir além de uma lembrança pessoal e colaborar no preenchimento de fissuras na imagem histórica da cidade e assegurar seu valor. Apresento a seguir os diários gráficos e a composição e organização de cada um deles.

3.2.1 Classe 01: *Registros da Urban Sketchers*

Nesta primeira classe, busquei destacar os desenhos de locação realizados nos eventos da Urban Sketchers Uberlândia. Tais registros são importantes neste processo como a ação disparadora da pesquisa. Eles guardam as lembranças dos encontros, dos colegas que participaram de cada um deles e do sabor de se desenhar ao ar livre usando uma caneta nanquim. São registros que trazem uma aproximação entre o artista e a linguagem do desenho e de um exercício do olhar mais sensível para o espaço urbano. Desenhos que conduzem uma intenção constante de guardar a paisagem histórica do centro da cidade e seus arredores. Neles guardo o desejo de eternizar a arquitetura eclética da cidade que constrói camadas entre estilos que vão do rococó e do barroco mineiro a uma arquitetura modernista, com tendências do brutalismo na segunda metade do século XX.

Esses desejos celebrados pelos registros junto a outros participantes foram cultivados no seio dos encontros, regados à socialização de experiências e memórias de diversas pessoas que poderiam ter alguma lembrança sobre a cidade ou se deparar com algo totalmente novo. Desenhar aqui vai além de captar a paisagem: é também poder conhecer o que se registra. Nesse sentido, as práticas de desenho em grupo oferecidas nesses eventos se colocam como verdadeiros redutos de conhecimentos sobre o que é e o que foi a cidade.

Desenhar o espaço urbano não só torna possível registrá-lo e guardá-lo em imagem, mas também presenciar as mudanças estruturais que ocorrem nesse espaço, desde pequenas reformas, revitalizações, até a decisão pela demolição, como foi o caso de alguns lugares registrados, sendo alguns deles demolidos antes do registro em desenho (Figuras 32 e 33). Por isso, os registros feitos nos eventos da

Urban Sketchers Uberlândia amparam os patrimônios históricos e a arquitetura histórica do município.

Figura 32: Foto do 23º Urban Sketchers Uberlândia: Casa 1919, localizada na Rua Bernardo Cupertino no Bairro Fundinho, em Uberlândia-MG



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2018).

Figura 33: Foto da Casa 1919 descaracterizada, localizada na Rua Bernardo Cupertino no Bairro Fundinho, em Uberlândia-MG



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2018).

A fim de organizar esse material dentro de meu arquivo pessoal, confeccionei um livro-caixa-arquivo para receber tais desenhos (Figuras 34 e 35). É uma caixa de madeira com dimensões de 25,5x36x5 cm, contendo as seções tipológicas. Cada seção contém desenhos registrados nos eventos e fotografias correspondentes. Vale ressaltar que nem todos os desenhos terão registros fotográficos. Para definir a qual

seção cada desenho seria destinado, busquei notar o que se pode classificar entre essas imagens, já que há desenhos tanto com o uso de grafite, como de nanquim, sendo a maioria em preto e branco. Há algumas exceções, com lápis de cor ou caneta esferográfica. Todos foram protegidos com um plástico para garantir a durabilidade em vista do manuseio, possibilitando uma redução de danos sobre os documentos e a obra.

Figura 34: Organização da Classe 01: *Registros da Urban Sketchers Uberlândia*, caixa vazia



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 35: Organização da Classe 01 - *Registros da Urban Sketchers Uberlândia*, caixa com os documentos



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Um dado importante é que existia uma pré-organização desses desenhos, partindo da ordem cronológica em que os registros foram feitos, respeitando a sequência dos encontros. Para motivos de melhor conformidade com o todo do arquivo, a organização ficará a cargo dos tipos de lugares registrados (Figura 36). As informações cronológicas de realização dos desenhos, e outros conteúdos que podem ser importantes ou agregadores aos registros, serão colocados em observação na Tabela de Temporalidade. Também é válido ressaltar que não houve uma frequência consistente da minha participação nos encontros, assim, não há desenhos realizados para todos os eventos.

Figura 36: Organização da Classe 01 - *Registros da Urban Sketchers Uberlândia*, separação por tipologias



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Na primeira tipologia, intitulada *Casas e Casarões*, considerei os lugares que já foram moradias ou têm uma função residencial (Figuras 37 a 55). Os locais que estão nessa categoria são: 1.Casa da Cultura; 2.Casarão da Praça Adolfo Fonseca; 3.Antiga Mansão da Avenida João Pinheiro; 4.Residência Chacur; 5.Casinha Azul da Rua Tiradentes; 6.Casaréu; 7.Futura; 8.Casinha da Avenida Fernando Vilela; 9.Casa Branca da Avenida Engenheiro Diniz; 10.Casa da Praça do Líbano; 11.Casinha da Rua Bernardo Guimarães; 12.Placitude; 13.Casinha da Rua Machado de Assis; 14.Inthegra TH; 15.Modos Arquitetura; 16.Pousada Chaluzé; 17.Casinha da Rua Bernardo Cupertino; 18.Casarão Grill; 19.Edifício Cecília Inácia.

Esta tipologia contém o maior número de desenhos dessa classe. Há uma variação de tamanho do suporte – foram usadas folhas A4 (21x29,5 cm) e A5 (14,8x21 cm), com gramatura 180. Também há variações da posição em que os desenhos

foram feitos, sendo alguns em formato retrato, como no caso da Antiga Mansão da Avenida João Pinheiro, e no formato paisagem, como na representação do Casaréu. No registro da Casa da Cultura houve o uso de lápis de cor junto às hachuras em nanquim. Em Edifício Cecília Inácia temos uma variação de material, com canetas esferográficas, vermelha e azul.

Figura 37: Leo Borges, 4º Urban Sketchers Uberlândia: *Casa da Cultura* (2017), localizada na Praça Cel. Carneiro, nº 89 - Fundinho, hachura em nanquim e lápis de cor



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 38: Leo Borges, 7º Urban Sketchers Uberlândia: *Casarão da Praça Adolfo Fonseca* (2017), localizado na Rua Goiás, nº 340 - Fundinho, hachura em nanquim



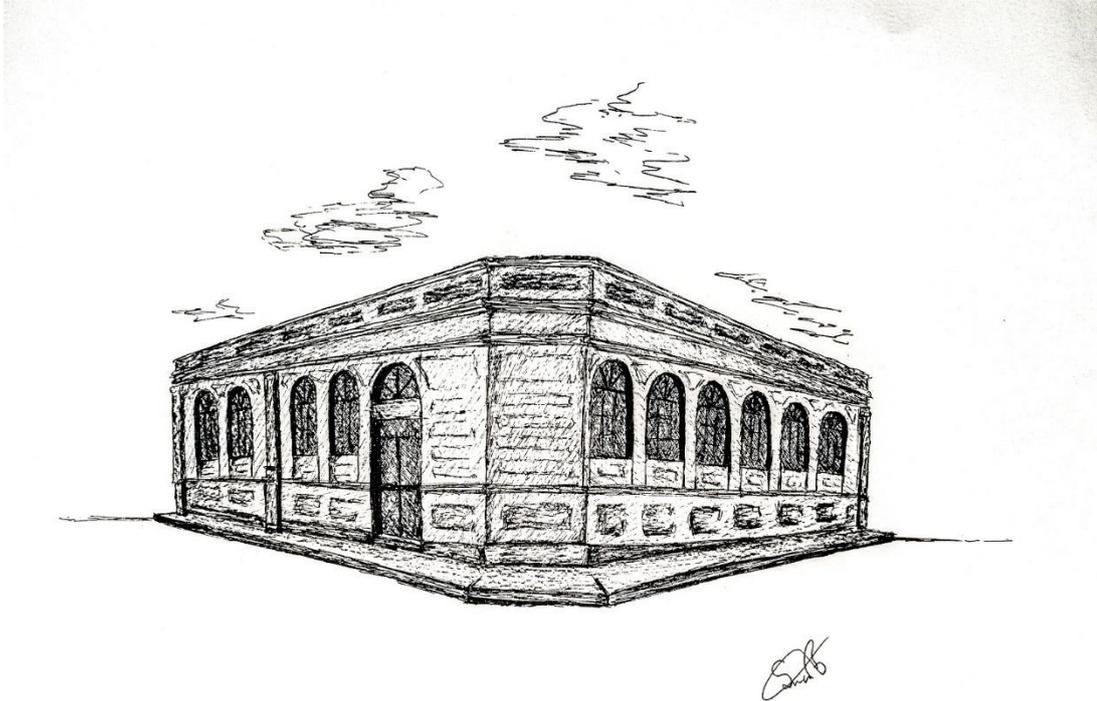
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 39: Leo Borges, 12º Urban Sketchers Uberlândia: *Antiga Mansão da Av. João Pinheiro* (2018), localizada na Av. João Pinheiro, nº 426 - Centro, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 40: Leo Borges, 13º Urban Sketchers Uberlândia: *Residência Chacur* (2018), localizada na Rua Vigário Dantas, nº 344 - Fundinho, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 41: Leo Borges, 19º Urban Sketchers Uberlândia: *Casinha Azul da R. Tiradentes* (2018), localizada na Rua Tiradentes, nº 194 - Centro, hachura em nanquim



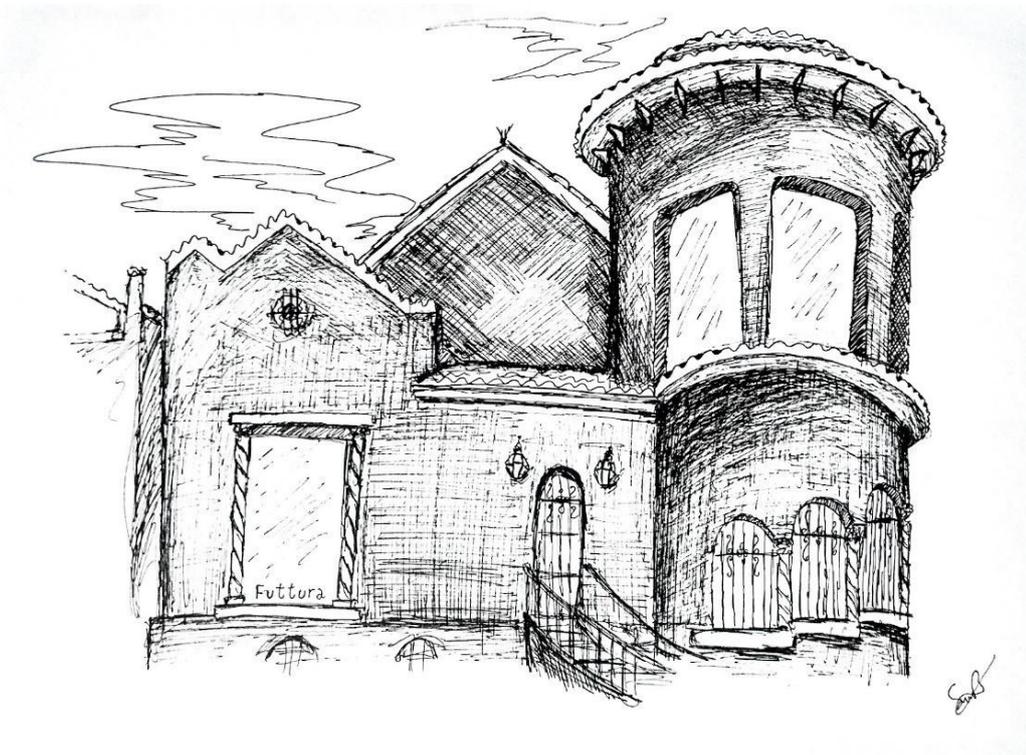
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 42: Leo Borges, 21º Urban Sketchers Uberlândia: *Casaréu* (2018), localizado na Rua Vigário Dantas, nº 138 - Fundinho, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 43: Leo Borges, 22º Urban Sketchers Uberlândia: *Futura* (2018), localizado na Av. Rio Branco, nº 105 - Cazeca, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 44: Leo Borges, 24° Urban Sketchers Uberlândia: *Casinha da Av. Fernando Vilela* (2018), localizada na Av. Fernando Vilela, nº 280 - Martins, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 45: Leo Borges, 26° Urban Sketchers Uberlândia: *Casa Branca da Av. Engenheiro Diniz*, (2018) localizada na Av. Engenheiro Diniz, nº 820 - Martins, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 46: Leo Borges, 27º Urban Sketchers Uberlândia: *Casa da Praça do Libano* (2018) localizada na Rua Olegário Maciel, nº 41 - Martins, hachura em nanquim



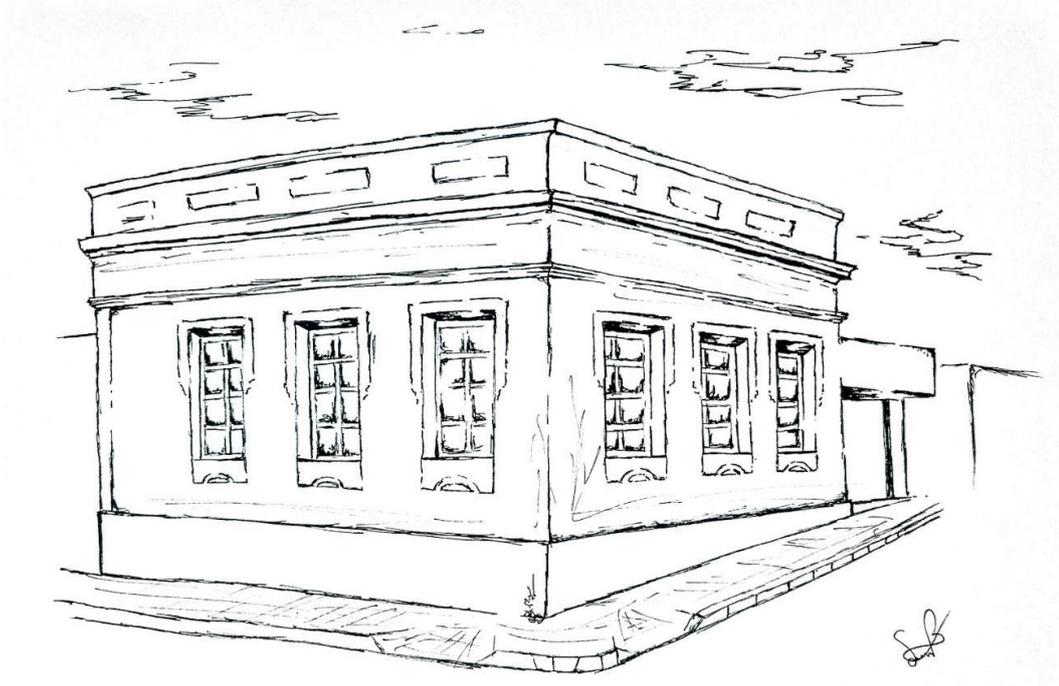
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 47: Leo Borges, 30º Urban Sketchers Uberlândia: *Casinha da Rua Bernardo Guimarães* (2018), localizada na Rua Bernardo Guimarães, nº 525 - Fundinho, hachura em nanquim



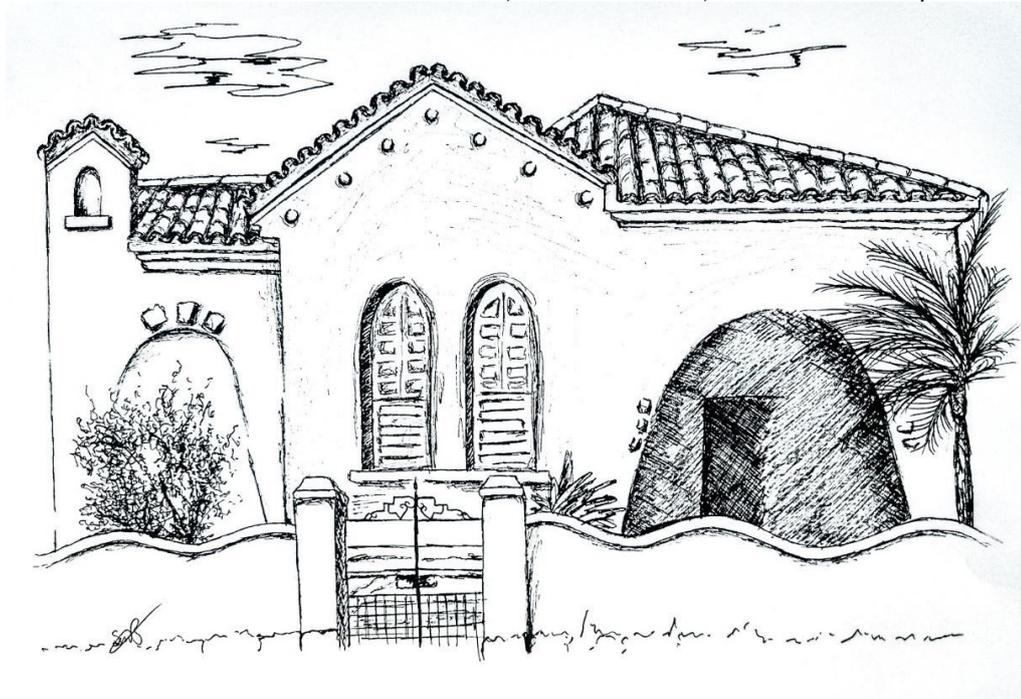
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 48: Leo Borges, 33º Urban Sketchers Uberlândia: *Placitude* (2018), localizado na Rua Bernardo Guimarães, nº 592 - Fundinho, hachura em nanquim



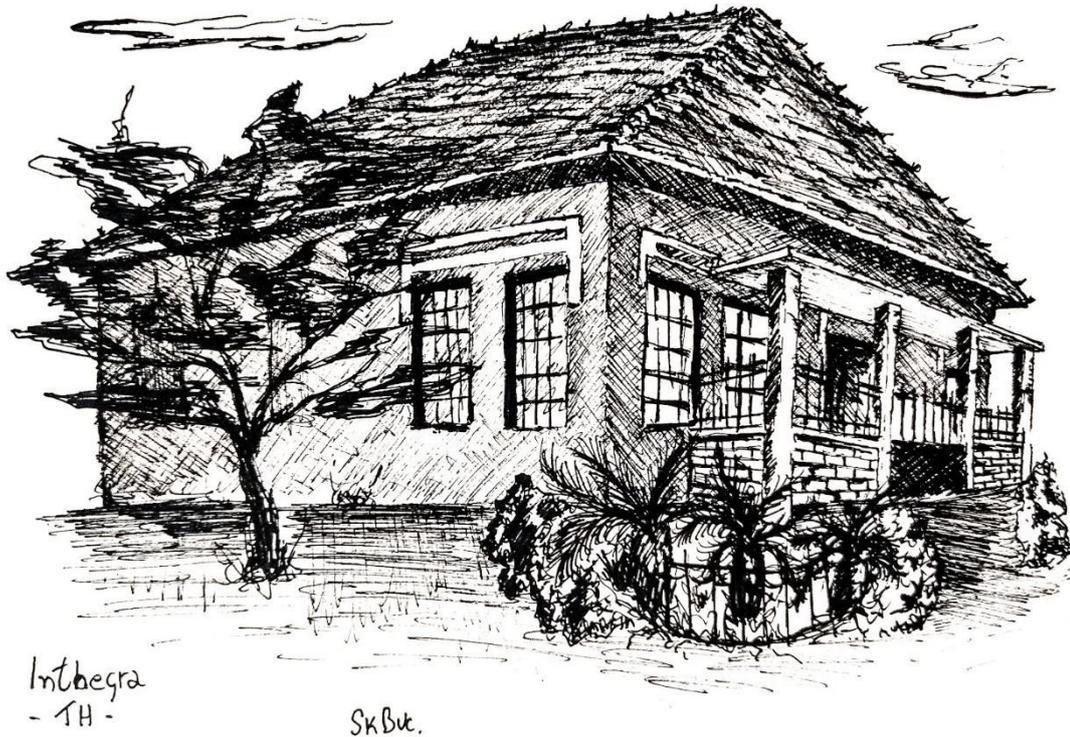
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 49: Leo Borges, 34º Urban Sketchers Uberlândia: *Casinha da Rua Machado de Assis* (2018), localizada na Rua Machado de Assis, nº 722 - Centro, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 50: Leo Borges, 40° Urban Sketchers Uberlândia: *Inthebra TH* (2019), localizado na Rua General Osório, nº 97 - Fundinho, hachura em nanquim.



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 51: Leo Borges, 41° Urban Sketchers Uberlândia: *Modo Arquitetura* (2019), localizada na Rua Augusto Cezar, nº 127 - Fundinho, hachura em nanquim.



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 52: Leo Borges, 44° Urban Sketchers Uberlândia: *Pousada Chaluzé* (2019), localizada na Av. Francisco Ribeiro, nº 60 - Santa Mônica, hachura em nanquim
SRBUC.



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 53: Leo Borges, 47° Urban Sketchers Uberlândia: *Casinha da Rua Bernardo Cupertino* (2019), localizada na Rua Bernardo Cupertino, nº 463 - Martins, hachura em nanquim



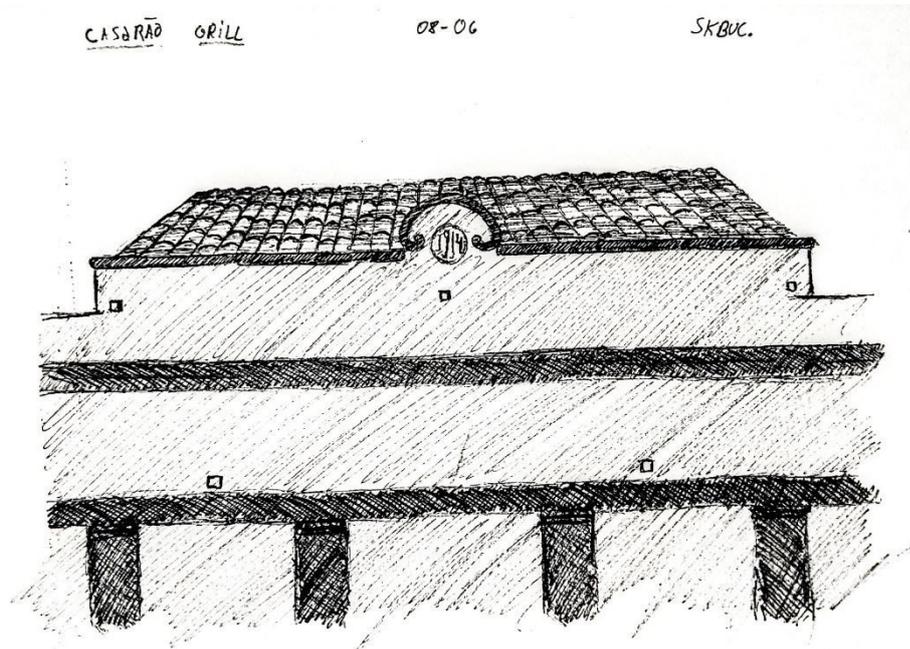
SRBUC.

BERNARDO CUPERTINO; 463

19-05

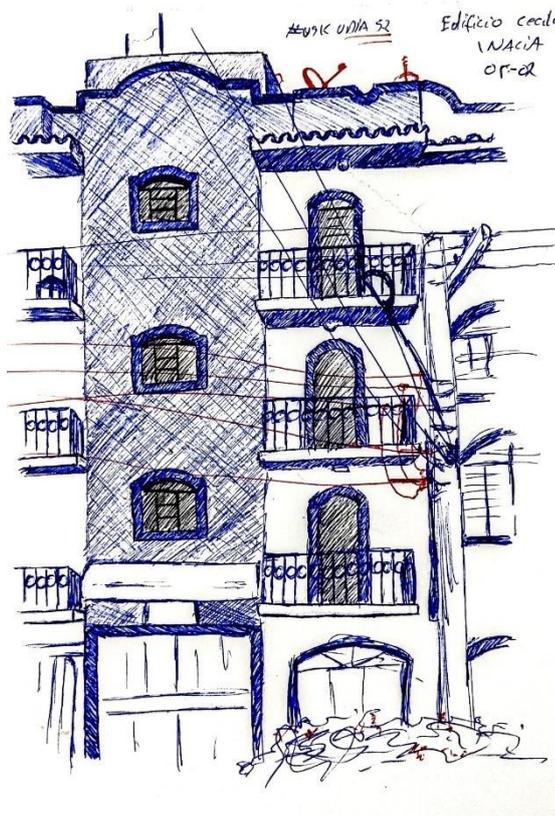
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 54: Leo Borges, 48º Urban Sketchers Uberlândia: *Casarão Grill* (2019), localizado na Praça Coronel Carneiro, nº 52 - Fundinho, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 55: Leo Borges, 52º Urban Sketchers Uberlândia: *Edifício Cecília Inácia* (2020), localizado na Rua Souza Costa, nº 364 - Tabajaras, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Na segunda tipologia, que chamei de *Espaços Comerciais*, estão aqueles registros de lugares que foram concebidos unicamente para atividades do comércio (Figuras 56 a 60), sendo eles: 1.Akkar Restaurante; 2.Mercado Municipal; 3.Armazém Monopólio; 4.Panificadora Fiorella; 5.Sabiá Livros, cujo desenho foi o único dessa tipologia feito em tamanho A5.

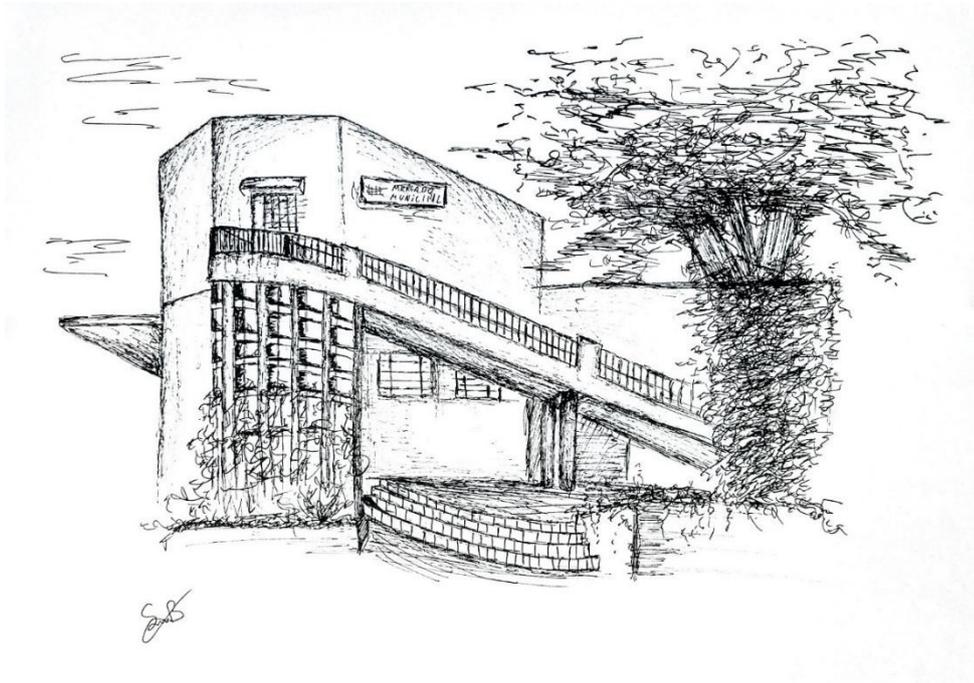
O registro da Panificadora Fiorella também é o único feito com grafite. Uma curiosidade do desenho do Akkar Restaurante é que usei um pouco da minha liberdade artística, inserindo em volta do moinho, estrutura principal do comércio, elementos imaginários, as árvores e a vegetação, dando a entender que este funciona em um lugar isolado.

Figura 56: Leo Borges, 15º Urban Sketchers Uberlândia: *Akkar Restaurante* (2018), localizado na Av. Getúlio Vargas, nº 474 - Centro, hachura em nanquim



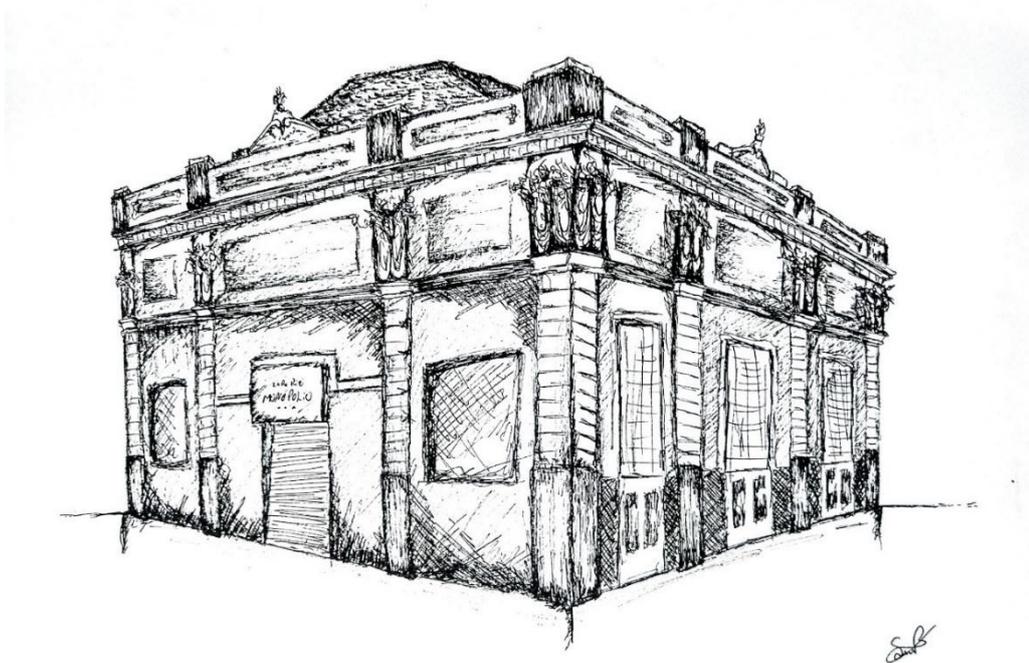
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 57: Leo Borges, 16º Urban Sketchers Uberlândia: *Mercado Municipal de Uberlândia* (2018), localizado na Rua Olegário Maciel, nº 255 - Centro, hachura em nanquim



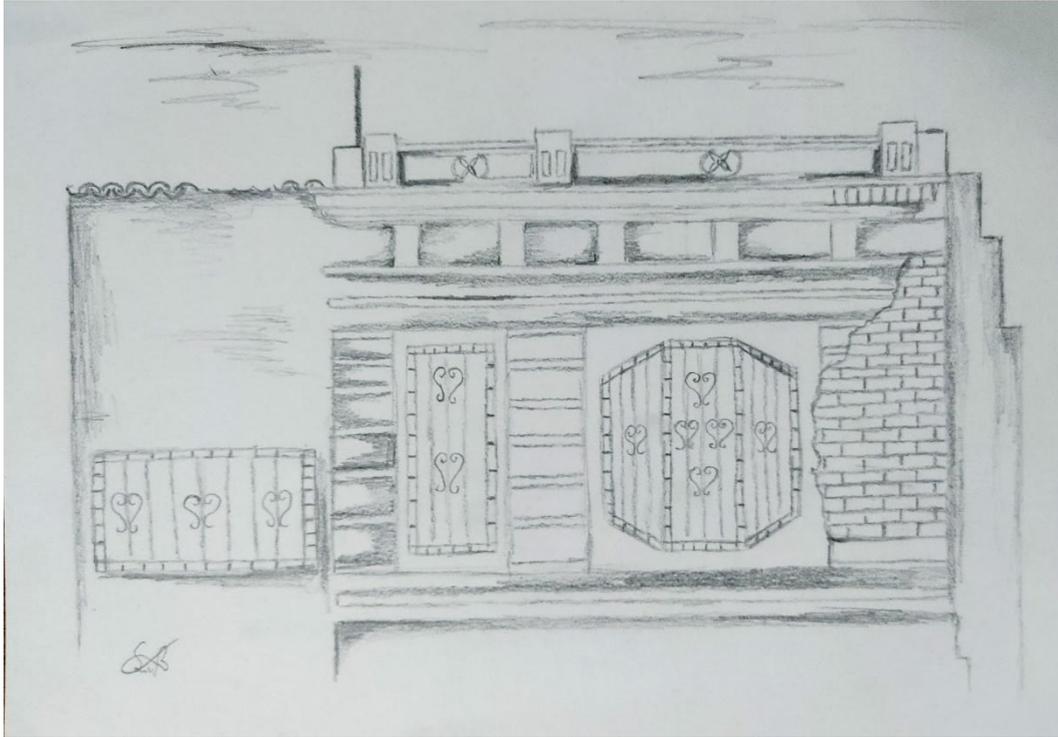
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 58: Leo Borges, 18º Urban Sketchers Uberlândia: *Armazém Monopólio* (2018), localizado na Praça Cícero Macedo, nº 36 - Fundinho, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 59: Leo Borges, 31° Urban Sketchers Uberlândia: *Panificadora Fiorella* (2018), localizada na Rua Goiás, nº 114 - Centro, grafite sobre papel



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

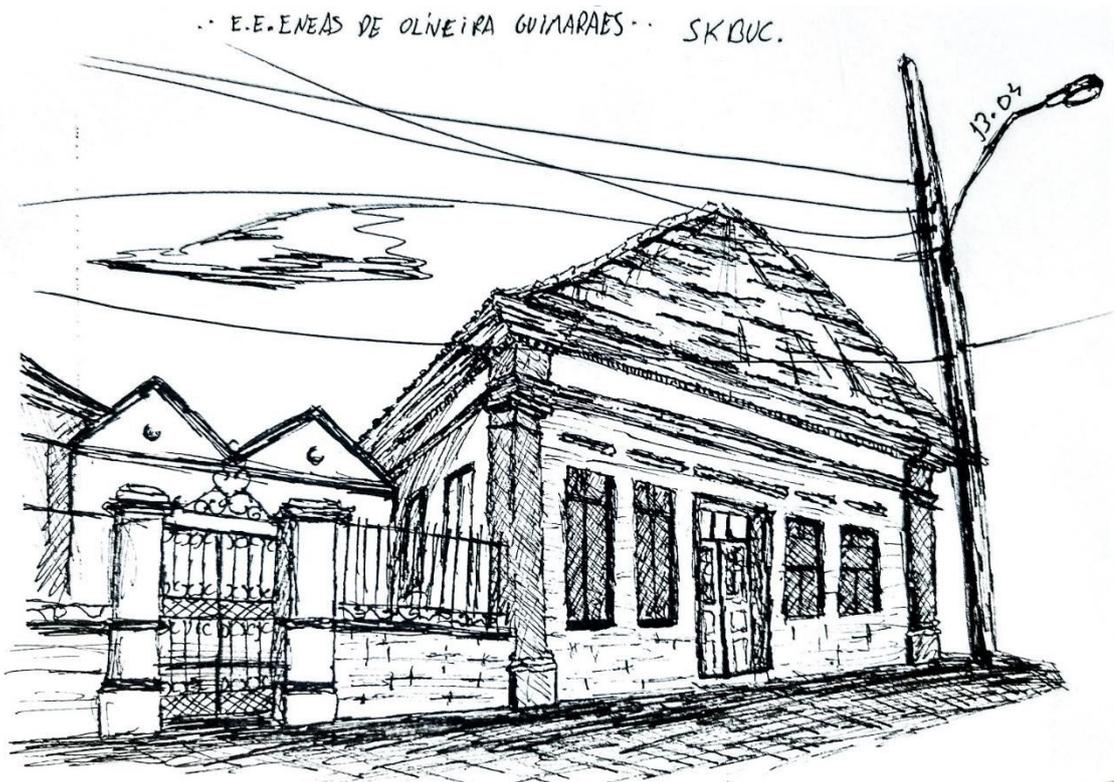
Figura 60: Leo Borges, 54° Urban Sketchers Uberlândia, *Sabiá Livros* (2020), localizado na Rua Alberto Alves Cabral, nº 202 - Santa Mônica, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

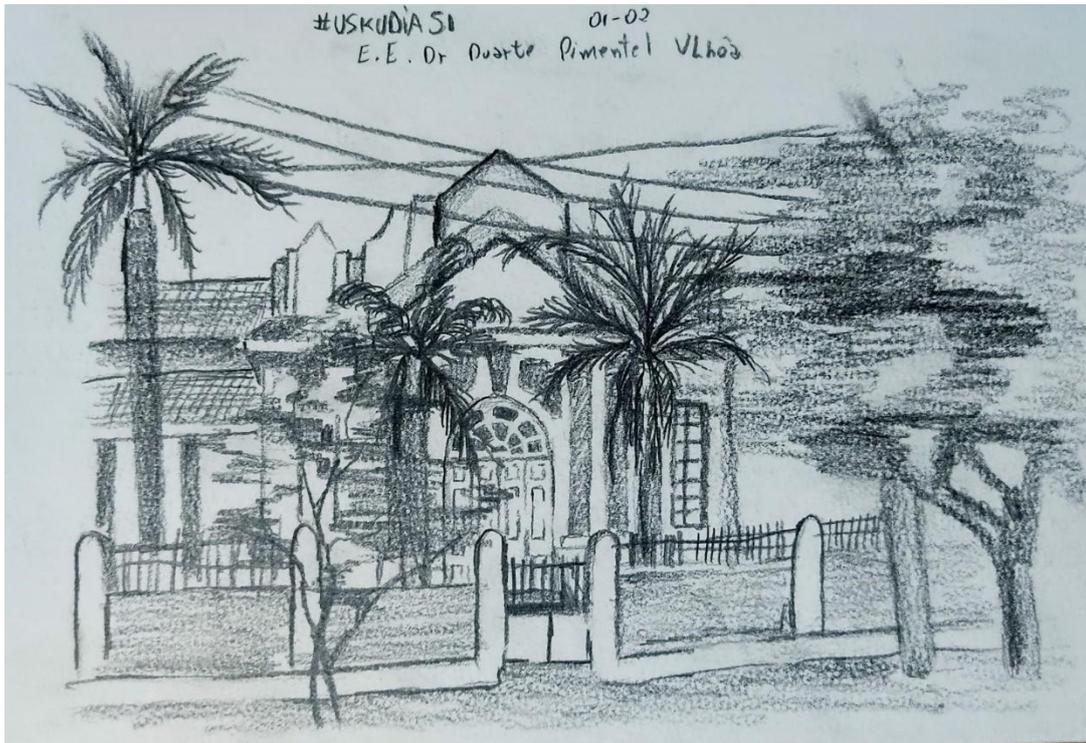
Na terceira tipologia, intitulada *Espaços Educacionais*, foram selecionados os desenhos que remetessem a escolas e instituições de ensino (Figuras 61, 62 e 63), como é o caso de: 1.E. E. Dr. Duarte Pimentel de Uilhôa; 2.E. E. Eneias de Oliveira Guimarães; 3.Vista para Quadra da UFU. Todas as imagens dessa tipologias são em formatos A5. Em *E. E. Dr. Duarte Pimentel de Uilhôa*, o desenho foi realizado com o uso de grafite. A *Vista para Quadra da UFU* foi um encontro à parte, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, na calourada dos estudantes de Artes Visuais em 2020.

Figura 61: Leo Borges, 45º Urban Sketchers Uberlândia: *E. E. Enéas de Oliveira Guimarães* (2019), localizado na Rua XV de Novembro, nº 44 - Fundinho, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 62: Leo Borges, 51º Urban Sketchers Uberlândia: *E. E. Dr. Duarte Pimentel de Uihôa* (2020), localizada na Av. Vasconcelos Costa, nº 78 - Martins, grafite sobre papel



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 63: Leo Borges, Sketch Walk Urban Sketchers Uberlândia | Edição Calourada das Artes-UFU: *Vista para Quadra da UFU* (2020), localizada na Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

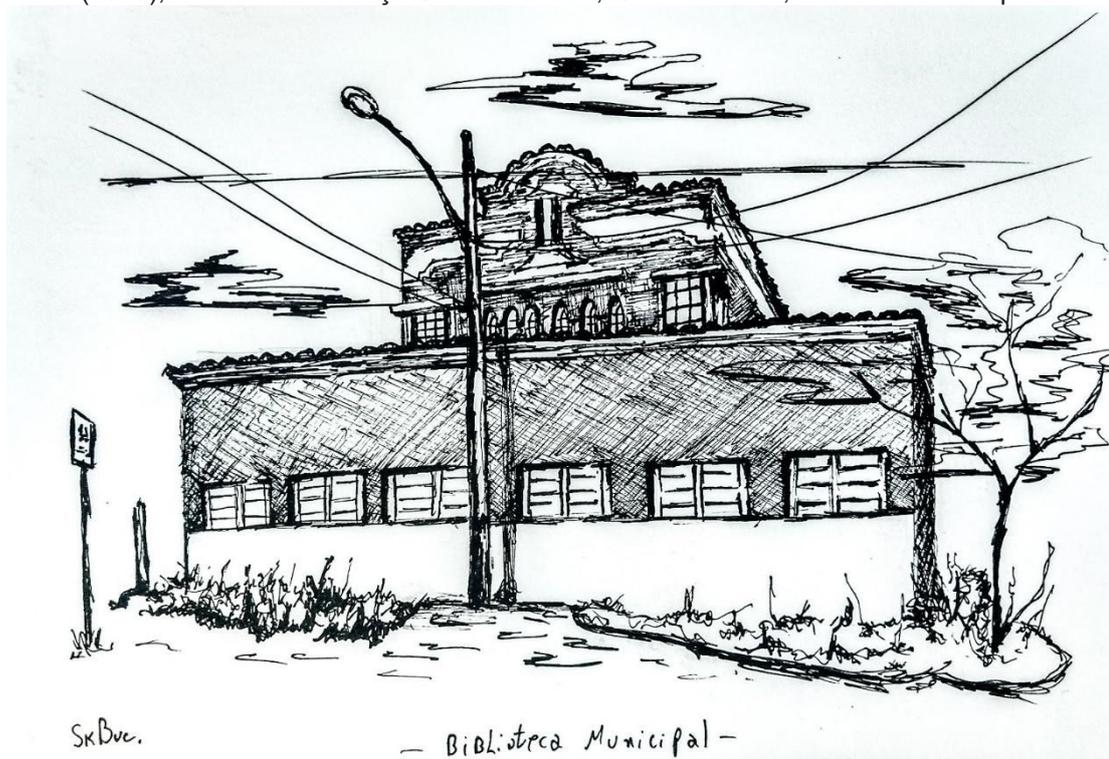
A quarta tipologia, chamada *Espaços Culturais*, contém os desenhos de espaços que têm ou tiveram funções culturais em Uberlândia (Figuras 64 a 68). São eles: 1.Coreto, 2.Antiga Biblioteca Municipal de Uberlândia; 3.Centro Municipal de Cultura de Uberlândia; 4.Estádio Municipal Parque do Sabiá. O desenho do coreto, feito a grafite, é o primeiro registro realizado nas atividades da Usk Udia, sendo o encontro inicial do grupo. Um dado importante é que o desenho da Antiga Biblioteca Municipal de Uberlândia foi realizado em 2018, quando ainda funcionava como biblioteca, e atualmente é uma reserva técnica do Museu Municipal de Uberlândia. Hoje a biblioteca funciona dentro do Centro Municipal de Cultura, lugar este contemplado com dois desenhos dentro dessa tipologia, sendo um feito com nanquim e o outro, com grafite.

Figura 64: Leo Borges, 1º Urban Sketchers Uberlândia: *Coreto* (2017), Praça Clarimundo Carneiro, s/n - Centro, grafite sobre papel



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 65: Leo Borges, 39° Urban Sketchers Uberlândia: *Antiga Biblioteca Municipal de Uberlândia* (2019), localizada na Praça Cícero Macedo, s/n - Fundinho, hachura em nanquim



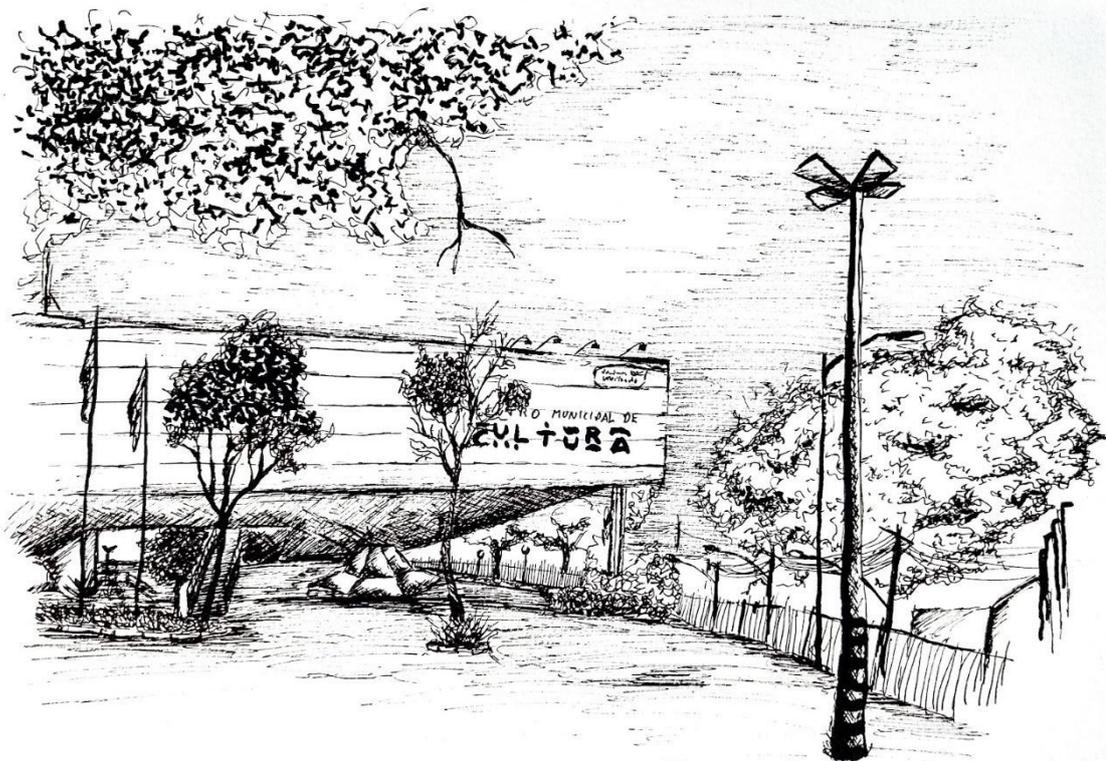
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 66: Leo Borges, 50° Urban Sketchers Uberlândia: *Centro Municipal de Cultura de Uberlândia* (2020), localizado na Praça Coronel Antônio Alves Pereira, s/n - Centro, grafite sobre papel



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 67: Leo Borges, 55° Urban Sketchers Uberlândia: *Centro Municipal de Cultura de Uberlândia*, (2022), localizado na Praça Coronel Antônio Alves Pereira, s/n - Centro, hachura em nanquim



13-03-22 • CENTRO MUNICIPAL DE CULTURA • #USKUDIA • SKBUC

Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 68: Leo Borges, 53° Urban Sketchers Uberlândia: *Estádio Municipal Parque do Sabiá* (2020), localizado na Av. José Roberto Migliorini, s/n - Santa Mônica, hachura em nanquim



53° USK UDIA

ESTÁDIO PARQUE
MUNICIPAL DO SABIÁ

09-03

SKBUC

Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Na quinta tipologia foram reunidos os desenhos que são detalhes dos lugares representados, por isso chamada de *Fragmentos* (Figuras 69 a 73). Nessa tipologia estão: 1. Museu Municipal de Uberlândia; 2. Prédio de Arcos e Tijolos; 3. Casarão da Av. Afonso Pena; 4. Castelinho da Floriano Peixoto; 5. Casa Azul da Rua Bernardo Guimarães. No registro do Museu Municipal de Uberlândia o ângulo de visão contemplou somente um dos cantos do prédio; tentei fazer com mais atenção os detalhes da fachada. Na Casa Azul da Rua Bernardo Guimarães foi desenhado apenas um detalhe que fica no frontão da construção. O Casarão da Av. Afonso Pena, que na verdade se chama Palacete Naghettini, é o único desenho dessa categoria feito no grafite.

Figura 69: Leo Borges, 20° Urban Sketchers Uberlândia: *Museu Municipal de Uberlândia* (2018), localizado na Praça Clarimundo Carneiro, nº 67 - Centro, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 70: Leo Borges, 25º Urban Sketchers Uberlândia: *Prédio de Arcos e Tijolos* (2018), localizado na Av. Engenheiro Diniz, nº 1.178 - Martins, hachura em nanquim



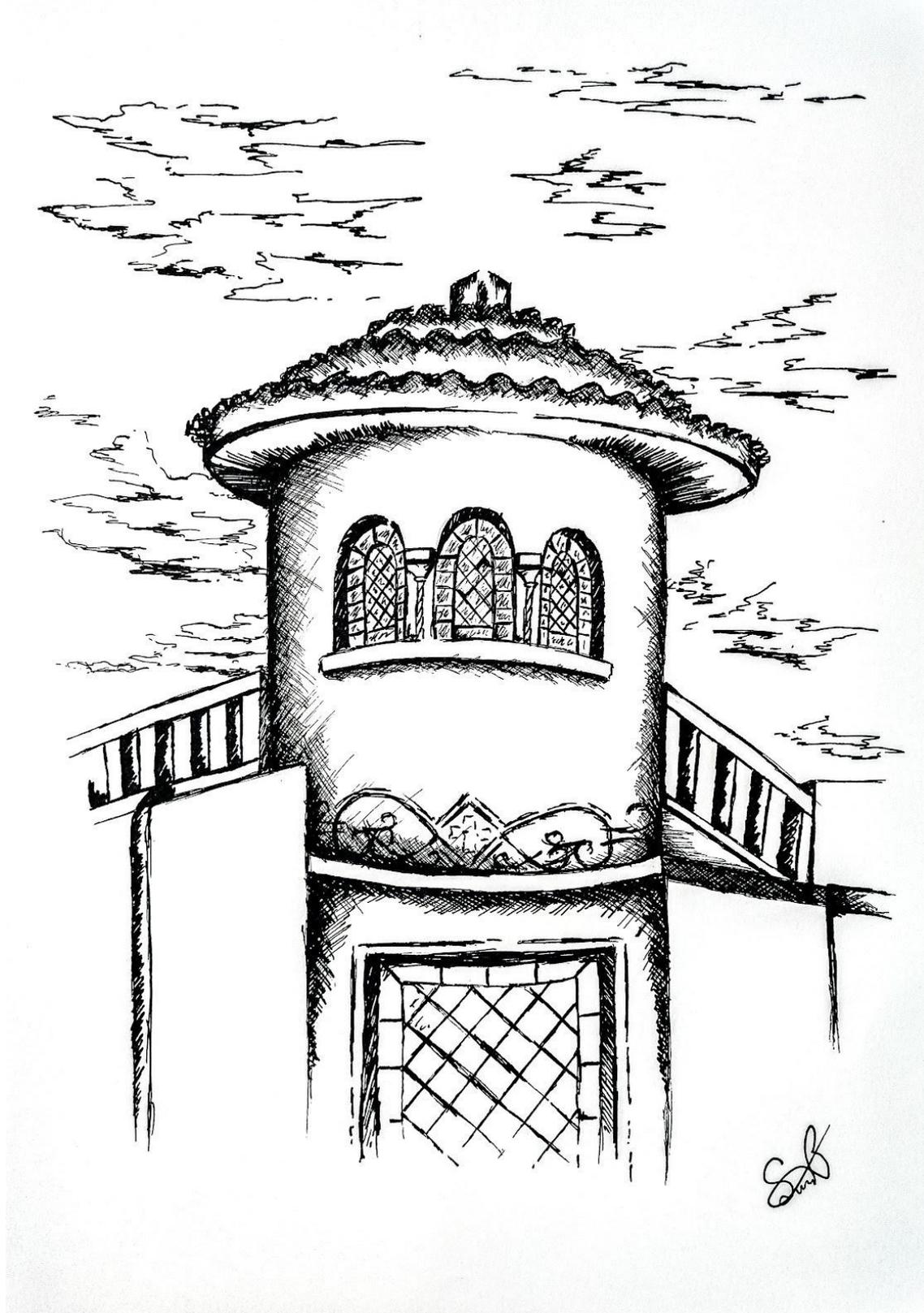
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 71: Leo Borges, 29º Urban Sketchers Uberlândia: *Casarão da Av. Afonso Pena (Palacete Naghettini)* (2018), localizado na Av. Afonso Pena, nº 56 - Centro, grafite sobre papel



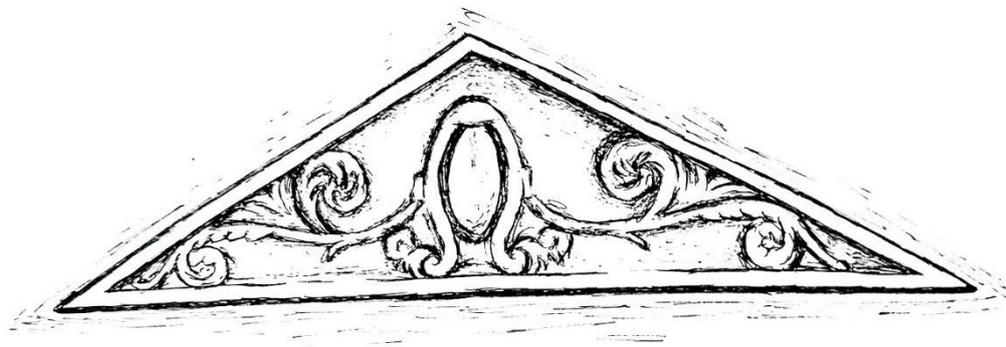
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 72: Leo Borges, 32º Urban Sketchers Uberlândia: *Castelinho da Av. Floriano Peixoto* (2018), localizado na Av. Floriano Peixoto, nº 182 - Centro, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

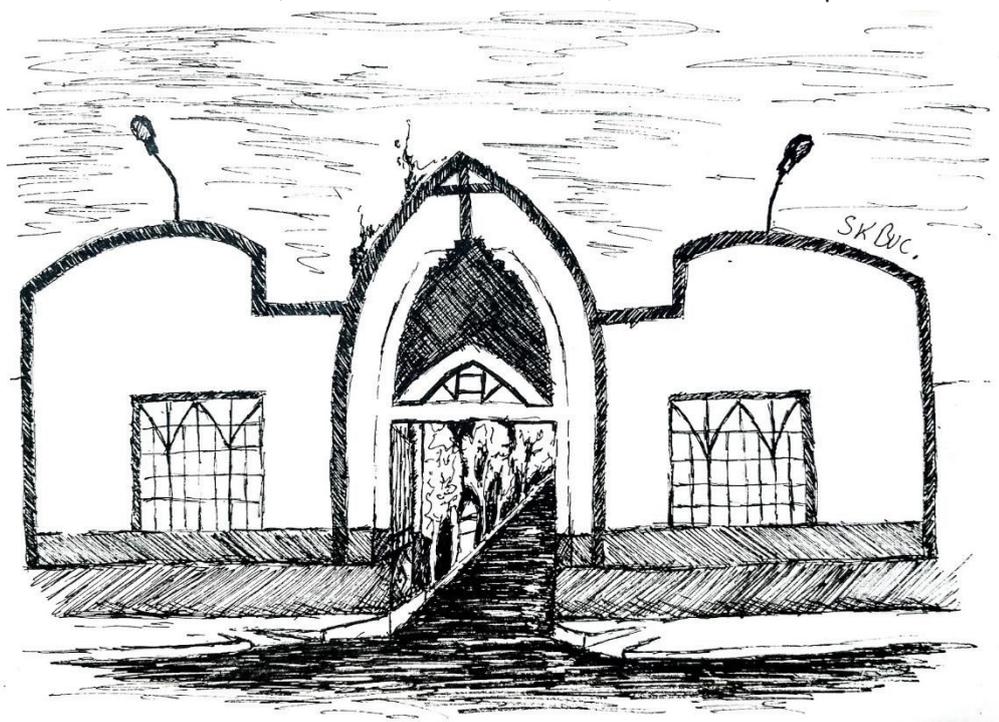
Figura 73: Leo Borges, 35° Urban Sketchers Uberlândia: *Casa Azul da Rua Bernardo Guimarães*, (2018), localizada na Rua Bernardo Guimarães, nº 100 - Centro, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

A última tipologia dessa classe, intitulada *Cemitérios*, contém apenas um desenho, o Cemitério São Pedro (Figura 74). O desenho foi realizado a nanquim e em tamanho A5, sendo representada a sua portaria.

Figura 74: Leo Borges, 46° Urban Sketchers Uberlândia: *Cemitério São Pedro* (2019), localizado na Av. Paes Leme, nº 855 - Osvaldo Resende, hachura em nanquim



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Podemos observar alguns elementos recorrentes em quase todos os desenhos, como o uso de um mesmo traço para simular nuvens e a vegetação. A hachura ora parece padronizada, ora é feita de forma totalmente descompassada, buscando apenas gerar um volume através do rabisco constante da área. Sobre esses desenhos também, todos os lugares aparecem de forma isolada, sendo a vegetação o único detalhe que acompanha a arquitetura, não tendo representado os espaços do entorno do local.

3.2.2 Classe 02: *O Livro do Tombo*

A segunda classe destina-se à parte dos desenhos produzidos no ano de 2022, no intento de atingir camadas mais profundas de intimidade com a cidade, buscando localizar lugares em Uberlândia que promovessem mais afeto, pertencimento e intimidade ao meu percurso individual. Arquivar o próprio eu e tombar lugares como espaços importantes através da atividade do desenho é encontrar meios de me inscrever no tempo, de poder complementar ou refutar histórias. São novas formas de se existir em outro plano. Os desenhos dessa classe foram organizados em diário gráfico que irá funcionar de forma análoga a um livro de tombo, composto de 14 folhas em dimensões de 29,5x29,5 cm. Neste, diferentemente dos demais diários gráficos que irão armazenar os desenhos em caixas, escolhi preservar as formas tradicionais de um livro, bem como manter a capa, o elemento da paginação e a sequencialidade. A produção das páginas foi realizada de acordo com referências diretas a um livro oficial de tombo. Cada folha se comporta como uma inscrição de um tombo, contendo primeiramente o desenho de locação e, no verso, informações textuais e fotografias sobre o local representado. As fotos que estão nas fichas de tombo foram realizadas como forma de documentar os espaços nesta época. Todas essas informações que vêm no verso são agregadas através de colagens das imagens e textos escritos à mão.

Nas primeiras páginas do livro está um texto redigido por mim, justificando a existência e a criação deste livro de tombamento (Figura 75). Alguns dos elementos que compõem o arcabouço textual das fichas foram extraídos de referências da estrutura de um livro de tombo original e agregados outros tipos de informações que interessam para esta pesquisa. A fim de aprender sobre tal estrutura, consulte os livros de tombamento da cidade de Uberlândia para conhecimento da forma e da

metodologia como tais livros foram feitos. Não foi possível registrar fotos do livro original, no entanto, fiz anotações da estrutura do livro, como demonstrado na Figura 76.

Figura 75: Foto da Ata de abertura do Livro do Tombo (2022)

ESTE LIVRO BUSCA CUMPRIR AS FUNÇÕES DE TOMBAR E PRESERVAR LUGARES QUE GUARDAM MEMÓRIAS DE LEO BORGES.

SÃO LUGARES REGISTRADOS EM DESENHOS DE LOCAÇÃO QUE RETRATAM LOCAIS IMPORTANTES PARA ESTE ARTISTA, LOCALIZADO EM REGIÕES PERIFÉRICAS DA CIDADE DE UBERLÂNDIA - MG/BRASIL.

TAMBÉM CABE À ESTE LIVRO SER PARTE INTEGRANTE DO ARQUIVO PESSOAL DO ARTISTA, ARMAZENANDO E ORGANIZANDO OS DESENHOS.

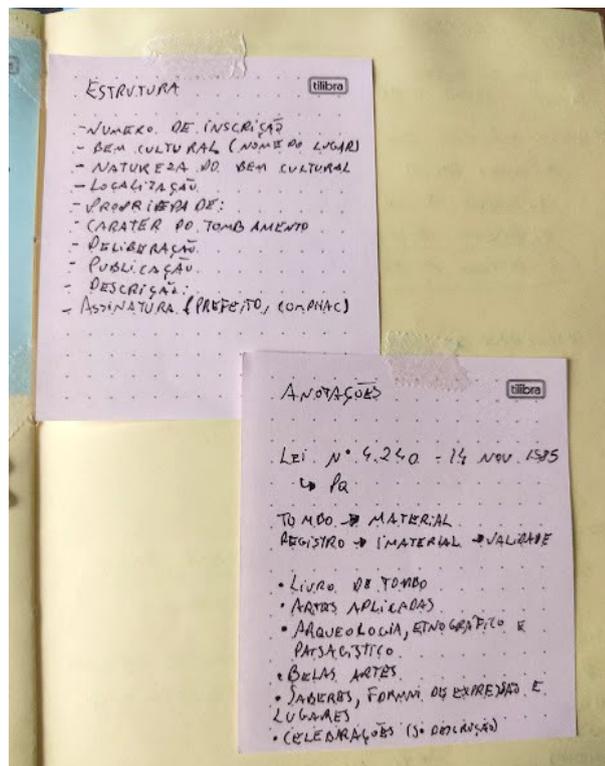
OBJETIVA-SE AQUI, DE FORMA ANALOGA AOS LIVROS DE TOMBO OFICIAIS, CRIAR MEUS PRÓPRIOS TOMBAMENTOS COMO UMA PRÁTICA DO ARQUIVAMENTO DE SI E A CONTRIBUIR PARA A MEMÓRIA HISTÓRICA DE MINHA CIDADE.



UBERLÂNDIA, 19 DE OUTUBRO DE 2022

Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 76: Anotações sobre detalhes e estruturas dos livros de tomo e livros de registros da cidade de Uberlândia-MG



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

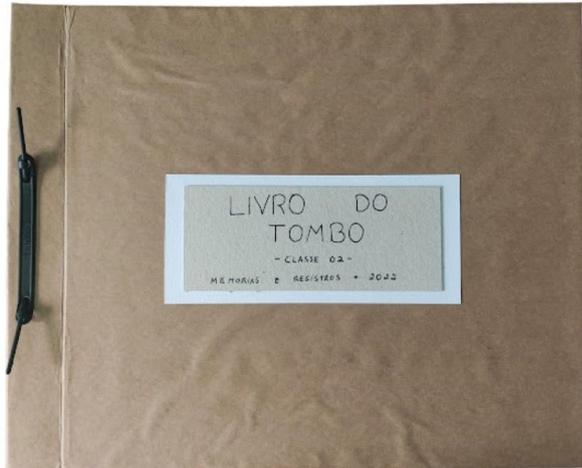
Cada uma das fichas de tombo que compõem essa classe traz o desenho, o lugar e o número de registro. No verso de cada ficha há uma foto com as seguintes informações:

1. natureza do bem tombado;
2. localização;
3. propriedade;
4. data de realização do desenho de locação;
5. memorial descritivo.

Dentre essas informações, é importante colocar que o “memorial descritivo” não é aquele documento de registro em cartório contendo as informações do imóvel. O memorial descritivo que se inscreve neste livro de tombo é o relato da minha memória sobre determinado lugar, tanto no fazer dos desenhos, como os que recupero em minha experiência de vida. Trago também lembranças inspiradas em conversas com terceiros, que passaram a ter uma história dentro de mim, acompanhando minha vida e meus encontros e embates com a cidade. Descrever minhas memórias me permite, de uma forma mais coloquial, contar minhas impressões sobre os lugares a partir de minha visão. Sendo assim, não me preocupei em trazer dados históricos a esse livro, pois, sendo os meus tombos, quis trazer uma perspectiva só de memória e encontro com a paisagem.

A capa que envolve o livro foi confeccionada com papel paraná encapado com papel kraft, tendo uma desenvoltura semelhante a um lbun de fotografias (Figura 77). Todos os desenhos foram feitos ao ar livre e *in loco*, permitindo um contato direto com o lugar, na construção dos desenhos. Nas intenoes de construção desse livro, busco constituir uma imagem íntima entre cidadão e cidade, levando uma intenção autobiográfica. Procuro compartilhar camadas mais subjetivas da minha memória enquanto uberlandense, através dos desenhos de locação.

Figura 77: Foto de *A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo* (2022), diário gráfico, 31x38 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Dentre as 12 imagens que compõem este livro, podem-se identificar as tipologias dos desenhos que se juntam e formam pequenos agrupamentos, podendo ser aproximados por tipos arquitetônicos, funções ou em razão de minhas memórias. São 4 tipologias de 3 desenhos em sequência, organizados pela paginação do livro. A ordem foi deliberada após a realização de todos os desenhos e feita uma análise de correlação entre eles.

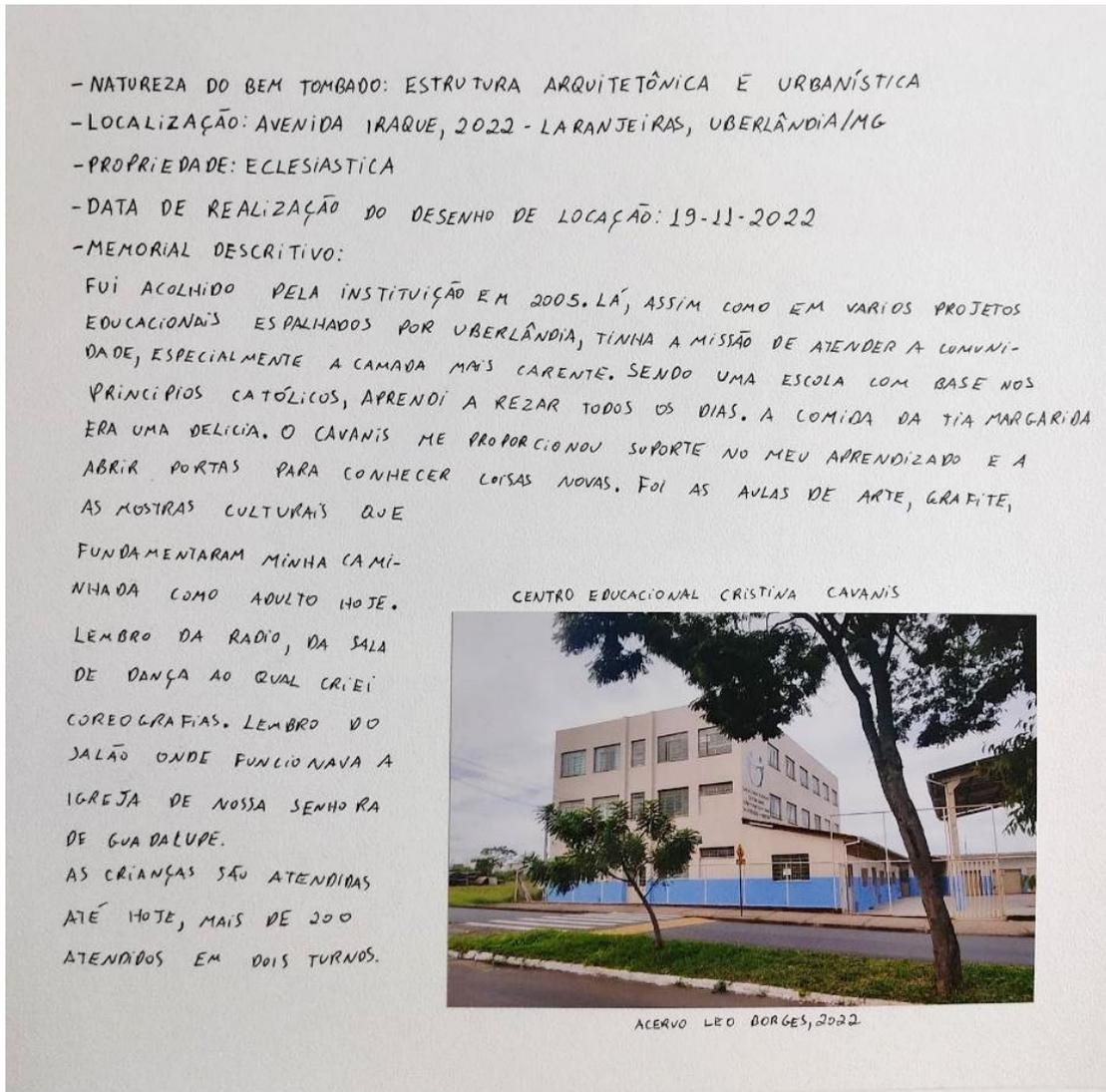
O primeiro grupo chamado de *Fase Escolar* trata sobre minhas memórias da escola e também um retorno a estes locais como arte-educadora (Figuras 78 a 83). Busquei retratar instituições e escolas em que estudei, sendo eles: 1. Centro Educacional Cristina Cavanis; 2. Escola Municipal Professora Olga del Fávero - Caic Laranjeiras; 3. Escola Estadual Professor Inácio Castilho.

Figura 78: Foto 1 do Registro nº1 - Centro Educacional Cristina Cavanis em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



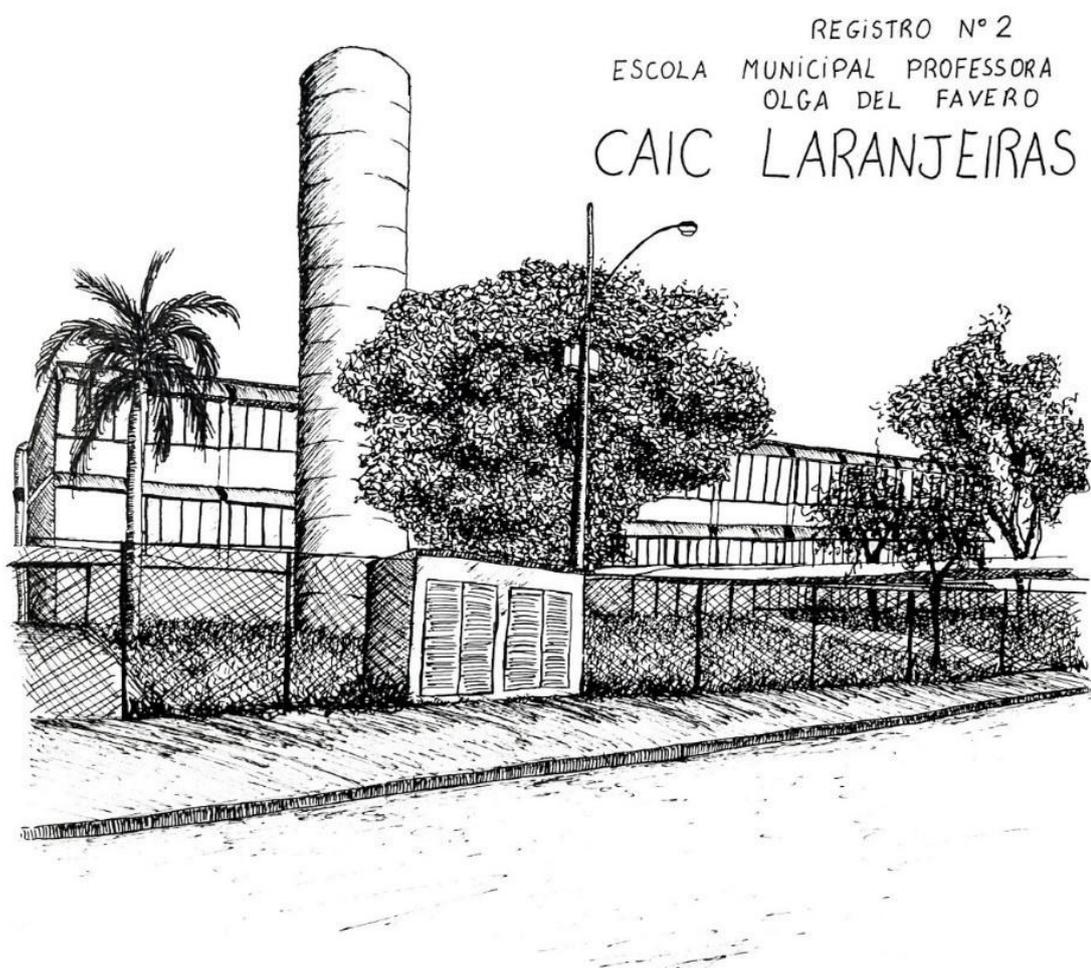
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 79: Foto 2 do Registro nº1 - Centro Educacional Cristina Cavanis em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



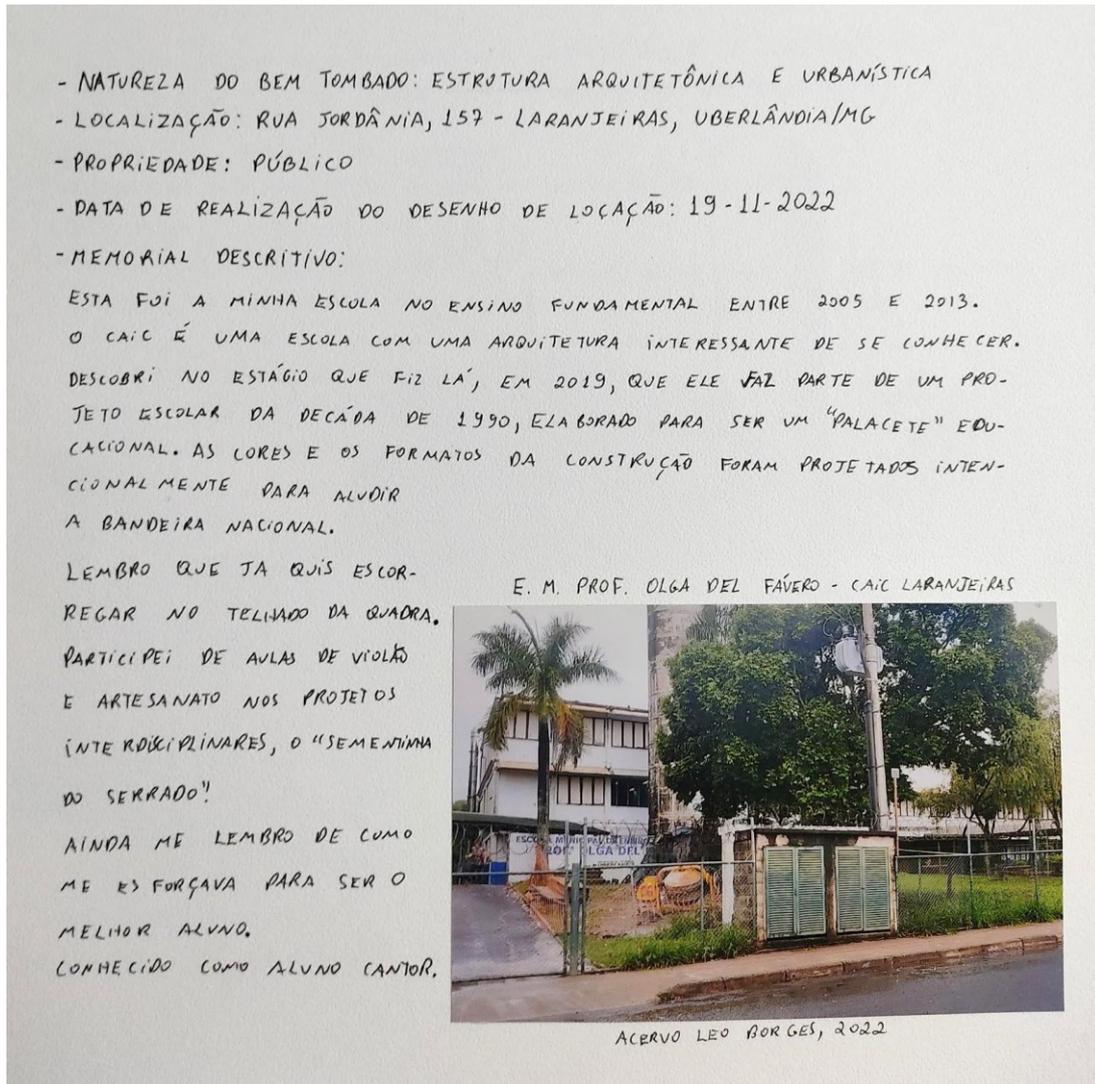
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 80: Foto 1 do Registro nº 2 - E. M. Professora Olga Del Fávero Caic Laranjeiras em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 81: Foto 2 do Registro nº 2 - E. M. Professora Olga Del Fávero Caic Laranjeiras em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



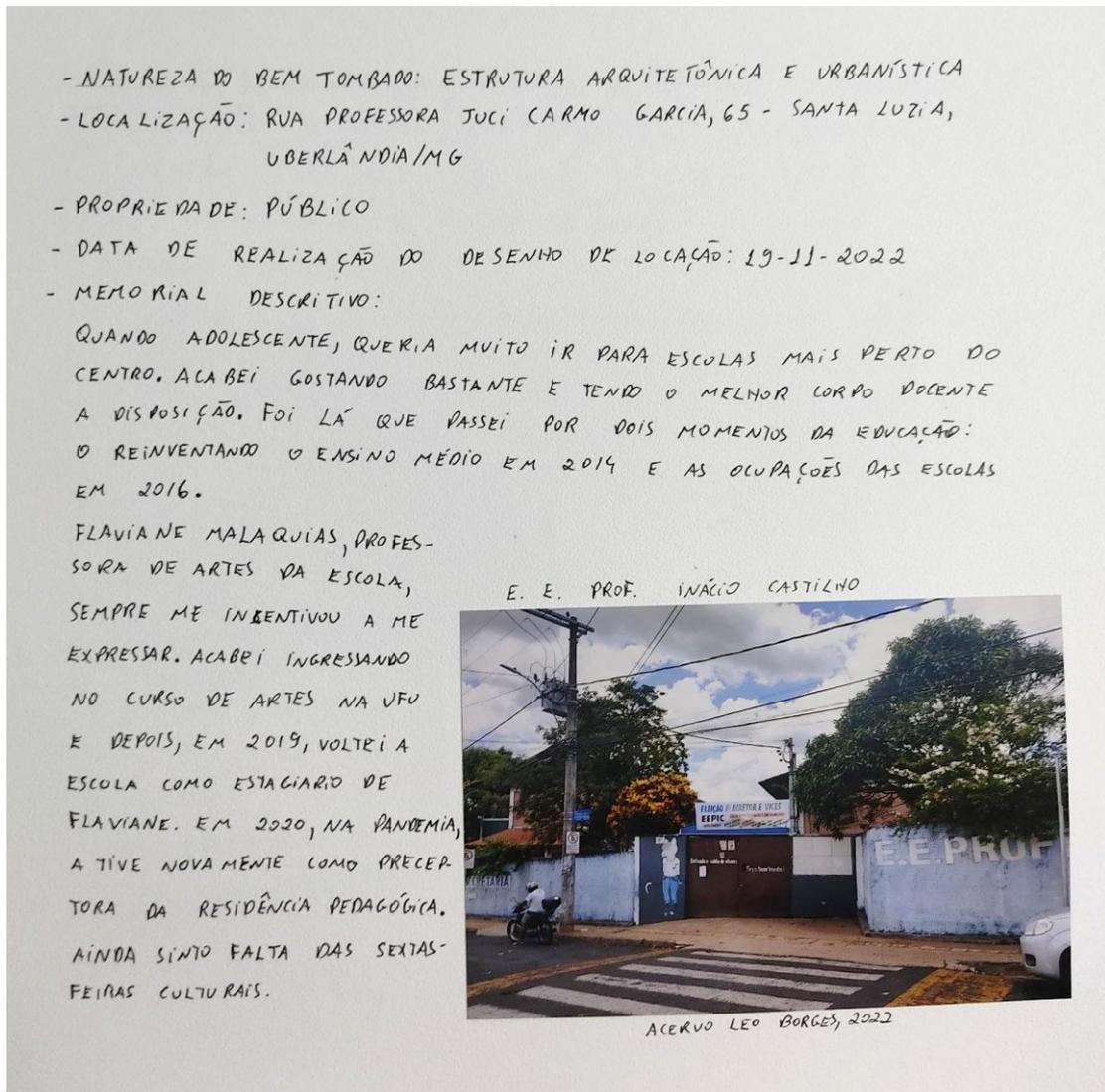
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 82: Foto 1 do Registro nº 3 - E. E. Professor Inácio Castilho em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023)..

Figura 83: Foto 2 do Registro n° 3 - E. E. Professor Inácio Castilho em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

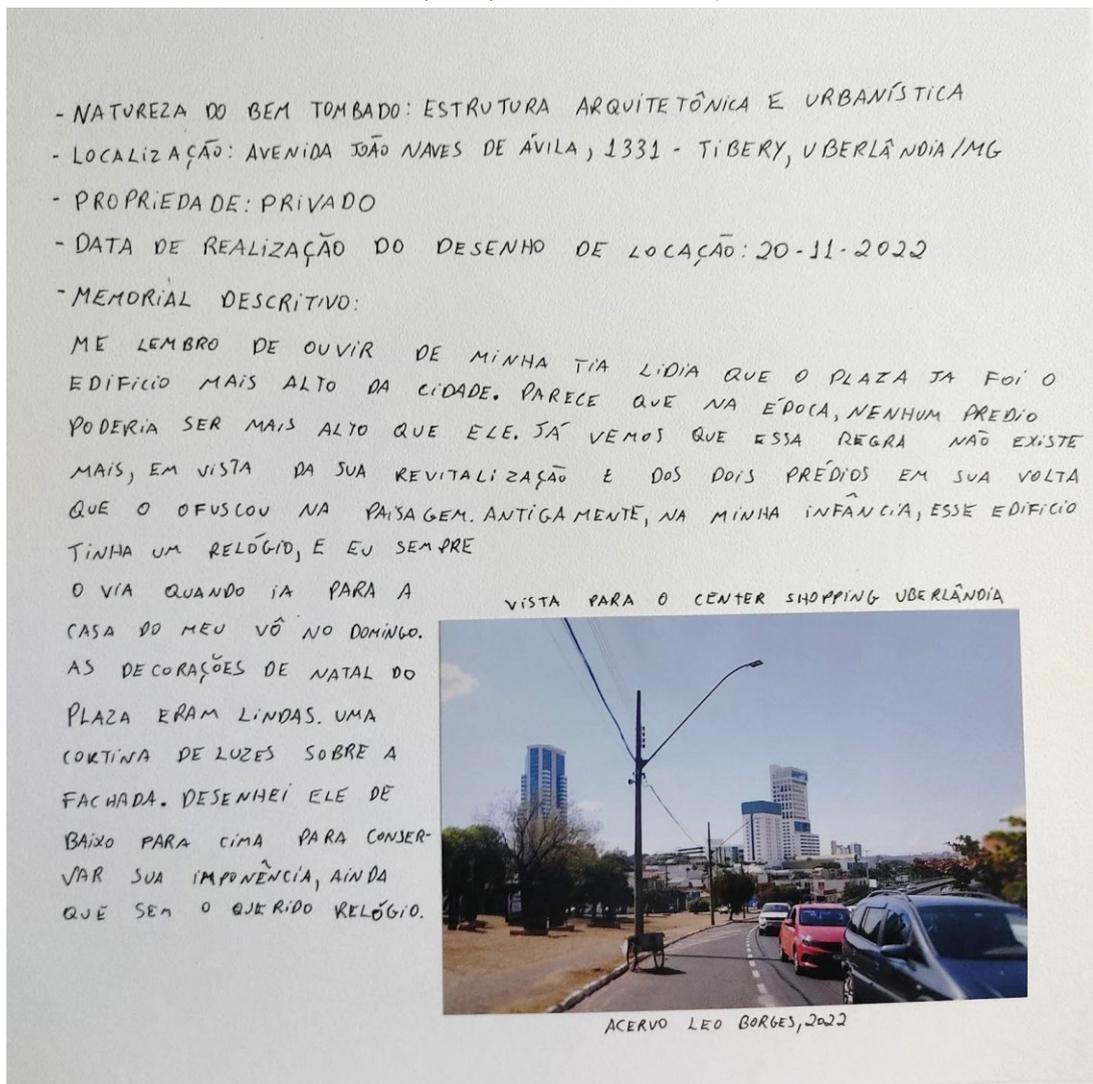
A segunda tipologia, chamada de *Lembranças Familiares*, une três lugares com funções distintas que remetem a lembranças de infância sobre minha família, seja de passeios, seja da casa de meu avô ou o lugar onde minha tia Lídia Cruz trabalhava (Figuras 84 a 89). Estes lugares são: 1. Mercure Plaza Center Shopping; 2. Casa Cruzeiro; 3. Camelódromo Municipal.

Figura 84: Foto 1 do Registro n° 4 - *Mercure Plaza Center Shopping em A CASA DO TOMBO* - Livro 2: *O Livro do Tombo* (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023)..

Figura 85: Foto 2 do Registro nº 4 - Mercure Plaza Center Shopping em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



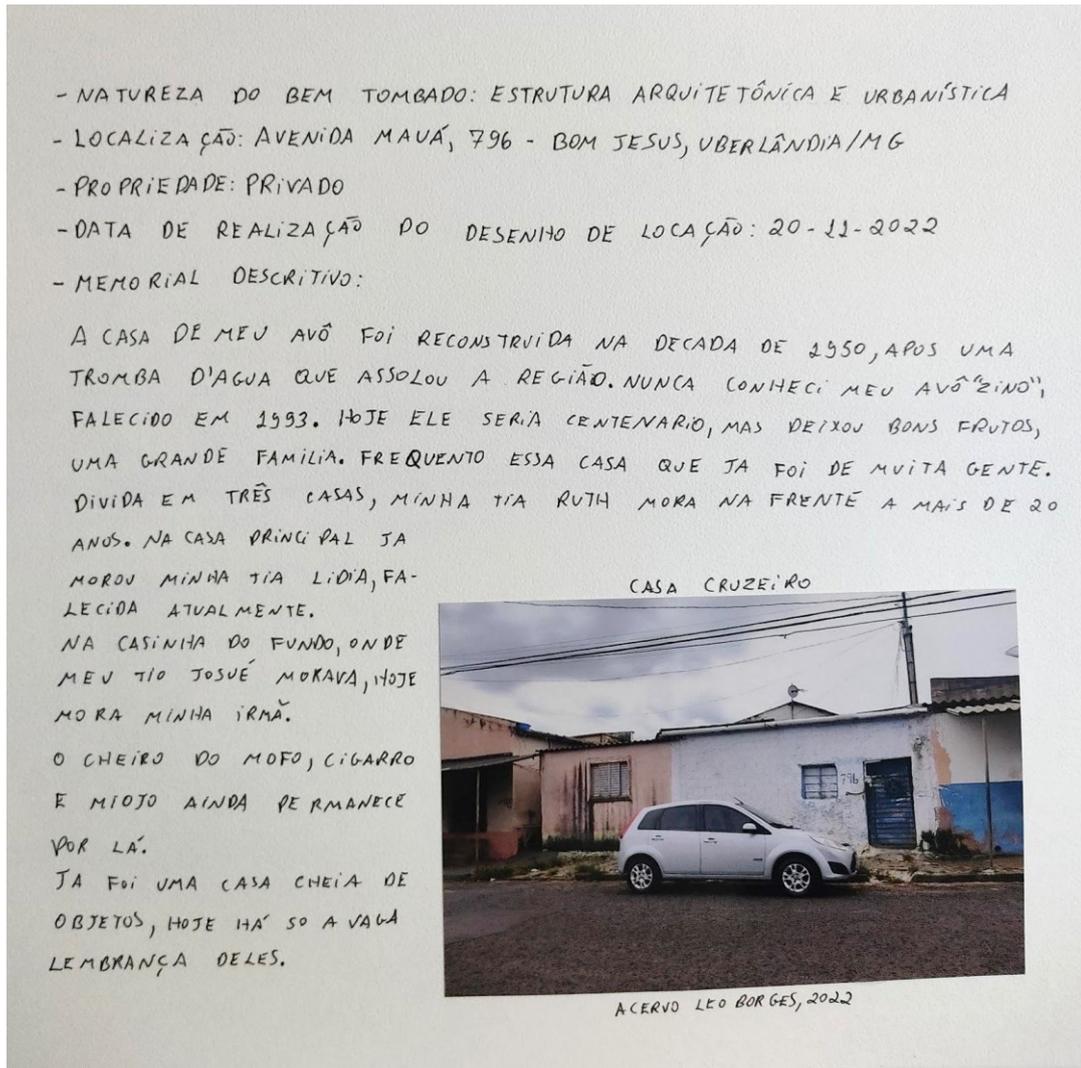
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 86: Foto 1 do Registro n° 5 - Casa Cruzeiro em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 87: Foto 2 do Registro nº 5 - Casa Cruzeiro em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



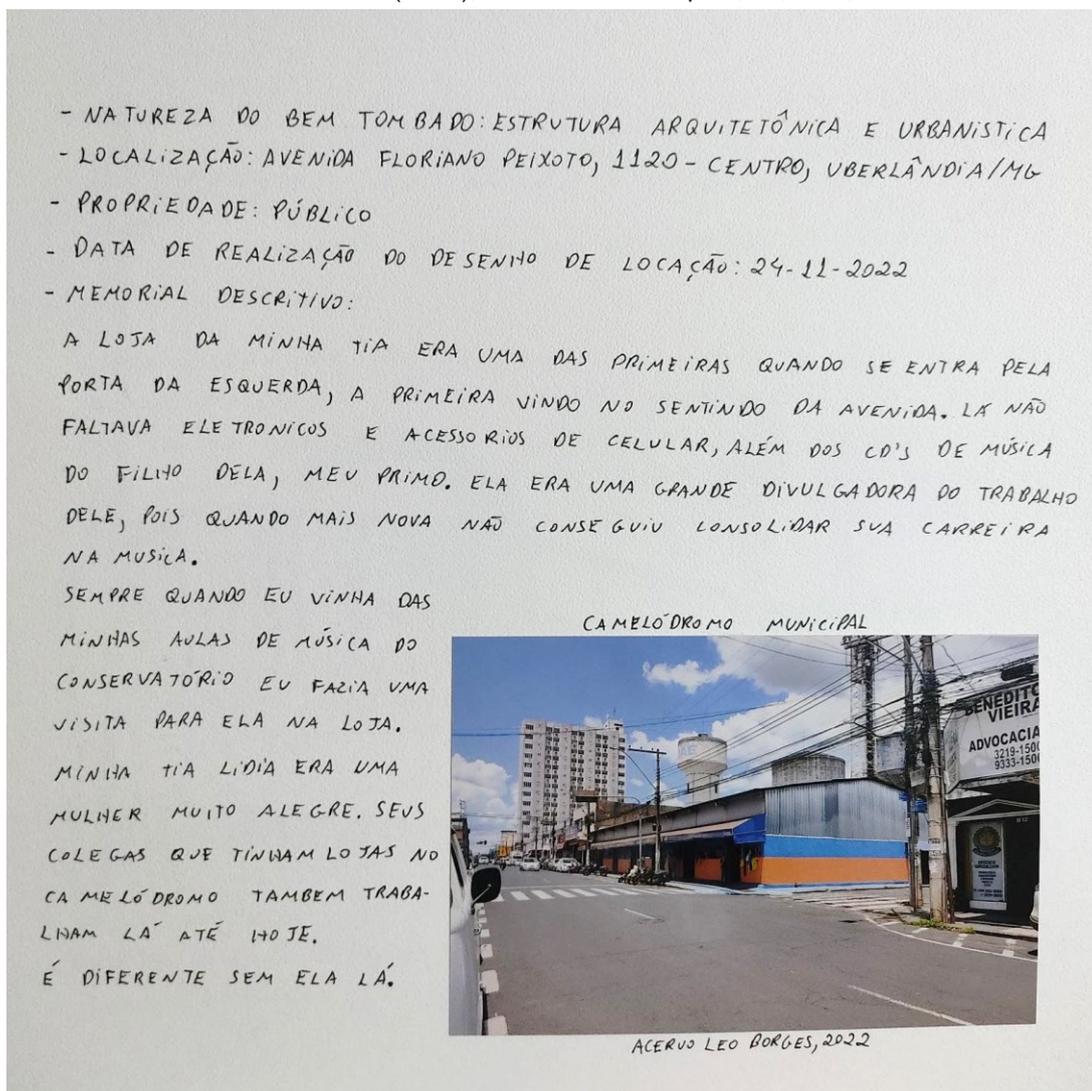
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 88: Foto 1 do Registro nº 6 - Camelódromo Municipal em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 89: Foto 2 do Registro nº 6 - Camelódromo Municipal em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

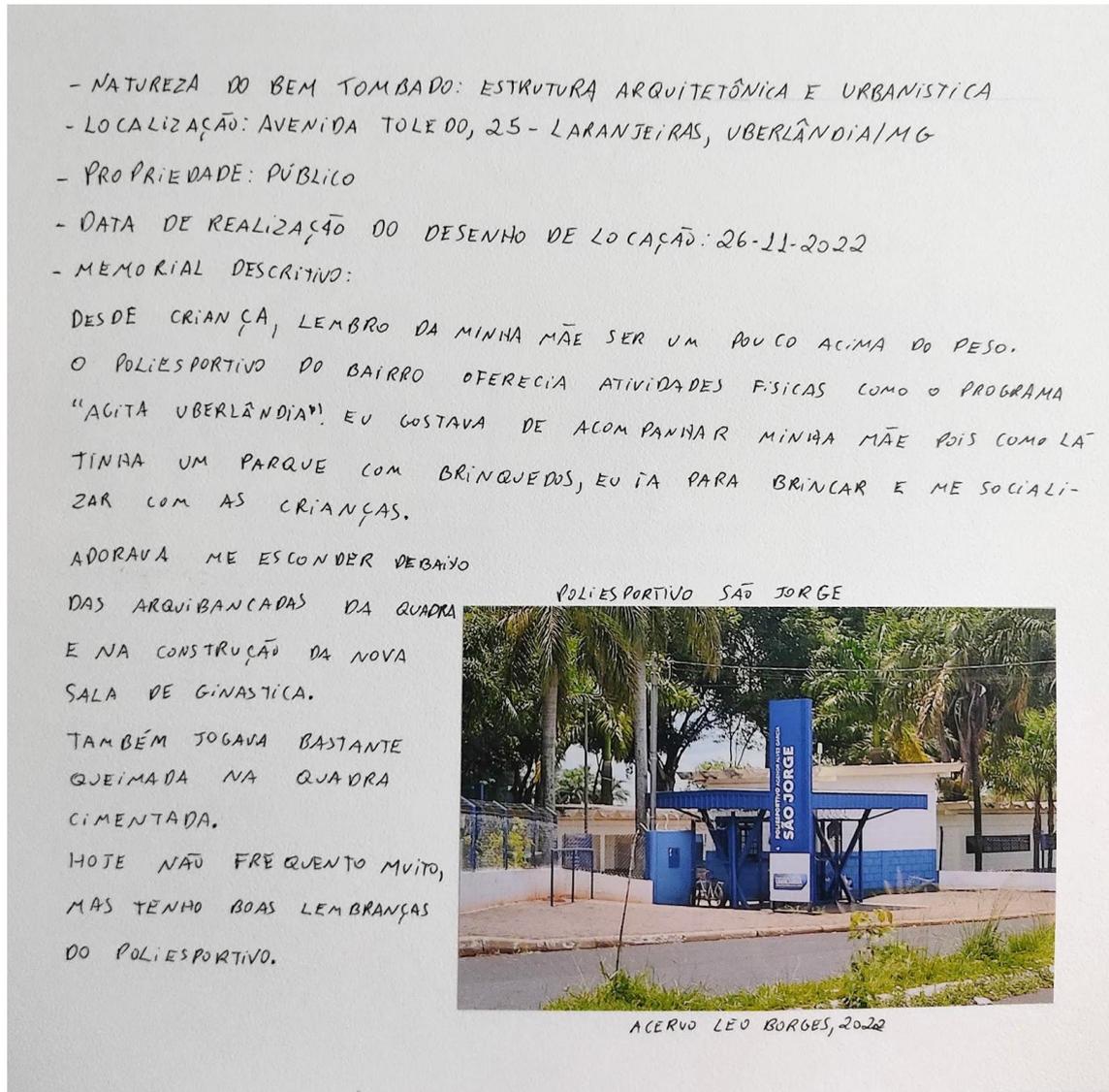
Já a terceira tipologia, *Esporte e Lazer*, é composta de parques e espaços de natureza, os quais constituem uma herança de meu pai, que foi e é atleta de rua até os dias atuais, trazendo memórias de corridas e atividades físicas (Figuras 90 a 95). Os lugares desse grupo são: 1. Poliesportivo São Jorge; 2. Parque do Sabiá; 3. Parque Santa Luzia.

Figura 90: Foto 1 do Registro nº 7 - Poliesportivo São Jorge em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 91: Foto 2 do Registro nº 7 - Poliesportivo São Jorge em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



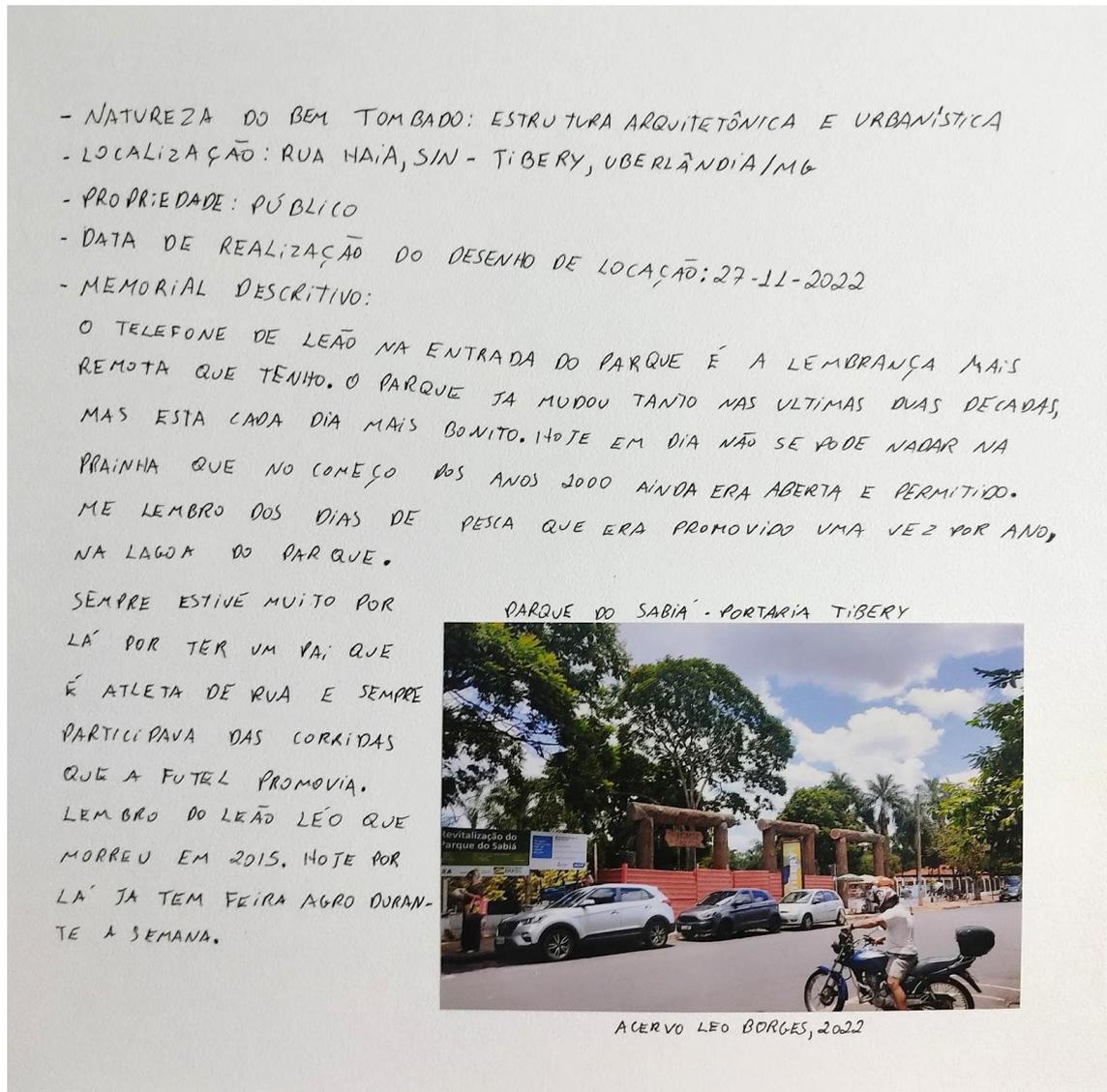
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 92: Foto 1 do Registro nº 8 - Parque do Sabiá em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 93: Foto 2 do Registro nº 8 - Parque do Sabiá em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



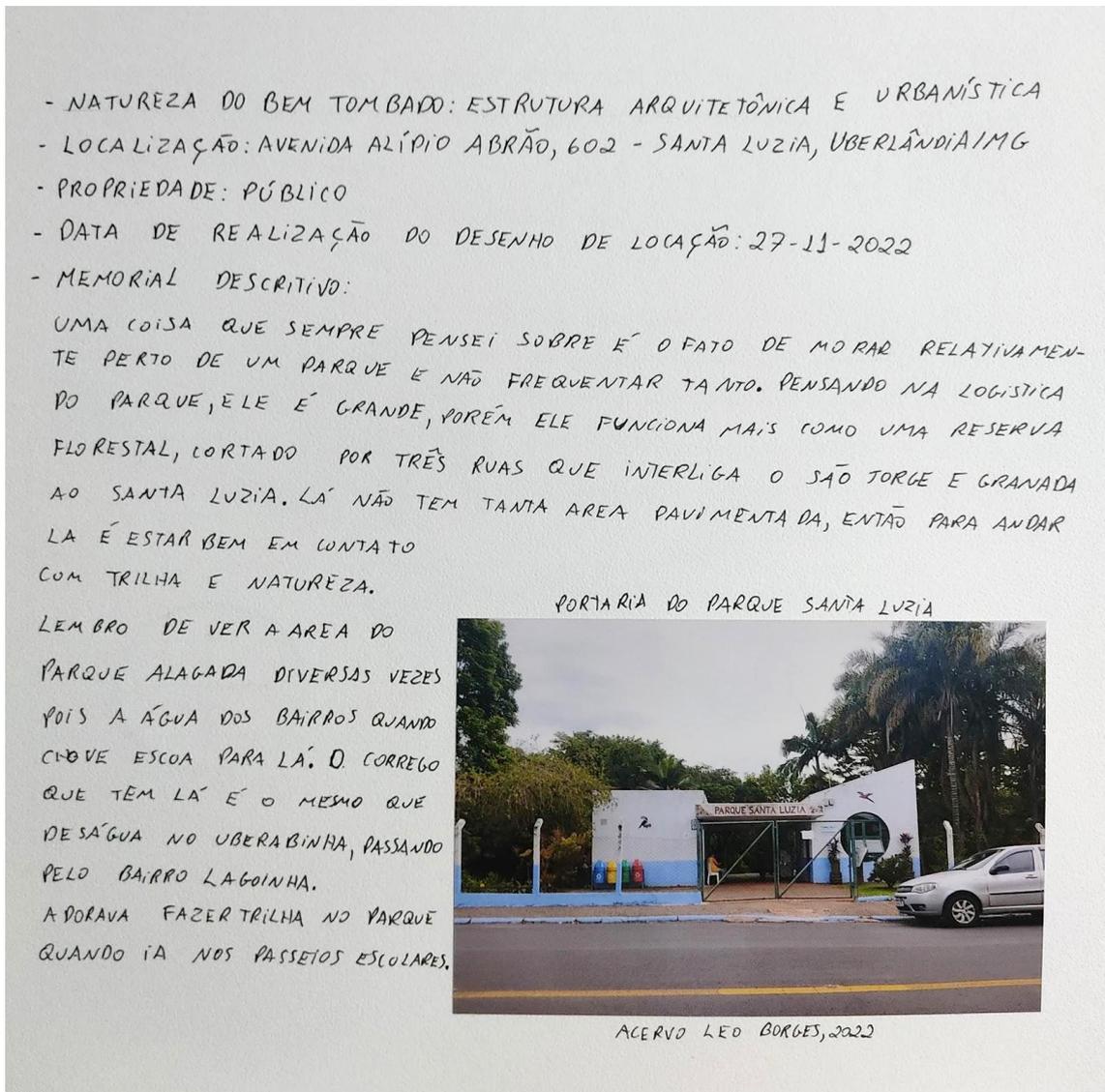
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 94: Foto 1 do Registro nº 9 - Parque do Santa Luzia em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 95: Foto 2 do Registro n° 9 - Parque do Santa Luzia em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

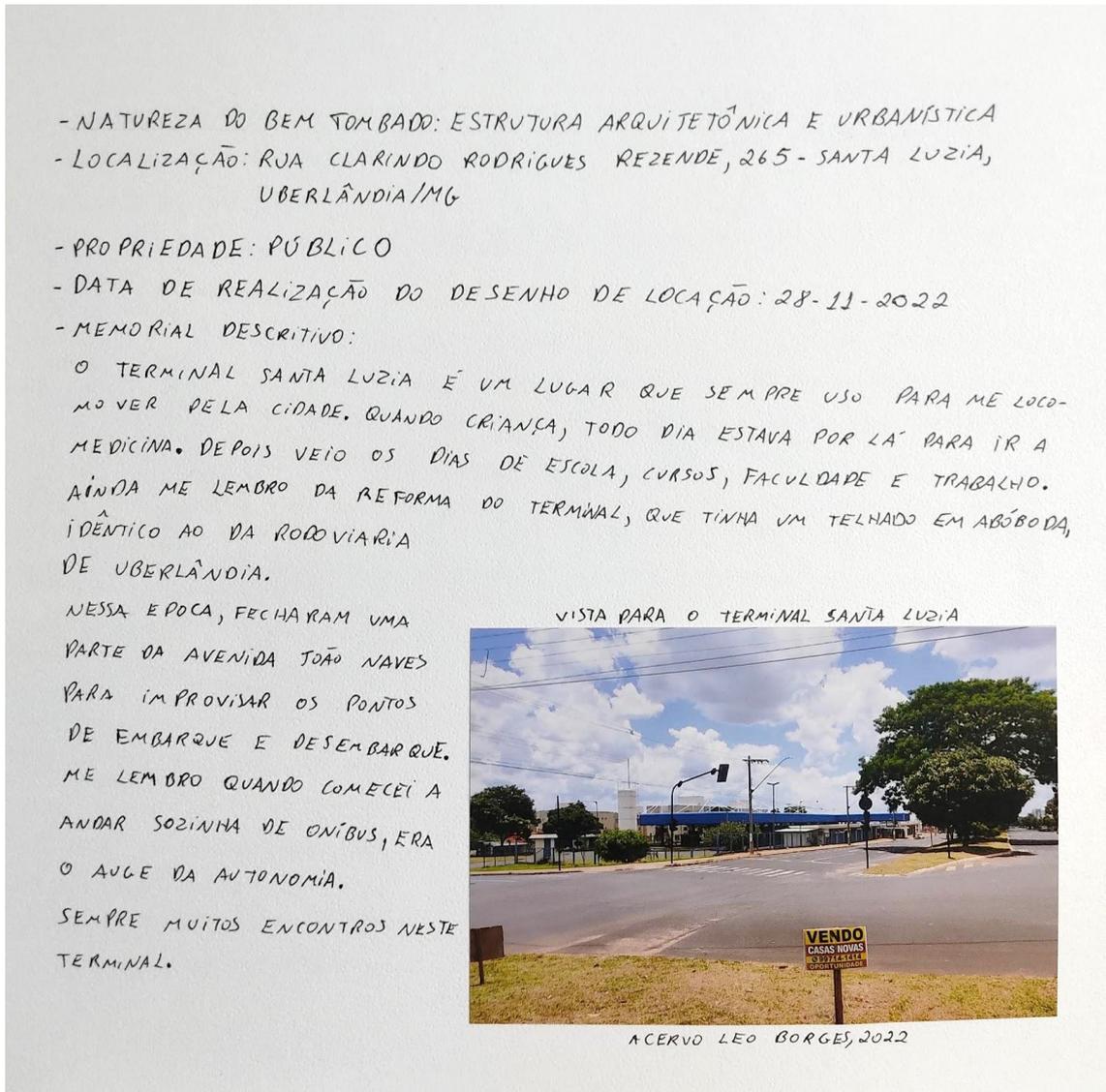
Por último, chamo esta tipologia de *Fabricando Identidades*, pois trago mais três lugares que dizem sobre minha adolescência, a descoberta da autonomia e o desejo de fabricar identidades (Figuras 96 a 101). Dentre esses desenhos, estão representados: 1. Terminal Santa Luzia; 2. Parque de Exposições Camaru; 3. Cemitério São Pedro.

Figura 96: Foto 1 do Registro n° 10 - Terminal Santa Luzia em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



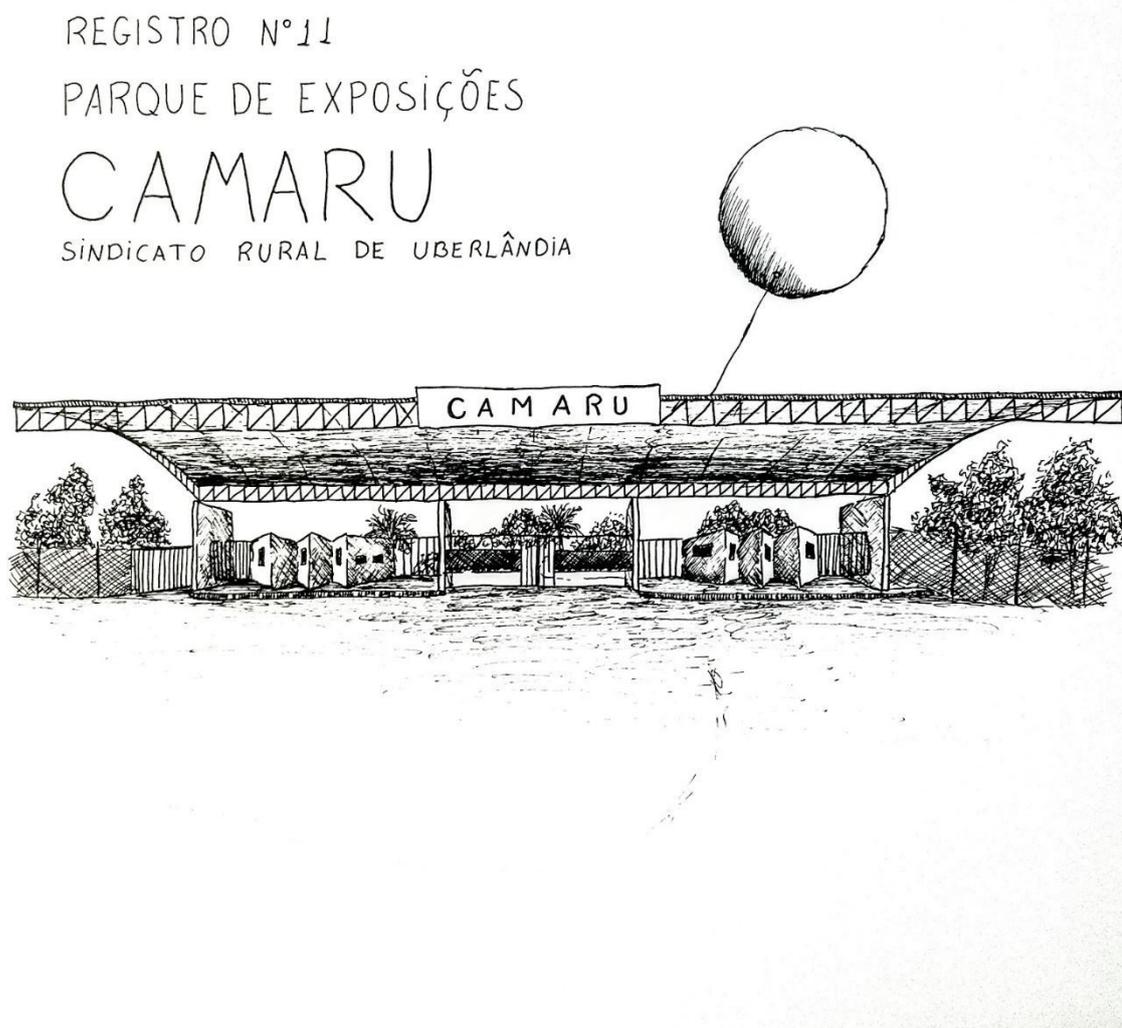
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges 2023

Figura 97: Foto 2 do Registro nº 10 - Terminal Santa Luzia em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



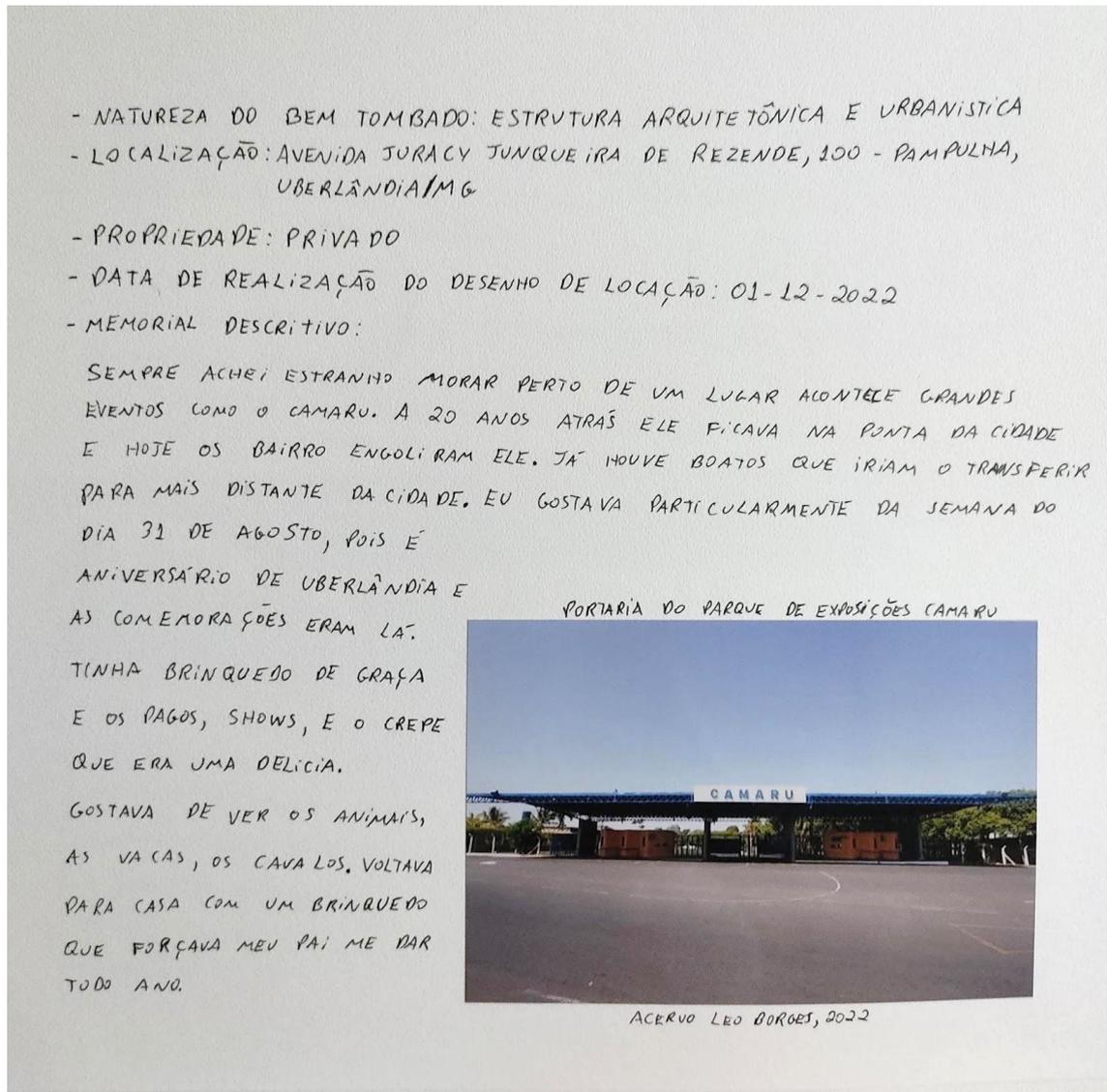
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 98: Foto 1 do Registro nº 11 - Parque de Exposições Camaru em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



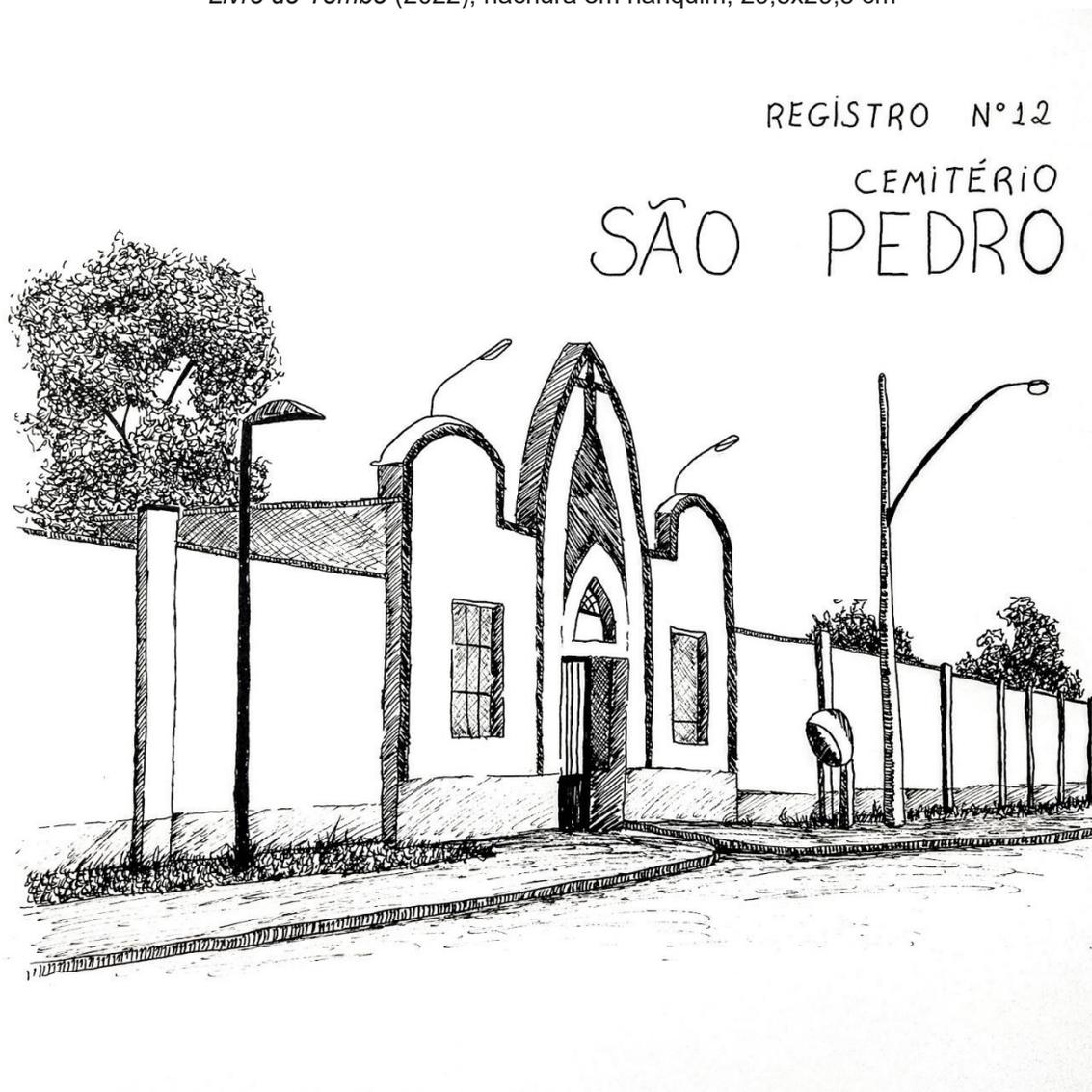
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 99: Foto 2 do Registro n° 11 - Parque de Exposições Camaru em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



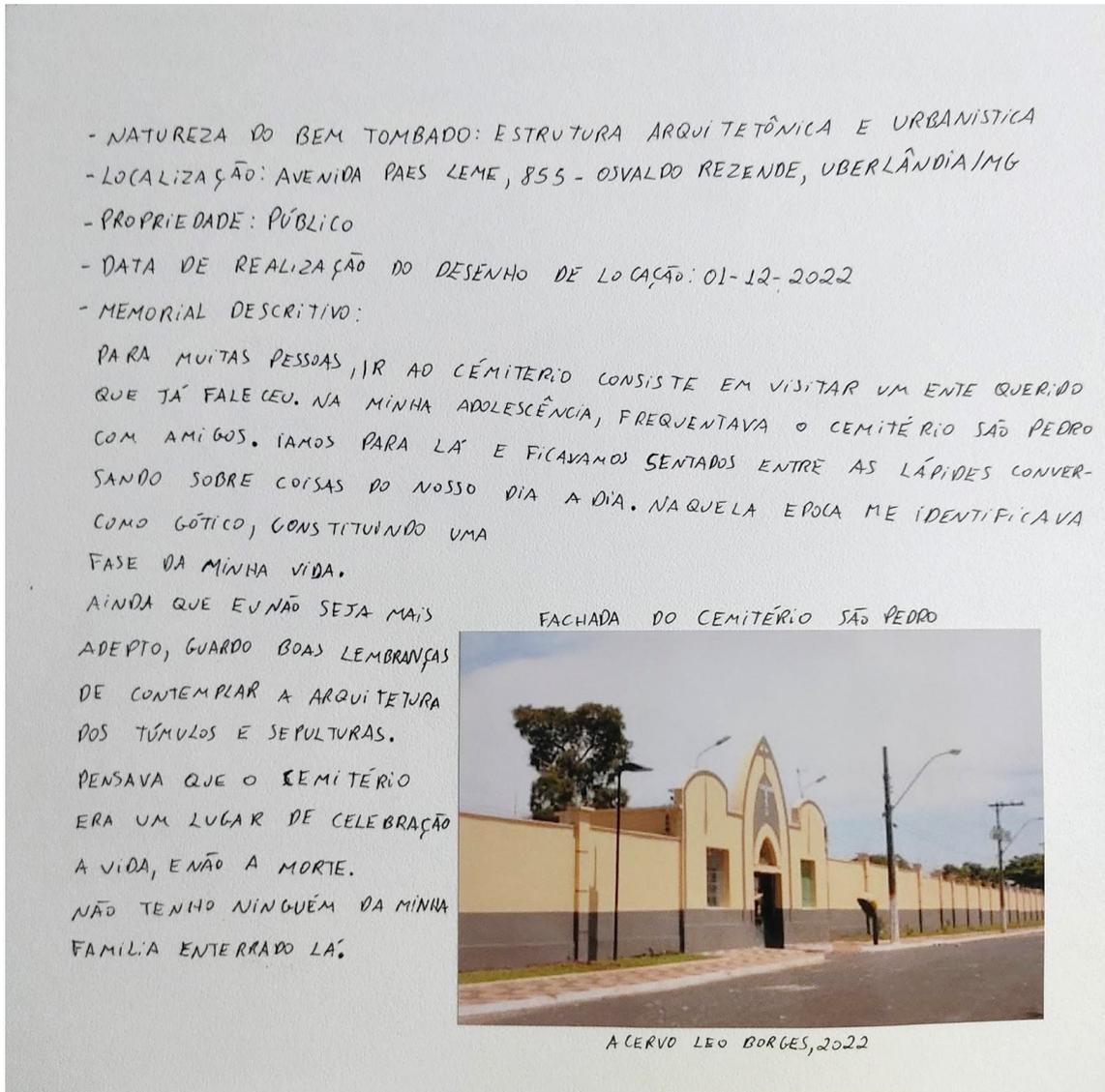
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 100: Foto 1 do Registro nº 12 - Cemitério São Pedro em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 101: Foto 2 do Registro nº 12 - Cemitério São Pedro em A CASA DO TOMBO - Livro 2: O Livro do Tombo (2022), hachura em nanquim, 29,5x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Dos livros que estão sendo apresentados, para mim, este é o que possivelmente apresenta mais reservas poéticas, pois tenho memórias significativas sobre esses lugares. Desde o desenho até a escrita, tudo foi feito usando a caneta técnica nanquim. Diferentemente da primeira classe deste arquivo, na qual os trabalhos foram literais quanto a ser um desenho de cada vez, sendo cada um único em tamanho, perspectiva e uso de técnicas e materiais diferentes; o livro do tomo mantém uma unicidade entre os desenhos. Embora tenham também sido feitos um por vez e com perspectivas diferentes, eles apresentam uma unidade, algo que diz

também sobre uma pequena evolução do desenho, de como eram feitos antes, e como passaram a ser feitos cinco anos depois.

3.2.3 Classe 03: *Registros da Cidade Histórica - Uberlândia*

A terceira e última classe deste arquivo deriva de um reencontro com a cidade de Uberlândia, contendo os desenhos realizados em 2022, numa segunda visita a locais já registrados em eventos da USk Udia. Esses desenhos, diferentemente da diversidade de registros da USk, não foram somente dos patrimônios históricos culturais de Uberlândia, dando atenção tanto a lugares já tombados, quanto aos que estão em processo de tombamento. Produzir tais desenhos proporcionou olhar com mais atenção esses locais e conhecer melhor suas histórias, levando em conta a queixa exposta nos capítulos anteriores sobre um sentimento de esvaziamento e falta de conexão com a história dessa cidade.

Essa nova caminhada para realização de imagens gerou idas constantes ao Arquivo Público Municipal de Uberlândia e ao *site* da Prefeitura para que houvesse um aprofundamento das informações sobre os locais. Com esses novos registros, para além do sabor de desenhar, pude conhecer melhor as histórias dos referidos lugares e me sentir pertencente a eles, os quais armazeno neste livro-caixa-arquivo, lugares que são da cidade, dos uberlandenses – e também são meus.

As imagens deste livro foram colocadas sobre chapas de MDF e protegidas por um acetato, sendo fixadas por cantoneiras de alumínio. Foram armazenadas dentro de uma caixa, assim como no outro livro-caixa-arquivo (Figuras 35 e 36). Este tipo de livro aqui confeccionado, tanto para a primeira classe quanto para esta, facilita o manuseio dos desenhos, partindo da versatilidade de funcionar como um diário gráfico e ao mesmo tempo oferecendo a possibilidade de uma composição, de modo que possam ser expostos separadamente. Enquanto páginas deste livro, os desenhos não estão fixados juntos. Mantém-se uma sequencialidade das imagens deliberada pela organização do acervo, porém, não há paginação. A caixa enquanto objeto entra como forma de armazenamento desses documentos.

Figura 102: Organização da Classe 03 - *Registros da Cidade Histórica - Uberlândia*, caixa com os documentos separados (2022)



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Figura 103: Organização da Classe 03 - *Registros da Cidade Histórica - Uberlândia*, caixa e documentos (2022)



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Junto aos desenhos de locação, no verso, assim como no livro do tomo, foram feitas fichas contendo informações disponíveis no Arquivo Público Municipal e no *site*

da Prefeitura Municipal de Uberlândia, apresentando informações gerais e históricas sobre os locais. Nestas fichas em específico, preocupei-me em trazer não só as fotografias realizadas por mim, mas também as fotografias mais antigas dos patrimônios históricos, como eram no século passado. Todas essas informações possibilitam a mim e ao espectador fazer um comparativo entre épocas. Dadas as características gerais dessa classe, foram feitos 18 desenhos de locação. Seguindo a lógica de separação por tipologias, foram elencadas 5 tipologias dentro dessa classe.

A primeira, intitulada *Terminais*, foi reservada aos desenhos que representam locais da cidade onde se promove ou se promoveu movimento, locomoção e viagens (Figuras 104 a 112) (Fichas 1 a 3). São três lugares que compõem essa tipologia: 1. Terminal Central; 2. Terminal Rodoviário de Uberlândia; 3. Antiga Rodoviária de Uberlândia. O Terminal Central inaugura essa classe, tendo representada uma vista do terminal a partir da garagem dos ônibus. Há um poste que protagoniza o primeiro plano e a vegetação que toma conta de parte do espaço na composição. As árvores e algumas sombras do desenho foram feitas usando uma caneta hidrocor de ponta grossa. Essa caneta é usada em quase todos os desenhos para trazer volume a algumas áreas, alternando-se com uso da caneta nanquim para os traços mais finos e sombreamentos em hachura. A perspectiva do Terminal Rodoviário de Uberlândia foi feita de forma a contemplar toda a extensão do local, que é grande. A Antiga Rodoviária de Uberlândia, que na Classe 01 aparece como a Antiga Biblioteca Municipal de Uberlândia, foi realizada a partir de uma perspectiva da esquina do prédio, ampliando a visão do local.

Ficha 1: Terminal Central

1. Número de Inscrição: 01.
2. Bem Tombado: Terminal Central.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Praça Sérgio Pacheco, s/n, Centro, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Público.
6. Data de realização do desenho de locação: 21/07/2022.
<p>7. Descrição do bem: O Terminal Central se localiza na Praça Sérgio Pacheco, antiga Praça da Estação Mogiana, que foi transferida para outra área da cidade, em 1970. Após intensa negociação, a Cia. Mogiana de Estradas de Ferro concede cessão de uso à Prefeitura Municipal de Uberlândia, por um prazo de 99 anos, para fins cívicos e sociais. O uso do terreno para praça tornou-se palco de diversas disputas políticas, com diferentes propostas de uso e projetos que foram feitos e refeitos. O espaço foi fragmentado com a implantação de equipamentos nem sempre projetados de forma conjunta para toda a área. Em 1996, o então Prefeito Virgílio Galassi contratou o serviço de consultoria do arquiteto Jaime Lerner para elaboração do Plano Diretor de Uberlândia que compreendeu também a elaboração de um Plano Diretor de Trânsito e Transportes. O Plano propunha a integração entre as várias linhas do transporte coletivo urbano, possibilitando um sistema articulado entre os bairros e o centro; criava também a possibilidade de que, com uma única passagem, fosse possível a locomoção entre toda a cidade. Assim, o Terminal Central atende a função de integrar quatro terminais construídos em quatro bairros da cidade. O projeto é de autoria dos arquitetos Edmundo L. Giordano, J. Roberto Costa Lima e Munir Buarraj. Para sua construção foi criado um consórcio entre a ABC Construtora e a Andrade Gutierrez, sendo que o sistema de gestão é em forma de concessão pelo período de 15 anos. O Terminal Central foi inaugurado em 5 de Julho de 1997. Sua implantação exigiu uma readequação do sistema de transporte coletivo urbano, com grandes mudanças no trânsito, principalmente no centro e provocou grande impacto sobre a Praça e seu entorno.</p> <p align="right">(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)</p>
<p>8. Memorial descritivo: Não existir lembranças sobre esse local seria quase impossível, a não ser que eu não fosse usuário de transporte coletivo. O Terminal Central faz parte da minha vivência desde que me entendo por gente. Era passar por lá para ir para escola, curso, passear e, depois de mais velho, trabalhar. Tem duas peculiaridades que gosto e noto sobre o Terminal Central e os ônibus: a primeira é que ele é um dos únicos lugares que conheço na região de Minas que tem um shopping integrado, o Pratic Shopping. A segunda é a tarifa única para transitar na cidade toda entre os terminais. Lembro que ir ao Pratic Shopping sozinho com uma amiga foi o auge da minha independência, sendo uma época que eu estava começando a ser autorizado pela minha mãe a andar sozinho.</p>

Figura 104: Terminal Central (terminal de transporte coletivo urbano), Praça Sérgio Pacheco



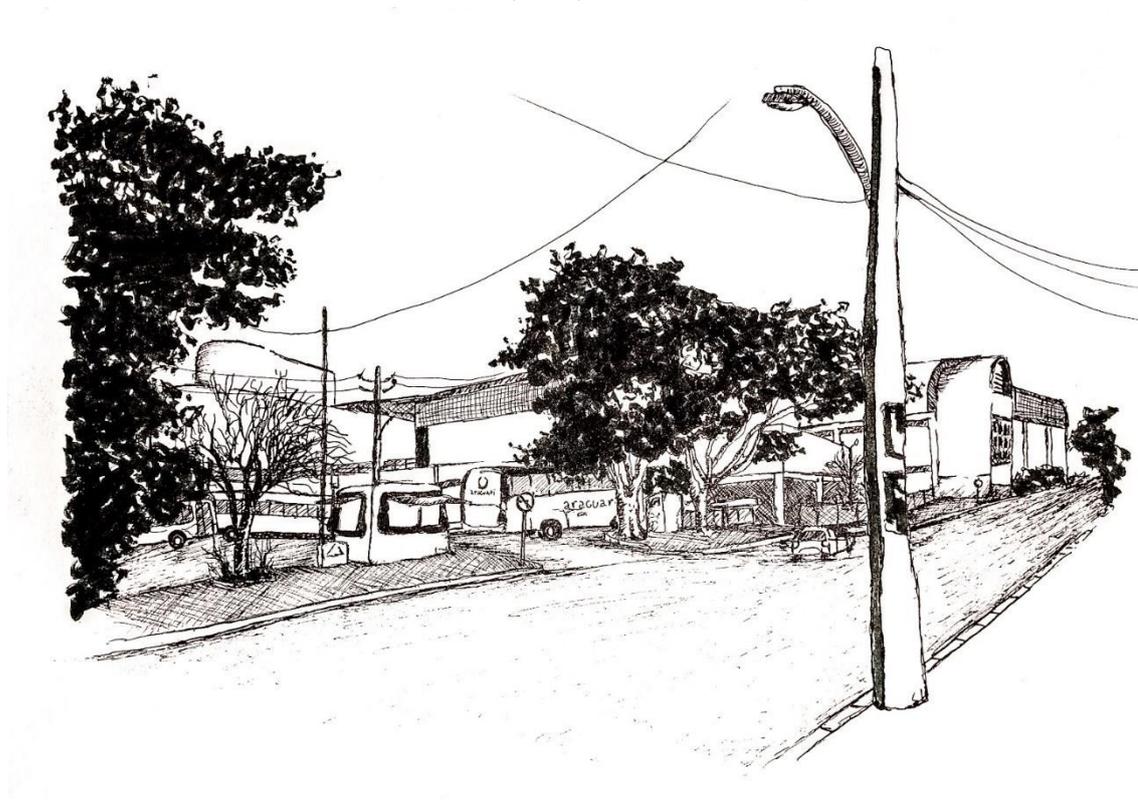
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 105: Registro atual do Terminal Central



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 106: Foto do Registro nº1 - Terminal Central em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges, 2022

Ficha 2: Terminal Rodoviário Presidente Castelo Branco

1. Número de Inscrição: 02.
2. Bem Tombado: Terminal Rodoviário Presidente Castelo Branco.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Praça da Bíblia, s/n – Bairro Martins, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Público.
6. Data de realização do desenho de locação: 22/07/2022.
<p>7. Descrição do bem: Antes da construção do Terminal Rodoviário Castelo Branco, a estação encontrava-se na Praça Cícero Macedo, no local da primitiva Igreja Matriz da cidade, demolida no início da década de 40. O crescimento da cidade e o consequente aumento do perímetro urbano fez com que fosse necessário a mudança dessa estação para um local mais amplo e com maior facilidade de acesso. O Terminal Rodoviário Presidente Castelo Branco foi inaugurado em 21 de Maio de 1976, durante o governo do Prefeito Renato de Freitas. O projeto arquitetônico foi elaborado pelos arquitetos Fernando Graça, Flávio Almada e Ivan Cupertino Rodrigues. A construção foi executada pela Construtora Wady Simão, de Belo Horizonte. Em 2000 sua administração foi terceirizada com concessão à empresa TRICON – Triângulo Concessões Ltda.</p> <p>(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)</p>

8. Memorial descritivo: Toda vez que precisava ir à rodoviária de Uberlândia, sempre tinha a presença daquele teto que me lembrava o mesmo teto do Terminal Santa Luzia, reformado e modificado alguns anos atrás. Este também é outro exemplar da arquitetura que parece flutuar sobre a paisagem. Foram muitas as vezes que fui à rodoviária, levar ou buscar minha irmã Ludmila, que sempre viajou bastante. Tenho para mim que ela é uma mulher que soube aproveitar sua vida antes da maternidade. Também já viajei bastante de ônibus para São Paulo, para a casa de parentes. Sempre era um tédio esperar na rodoviária. A Praça da Bíblia, que fica em frente, é um lugar arejado, porém preguiçoso e cheio de moradores de rua. De longe, o terminal rodoviário cria um desenho lindo e ondulado na paisagem.

Figura 107: Terminal Rodoviário Castelo Branco (Estação Rodoviária), inaugurada em 1976 na gestão do ex-prefeito Renato de Freitas - Bairro Martins



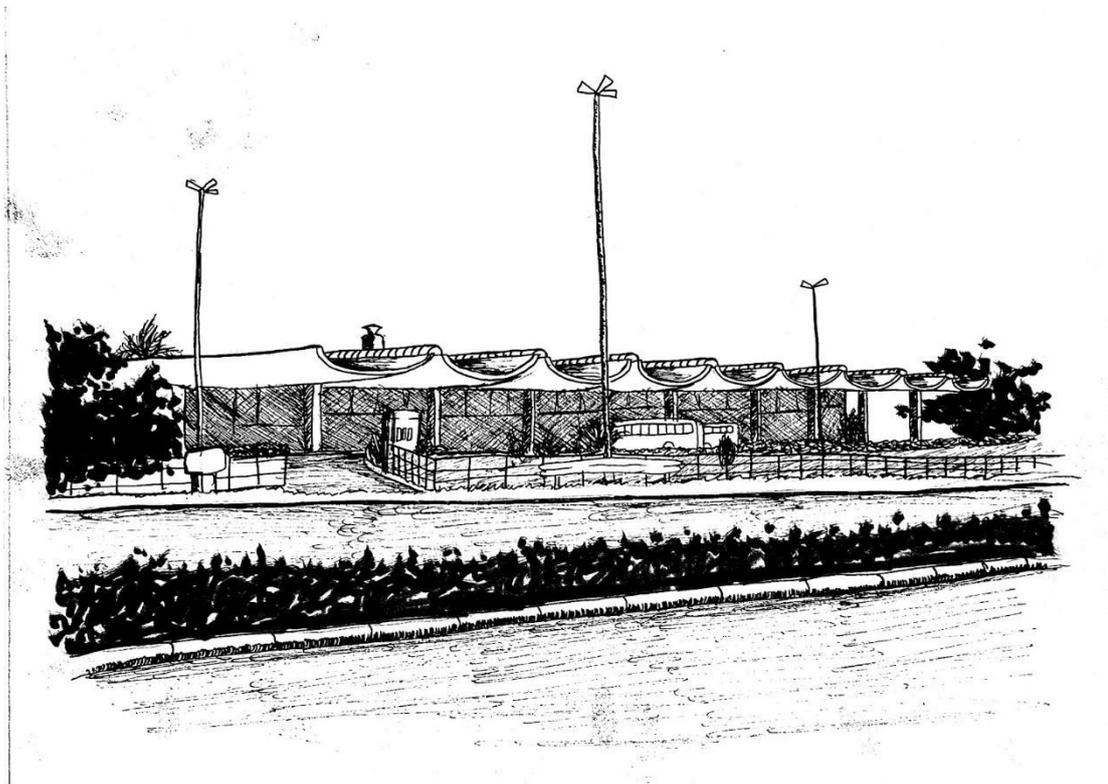
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 108: Registro atual da Rodoviária de Uberlândia



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 109: Foto do Registro n°2 - Terminal Rodoviário de Uberlândia em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ficha 3: Biblioteca Pública Municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira (Atual Reserva Técnica do Museu Municipal de Uberlândia)

1. Número de inscrição: 03.
2. Bem tombado: Biblioteca Pública Municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Praça Cícero Macedo, s/n - Fundinho, Uberlândia-MG
5. Propriedade: Público.
6. Data de realização do desenho de locação: 22/07/2022.
<p>7. Descrição do bem: A área onde hoje se localiza a Biblioteca Pública Municipal foi ocupada, originalmente, pela Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, que foi demolida na década de 1940, para dar lugar à Estação Rodoviária. Foi em torno da Igreja Matriz, que o núcleo inicial da cidade de Uberlândia se desenvolveu. O edifício atual abrigou a estação até a década de 1970, período em que foi construído o novo Terminal Rodoviário – Castelo Branco. A edificação em questão sofreu várias modificações ao longo dos anos, perdendo, com isso, algumas de suas características originais. A história da Biblioteca Pública Municipal remonta aos anos 1940, através da criação do Decreto Lei nº 8, com a sua instalação em outra localização. Posteriormente, foi autorizada sua reorganização através da Lei nº 1.726, de 16 de junho de 1969. A sua instalação definitiva no prédio da antiga Estação Rodoviária se deu no ano de 1976. Na década de 1980 foi, novamente, reorganizada e foram criadas as seções de extensão cultural, infantil, recuperação e difusão da informação, processamento técnico e extensão bibliotecária, ampliando sua ação junto à comunidade.</p> <p style="text-align: right;">(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia).</p>
<p>8. Memorial descritivo: Sempre gostei muito de livros, mas nunca cheguei a fazer um empréstimo na Biblioteca Municipal. Imaginava um espaço diferente do que ele de fato é. O único contato que tive com o interior da biblioteca foi quando participei de uma exposição em 2018, com os resultados da matéria Xilogravura. A sala liberada para exposição era cheia de janelas, porém, os trabalhos, que eram livros de artista, estavam dispostos sobre mesas. Nos últimos anos passei várias vezes em frente à biblioteca, fosse para ir para a casa de uma amiga que morava perto ou para visitar as exposições do MUnA, ao lado do prédio da biblioteca. O espaço interior do prédio parecia um pouco velho e meio abafado, pois, antes de ser biblioteca, era a antiga rodoviária de Uberlândia e, olhando de longe e pelas ruas em volta, dá para perceber que aquele espaço deveria ser aberto. Hoje a nova biblioteca, que funciona no Centro Municipal de Cultura, é mais moderna. Recentemente vi que na parte de trás do prédio da antiga biblioteca estava escrito que ela é agora uma reserva técnica. As vistas para desenhar esse imóvel são ótimas, podendo ser tanto de um lado da praça, como do outro, mais ao fundo.</p>

Figura 110: Prédio da antiga Estação Rodoviária, construído em 1946; a Biblioteca Pública Municipal funcionou no local - Praça Cícero Macedo - Bairro Fundinho



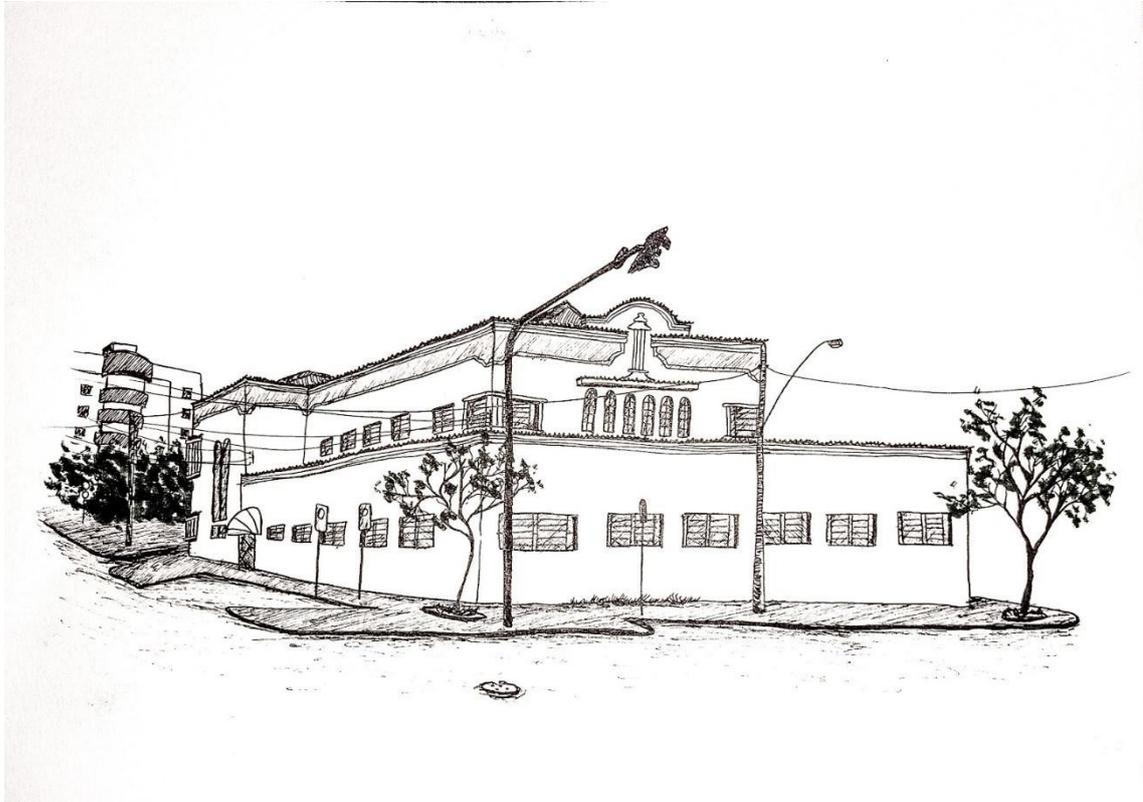
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 111: Registro atual da Antiga Biblioteca Pública Municipal, hoje Reserva Técnica



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 112: Foto do Registro n°3 - Biblioteca Pública Municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Na segunda tipologia, intitulada *Espaços Culturais*, foram considerados os lugares que funcionam ou já funcionaram como pontos de promoção da cultura da cidade (Figuras 113 a 130) (Fichas 4 a 9). Para essa tipologia, selecionei seis lugares, dentre eles: 1.Coreto; 2.Museu Municipal de Uberlândia; 3.Oficina Cultural de Uberlândia; 4.Centro Municipal de Cultura; 5.Teatro Grande Otelo; 6. Uberlândia Clube Sociedade Recreativa. Os primeiros desenhos que compõem esse grupo de registros formam o Complexo da Praça Clarimundo Carneiro, na região central da cidade de Uberlândia. Há uma riqueza de detalhes nesses três desenhos, sendo o registro da Oficina Cultural de Uberlândia o único em que a vegetação foi feita somente com a caneta nanquim. No registro do Centro Municipal de Cultura, posicionei-me com certo distanciamento do local para que fosse possível registrar toda a sua fachada. O sombreamento abaixo de onde seria o pavilhão faz com que o prédio pareça estar levitando, não sendo uma ação intencional na realização do desenho. Na imagem do Uberlândia Clube Sociedade Recreativa foi preciso observá-lo sob a perspectiva da rua, já que sua estrutura é grande e se encontra em uma via

muito estreita, impossibilitando a visão frontal do prédio. Não há presença de vegetação neste desenho, assim como no registro do Teatro Grande Otelo.

Ficha 4: Coreto

1. Número de Inscrição: 04.
2. Bem Tombado: Coreto.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Praça Clarimundo Carneiro, s/n - Fundinho, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Público.
6. Data de realização do desenho de locação: 19/07/2022.
<p>7. Descrição do bem: O coreto integra o conjunto urbanístico da Praça Clarimundo Carneiro, constituído pela própria praça, o Palácio dos Leões – antigo Paço Municipal, hoje Museu Municipal - e o Coreto, tombados, em nível municipal, pela Lei no. 4.209, de 25 de setembro de 1985. A praça foi projetada pelo construtor Cipriano Del Fávero e tinha como finalidade oferecer ornamentação paisagística ao edifício do Paço Municipal, também de sua autoria, inaugurado em 1917. Este projeto previa a construção de dois coretos. Na década de 20, foi cogitada a ideia de se construir o edifício do Fórum na praça, em lugar desses coretos. Entretanto, a Lei Municipal no. 2/24, optou pela construção dos coretos, mas apenas um foi construído, entre os anos de 1926 e 1927, com verbas particulares. O projeto deveria compreender um banheiro público, porém, em seu lugar, foi instalada uma barbearia, o que gerou protestos pela imprensa local. O banheiro foi instalado, posteriormente, em data indeterminada. Em 1986, o coreto encontrava-se em estado generalizado de degradação e foi restaurado, sob orientação da arquiteta Maria de Lourdes Pereira Fonseca, da Secretaria Municipal da Cultura.</p> <p style="text-align: right;">(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)</p>
<p>8. Memorial descritivo: Pensar na Urban Sketchers Uberlândia é lembrar do primeiro lugar que desenhamos e do símbolo que representa este grupo. O coreto faz representação a vários grupos e organizações que pretendem remeter a uma memória sobre Uberlândia. Meu desenho, que teve dois momentos totalmente diferentes, feito em 2017, teve um topo todo elaborado feito no grafite, e a base sumindo como que quem precisou terminar e fez às pressas. O coreto, esse lugar de apresentações ou que parece ser um local para se anunciar algo importante, não tem um acesso livre para subirmos ao seu topo. Lembro-me vagamente de subir lá uma vez quando estava aberto o acesso. As lembranças que tenho de eventos são do <i>Fundinho Festival</i>, um evento de Jazz em que alguns músicos tocavam lá em cima. Em conjunto com o Museu Municipal, que se encontra na mesma praça, cria um desenho bonito com a cidade e com a praça, hoje extremamente arborizada e com árvores bastante altas.</p>

Figura 113: Praça da Liberdade, atual Praça Clarimundo Carneiro - no centro, o coreto; evento cultural no local, década de 1920



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia

Figura 114: Registro atual do Coreto na Praça Clarimundo Carneiro



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 115: Foto do Registro n°4 - Coreto em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ficha 5: Palácio dos Leões - Museu Municipal de Uberlândia

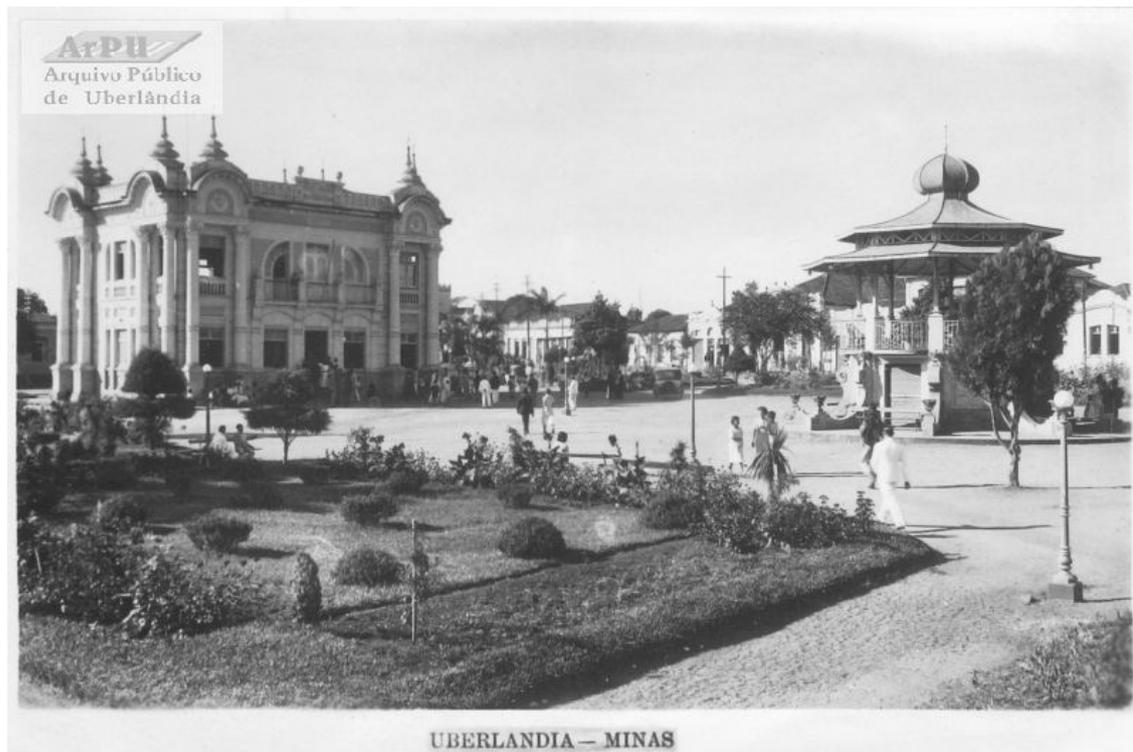
1. Número de Inscrição: 05.
2. Bem Tombado: Palácio dos Leões - Museu Municipal de Uberlândia.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Praça Clarimundo Carneiro, s/n - Fundinho, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Público.
6. Data de realização do desenho de locação: 29/06/2022.
7. Descrição do bem: O Município de Uberlândia foi criado pela Lei no. 3.643 de 31 de agosto de 1888; sua instalação se deu em 14 de março de 1891, tendo como sede um imóvel alugado. A Lei Municipal n. 7, de 1898, determinou a construção do Paço Municipal, mas sua realização só se concretiza em 1916. O local escolhido – atual Praça Clarimundo Carneiro – criou polêmica, pois parte do terreno, no período de 1881 a 1915 fora ocupado por um cemitério. O projeto e a construção ficaram a cargo de Cipriano Del Fávero e sua inauguração se deu em 1917. Foi o primeiro edifício de dois pavimentos na cidade e, durante algum tempo, o único. O prédio destinado a sediar os poderes legislativo e executivo abrigou também a Coletoria Estadual, o Centro Agro Pecuário e a Biblioteca Pública Municipal. Com o crescimento da cidade, o prédio tornou-se insuficiente para atender ao programa de necessidades, gerando a transferência do poder executivo e dos gabinetes

dos vereadores para o móvel situado na esquina da Rua Bernardo Guimarães com a Praça Clarimundo Carneiro, antiga sede do Banco do Brasil. Em 1985, a Lei Municipal no. 4.209, de 25 de setembro, tombou o Paço Municipal como patrimônio histórico e determinou-o a abrigar o Museu Histórico de Uberlândia. Em 1994, com a inauguração do novo Centro Administrativo de Uberlândia, situado à Av. Anselmo Alves dos Santos, o Paço Municipal foi definitivamente desocupado pelo poder legislativo. A Lei 6.278, de 07 de abril de 1995, alterou o artigo 1.º da Lei 4.209 e possibilitou a realização do projeto de restauração com alteração de seu espaço interno. Esse projeto, de autoria dos arquitetos Rodrigo Otávio de Marco Meniconi e Alessandro Rende, teve início em 1995 e fez a adequação do imóvel para o museu. O Museu Municipal foi inaugurado e aberto ao público em agosto de 2000. Em 1985, o conjunto constituído pela Praça Clarimundo Carneiro, o Palácio dos Leões e o Coreto nela instalados foram tombados pelo poder público como Conjunto Arquitetônico.

(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)

8. Memorial descritivo: Imagino que o Museu Municipal deve estar na lembrança de toda criança da minha época, visto que fazíamos visitas através da escola. Eu mesmo fui umas 4 vezes por conta de passeios em diferentes épocas e porque eu estudava em duas escolas. Sempre ficava ansioso para chegar na parte em que iríamos ver a maquete da antiga cidade, que ficava num cubo de vidro. Eu sempre amei fazer maquetes, então aquilo ali fazia brilhar os meus olhos. Lá também tem muitos itens que pertenceram a indígenas e ainda instrumentos que eram usados na época, como máquinas de moer, tachos, panelas, colheres de pau gigantes. O museu também me serviu de lugar onde ficava com os meus colegas à noite, em sua escadaria. Ficávamos até altas horas sob a luz dos postes e refletores que ficavam virados para a construção. O prédio do museu, não à toa, está em uma ótima localização, fazendo uma composição linda em todos os ângulos com a cidade.

Figura 116: Praça da Liberdade, atual Praça Clarimundo Carneiro - prédio da Câmara Municipal, construído em 1917 – imagem da década de 1920; atualmente no local funciona o Museu Municipal



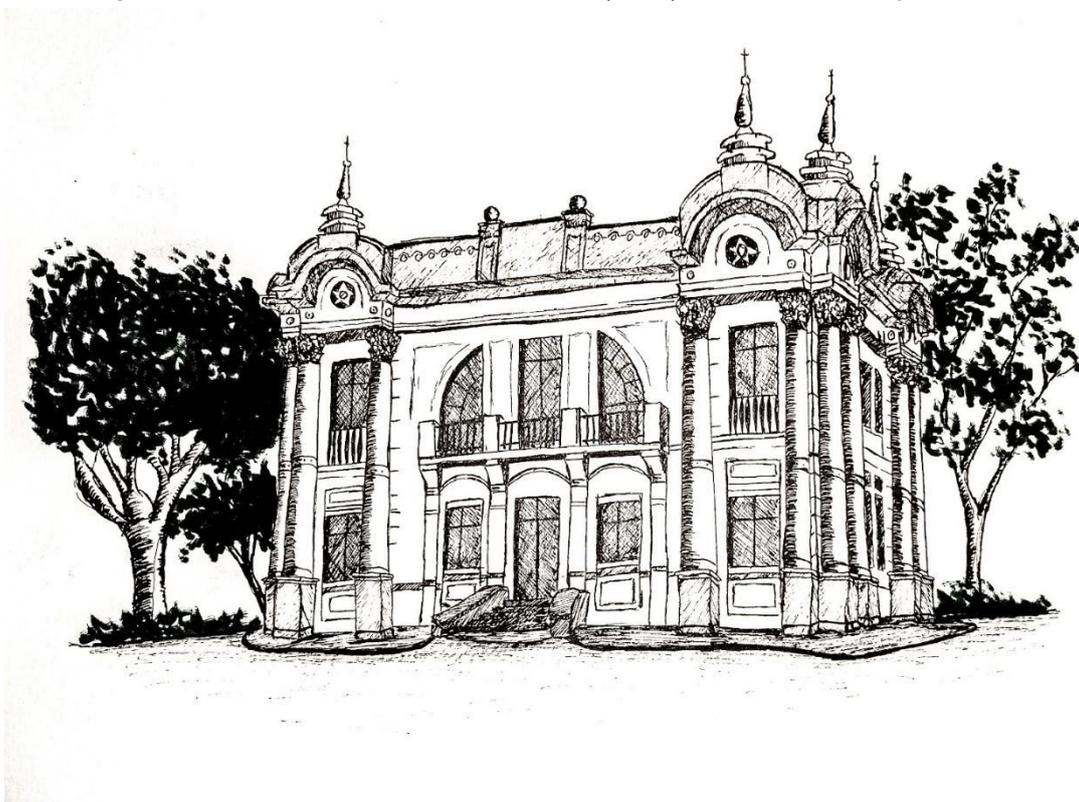
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 117: Registro atual do Museu Municipal de Uberlândia



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 118: Foto do Registro n° 5 - Museu Municipal de Uberlândia em *A CASA DO TOMBO* - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



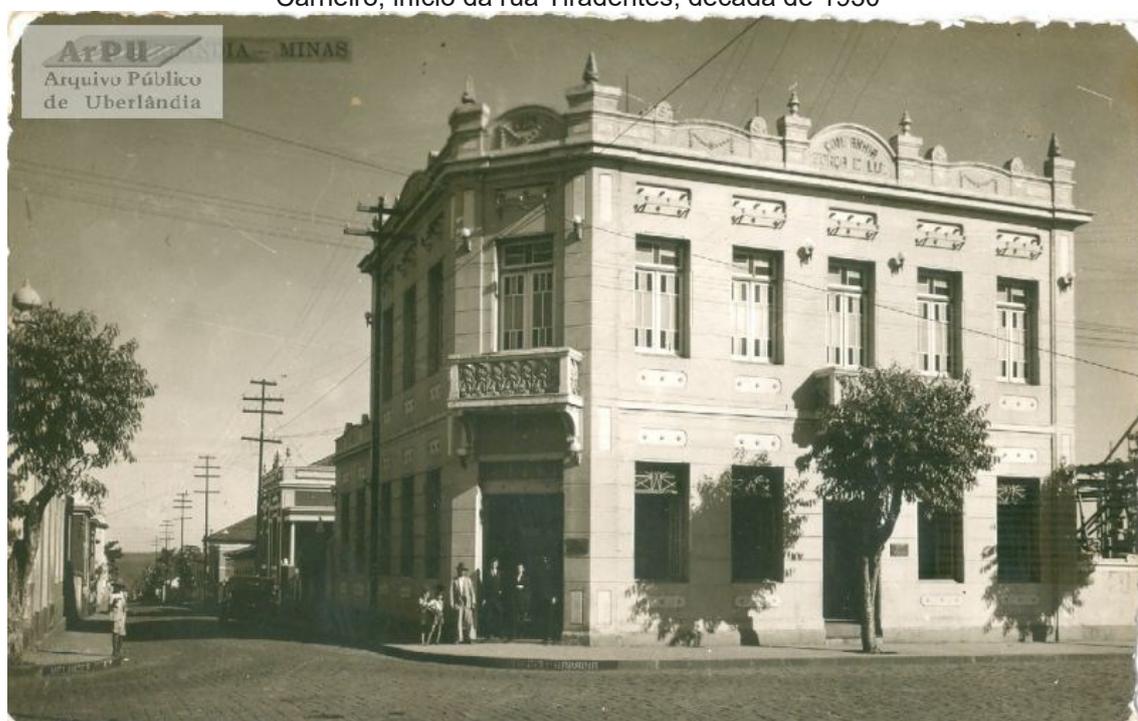
Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ficha 6: Oficina Cultural de Uberlândia

1. Número de Inscrição: 06.
2. Bem Tombado: Oficina Cultural de Uberlândia.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Praça Clarimundo Carneiro, 204 - Fundinho, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Público.
6. Data de realização do desenho de locação: 29/06/2022.
<p>7. Descrição do bem: A Oficina Cultural é composta por um conjunto de construções do início do século XX, ligados à história da energia elétrica em Uberlândia. A primeira companhia de energia elétrica de Uberlândia - Companhia de Força e Luz de Uberabinha - foi criada em 1912. Em 1929, foi criada a Companhia Prada de Eletricidade que comprou o patrimônio da Cia de Força e Luz. O imóvel de dois pavimentos, implantado no terreno da esquina da Praça Clarimundo Carneiro e Rua Tiradentes foi construído para alojar a administração da Cia Prada. Na mesma época, no terreno ao lado voltado para a Rua Tiradentes, o Coronel Clarimundo Fonseca Carneiro, um dos fundadores da companhia, construiu sua residência. A construção dos dois imóveis é atribuída a Cipriano Del Fávero e Fernando Vilela. O conjunto ainda é integrado pelo pátio com três anexos: um construído no alinhamento do terreno voltado para a Praça Clarimundo Carneiro, outro nos fundos do terreno e o terceiro, entre este e a antiga residência. De 1936 a 1973, foi utilizada para residência dos gerentes da Prada Eletricidade. Neste período, no pátio formado pelo restante do terreno, funcionou um posto de abastecimento dos veículos da firma e, no anexo construído nos fundos, foram instaladas uma oficina mecânica, uma marcenaria e uma carpintaria. Em 1973, a CEMIG encampou a Prada Eletricidade. Com essa incorporação da Companhia CEMIG, a casa deixou de ter uso residencial para abrigar funções administrativas. Em 1993, todos os terrenos que compunham o conjunto foram retificados com relação às suas medidas e confrontações e passaram a se constituir num único imóvel. A Lei Municipal no. 4.217 de 15/10/1985 decretou o tombamento do “Prédio da Cemig”. O imóvel foi adquirido em 1995 pela Prefeitura Municipal para ser ocupado pela Oficina Cultural de Uberlândia, onde as atividades e programações são gratuitas enfatizando as áreas de arte educação, artes plásticas, dança, literatura, música e teatro, além de sessões permanentes de vídeo e exposições. Não foi possível identificar a data de construção desses anexos, sendo que o que está voltado para a Praça Clarimundo Carneiro apresenta características construtivas – técnicas e ornamentais - típicas das construções das primeiras décadas do século XX.</p> <p style="text-align: right;">(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)</p>
<p>8. Memorial descritivo: Lembro-me da Oficina Cultural em um tom mais claro, quase um branco, e como a cor vinho caiu bem no prédio, acompanhada de detalhes em amarelo. Sinto saudades da primeira exposição dos trabalhos da Urban Sketchers, realizada em 2018, em uma das salas na lateral do imóvel. São salas novas que eles fizeram nos últimos anos. Até pouco tempo eu nunca tinha entrado no espaço expositivo que funciona lá. É uma galeria bem ampla, porém, cheia de janelas, mas ainda sobram outras paredes para fazer a expografia. É curioso a Oficina Cultural compartilhar o prédio da esquina com um casarão em seu interior. Desse casarão tenho lembranças tristes, já que o desenho que havia feito dele foi totalmente perdido por causa de um pombo que</p>

defecou em cima do papel. Na verdade acho que essa é uma situação engraçada, e não triste. Lembro-me de ir à Oficina Cultural a passeio da escola, quando criança, e depois de adulto, ia a cada 15 dias para participar das reuniões da Gnosis Brasil, uma proposta de ciência que estuda todas as coisas – um envolvimento rápido da minha vida, fui a poucas reuniões.

Figura 119: Prédio da antiga Cia. Força e Luz de Uberabinha, construído na década de 1920; atualmente no local funciona a Oficina Cultural de Uberlândia - Praça da Liberdade, hoje Clarimundo Carneiro, início da rua Tiradentes, década de 1930



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 120: Registro da atual Oficina Cultural



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 121: Foto do Registro nº 6 - Oficina Cultural de Uberlândia em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ficha 7: Centro Municipal de Cultura (Antigo Fórum Abelardo Pena)

1. Número de Inscrição: 07.
2. Bem Tombado: Centro Municipal de Cultura (Antigo Fórum Abelardo Pena).
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Praça Sérgio Pacheco, s/n, Centro, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Público.
6. Data de realização do desenho de locação: 21/07/2022.
<p>7. Descrição do bem: O Fórum de Uberlândia denominado Palácio da Justiça Abelardo Penna foi construído na década de 1970, tendo suas obras se iniciado em 25 de dezembro de 1972 e finalizadas em 02 de maio de 1977. O projeto é de autoria dos arquitetos mineiros Roberto Pinto Manata e José Carlos Laerder de Castro. A sua construção ficou sob responsabilidade da Construtora Semerco S.A. e os acabamentos foram executados pela Secular Comercial e Construtora. A obra surgiu da necessidade de criação de um edifício maior para abrigar o Fórum de Uberlândia que até então funcionava em um imóvel na Praça Tubal Vilela que não atendia mais às necessidades da Comarca. O primeiro prédio ocupado pelo Fórum de Uberlândia foi construído por Arlindo Teixeira na Rua Marechal Deodoro esquina da Vigário Dantas onde funcionou de 25 de janeiro de 1892 a 7 de setembro de 1922. Na década de 20, foi cogitada a ideia de se construir o edifício do Fórum na Praça da Liberdade (atual Clarimundo Carneiro) no lugar do Coreto ao lado do Palácio dos Leões (hoje Museu Municipal), projeto que não vingou. Em 1922, portanto, foi inaugurado o novo Palácio da Justiça, em estilo eclético, na Praça da República (hoje Tubal Vilela) na gestão do então presidente do Estado de Minas Gerais, Artur da Silva Bernardes. Em 02 de outubro de 1966 é dado o nome Abelardo Penna a esse edifício em homenagem ao juiz municipal Abelardo Moreira dos Santos Penna que exerceu o cargo entre 1919 e 1922. Recentemente, parte da Praça Sérgio Pacheco onde o atual Fórum se localiza foi cercada para ser utilizada como estacionamento para seus funcionários e usuários, impedindo a livre circulação dos pedestres nas suas proximidades.</p> <p align="right">(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)</p>
<p>8. Memorial descritivo: Um dos lugares que realizei o sonho de entrar foi o interior do antigo fórum Abelardo Pena. Lembrava da minha mãe ou meu pai indo lá resolver pendências judiciais quando eu tinha uns 8 anos de idade, mas nunca fui com eles. Sempre imaginei que aquelas grades que cercam o prédio não deveriam existir, para podermos circular livremente por debaixo do edifício, já que ele é uma grande caixa suspensa. Só fui adentrar o espaço em 2020, e nesse ano não era mais o fórum. Havia sido inaugurado o Centro Municipal de Cultura, o qual abrigaria várias salas de exposição, a Secretaria de Cultura, a Biblioteca Municipal e a Banda Municipal. Tornou-se a realização de todas as minhas fabulações, pois sempre que passava por lá, ou saía do terminal, eu ficava idealizando que aquele fosse um espaço de arte e cultura. Sempre vou-me lembrar das minhas aulas que preparava para residência pedagógica, sobre arquitetura brutalista. O primeiro exemplo dessa arquitetura era o antigo fórum. A melhor vista para se desenhar o Centro Cultural é sentado na calçada da agência do Santander que fica na Av. João Naves de Ávila. Esta arquitetura quebra com a paisagem da cidade, ela é uma presença em meio ao centro de Uberlândia.</p>

Figura 122: Fórum Abelardo Pena na Praça Prof. Jacy de Assis, inaugurado em 03 de maio de 1977



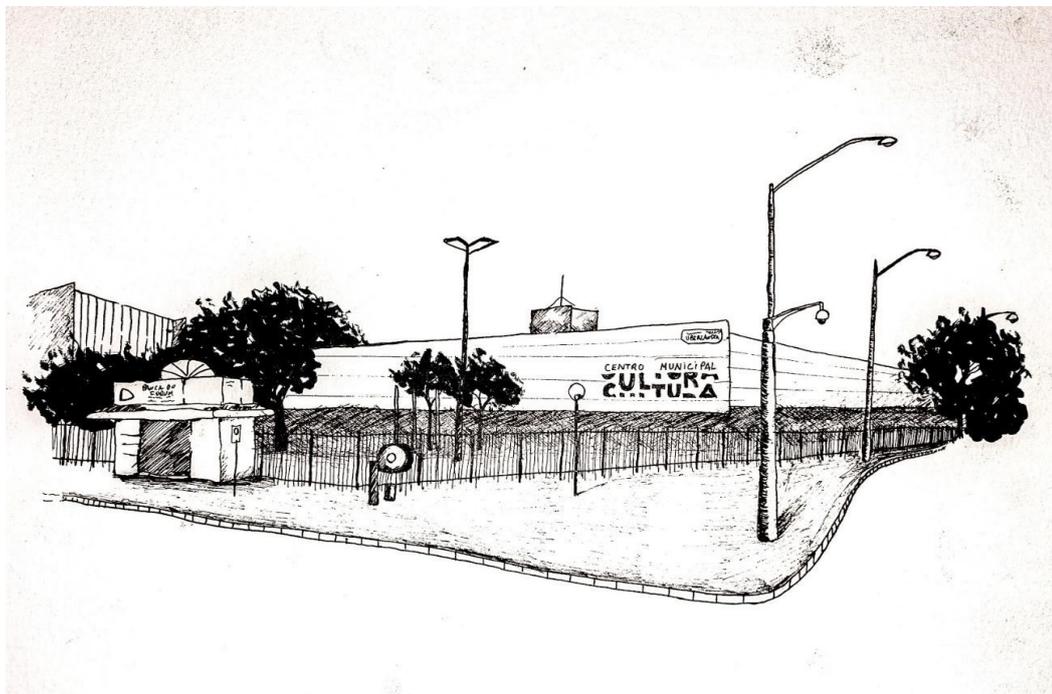
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 123: Registro atual do Centro Municipal de Cultura



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 124: Foto do Registro n° 7 - Centro Municipal de Cultura em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ficha 8: Teatro Grande Otelo

1. Número de Inscrição: 08.
2. Bem Tombado: Teatro Grande Otelo.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Avenida João Pinheiro, 1789 - Centro, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Privado.
6. Data de realização do desenho de locação: 25/06/2022.
7. Descrição do bem: O Teatro Grande Otelo, construído no ano de 1966, é elemento fundamental na formação da identidade cultural da cidade de Uberlândia. Manifesta expressivo valor simbólico e social e possui o atributo de despertar o sentimento de pertencimento na comunidade local. Quando foi construído, então um cinema chamado Cine Vera Cruz, ele representou um fomento às relações sociais de Uberlândia, tendo em vista que todos os espaços de sociabilidade e lazer estavam circunscritos ao centro da cidade. A construção deste cineteatro na Vila Operária, associada às intervenções urbanas e paisagísticas em seu entorno, simbolizou o progresso e a sofisticação na cidade em crescimento. Foi transformado em teatro em 1985 e, em 1992, passou a receber o nome atual em homenagem ao famoso artista uberlandense Grande Otelo. Atualmente, apesar de ser de arquitetura modesta, o Teatro Grande Otelo é uma referência importante no espaço urbano e também para a comunidade artística local que reivindica a sua ocupação. Atrelado à sua

materialidade, existem valores, sensações, significados sociais e elementos subjetivos indissociáveis das tradições e memórias da comunidade local que reconhece seu valor histórico, cultural e simbólico enquanto um Teatro que é parte da construção da cidade e da identidade de seu povo. Tendo em vista a sua importância e o arraigado sentimento de pertencimento da comunidade o Teatro Grande Otelo foi merecedor da aplicação do instrumento de Registro, como forma de garantir sua preservação, reconhecimento e valorização para esta e futuras gerações uberlandenses. Aliado ao instrumento do Registro, foi acatada a Ordem Judicial do Processo de nº 0389161-56.2011.8.13.0702 no qual o Excelentíssimo Juiz da 1ª Vara da Fazenda Pública determinou o tombamento do prédio conhecido como Teatro Grande Otelo.

(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)

8. Memorial descritivo: Dentre os lugares de Uberlândia onde não consegui ter uma vivência direta está o teatro Grande Otelo. Cresci ouvindo discussões sobre o espaço, uma possível revitalização e reabertura ao público. Cada dia que passa, essa volta do Teatro Grande Otelo parece mais distante. Eu só fui descobrir que ali era o teatro depois dos meus 10 anos, dado que toda semana passava de ônibus, vindo da Medicina, descendo sentido Terminal Central, pela Av. João Pinheiro, e avistava o lugar. Olhar para aquele edifício é uma experiência do descobrir porque, de fora, parece que ali foi uma loja, ou uma ideia de fábrica, talvez pela sua arquitetura mais simplista. O que reforça mais essa ideia de curiosidade são os portais de entrada do teatro, que são murados por tijolos e ainda há uma cerca pela calçada que dá a volta no prédio, o qual é de esquina. Tenho lembranças do lugar que não são minhas, como minha finada tia Lídia e minha mãe, que volta e meia contavam sobre sua juventude e as idas ao centro e cinemas que existiam na época, relatando sobre o Cine Vera Cruz, que já funcionou no local. Em meus devaneios ainda sonho com um dia a reabertura do Grande Otelo, assim como sempre quis entrar lá quando era criança. Seu interior, somente conheço por fotos antigas. Guardo em minhas memórias o sonho de um garotinho que passava pelo local e um dia quis conhecê-lo.

Figura 125: Prédio do Teatro Grande Otelo, Av. João Pinheiro



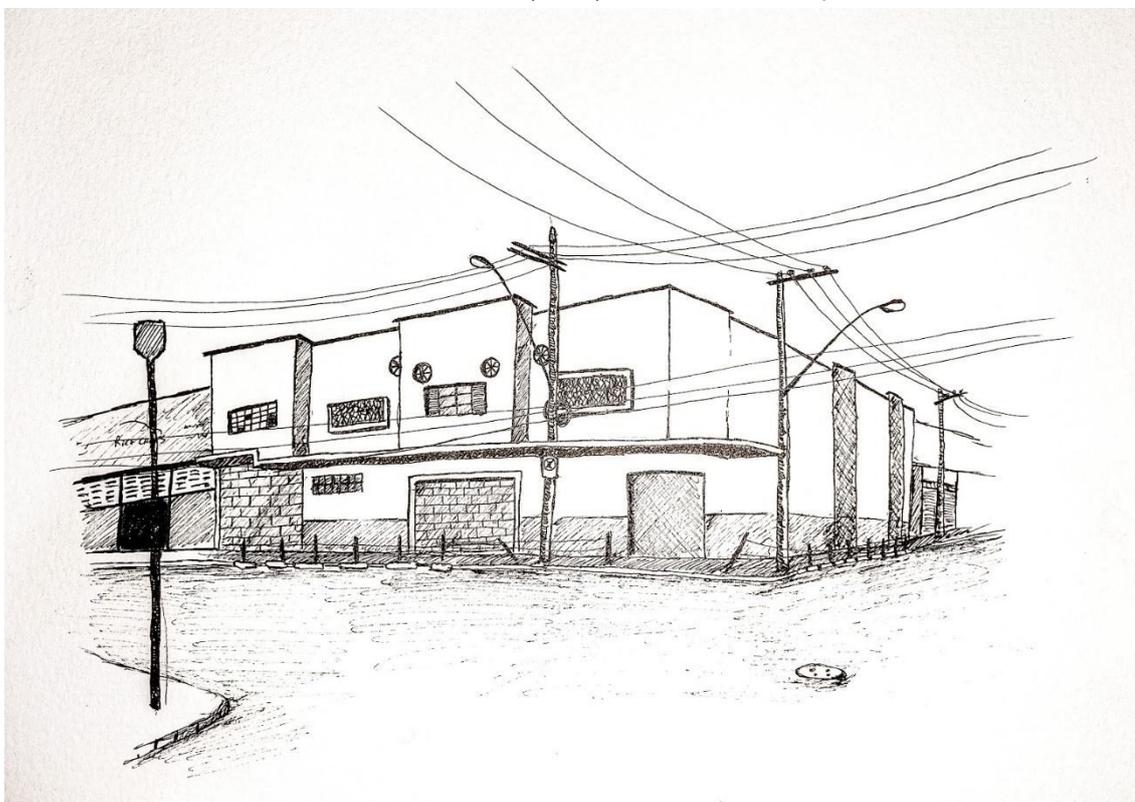
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 126: Registro atual do Teatro Grande Otelo



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 127: Foto do Registro nº 8 - Teatro Grande Otelo em *A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia* (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ficha 9: Uberlândia Clube Sociedade Recreativa

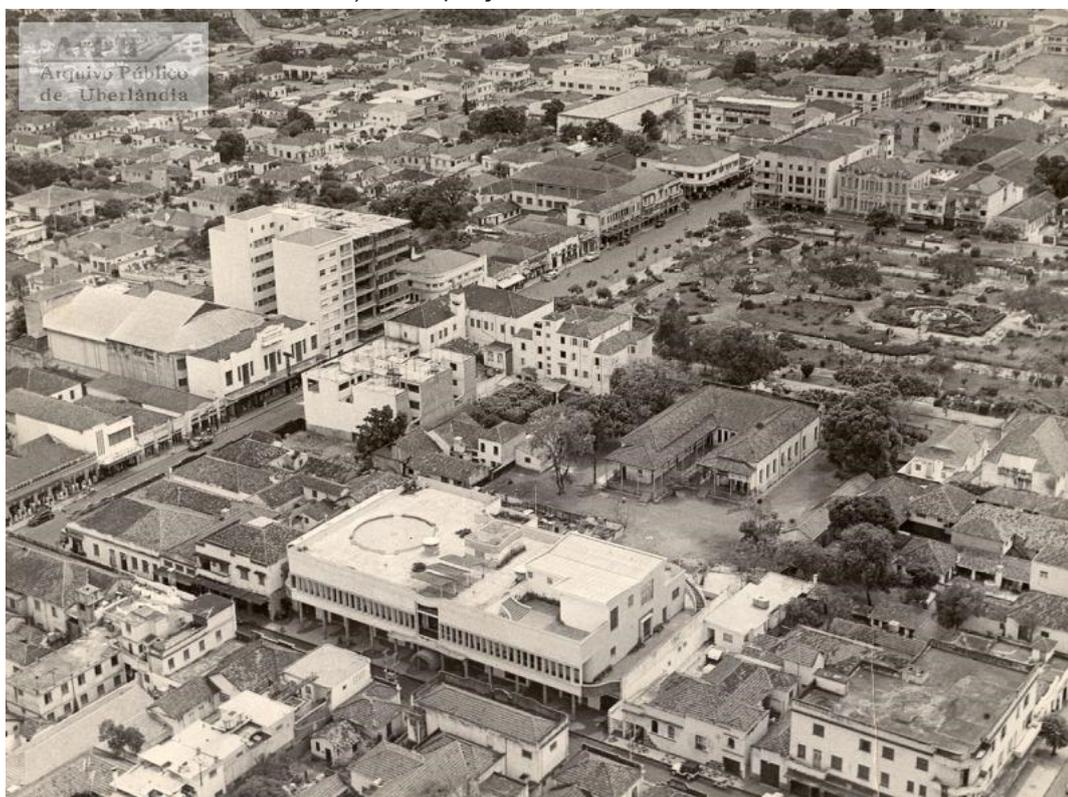
1. Número de Inscrição: 09.
2. Bem Tombado: Uberlândia Clube Sociedade Recreativa.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Rua Santos Dumont, 517 - Centro, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Privado.
6. Data de realização do desenho de locação: 26/06/2022.
<p>7. Descrição do bem: O Uberlândia Clube Sociedade Recreativa, localizado na Rua Santos Dumont, 517, Centro, é um clube privado com seu quadro de sócios constituído por famílias representativas da elite social uberlandense. A atual sede foi inaugurada em 26 de janeiro de 1957, na gestão do Sr. José Rezende Ribeiro – sócio proprietário e diretor do Clube. Esta edificação foi construída para substituir a primeira sede, localizada na Avenida Afonso Pena esquina com Olegário Maciel, que se tornara pequena para as atividades do clube com o número crescente de sócios. A construção se deu com capital dos sócios proprietários, em terreno doado pelo Estado de Minas Gerais. O projeto é de autoria do engenheiro Almôr da Cunha, escolhido através de concurso. A decoração ficou por conta do decorador e artista plástico Sérgio de Freitas, indicado por Almôr. O edifício possui linhas arrojadas de tendência moderna, associadas a elementos do art déco. O corpo do edifício é um volume regular de três pavimentos, construído nos limites frontal e lateral do terreno. O térreo apresenta pilotis altos, de seção circular, revestidos de pastilhas azuis que ampliam o passeio, rompendo com a linearidade da elevação e criando uma área diferenciada no centro da cidade para a qual se abrem uma galeria de lojas dispostas em dois corredores que adentram o terreno. Seu piso é revestido por pedras portuguesas, branca e preta, que formam desenhos de formas ameboides. A fachada frontal do segundo pavimento é marcada pela presença de um pano de vidro em toda sua extensão, protegido por brise-soleils azuis. No centro, dividindo-a simetricamente, encontra-se um grande vitral côncavo de vidro jateado. No térreo, há uma grande porta de vidro central que serve de acesso ao interior do Clube propriamente dito; esta porta é marcada por uma cobertura rebaixada que chega até a fachada, abre-se para um hall que possui um painel de pastilha, um pequeno espelho d'água e uma suntuosa rampa circular que leva a outro hall no segundo pavimento, no qual se distribuem os ambientes: dois salões de festas, sanitários, restaurante, bar e boate. O terceiro pavimento é acessado por uma escada que parte do bar. Nele encontram-se a sala da diretoria, a biblioteca, dois sanitários e um segundo salão de festas, resultado de uma adaptação posterior a sua inauguração, no lugar do terraço jardim original. A decoração do edifício é minuciosa, com grande variedade de materiais e acessórios, possuindo, no entanto, uma forte e agradável unidade estilística. Chama atenção, sobretudo, a decoração do salão nobre em tons de azul e branco com detalhes que se espalham pelos pilares, em um interessante jogo com o forro rebaixado em gesso, trabalhado também nas mesmas cores, com sancas que escondem a luz indireta, também presente em outros espaços. Tanto no projeto arquitetônico quanto nos detalhes da decoração ficam evidenciados os propósitos de uma representação da modernidade e sofisticação pelas quais as elites de Uberlândia ansiavam. O Clube ainda conserva um acervo original de mobiliário, luminárias e adornos da época de sua inauguração, sendo uma importante referência da arquitetura e da ambientação dos anos 1960, bem como da própria sociedade local. Hoje o edifício não é mais restrito aos sócios, seus salões são alugados para diversas festas, assim como o restaurante, o bar e a boate. Vale lembrar que o Uberlândia Clube trouxe como consequência</p>

mais próxima para a história social da cidade, a desativação da zona boêmia que existia no seu entorno sendo tal prática transferida para as imediações das avenidas Cesário Alvim com João Naves de Ávila e Rondon Pacheco, conhecido também como “rua Uberaba”. Todavia, em face da valorização imobiliária, a partir da década de 1970, aquele espaço urbano foi reformulado.

(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)

8. Memorial descritivo: Sempre gostei muito de olhar para a capacidade panorâmica da fachada do Uberlândia Clube. Acho engraçado que, toda vez que falo do Uberlândia Clube, as pessoas associam o nome ao UTC (Uberlândia Tênis Clube), daí faço meu trabalho de esclarecer onde fica o Uberlândia Clube. O curioso é que ele é uma construção tão grande que sempre imaginei que seria lindo se fosse de frente para alguma praça, porém, ele fica na Rua Santos Dumont, uma das vias que cortam a Av. Afonso Pena e a Av. Floriano Peixoto. Pra mim, esse complexo é um exemplo claro da ideia que tenho de arquitetura moderna, com um *design* limpo, uso de curvas, dentro e fora do lugar. Este também é mais um dos lugares de Uberlândia que não conheci por dentro, mas consegui ver seu interior pela porta de vidro que dá acesso ao seu *hall*. Lá dentro tem um dos painéis do artista Geraldo de Queiroz. O Uberlândia Clube também tem um lugar em meus desejos de conhecer pessoalmente por dentro, e não somente nas histórias de minha mãe sobre o local. O térreo é cheio de lojas e restaurantes. Na Galeria Central, um minishopping que fica ali perto, tem uma sacada que oferece uma vista de frente para essa construção, quando subimos no segundo andar. Pensei em desenhar de lá, porém, ganhei mais visibilidade pegando sua fachada em perspectiva com o fluxo da rua.

Figura 128: Vista parcial da cidade: em 1º plano Uberlândia Clube, na Rua Santos Dumont. À esquerda, em 2º plano, construção do Edifício Tubal Vilela e, no centro, a Praça da República (dos Bambus), atual praça Tubal Vilela - ano de 1959



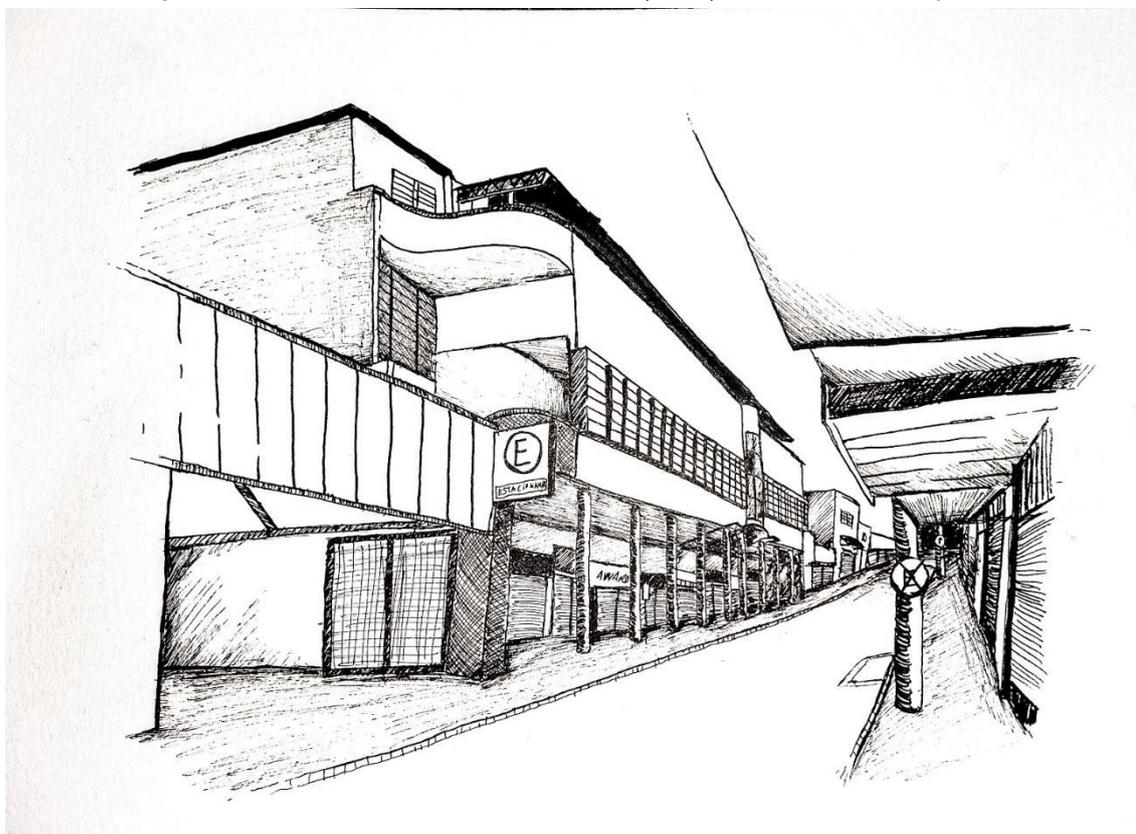
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 129: Registro atual do Uberlândia Clube Sociedade Recreativa



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 130: Foto do Registro n° 9 - Uberlândia Clube Sociedade Recreativa em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

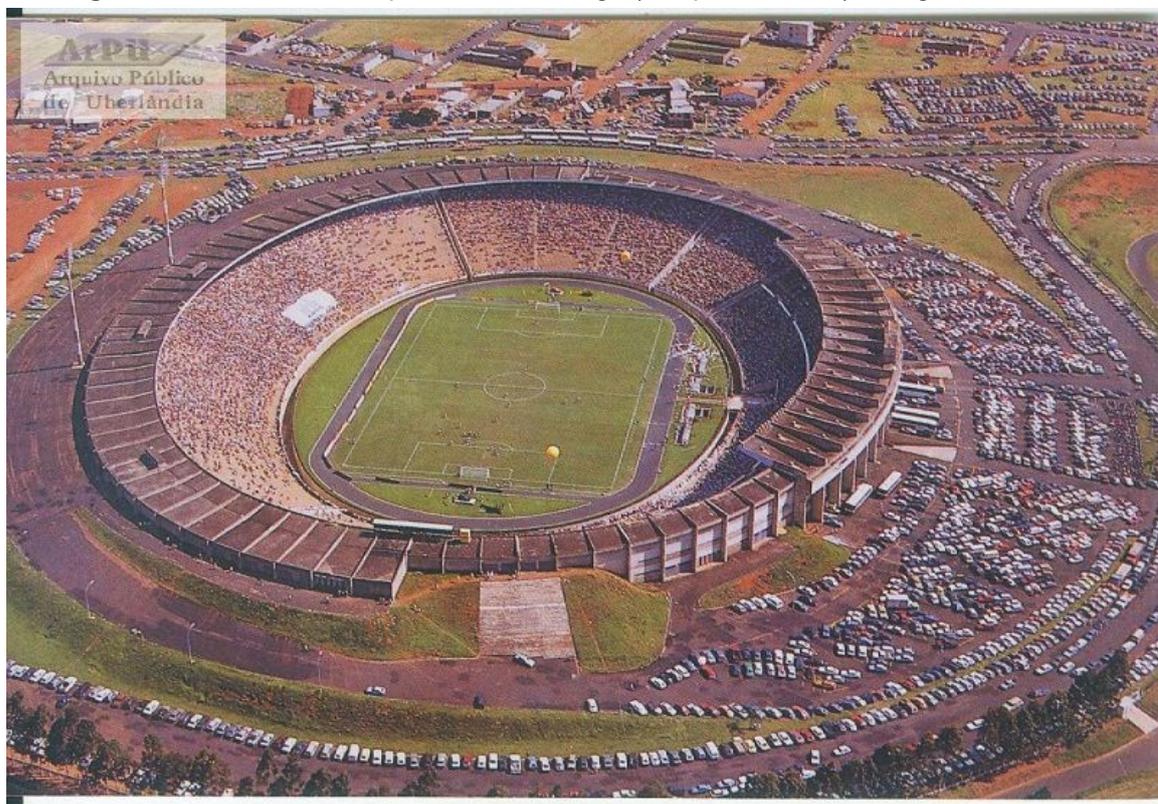
A terceira tipologia, intitulada *Estádios*, traz o registo dos dois estádios da cidade (Figuras 131 a 136) (Fichas 10 e 11), sendo eles: 1. Estádio Municipal Parque do Sabiá; 2. Estádio Juca Ribeiro. Tanto em um como noutro foram registradas partes de sua estrutura, devido às suas formas ovais ou por tomar conta de um quarteirão inteiro. No Juca Ribeiro, o antigo estádio da cidade onde hoje funciona um mercado, busquei representar a parte da arquibancada que ainda está conservada e funciona a entrada para o seu interior. No registo do Estádio Municipal Parque do Sabiá, também captei uma perspectiva da qual pude registrar os portões e a fachada com o letreiro do estádio.

Ficha 10: Estádio Municipal Parque do Sabiá

1. Número de Inscrição: 10.
2. Bem Tombado: Estádio Municipal Parque do Sabiá.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Av. José Roberto Migliorini, s/n - Santa Mônica, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Público.
6. Data de realização do desenho de locação: 20/07/2022.
<p>7. Descrição do bem: O Estádio Municipal Parque do Sabiá, que por muitos anos levou o nome de Estádio Municipal João Havelange, é um estádio multiuso localizado na Zona Leste da cidade de Uberlândia. O estádio está localizado no Complexo Municipal Virgílio Galassi, juntamente com o Parque do Sabiá e a Arena Multiuso Tancredo Neves (Sabiázinho). O estádio foi inaugurado no dia 27 de maio de 1982, pelo prefeito de Uberlândia Virgílio Galassi, com um amistoso entre a Seleção Brasileira e a Irlanda, jogo vencido pelos brasileiros pelo placar de 7 a 0 com a presença do Pelé, do presidente Figueiredo e do presidente da FIFA João Havelange nas tribunas do estádio. O primeiro gol foi marcado por Paulo Roberto Falcão. Segundo o Cadastro Nacional de Estádio de Futebol a capacidade do estádio é de 56.450 pessoas, sendo permitida a entrada pelo corpo de bombeiros de 53.350. O estádio é o segundo maior estádio do estado de Minas Gerais, o oitavo maior do Brasil, o 93º do mundo e o maior do interior do Brasil. É de propriedade da Prefeitura de Uberlândia e tem o Uberlândia Esporte Clube, o Clube Atlético Portal, a Associação Desportiva Unitri e é a casa do Coimbra Esporte Clube no ano de 2015 também. O nome de João Havelange, foi uma homenagem a um dos ex-presidente da FIFA, porém as questões de corrupção envolvendo a entidade do futebol, provocaram pedidos de mudanças do nome do estádio.</p> <p style="text-align: right;">(Fonte: Estadios.net)</p>
8. Memorial descritivo: Quando fui desenhar o Estádio do Parque do Sabiá, a primeira coisa que notei era que tinha mudado de nome. A lembrança que eu ainda tinha era de quando levava o nome de João Havelange, e que descobri por um colega que tinha trocado o nome porque o Havelange

era um ex-presidente da FIFA que se envolveu com corrupção, e assim gerou a mudança. Acho que o novo nome fez mais sentido. Já fui a jogos no estádio quando eu era criança. Tinha um jogo que acontecia todo ano, o Futebol Contra a Fome, que unia diversos artistas, dentre eles cantores, atores, personalidades da época e também jogadores de futebol. É uma estrutura bastante grande, em concreto armado; já andei bastante pela esplanada, nas idas ao parque. O estádio é um lugar onde, mesmo se afastando para ter uma visão do conjunto em sua totalidade, ainda se faz grande e monumental.

Figura 131: Estádio Municipal João Havelange (Parque do Sabiá), inaugurado em 1982



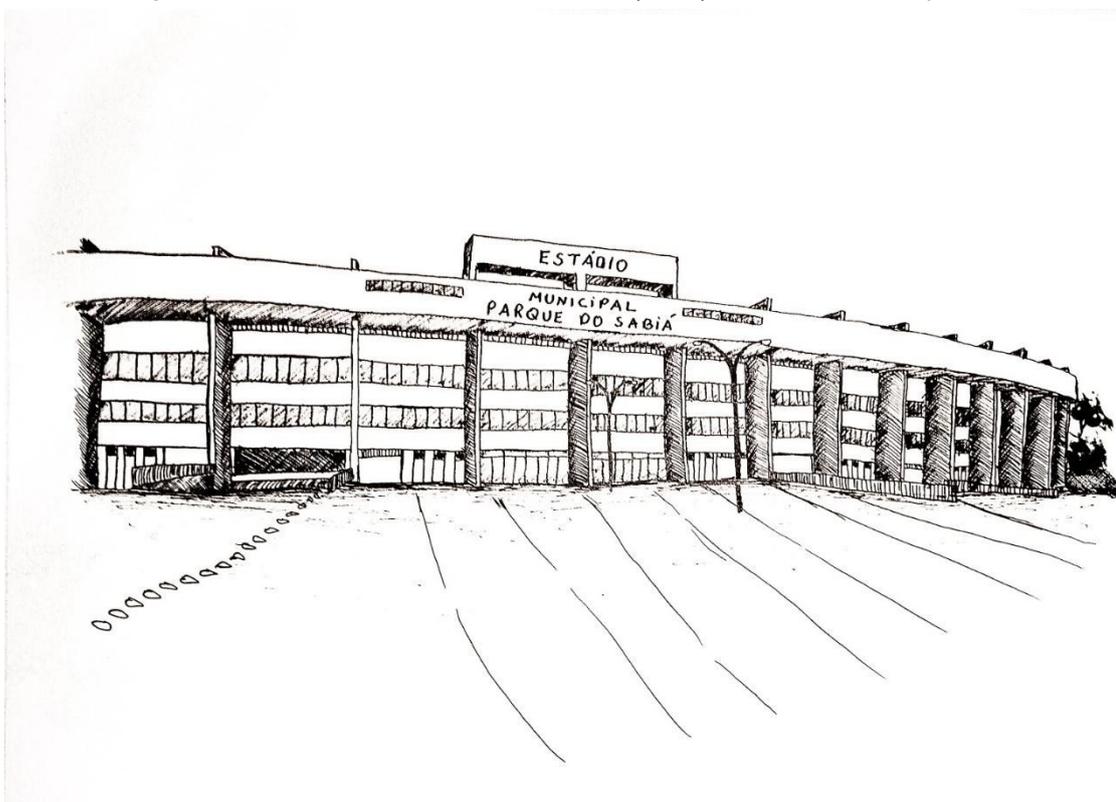
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 132: Registro atual do Estádio Municipal Parque do Sabiá



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 133: Foto do Registro nº 10 - Estádio Municipal Parque do Sabiá em *A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia* (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ficha 11: Estádio Juca Ribeiro

1. Número de Inscrição: 11.
2. Bem Tombado: Estádio Juca Ribeiro.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Rua Cruzeiro dos Peixotos, 377 - Centro, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Privado.
6. Data de realização do desenho de locação: 20/07/2022.
<p>7. Descrição do bem: Na década de 1920, a cidade era comandada e rivalizada politicamente por dois grupos. Cada grupo possuía sua própria banda e se revezavam na abertura dos jogos de futebol que aconteciam na cidade. O Partido Republicano Municipal possuía a banda denominada “Cocão” e o Partido Republicano Mineiro era representado pelos “Coiós”; possuíam entre si um acordo de revezamento. Em um importante jogo realizado no Campo da Associação Esportiva de Uberabinha, a banda “Cocão” decidiu, por ser a proprietária do campo, romper o acordo de revezamento e então os Coiós se retiraram do campo. Foi então que Gil Alves dos Santos - um fazendeiro que também era músico de uma das bandas e que gostava de futebol - decidiu doar uma área para a construção de um campo de futebol nos altos da Vila Operária. Foi então criado o Uberabinha Sport Club, que mais tarde se transformaria no Uberlândia Esporte Clube. Tal estádio leva hoje o nome de Juca Ribeiro - Diretor Geral de Esportes da Prefeitura na época-, e foi construído sob o comando e altruísmo de Agenor Bino, que convidou amigos e simpatizantes da causa, para que, numa ação conjunta de solidariedade e trabalho, colaborassem na construção da obra. Em 1935, foi concluída a construção das arquibancadas com capacidade para 4.000 pessoas. A partir de 1963, durante o mandato do Prefeito Renato de Freitas, o U.E.C. atravessou uma de suas fases mais calorosas. Aproveitando o intenso crescimento da cidade, a diretoria iniciou as obras para uma nova arquibancada circular, de cimento armado, em substituição à anterior, com capacidade para 7.000 torcedores e com melhor conforto para os torcedores. A estrutura da arquibancada foi aproveitada para a criação de estabelecimentos comerciais para aluguel visando a obtenção de rendas para o Clube. A gestão atual está nas mãos do Presidente Eduardo Anchieta e a renda do Clube vem do aluguel das lojas localizadas sob suas arquibancadas e de patrocínios.</p> <p style="text-align: right;">(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)</p>
<p>8. Memorial descritivo: Toda sexta-feira eu tinha aula de música no conservatório. De vez em quando dava uma passada na banca da minha tia Lídia, no Camelódromo Municipal de Uberlândia. O camelódromo era próximo da arquibancada do Juca Ribeiro. Minha tia me levava num restaurante que ficava embaixo da arquibancada. Almoçamos lá algumas vezes e sentávamo-nos perto de uma janela. Essa janela dava para uma área externa onde é um estacionamento. A arquibancada do Juca Ribeiro é uma grande galeria de lojas de diversos segmentos. Comprei meu primeiro estojo de aquarela em uma papelaria que fica embaixo da arquibancada. O engraçado era sempre entrar dentro do Juca Ribeiro e não encontrar a grama, e sim um mercado e seu estacionamento. É um grande estádio que fica no meio da cidade, do qual não existem mais parte da arquibancada e seu gramado. Quando olho para a arquibancada vazia, parece existir um fantasma da época em que o</p>

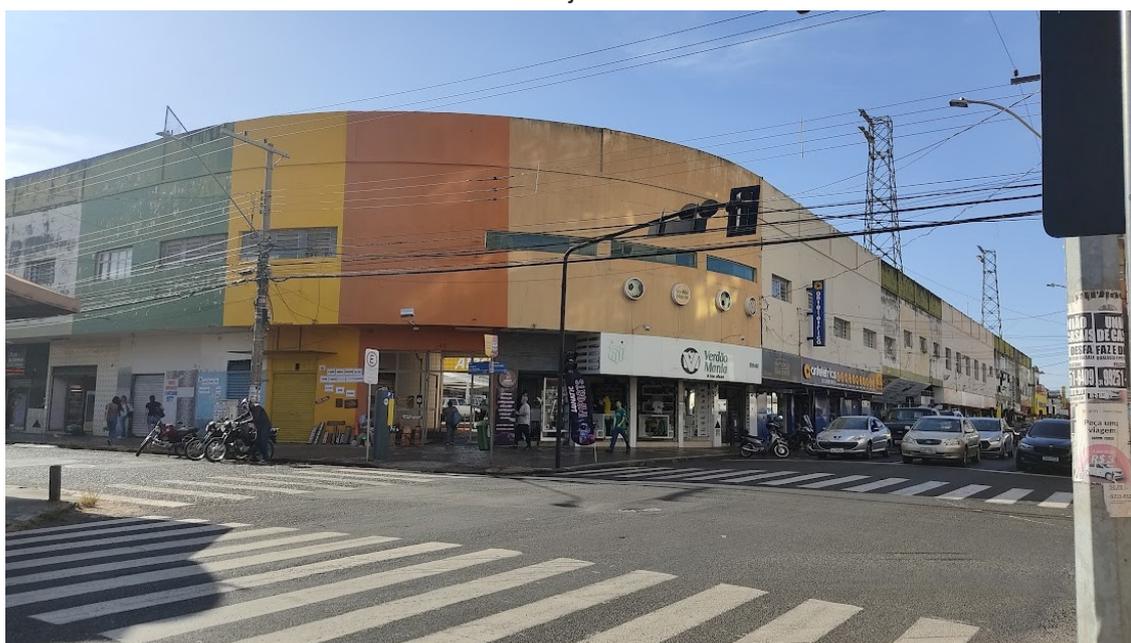
estádio funcionava. Foi da porta do Camelódromo que registrei em meus desenhos a vista que se tem deste lado do Juca Ribeiro, o lado que ainda está de pé.

Figura 134: Vista aérea da cidade, Bairro Aparecida - no centro, fica o estádio Juca Ribeiro



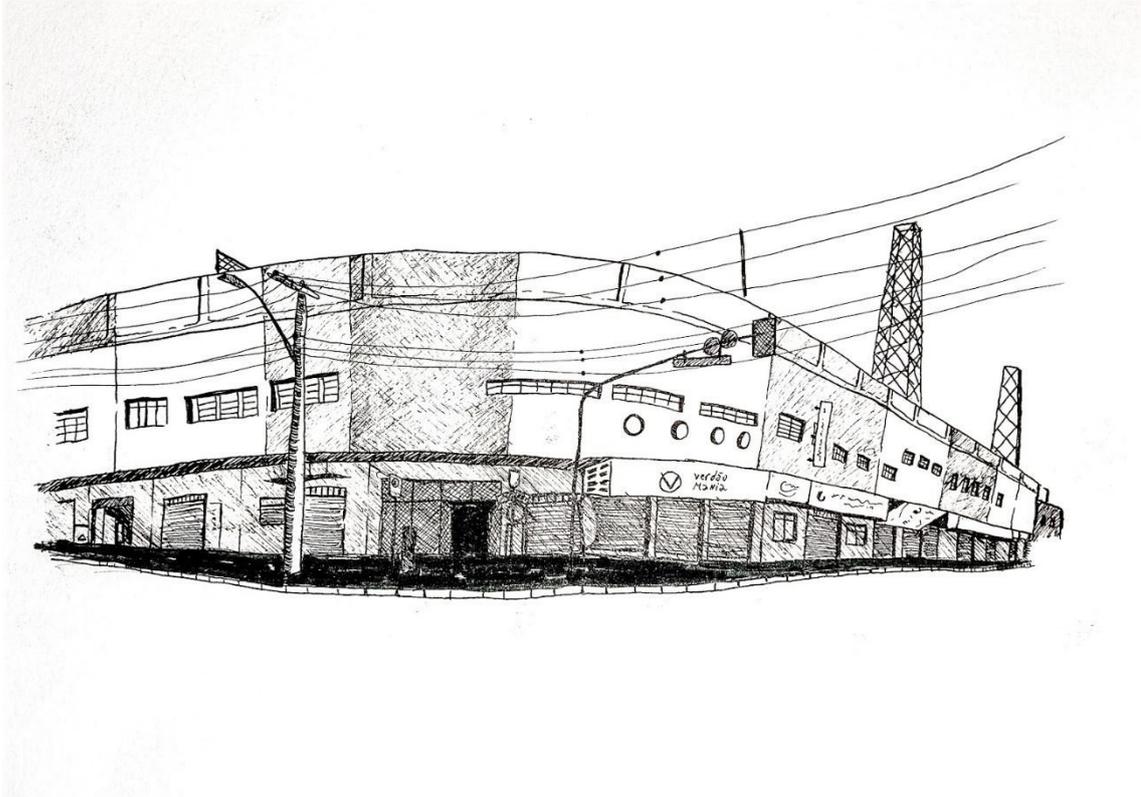
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 135: Registro atual da arquibancada do Estádio Juca Ribeiro, onde se abriga um complexo de lojas



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 136: Foto do Registro n° 11 - Estádio Juca Ribeiro em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

A quarta tipologia dessa classe, *Casarões*, destinou-se a residências de comerciantes, pessoas influentes ou figuras históricas da cidade (Figuras 137 a 148) (Fichas 12 a 15). Estas residências são: 1.Casaréu; 2.Casa da Cultura; 3.Residência Chacur; 4.Palacete Naghettini. No desenho do Casaréu, a perspectiva se deu quase que de esquina e sua vegetação mescla entre caneta nanquim e caneta hidrocor. Tanto em *Palacete Naghettini* como em *Residência Chacur* temos uma perspectiva de esquina. No desenho da Casa da Cultura, a imagem tem uma perspectiva frontal e sua vegetação foi feita somente com a caneta nanquim.

Ficha 12: Casaréu

1. Número de Inscrição: 12.
2. Bem Tombado: Casaréu.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Rua Vigário Dantas, 138 - Fundinho, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Privado.
6. Data de realização do desenho de locação: 28/06/2022.
<p>7. Descrição do bem: A Residência da família Ribeiro foi construída em 1936 pelo construtor italiano Silvio Rugane. A bela edificação, que hoje abriga a escola de Inglês Casaréu, era propriedade do Dr. Olavo Ribeiro, que ali morou com toda a família. A ideia inicial seria uma reforma no imóvel que existia no local, e no ano de 1936, foi contratado do Sr. Rugane para realizar a alteração na fachada do imóvel. Mas, acabou acontecendo a construção de uma edificação completamente nova, que abrigou não apenas a residência da família, mas também o consultório do Dr. Olavo Ribeiro, com acesso distinto pela lateral. Na década de 1980, o imóvel abrigou a Secretaria Estadual de Ensino e posteriormente a sede regional da EMATER. Na década de 1990, o imóvel foi locado pela arquiteta Ana Cristina Rodrigues da Cunha, passando a abrigar o antiquário Vila Antica. Após um período fechada, a residência foi vendida ao professor David George Francis em 25/10/2003, que realizou uma reforma, transformando a residência em escola, procurando manter as características originais desse imóvel que resguarda a memória da cidade de Uberlândia. Atualmente, funciona no imóvel a escola de línguas, oratória e leitura dinâmica, denominada Casaréu.</p> <p style="text-align: right;">(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)</p>
<p>8. Memorial descritivo: O Casaréu é um casarão que sempre me chamou atenção quando passava por ele, visto que me lembrava dos estilos da Casa da Cultura e do casarão no interior da Oficina Cultural. A frente do imóvel é muito diferente das fotos que vi em pesquisa, visto que o jardim hoje em dia é menor e a grade fica no em contato com o chão, não existe um murinho. É também nessa casa que tem trabalhos parietais do Ido Finotti, com os quais fiquei encantado vendo os padrões que ele pinta na janela. Acho lindo o seu jardim, porque, mesmo que eu não consiga entrar, a menos que solicite, consigo sentir que estou dentro da casa, pois o jardim é convidativo e, mesmo com as grades, dá uma sensação de aberto. Lembro que na época em que houve o evento da Urban Sketchers no local, a placa do Casaréu não estava lá, então não sabíamos o que era aquele lugar. O que sabíamos é que era um casarão e que iríamos registrar aquele lugar todo amarelinho, igual aos outros edifícios históricos da cidade que por algum motivo se tornaram amarelos também.</p>

Figura 137: Imóvel na Rua Vigário Dantas esquina com Rua Bernardo Guimarães, onde atualmente funciona a Escola Casaréu



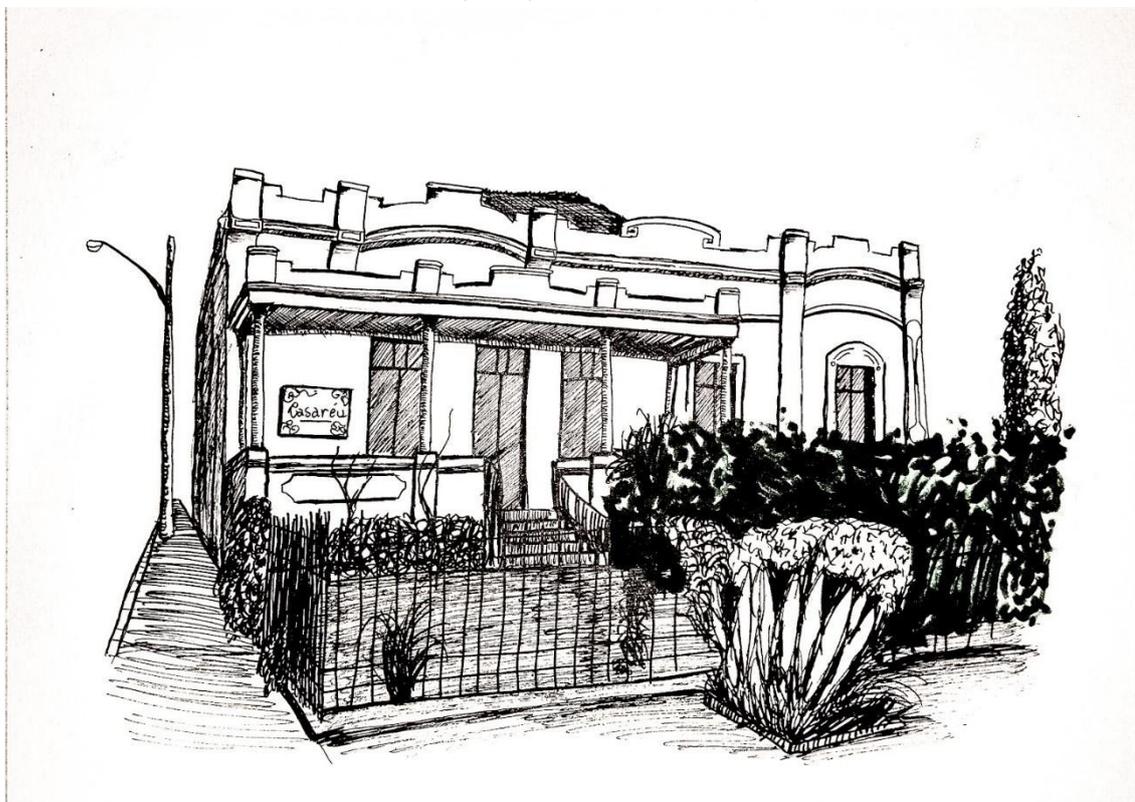
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 138: Registro atual da Escola Casaréu



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 139: Foto do Registro nº 12 - Casaréu em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ficha 13: Casa da Cultura

1. Número de Inscrição: 13.
2. Bem Tombado: Casa da Cultura.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Praça Coronel Carneiro, 89 - Fundinho, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Público.
6. Data de realização do desenho de locação: 28/06/2022.
7. Descrição do bem: A Casa da Cultura, construída de 1922 a 1924 pelo Sr. Eduardo Marquez, importante figura política de Uberlândia e Intendente Municipal nos anos de 1923 a 1926, teve seu projeto inspirado em um palacete paulista, conhecido pelo Sr. Marquez em uma de suas viagens a São Paulo, de onde trouxe fotografias e desenhos. O projeto foi confiado ao engenheiro Fernando Paes Lemes e a construção ficou a cargo do empreendedor Américo Zardo. Foi a primeira construção realizada com alicerces de pedra moída e que empregava materiais oriundos do exterior e de outros estados, tornando-se a casa mais destacada e importante da cidade. Vendido, por volta de 1937, ao médico Laerte Vieira Gonçalves, o imóvel passou por algumas intervenções visando acomodar, no porão, a Casa de Saúde, e no primeiro pavimento, sua residência. Posteriormente,

para servir somente como Casa de Saúde e Maternidade, construiu-se um anexo (volume da lateral direita da fachada principal), destinado a abrigar uma sala de cirurgia e uma de esterilização. Tal construção efetivou-se, provavelmente, entre as décadas de 1940 e 1950. Em princípios de 1960, o palacete foi vendido ao Governo do Estado de Minas Gerais e passou a sediar a Delegacia Regional de Polícia Civil e, mais tarde, o Centro Regional de Saúde. Em seguida, o imóvel sediou a Superintendência Regional da Fazenda Estadual, até 1983, quando da mudança do órgão para nova sede, passando a casa a funcionar como depósito de material apreendido. Em maio de 1984, o Estado doou o imóvel ao município de Uberlândia, em regime de comodato, pela emenda nº 1 da Lei nº 8541/84, criando a Casa da Cultura, com o objetivo de “resgatar parte da história de Uberlândia, relacionado com o progresso municipal e fornecer à população um local para abrigar vertentes da cultura local”. A Lei Municipal nº 4217 de 15 de dezembro de 1985, de autoria da vereadora Olga Helena da Costa, decretou o tombamento do imóvel. O primeiro projeto de restauração do bem foi elaborado, entre os anos de 1984 e 1985, pelos arquitetos Ricardo Pereira, então chefe da Seção de Projetos de Equipamentos Urbanos – Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, e Maria Angélica Fernandes, colaboradora do projeto, e pelo restaurador Sílvio Luís Rocha. Já em 1989, necessitou de reparos, permanecendo fechada por longo período para a execução das obras. A casa passou então a sediar as seguintes atividades e setores: Galeria de Arte Geraldo de Queiroz, Salão Nobre para palestras, cursos, vídeos, saraus e ensaio do Coro Municipal, além de reuniões. Além das atividades inerentes à Casa da Cultura, o imóvel abrigava também o Museu de Ofícios, a seção de Preservação e Tombamento, laboratório de fotografia, encadernação e restauro e o setor de Programação Visual da Secretaria de Cultura. A instabilidade de seu funcionamento e a esporádica manutenção física do imóvel resultaram no abandono, acelerando a ação do tempo. Outros diferentes projetos de restauração foram propostos, como o da arquiteta Marlene A. F. Spini, através do Pronac, ou dos arquitetos Alessandro Rende e Rodrigo Meniconi; porém, nenhum executado, resultando, em meados de 2000, no desabamento do frontão da fachada principal. Em fins do segundo semestre de 2000, o evento Casa Décor pretendia utilizar-se do espaço da Casa da Cultura para a instalação de inúmeros ambientes que reuniram diversos projetos de decoração. No entanto, por constituir um imóvel resguardado por tombamento, não houve autorização para a realização do evento na casa. A Casa está, portanto, de fato, fechada desde 1995. No ano de 2002, o arquiteto Fábio Leite, diretor da Divisão de Memória e Patrimônio Histórico, e a arquiteta Juliana Gomes Gularte, da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Urbano, ambos da Prefeitura Municipal de Uberlândia, elaboraram um novo projeto para restauração da Casa da Cultura, cujas obras estão previstas para 2003. (Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)

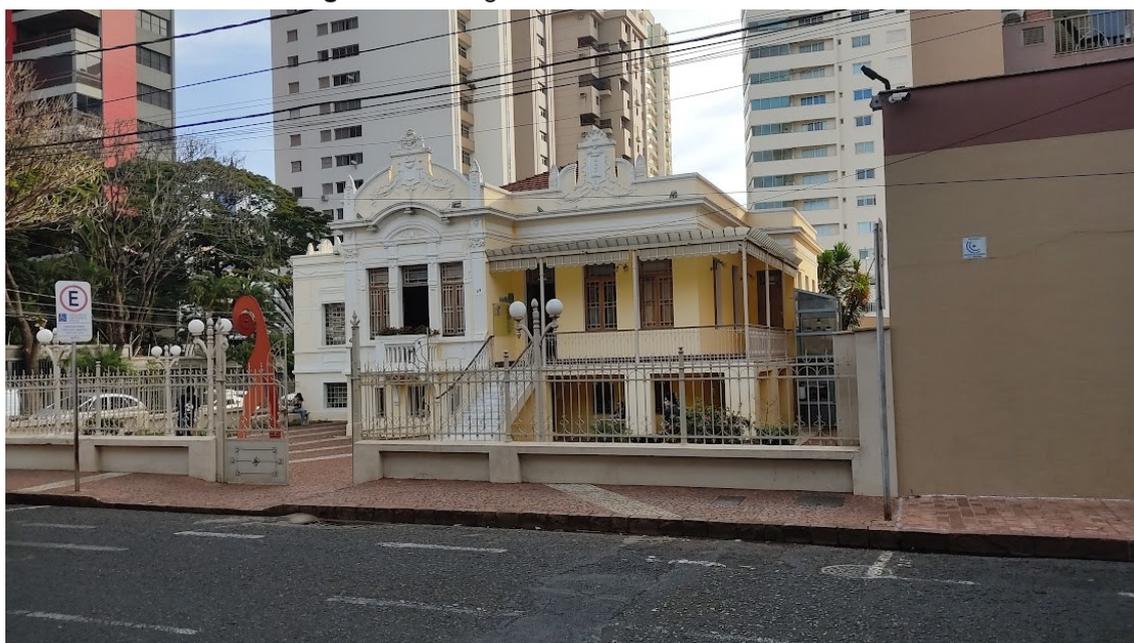
8. Memorial descritivo: A Casa da Cultura guarda a lembrança mais gostosa que tenho sobre o Urban Sketchers. Foi nosso 4º encontro, e estávamos todos entre amigos. São amizades que todos hoje em dia estão distantes, e alguns foram levados pela covid-19. Foi um dia lindo de registros e cheio de detalhes. Também me lembro de 2018, quando visitei a Casa da Cultura para fazer uma aquarela do lugar. Ainda estava iniciando na aquarela e lembro que meus detalhes do lugar ficaram lindos. A aquarela que fiz da frente da casa ficou meio opaca, pois carreguei no pigmento. Depois ficou como uma lembrança daquele momento do fazer da aquarela, que sempre foi muito gostoso. Visitei bastantes exposições no espaço, dado que lá funciona a galeria que leva o nome do Geraldo de Queiroz. Também visitava os concertos musicais que aconteciam uma vez ou outra, na época em que eu fazia aula no Conservatório Estadual de Música. Redesenhar esse espaço foi revisitar essas memórias.

Figura 140: Prédio da Superintendência Regional da Fazenda, atualmente Casa da Cultura, na Praça Cel. Carneiro - década de 1970



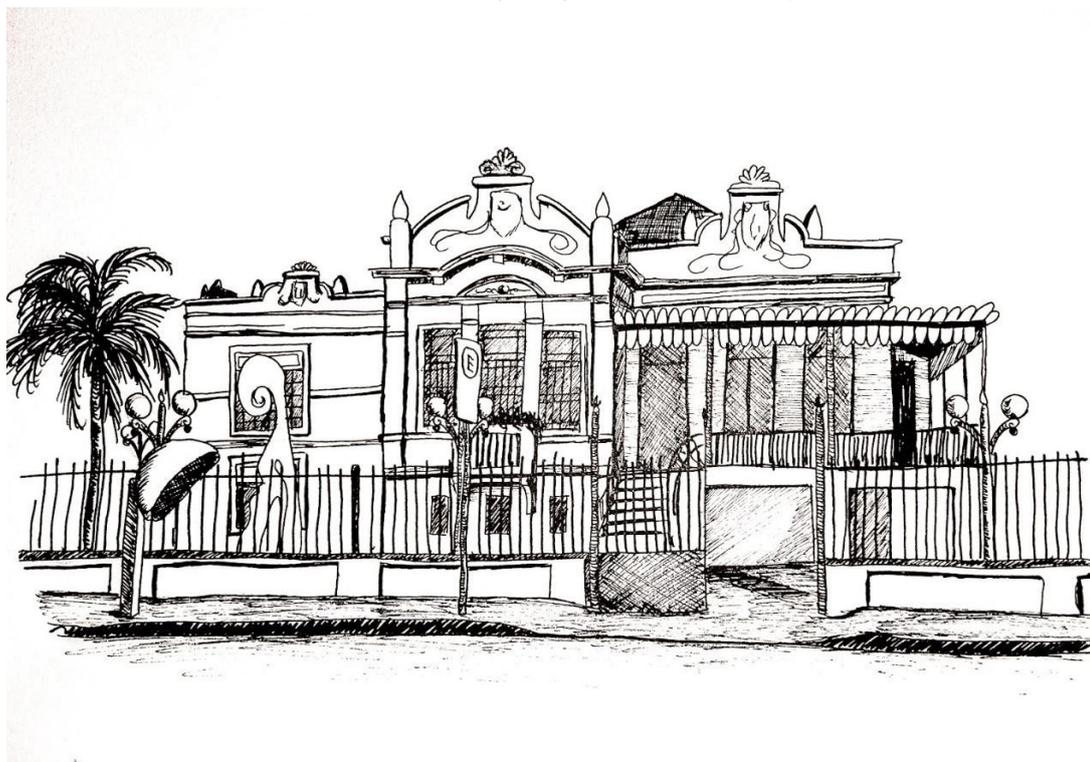
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 141: Registro atual da Casa da Cultura



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 142: Foto do Registro nº 13 - Casa da Cultura em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ficha 14: Residência Chacur

1. Número de Inscrição: 14.
2. Bem Tombado: Residência Chacur.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Rua Marechal Deodoro da Fonseca, 52, esquina com Rua Vigário Dantas, Fundinho, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Público.
6. Data de realização do desenho de locação: 19/07/2022.
7. Descrição do bem: Não há documentação que informe a data exata da construção do imóvel, no entanto, suas características arquitetônicas e o fato de sua primeira transferência datado de 1927, indicam-nos que sua construção se deu no início da década de 1920. Os primeiros proprietários foram Francisco Moyulba e sua esposa. Os proprietários seguintes foram o Setrack Naccachi e sua esposa e, em 1927, passou para Salomão Attie & Cia. Em 1932, em consequência da dissolução da firma Salomão Attie & Cia. e para o saldo de uma hipoteca, a residência foi vendida para Aníbal Guimarães e sua mulher que, em 1934, a transferiram para Miguel Jacob. Posteriormente, em 1936, a residência voltou às mãos da família Attie, uma vez que Miguel Jacob a vendeu aos filhos de Salomão Attie, Jorge Salomão e Adib Salomão, ainda menores de idade. Em 1944, vendeu-se, novamente, o imóvel, desta vez, para o Aladim José Bernardes, que transferiu, em 1962, a Adel

Elias El Rassi e Abrahim Elias Rassi. Nesse período, efetivou-se uma divisão no imóvel, ficando uma parte com nove cômodos e a outra com sete. Enfim, em 1966, as duas partes do imóvel passaram para Said Chacur e sua esposa Albertina Chacur. Com a morte do Said Chacur, seus herdeiros – Albertina e seus filhos Bacima, Nádia, Nazira e Marco Antônio – tornaram-se os responsáveis pelo imóvel. Em 1984, a residência passou por uma reforma, em que se acrescentou ao volume da cozinha uma varanda e uma garagem, e parte do piso foi trocado. Em uma das salas, o forro, anteriormente de madeira, foi substituído por um de gesso e algumas esquadrias também foram substituídas. Atualmente, Albertina reside com a filha Nazira em uma das partes da casa. A outra parte, é locada por Hiram Abritta, abrigando uma escola de Língua Portuguesa.

(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)

8. Memorial descritivo: Descobrir aquele casarão na Rua Vigário Dantas foi uma situação inusitada, pois nunca passava por aquele lado e, quando passei a andar por ali com mais frequência, sempre confundia este casarão com o da outra esquina, duas quadras para frente. O engraçado é que os dois casarões não se parecem nem um pouco, visto que um é mais térreo, e o outro é um pouco mais comprido. Não sei como é o interior da residência Chacur, mas parece ser bem diferente do que um dia já foi. As janelas parecem não ser funcionais, pois me lembro de um dia, passando pelo imóvel, vi em uma das janelas que parecia estar vedada, impossibilitada de se abrir. Fiquei imaginando se eles mantinham elas fechadas e tinham ar-condicionado lá dentro. Hoje funciona no espaço uma clínica de neurologia, fisioterapia e pilates. O que me fez apaixonar pelo lugar foram suas janelas, que são várias, e por estar na esquina, de alguma forma ele faz uma presença para quem passa pela rua. Quando desenhei sua fachada em perspectiva, parecia que a casa ganhava um modo único, singular de existir na paisagem.

Figura 143: Imóvel localizado na Rua Vigário Dantas com Marechal Deodoro - Residência Chacur, tombado como patrimônio histórico - década de 2000



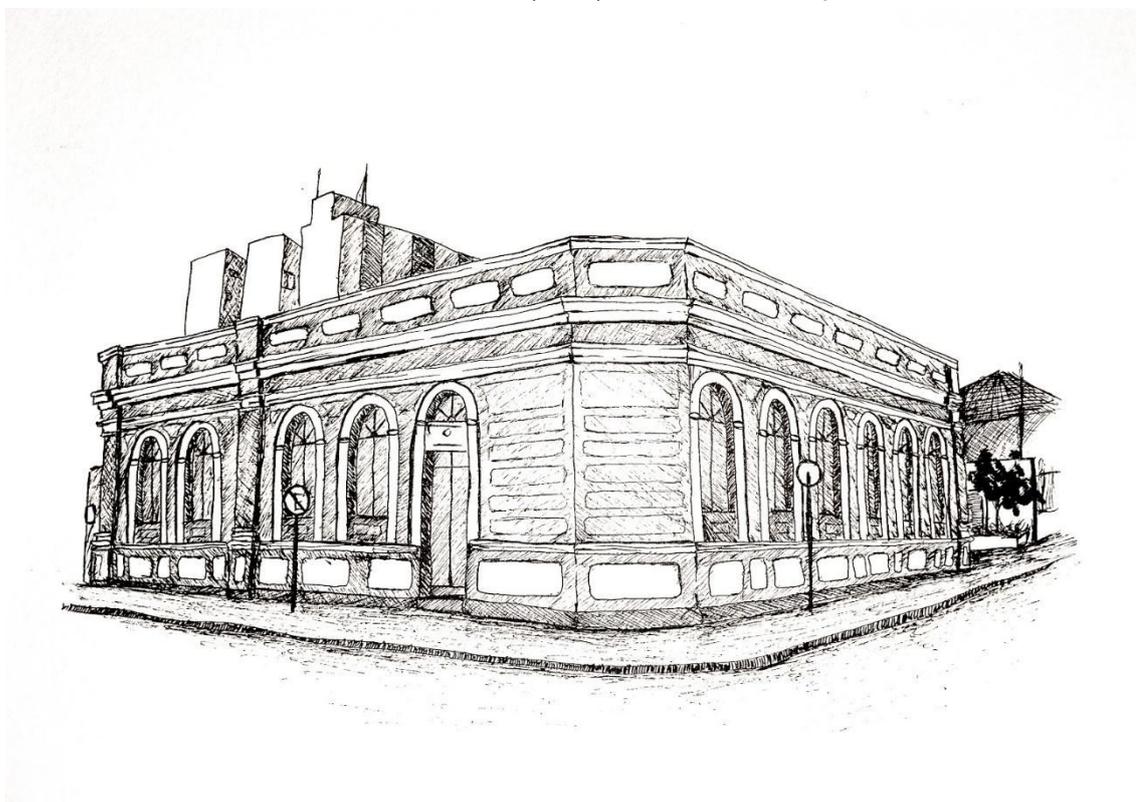
Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 144: Registro atual da Residência Chacur



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 145: Foto do Registro n° 14 - Residência Chacur em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ficha 15: Palacete Naghettini

1. Número de Inscrição: 15.
2. Bem Tombado: Palacete Ângelo Naghettini.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Av. Afonso Pena, 56 - Centro, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Público.
6. Data de realização do desenho de locação: 27/06/2022.
<p>7. Descrição do bem: O Palacete Ângelo Naghettini, localizado na Avenida Afonso Pena, 56, foi erguido entre os anos de 1925 e 1927 por um construtor alemão que se encontrava na cidade a serviço da Prefeitura Municipal, cujo nome não pôde ser identificado. O edifício, com três pavimentos, era o mais alto da cidade na época de sua construção e um dos mais requintados. Empregou tecnologia inovadora utilizando cimento importado, novos materiais nos acabamentos, mobiliários e ornamentos também importados. Foi projetado para abrigar a residência da família Naghettini e o estúdio de fotografia, que ocupavam o primeiro pavimento. Alguns cômodos comerciais no térreo foram usados para outros empreendimentos do proprietário, tais como empresa funerária, ótica (a primeira da cidade), loja de joias e fábrica de molduras de quadros e espelhos (também a primeira da cidade). O terceiro pavimento constituía-se de um mirante e sótão, que durante algum tempo foi utilizado como estúdio fotográfico. Depois da morte do Sr. Naghettini, em 1970, a divisão dos cômodos do térreo foi alterada e alugaram-se para estabelecimentos comerciais. O primeiro e o segundo pavimentos permaneceram desocupados até 1983, quando o imóvel foi arrematado em leilão pelo Sr. Victório Siquieroli. Após essa data, o primeiro e o segundo pavimentos também foram redivididos e passaram a ser alugados para lojas. O proprietário do imóvel adquiriu o terreno da lateral esquerda e o transformou em estacionamento para os comércios. Em 2000, todo o edifício foi reformado. O palacete possui planta regular, é alinhado à calçada, tem acesso pela Avenida Afonso Pena, através do pavimento térreo. Possui uma escada lateral nos fundos, datada da época da construção, que leva ao segundo pavimento onde se localizavam as demais dependências da antiga residência. Esse edifício marca o início das construções no espaço urbano de Uberlândia que ficou conhecido como “Cidade Nova”. Sua beleza e excentricidade nos dá mostra dos projetos arquitetônicos que estavam sendo incorporados e implementados em Uberlândia no início do século XX.</p> <p style="text-align: right;">(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)</p>
<p>8. Memorial descritivo: Dos edifícios de Uberlândia, o palacete é o lugar que me chama mais atenção, com sua arquitetura que parece aludir ao estilo de outras culturas. Lembra lugares do Oriente Médio, com suas janelas estilizadas em formatos arredondados e várias aberturas. Sua sacada oferece uma vista linda para o Centro e a Praça Clarimundo Carneiro. Lembro que nesse espaço já foi tanta coisa. Lembro de haver uma ótica e também um crediário. Na lateral do palacete onde são o portal e avaranda lateral, não me lembro de ter visto alguma coisa antes do “Seu Rosa”. O Palacete já tinha tantas cores, acho que o mais peculiar foi quando ele tinha tons de branco e verde. Hoje ele é todo de um amarelo-gema, mas ainda mantém sua beleza como sempre, destacando-se de longe. Sou um frequentador do bar que fica em seu recinto, então me lembro dos</p>

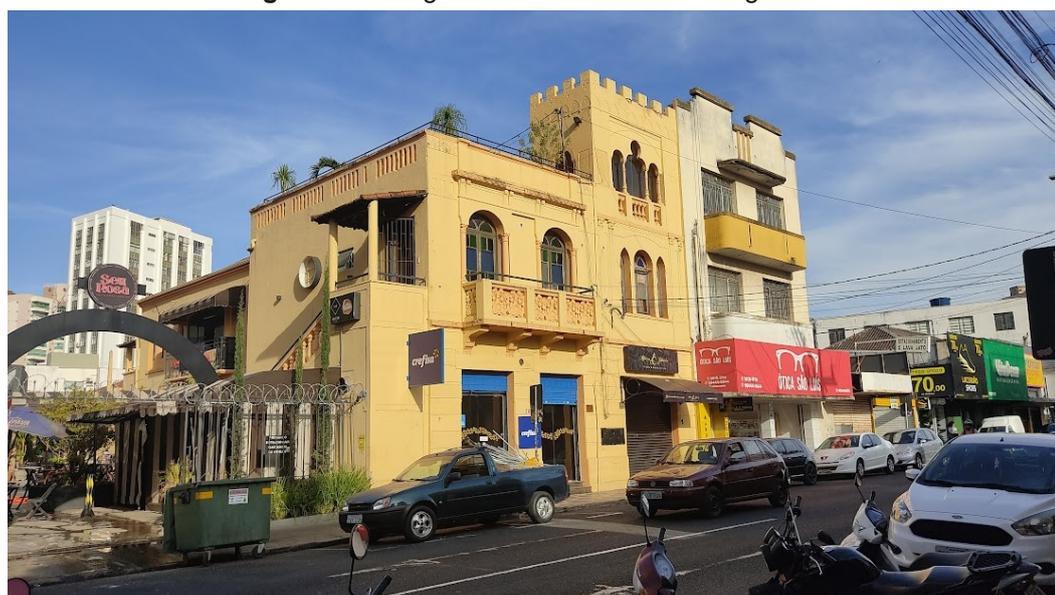
dias em que tive reuniões com amigos por lá. Foi uma delícia registrar toda essa paisagem do palacete no papel.

Figura 146: Vista parcial da cidade, trecho da Av. Afonso Pena próximo à Rua Goiás. À direita, prédio alto, da família Naghettini, construído na década de 1920 - imagem da década de 1930/40



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 147: Registro atual do Palacete Naghettini



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 148: Foto do Registro n° 15 - Palacete Naghettini em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

A última tipologia que encerra a classe e o arquivo, intitulada *Consumo, Lazer e Religiosidade*, integra três lugares distintos e de tradição da cidade (Figuras 149 a 157) (Fichas 16 a 18). Formam essa tipologia: 1. Mercado Municipal de Uberlândia; 2. Praça da Bicota; 3. Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Nos desenhos do Mercado Municipal de Uberlândia e da Praça da Bicota a vegetação aparece grosseira, visto ser abundante nesses locais. A tinta da caneta hidrocor aparece mais fraca nesses desenhos, trazendo um fundo esverdeado sobre o preto que representa as árvores. Ambos representam espaços de comércio e lazer para a população uberlandense. O desenho da Igreja de Nossa Senhora do Rosário aparece nessa tipologia com sua fachada e a vegetação feita à nanquim. Tal imagem integra esse grupo por localizar-se à Praça Rui Barbosa, popularmente chamada de “Praça da Bicota” devido ao nome da sorveteria que funciona no local.

Ficha 16: Mercado Municipal de Uberlândia

1. Número de Inscrição: 16.
2. Bem Tombado: Mercado Municipal de Uberlândia.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Olegário Maciel, 255 - Centro, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Público.
6. Data de realização do desenho de locação: 27/06/2022.
<p>7. Descrição do bem: O primeiro decreto - lei autorizando a construção de um mercado municipal em Uberlândia, data de 13 de janeiro de 1923, porém, a sua construção, à Rua Olegário Maciel, no. 255, só aconteceu em 25 de dezembro de 1944, no mandato do Prefeito Vasconcelos Costa. Sendo este o único estabelecimento do gênero, à medida que a cidade crescia, a ampliação do prédio tornou-se necessária. Na Administração do Prefeito Tubal Vilela da Silva, foi criado um prédio anexo, ocupando toda a lateral direita e o fundo do terreno; este anexo serviria de estufa para o amadurecimento de frutas. Como o projeto não foi bem sucedido, o prédio foi transformado em um local para novas lojas. Posteriormente foi construído outro bloco, na área lateral esquerda da construção original, com lojas na fachada voltada para a Avenida Getúlio Vargas e outras para a área interna do Mercado; o pavimento superior cedido à UESU (União dos Estudantes Secundaristas de Uberlândia), que ali permaneceu até 1991. Em 1959, na gestão do prefeito Geraldo Ladeira, foram construídos seis cômodos, na lateral esquerda do prédio principal, destinados à instalação de açougues, além de novos sanitários localizados no pátio. Em 1972, no governo do Prefeito Virgílio Galassi, foi construído um cômodo para o depósito de frutas, anexo às lojas do fundo. Com a criação do CEART, em 1977, o Mercado Municipal perdeu sua função de concentrador do comércio atacadista hortifrutigranjeiro, ficando apenas com o comércio varejista. Em 1985, foi criado mais um anexo em seu pátio, destinado a receber a administração, o PRONAV - Programa Nacional de Voluntários - e um cômodo para depósito. A partir de 1995, nas gestões dos Prefeitos Paulo Ferolla da Silva e Virgílio Galassi, os prédios centrais, laterais direito e dos fundos foram restaurados. Atualmente, o Mercado Municipal conta com 46 (quarenta e seis) lojas comerciais e 09 (nove) depósitos para armazenamento de produtos. O prédio cuja fachada é voltada para a Avenida Getúlio Vargas, hoje acomoda a sede da Associação dos Aposentados e Pensionistas de Uberlândia e as suas lojas estão fechadas.</p> <p align="right">(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)</p>
<p>8. Memorial descritivo: O Mercado Municipal de Uberlândia é um reduto de memórias que guardo com carinho até hoje. As primeiras lembranças que tenho é de sempre passar por lá, quando criança, visto que era caminho para o antigo trabalho do meu pai, onde eu fazia tratamento de dentes. O mercado tinha e tem até hoje um cheirinho de queijo no ar. Adorava andar lá e ver os artesanatos, já que eu sou um grande fã de trabalhos manuais. Foi também lá que em 2011 houve o lançamento de um livro que participei da produção quando criança, chamado <i>Cem Pratos, Cem Histórias: Encontros</i>, no qual eu e vários adolescentes escrevemos sobre pessoas da cidade de Uberlândia e suas histórias com alguma receita. Entrevistei um senhor que trabalha até hoje no mercado vendendo fumo. Ele me passou uma receita de bolinho de fubá frito. O lançamento do livro foi um</p>

evento do qual não esqueço. Lembro o cantor Lísias se apresentando no evento. Lembro de ouvir também que em algum momento o Mercado Municipal deixou de fazer as funções de comércio central da cidade e passou a ser varejista, dando essa função ao CEASA (Centro Estadual de Abastecimento). Minha mãe trabalhou muitos anos no CEASA, onde me levava sempre, até parar de trabalhar lá. Uma lembrança me leva a outra. O legal de se desenhar o Mercado Municipal é que são tantas perspectivas, que quando eu olho de longe parece uma minicidade. Guardo em minhas memórias esses momentos e as apreciações sobre os painéis de Geraldo de Queiroz em baixo-relevo.

Figura 149: Prédio do Mercado Municipal, Rua Olegário Maciel com Av. Getúlio Vargas, construído na década de 1940



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 150: Registro atual da frente do Mercado Municipal de Uberlândia, vista da Av. Getúlio Vargas



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 151: Foto do Registro n° 16 - Mercado Municipal de Uberlândia em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ficha 17: Praça da Bicota

1. Número de Inscrição: 17.
2. Bem Tombado: Praça da Bicota (Praça Rui Barbosa).
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Praça Rui Barbosa s/n - Centro, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Pública.
6. Data de realização do desenho de locação: 24/06/2022.
<p>7. Descrição do bem: O desenvolvimento da vida urbana ocorrido em fins do século XXI em muitas regiões do Brasil gerou a necessidade de repensar o espaço urbano. A divisão entre o espaço destinado aos pedestres e a circulação de veículos impulsiona o surgimento de novas praças na cidade, delineadas de acordo com o tráfego. No mapa de 1915 a Praça Rui Barbosa já aparece com este nome, que talvez tenha sido escolhido quando da execução do plano de expansão da cidade no ano 1908, que assinala o fim do povoamento no sentido leste. O surgimento desta praça tem a ver com a construção da Capela de Nossa Senhora do Rosário, inaugurada em 1893. A capela foi construída com a fachada voltada para o Vale do Córrego São Pedro, de acordo com os moldes tradicionais de construção de templos naquela época. Entre os anos de 1928 e 1931, uma nova capela foi construída em substituição à antiga e voltada para o sentido norte, de acordo com a expansão da cidade. A praça neste momento é apenas um espaço vazio, seu limite são as casas em seu entorno. Em meados de 1930, imagens revelam a Praça Rui Barbosa pavimentada e ajardinada, seu contorno definido em função do tráfego de veículos, duas ilhas foram criadas em frente ao canteiro central. Em 1984 a Praça Rui Barbosa sofreu nova alteração em função do fluxo viário, a praça remodelada priorizou o indivíduo, criou-se um espaço de convívio. O valor simbólico representado pela Igreja Nossa Senhora do Rosário, a mais antiga de Uberlândia e onde são realizadas as tradicionais festas do Congado, confirma o interesse em preservá-la. As atividades de lazer como o “footing” sempre foram constantes na praça. Com a instalação nas proximidades, no ano de 1977, da Sorveteria Bicota, que atraía a população, criou fama e emprestou seu nome à praça, que nos dias atuais é comumente conhecida como Praça da Bicota.</p> <p align="right">(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)</p>
<p>8. Memorial descritivo: A praça Rui Barbosa, ou, como se faz mais famosa na nossa atualidade, conhecida como nossa querida “Bicota”, é um importante espaço de movimentação cultural, principalmente para o povo da periferia. Vivenciei a praça tanto de dia, como de noite. Durante o dia, era gostoso sentar depois de um dia de andanças pelo Centro lotado, um lugar onde sempre ia com amigos descansar. A sorveteria Bicota, que é quem dá a fama do nome à praça, vende sorvetes tão gostosos, que tem que ter estômago para saborear, porque são muitos sabores. Lembro que fiquei encantado quando descobri que tinha um sorvete sabor café, fiquei eufórico, porque, como bom mineiro, amo café, e com derivados dele não seria uma novidade. Os bancos arredondados em uma meia-lua criam uma ideia de convite para um grupinho de amigos se sentar, e ali todo mundo consegue se ver. É aí que entra a atmosfera da noite. São diversos bares, casas noturnas ao redor da praça que fazem com que o trânsito na Av. Floriano Peixoto fique lento ao fim da noite, com a superlotação da praça e de suas vias de acesso. A galera que sai das casas noturnas mais distantes,</p>

quase sempre termina o seu “rolê” na praça, bebendo aquele último vinho baratinho. Tenho isso nítido em minha memória, pois por muitos anos fiz isso. Foi um reencontro depois do período de pandemia que se instalou desde 2020, poder andar e ver gente naquele espaço novamente, que sempre esteve vivo, de dia e de noite. A Praça da Bicota é um local que perpetua arte, cultura e lazer. As árvores tomam conta do espaço, fazendo a gente se sentir em contato com um pedaço da natureza. Tomo em minhas linhas essa massa de natureza e edifícios que compõem essa praça.

Figura 152: Praça Rui Barbosa, conhecida atualmente como Praça da Bicota, década de 1930



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 153: Registro atual da Praça da Bicota (Praça Rui Barbosa)



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 154: Foto do Registro nº 17 - Praça da Bicota em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia (2022), hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ficha 18: Igreja de Nossa Senhora do Rosário

1. Número de Inscrição: 18.
2. Bem Tombado: Igreja de Nossa Senhora do Rosário.
3. Natureza do Bem Tombado: Estrutura Arquitetônica e Urbanística.
4. Localização: Praça Rui Barbosa s/n - Centro, Uberlândia-MG.
5. Propriedade: Eclesiástica.
6. Data de realização do desenho de locação: 24/06/2022.
<p>7. Descrição do bem: A Igreja Nossa Senhora do Rosário constitui-se a terceira construção destinada ao Rosário de Maria Santíssima nessa cidade. Sua primeira implantação seria realizada na baixada que verte para o Ribeirão São Pedro. Entretanto, considerando as tendências de crescimento do arraial, optou-se por construí-la no local atualmente ocupado pela Praça Dr. Duarte. No ano de 1891, o Sr. Arlindo Teixeira, membro da Comissão Procuradora da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, propôs a transferência da capela, que se encontrava em estado de abandono e degradação, para a praça hoje denominada Rui Barbosa. Autorizada pela comissão em junho do mesmo ano, a construção da capela foi finalizada em 1893, tendo sido empregada estrutura autônoma de madeira e fechamento em tijolos de adobe. Essa capela tinha frontispício voltado para o Ribeirão São Pedro e contava com três portas – uma central, mais larga, e duas laterais a esta; com duas janelas rasgadas por inteiro, com balaústres de madeira recortada, no nível do coro. No entanto, já nos primeiros anos, verificou-se um espírito geral de descontentamento em relação à essa edificação, considerada uma “acanhada ermida sertaneja”. Dessa forma, alguns anos mais tarde, já se cogitava a construção de uma nova capela. Por iniciativa do farmacêutico Cícero Macedo, que havia construído sua residência na Praça Rui Barbosa, formou-se uma comissão encarregada de uma construção de uma nova capela, “mais condizente com a época, para embelezar a praça”. Essa comissão conseguiu apoio e recursos da população de Uberlândia. A antiga capela foi então demolida e a construção da Igreja Nossa Senhora do Rosário se deu entre os anos de 1928 e 1931, tendo sido inaugurada em maio de 1931.</p> <p align="right">(Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia)</p>
<p>8. Memorial descritivo: A vista que se tem da Igreja do Rosário, sentado na praça da Bicota (Praça Rui Barbosa), é um acontecimento. Ela está num lugar amplo e, logo atrás dela, vê-se uma extensa paisagem sobre a cidade. Sempre tive mania de, quando ia ao Centro, falar que ia “descer no centro”. Na realidade, para o Centro a gente sobe, e por isso a igreja está no topo, engloba uma paisagem linda. Sentado sob a sombra das enormes árvores da praça, me recordo dos ternos do Congado passando. Vi o Congado ao vivo uma vez. Tenho muitas pessoas à minha volta que participam dessa manifestação e sempre contam como é bom. Minha amiga de infância, Alicia, ia com muita frequência, todos os anos. Minha irmã, Ludmila, dançava num terno chamado <i>Quilombo dos Palmares</i>. Acho que, sobre esse evento, tenho uma lembrança mais sonora do que visual, porque ouço todo ano um terno, cujo nome não sei, saindo de meu bairro, tocando, caminhando em direção ao Centro. À noite, olhar para aquele prédio da igreja trazia uma paz... Na primeira vez que entrei nela, em 2018, lembro-me de poucas pessoas sentadas rezando, era um domingo de manhã. Aquilo remetia a toda a memória religiosa dos meus anos de infância, estudando numa instituição religiosa,</p>

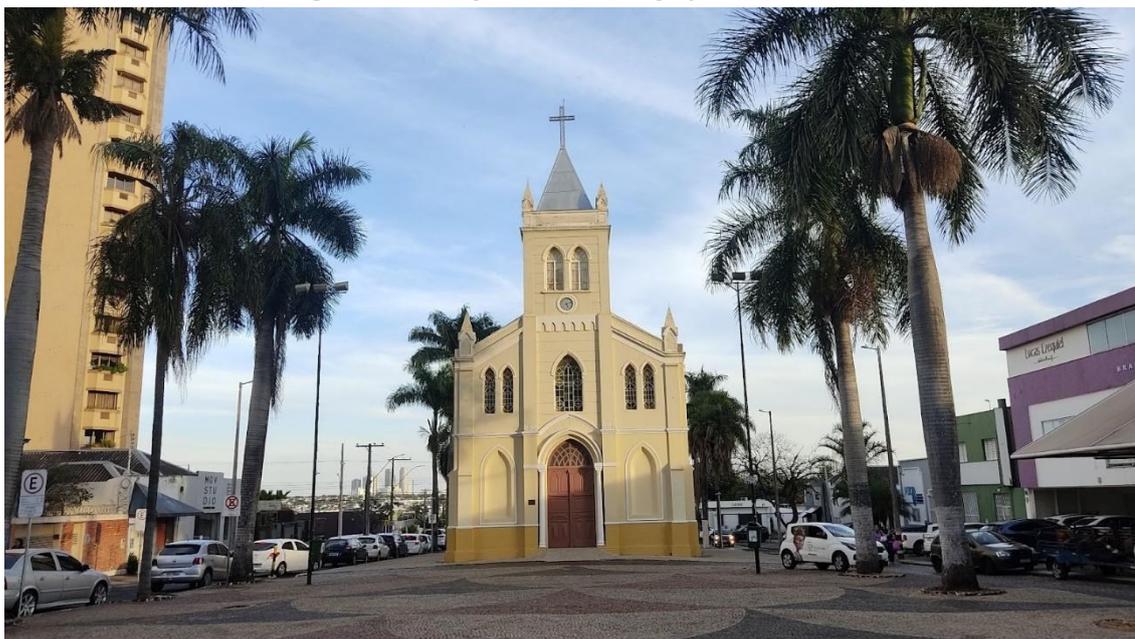
onde sempre rezava com a turma na igreja antes de comer. Lembro-me de um professor me falar que aquela era/é a igreja dos pretos. De alguma forma isso me faz sentir conectado com minha ancestralidade. No desenho, os traços que se inscrevem são a igreja, centralizada, e a Praça do Rosário, fazendo um caminho até a porta que hoje é voltada para o Centro, quase um convite dizendo: “Entre”.

Figura 155: Igreja de Nossa Sra. do Rosário, de Uberlândia, na Praça Rui Barbosa, edificada nos anos 1930



Fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Figura 156: Registro atual da Igreja do Rosário



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Figura 157: Foto do Registro nº18 - *Igreja de Nossa Senhora do Rosário em A CASA DO TOMBO - Livro 3: Registros da Cidade Histórica – Uberlândia (2022)*, hachura em nanquim, 21x29,5 cm



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2022).

Ao produzir este diário gráfico, vejo que é importante conhecer a minha história a partir de minhas vivências e do meio social no qual estou inserido, desenvolvendo um olhar sobre o que é público, entendendo que o que é nosso é feito a partir de nós. Tem algo do popular que também é meu. Por isso, ressaltar esses valores e mostrar o que a cidade já produziu de história é, para mim, colocar-me como coautor e responsabilizar-me pelo que também é meu. Todos nós já contribuimos em algum momento para a história do lugar de onde viemos ou onde estamos.

3.3 Análise da proposta de organização do arquivo pessoal

Pensando em arquivos pessoais cujo autor ainda pode se encontrar em plena atividade e tratando-se especificamente do arquivo de um artista, é importante estabelecer uma organização flexível que torne viável receber novos documentos os quais venham a agregar o acervo. No nosso caso não se trata de um acervo fechado, cujas atividades primárias se extinguíram. Focando os interesses desta pesquisa, na qual o arquivo não só serve como um objeto artístico, mas também como importante fomentador do conhecimento histórico através do desenho de locação e da prática do arquivamento, ter um acervo que com possibilidade de se alargar contribui para mais desdobramentos sobre a cidade de Uberlândia.

Ao organizar este arquivo, investigando a mim e aos meus processos, busquei identificar e, na medida do possível, corresponder às estruturas lógicas de como penso essa documentação. No caso dos registros referentes à Urban Sketchers Uberlândia, há somente uma organização cronológica prévia, com os documentos alinhados segundo critério de ordem dos eventos. Ainda que cronologicamente falando seja uma ótima organização, é necessário que esta parte dialogue com um pouco mais de coerência com as tipologias e temáticas existentes nos outros documentos. Organizar identificando tipos de lugares facilita a localização dos documentos, pois ajuda a ter uma clareza lógica, trazendo praticidade no momento de procurá-los. Identificar o registro das datas de criação de cada desenho não foi algo tão difícil, haja vista que elas poderiam ser localizadas tanto nos materiais de divulgação da USk Udia, como também nas fotos postadas no perfil do grupo na plataforma do Instagram, as quais continham a data em sua legenda. Também havia desenhos que traziam as datas no canto da folha.

A produção dos diários gráficos para receber todos os desenhos possibilitou delinear as tipologias do acervo e alocá-los em cada uma das classes que correspondem a um diário gráfico, facilitando não só a organização como também a conservação, uma vez que caixas e livros na forma suporte já desempenham as funções de armazenamento de conteúdo. Eles também permitem que o espectador interaja com a obra, manuseando o livro do tombo e os desenhos nos livros-caixa-arquivo. Para possibilitar a organização do acervo de forma mais adequada, evitando a dispersão dos desenhos enquanto documentos do processo, foi elaborado um Plano de Classificação dos Documentos, que agrega todos os meus desenhos encontrados e os também produzidos sobre a cidade de Uberlândia.

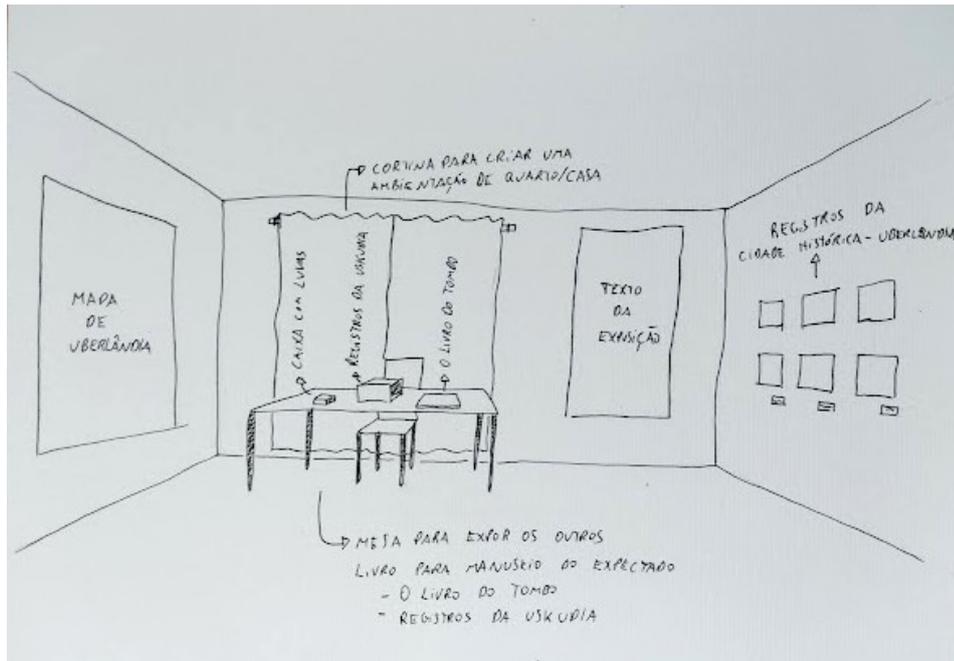
Considero também que, no estabelecimento de uma coerência interna, um ordenamento adequado dos desenhos é fundamental para que a cronologia em que foram concebidos não seja perdida. Por isso, a forma mais funcional de ordenamento desse arquivo se deu pela tipologia de lugares, trazendo a cronologia das imagens como fator de observação, levando uma relação orgânica entre os documentos, ajudando nas buscas dentro do acervo documental. Todos foram organizados segundo a tipologia de lugar a que pertencem, devendo ser respeitada a ordem da narrativa que foi construída. Isso permite a localização das imagens em função da temática principal do desenho, ampliando substancialmente a facilidade de localização das imagens no acervo.

O prazo de guarda do material, geralmente estabelecido em uma Tabela de Temporalidade de Documentos, não foi estipulado nessa tabela, já que todo o acervo até o presente momento foi colocado como permanente, não sendo necessário descarte de nenhum item. Além disso, não há legislações vigentes quanto ao prazo de guarda de obras artísticas – e este é um trabalho artístico, tanto o arquivo, como o seu conteúdo.

Pensando em uma possível exposição, foi elaborado um croqui estruturando a expografia do material. À direita, seriam expostos na parede os desenhos do livro-caixa-arquivo *Registros da Cidade Histórica - Uberlândia*, usando as tipologias da classe correspondente no arquivo como orientação para os agrupamentos dessas imagens. Na parede frontal, viria o texto informativo da exposição, colocado à direita. À esquerda foi pensada uma ambientação para remeter ao conceito de casa, como um quarto, usando mesa, cadeira e uma cortina atrás da mesa. Sobre a mesa, seriam disponibilizados o *Livro do Tombo* e os *Registros da Urban Sketchers Uberlândia* para

o espectador manusear, portando luvas descartáveis disponíveis ao lado dos diários gráficos. À esquerda seria exibido um mapa de Uberlândia para que as pessoas pudessem marcá-lo, sinalizando lugares que considerassem importantes. Segue o croqui da exposição (Figura 158).

Figura 158: Croqui para exemplificar uma possível exposição do material de *A CASA DO TOMBO*



Fonte: Acervo do artista. Foto: Leo Borges (2023).

Para finalizar, pensando também no alcance digital de divulgação deste material e na forma de preservação primária desses documentos, há a possibilidade futura de criação de um portfólio digital no qual estarão disponíveis para visualização todas as obras referentes a esse arquivo e novos desenhos, permitindo um acesso ágil e eficiente dos registros de locação e informações sobre eles, assim andando de mãos dadas com os avanços tecnológicos da sociedade, mantendo a memória preservada por mais tempo.

CONCLUSÃO

Pensando nas necessidades e nas questões da sociedade a respeito da conservação da memória e da história, podemos entender que a preservação e a valorização dos arquivos pessoais refletem aspectos maiores que um simples acúmulo de documentos sem valor secundário, de testemunho de uma atividade executada. As ações registradas no passado se convertem em história e isso implica organização, divulgação e tratamento adequado do referido material.

Trabalhar com a composição de um arquivo pessoal foi uma escolha que se revelou ao longo do processo, no qual a angústia de me sentir apartado da história de Uberlândia levou à busca do conhecimento nesse sentido. No fim percebi que essa busca era pessoal, e que eu também estava procurando a minha própria história. Havia uma missão a cumprir diante da cidade em que eu, enquanto indivíduo, me perguntava por que não a conhecia e por que ela sempre estava mudando tão rápido.

No caminho que resultou neste Trabalho de Conclusão de Curso, realizei uma pesquisa sobre o patrimônio histórico-cultural de Uberlândia, dentro do contexto gráfico. Constatei que os meus desenhos de locação, sobre os patrimônios da cidade ou os que eu elejo como meus patrimônios, foram a maneira que encontrei de inscrevê-los no tempo, ainda que estes venham a deixar de existir. O tempo e os homens podem ser traiçoeiros com aquilo que nos é caro e importante, mas sempre descobrimos modos de poupar ou retardar o processo de existência de tais elementos.

A arte se faz presente em todos os espaços, engendrada no nosso cotidiano, e se faz necessária, desde os primeiros tempos, para contar a história da humanidade. Fazer os desenhos de locação já era, em alguma medida, algo que deixaria registrados os olhares e as impressões sobre a cidade, porém, guardar a memória exigiu mais do que o registro gráfico. Por isso o trabalho se desdobrou em produção de livros de artista, compondo diários gráficos que conseguissem de armazenar os registros. A ideia de fazer um livro de tombo levou-me a aproximar-me mais do tema dos patrimônios históricos, conduzindo-me tanto a conhecer a estrutura que compõe esse grande documento, como o que está nele documentado.

Compreendo que a linguagem do desenho guarda essa característica delicada de ser o processo, de nos forçar a parar um pouco o que estávamos fazendo para dedicar a atenção àquilo que queremos apreender sobre o suporte, no meu caso, o

papel. Essa experiência com o desenho de locação ou croqui urbano, como chamamos na Urban Sketchers, me direcionou a gostar cada vez mais de trabalhar com o traço e o nanquim, construindo a imagem entre rabiscos, linhas e hachuras. É gostoso imaginar que, enquanto eu desenho, estou representando um lugar ou um objeto e, ainda assim, não é a realidade do local que está sendo impressa na imagem, mas a experiência do meu olhar.

Nesse viés de considerar o desenho como expressão de nossos pensamentos e memórias, tais desenhos de locação passaram a ter a intenção de guardar lembranças. Foi a partir disso que comecei a entender que as acumulações, hábito que me queixava de ter, não se prendiam só a guardar objetos, mas ideias e memórias. Não obstante, realizei esse volume de desenhos o qual, no processo de pesquisa, trouxe à tona, em vários momentos, o ato de me questionar sobre o que estava tentando preservar por meio daquelas imagens, tendo em vista todo o estranhamento que a análise dos desenhos realizados na Urban Sketchers Uberlândia deixava em mim. Havia um desejo de representar os patrimônios históricos da cidade, acompanhado da contradição de lembrar que a memória de Uberlândia se encontra concentrada no Centro e não se estende para a periferia. Então, qual era o sentido de enfatizar só aquilo que já é patrimônio histórico?

Cheguei ao entendimento de que precisava registrar os lugares importantes para mim como meus patrimônios, locais situados mais à margem da cidade, que cresceu e se expandiu, portanto, sua periferia também tem história para contar. Ampliei o volume de registros na pesquisa, compondo-os com lugares de minha infância/adolescência que ressoam em mim enquanto uberlandense. Na somatória dos desenhos, momento em que nasceu o meu livro de tombo, percebi que, por meio dos processos de pesquisa histórica para a construção das fichas de tombamento, pude conhecer melhor os lugares que elegi como meus patrimônios e passar a me identificar mais com aquele centro histórico da cidade, em relação ao qual eu sentia carência de aprofundamento.

Vejo que, diante do volume de produção de desenhos, tanto os desse livro como os desenhos anteriores, coube entender que todo esse trabalho buscava imprimir a prática de elaborar uma memória de si, inscrevendo-se no tempo visando guardar os lugares de meu próprio tempo e também o que de certa forma alguns lugares haviam sido anteriormente. Criei mais dois livros, sendo eles o que chamei de caixas-arquivos. Um guardava os desenhos das 55 edições da Urban Sketchers

Uberlândia e o outro, as imagens que fiz ao longo de 2022 sobre os patrimônios históricos da cidade. Estes três livros foram a forma de organizar o que no fim de todo esse processo de contato com a história da cidade, o resgate de minhas memórias e os desenhos de locação, resultou em um acervo de desenhos que constituíram um arquivo pessoal.

Apresento as caixas-arquivos como formas diferentes de se exibir um diário gráfico. São objetos que também correspondem a suportes convencionais de conservação de documentos e objetos. Lembram formas de armazenamento como pastas-catálogo. O livro do tombo, único concebido num formato mais tradicional, lembra os *sketchbooks* e blocos de desenhos que levo às ruas para desenhar. Remete ao formato mais acessível de diário gráfico para se carregar nas viagens. Através da produção dos livros para este trabalho pude achar formas eficientes de armazenar e ordenar o meu arquivo pessoal, entendendo as tipologias presentes no acervo.

Nesta pesquisa também contei com o aporte teórico de artistas de Uberlândia os quais pude resgatar como importantes para a construção da imagem da cidade, representada em suas pinturas. Reconheço Ido Finotti e Geraldo de Queiroz como figuras necessárias, na potência de seus registros da paisagem de Uberlândia, para a construção do imaginário de sua época. Reconheço também, através de meu trabalho com esta pesquisa e em diálogo com esses artistas, o desejo de um artista visual e a responsabilidade de um uberlandense de compor o imaginário de meu tempo, levando a conhecimento das futuras gerações, uma Uberlândia que já existiu.

Tenho imenso orgulho deste trabalho e de todas as memórias ressuscitadas ou construídas aqui. Ainda que a finalidade desta pesquisa seja o arquivamento da memória de si, desejo que todos que presenciarem este trabalho se sintam transportados para esses lugares e tomem conhecimento da história dessa cidade. A *Urban Sketchers Uberlândia* e este trabalho foram só uma das formas de poder preservar a minha cidade na história perante os avanços desenfreados da modernidade. Espero solenemente continuar registrando-a enquanto estiver aqui e que, de alguma forma, desperte a atenção de seus moradores para que cultivem suas memórias. São elas que ficam quando tudo acaba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *In: Arquivos pessoais. Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), v. 11, n. 21, 1998.

BERGER, John. **Sobre el dibujo**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo, T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/ Editora UNESP, 2006.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo – Cinema 2**, trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

FINOTTI, Ricardo Alves. **As paisagens nas pinturas de Ido Finotti**: reflexões artísticas e históricas. 2016. 250 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

MACHADO JUNIOR, Juscelino Humberto Cunha. **A study of the mosaic panels of Geraldo Queiroz**: an artist from the Triangulo Mineiro region. 2010. 328 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

PLAZA, Julio. O livro como forma de arte (I). **Arte em São Paulo**, São Paulo, n. 6, abr. 1982.

RAHIM, Shakil Yussuf; RODRIGUES, Ana Leonor Madeira. Os Arquivos de Desenho e a Valorização do Patrimônio das Cidades Através do Diário Gráfico: O Caso do Urban Sketchers Portugal. *In: Patrimonialização e Sustentabilidade do Patrimônio*: Reflexão e Prospectiva. Lisboa, IHC- Nova FCSH, 2014.

REDUCINO, Marileusa de Oliveira. **Artistas, imagens e cidade**: bricolagens poéticas e históricas de Uberlândia. 2011. 251 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

REIS, Luís. O Arquivo e a Arquivística: evolução histórica. **Biblios**: Revista electrónica de bibliotecología, archivología y museología, ISSN 1562-4730, Nº. 24, 2006.

RIZZOTTO, Caroline Campos; BRITO, Diogo de Souza. Notas sobre a preservação do patrimônio histórico em Uberlândia. *In: Arte e Patrimônio de Uberlândia (entre o passado e o presente)*. Uberlândia: Ed. Aline, 2009.

SALLES, Cecilia. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 5. ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

SCHEINBERGER, Felix. **Aquarela para Urban Sketchers: Como Desenhar, Pintar e Contar Histórias Coloridas**. São Paulo: GG, 2016.

SILVA, Cíntia Mayumi de Carli. O patrimônio dos uberlandenses: Autores de suas referências culturais. *In: Arte e Patrimônio de Uberlândia (entre) o passado e o presente*. Uberlândia: Ed. Aline, 2009.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

TRALDI, Juliana Pavesi Miguel. **A conservação da obra em papel de Geraldo Queiroz no acervo do arquivo público de Uberlândia**. 2013. 257 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

THOMASSEM, Theo. **Uma primeira introdução à arquivologia**. Arquivo & Administração, v. 5, n. 1, 2006.

VEIGA, Elisângela Queiroz. O desenho da cidade histórica enquanto elemento de memória e preservação: o caso de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. **Revista Geometria Gráfica**, ISSN 2595-0797, v.3, n.1, 2019.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BRASIL. **Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937**. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_n_378_de_13_de_janeiro_de_1937.pdf. Acesso em: 18 jan. 2023.

FIDELIS, Gaudêncio. **O museu sensível: uma visão da produção de artistas mulheres na coleção do MARGS / Gaudêncio Fidelis** - Porto Alegre: Museu de Arte do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://www.margs.rs.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/O-Museu-Sensivel.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2023.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Cultural**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SCHMIDT, Benito B. Os historiadores e os acervos documentais e museológicos: novos espaços de atuação profissional. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7966/4754>. Acesso em: 20 jan. 2023.

UBERLÂNDIA-MG. Decreto nº 3.506 de 31, de março de 1987. Dispõe sobre a criação do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Uberlândia - COMPHAC e dá outras providências. **Leis Municipais**. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a/mg/u/uberlandia/decreto/1987/351/3506/decreto-n-3506-1987-dispoe-sobre-a-criacao-do-conselho-municipal-do-patrimonio-historico-artistico-e-cultural-de-uberlandia-comphac-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 20 jan. 2023.

UBERLÂNDIA-MG. Lei Ordinária 7.791, de 2001. Dispõe sobre o COMPHAC - Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia e dá outras providências. **Leis Municipais**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/u/uberlandia/lei-ordinaria/2001/779/7791/lei-ordinaria-n-7791-2001-dispoe-sobre-o-comphac-conselho-municipal-do-patrimonio-historico-arqueologico-artistico-e-cultural-de-uberlandia-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 20 jan. 2023.

URBAN SKETCHERS. **Manifesto**. 2022. Disponível em: <https://urbansketchers.org/pt/who-we-are/>. Acesso em: 17 dez. 2022.

ANEXO A: PLANO DE CLASSIFICAÇÃO DOS DOCUMENTOS

1. Registros da Urban Sketchers Uberlândia
 - 1.1. Casas e Casarões
 - 1.1.1. Casa da Cultura
 - 1.1.2. Casarão da Praça Adolfo Fonseca
 - 1.1.3. Antiga Mansão da Avenida João Pinheiro
 - 1.1.4. Residência Chacur
 - 1.1.5. Casinha Azul da Rua Tiradentes
 - 1.1.6. Casaréu
 - 1.1.7. Futura
 - 1.1.8. Casinha da Avenida Fernando Vilela
 - 1.1.9. Casa Branca da Avenida Engenheiro Diniz
 - 1.1.10. Casa da Praça do Líbano
 - 1.1.11. Casinha da Rua Bernardo Guimarães
 - 1.1.12. Placitude
 - 1.1.13. Casinha da Rua Machado de Assis
 - 1.1.14. Inthebra TH
 - 1.1.15. Modo Arquitetura
 - 1.1.16. Pousada Chaluzé
 - 1.1.17. Casinha da Rua Bernardo Cupertino
 - 1.1.18. Casarão Grill
 - 1.1.19. Edifício Cecília Inácia
 - 1.2. Espaços Comerciais
 - 1.2.1. Akkar Restaurante
 - 1.2.2. Mercado Municipal de Uberlândia
 - 1.2.3. Armazém Monopólio
 - 1.2.4. Panificadora Fiorella
 - 1.2.5. Sabiá Livros
 - 1.3. Espaços Educacionais
 - 1.3.1. E. E. Dr. Duarte Pimentel de Uihôa
 - 1.3.2. E. E. Enéias de Oliveira Guimarães
 - 1.3.3. Vista para Quadra da UFU

- 1.4. Espaços Culturais
 - 1.4.1. Coreto
 - 1.4.2. Antiga Biblioteca Municipal de Uberlândia
 - 1.4.3. Centro Municipal de Cultura de Uberlândia
 - 1.4.4. Estádio Municipal Parque do Sabiá
- 1.5. Fragmentos
 - 1.5.1. Museu Municipal de Uberlândia
 - 1.5.2. Prédio de Arcos e Tijolos
 - 1.5.3. Casarão da Avenida Afonso Pena
 - 1.5.4. Castelinho da Avenida Floriano Peixoto
 - 1.5.5. Casa Azul da Rua Bernardo Guimarães
- 1.6. Cemitérios
 - 1.6.1. Cemitério São Pedro
2. O Livro de Tombo
 - 2.1. Fase Escolar
 - 2.1.1. Centro Educacional Cristina Cavanis
 - 2.1.2. Escola Municipal Professora Olga del Fávero - Caic Laranjeiras
 - 2.1.3. Escola Estadual Professor Inácio Castilho
 - 2.2. Lembranças Familiares
 - 2.2.1. Mercure Plaza Center Shopping
 - 2.2.2. Casa Cruzeiro
 - 2.2.3. Camelódromo Municipal
 - 2.3. Esporte e Lazer
 - 2.3.1. Poliesportivo São Jorge
 - 2.3.2. Parque do Sabiá
 - 2.3.3. Parque Santa Luzia
 - 2.4. Fabricando Identidades
 - 2.4.1. Terminal Santa Luzia
 - 2.4.2. Parque de Exposições Camaru
 - 2.4.3. Cemitério São Pedro
3. Registros da Cidade Histórica - Uberlândia
 - 3.1. Terminais
 - 3.1.1. Terminal Central
 - 3.1.2. Terminal Rodoviário de Uberlândia

- 3.1.3. Biblioteca Pública Municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira
- 3.2. Espaços Culturais
 - 3.2.1. Coreto
 - 3.2.2. Museu Municipal de Uberlândia
 - 3.2.3. Oficina Cultural de Uberlândia
 - 3.2.4. Centro Municipal de Cultura
 - 3.2.5. Teatro Grande Otelo
 - 3.2.6. Uberlândia Clube Sociedade Recreativa
- 3.3. Estádios
 - 3.3.1. Estádio Municipal Parque do Sabiá
 - 3.3.2. Estádio Juca Ribeiro
- 3.4. Casarões
 - 3.4.1. Casaréu
 - 3.4.2. Casa da Cultura
 - 3.4.3. Residência Chacur
 - 3.4.4. Palacete Naghettini
- 3.5. Consumo, Lazer e Religiosidade
 - 3.5.1. Mercado Municipal de Uberlândia
 - 3.5.2. Praça da Bicota (Praça Rui Barbosa)
 - 3.5.3. Igreja de Nossa Senhora do Rosário

ANEXO B: TABELA DE TEMPORALIDADE DOS DOCUMENTOS

Classe 01: Registros da Urban Sketchers Uberlândia				
Subsérie	Locais	Técnica	Destinação	Observação
Casas e Casarões				
	Casa da Cultura	Hachura em nanquim e lápis de cor	Permanente	4° Urban Sketchers Uberlândia 01/10/2017
	Casarão da Praça Adolfo Fonseca	Hachura em nanquim	Permanente	7° Urban Sketchers Uberlândia 22/10/2017
	Antiga Mansão da Av. João Pinheiro	Hachura em nanquim	Permanente	12° Urban Sketchers Uberlândia 07/01/2018
	Residência Chacur	Hachura em nanquim	Permanente	13° Urban Sketchers Uberlândia 21/01/2018
	Casinha Azul da R. Tiradentes	Hachura em nanquim	Permanente	19° Urban Sketchers Uberlândia 04/03/2018
	Casaréu	Hachura em nanquim	Permanente	21° Urban Sketchers Uberlândia 11/03/2018
	Futura	Hachura em nanquim	Permanente	22° Urban Sketchers Uberlândia 18/03/2018
	Casinha da Av. Fernando Vilela	Hachura em nanquim	Permanente	24° Urban Sketchers Uberlândia 08/04/2018
	Casa Branca da Av. Engenheiro Diniz	Hachura em nanquim	Permanente	26° Urban Sketchers Uberlândia 22/04/2018
	Casa da Praça do Líbano	Hachura em nanquim	Permanente	27° Urban Sketchers Uberlândia 06/05/2018
	Casinha da R. Bernardo Guimarães	Hachura em nanquim	Permanente	30° Urban Sketchers Uberlândia 10/06/2018
	Placitude	Hachura em nanquim	Permanente	33° Urban Sketchers Uberlândia 08/07/2018
	Casinha da R. Machado de Assis	Hachura em nanquim	Permanente	34° Urban Sketchers Uberlândia 15/07/2018
	Inthebra TH	Hachura em nanquim	Permanente	40° Urban Sketchers Uberlândia 20/01/2019
	Modo Arquitetura	Hachura em nanquim	Permanente	41° Urban Sketchers Uberlândia 09/02/2019
	Pousada Chaluzé	Hachura em nanquim	Permanente	44° Urban Sketchers Uberlândia 17/03/2019
	Casinha da R. Bernardo Cupertino	Hachura em nanquim	Permanente	47° Urban Sketchers Uberlândia 19/05/2019
	Casarão Grill	Hachura em nanquim	Permanente	48° Urban Sketchers Uberlândia 08/06/2019

	Edifício Cecília Inácia	Hachura em Caneta Esferográfica	Permanente	52° Urban Sketchers Uberlândia 08/02/2020
Espaços Comerciais				
	Akkar Restaurante	Hachura em nanquim	Permanente	15° Urban Sketchers Uberlândia 03/02/2018
	Mercado Municipal de Uberlândia	Hachura em nanquim	Permanente	16° Urban Sketchers Uberlândia 11/02/2018
	Armazém Monopólio	Hachura em nanquim	Permanente	18° Urban Sketchers Uberlândia 25/02/2018
	Panificadora Fiorella	Grafite	Permanente	31° Urban Sketchers Uberlândia 17/06/2018
	Sabiá Livros	Hachura em nanquim	Permanente	54° Urban Sketchers Uberlândia 14/03/2020
Espaços Educacionais				
	E. E. Enéas de Oliveira Guimarães	Hachura em nanquim	Permanente	45° Urban Sketchers Uberlândia 13/04/2019
	E. E. Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa	Grafite	Permanente	51° Urban Sketchers Uberlândia 01/02/2020
	Vista Para Quadra da UFU	Hachura em nanquim	Permanente	Sketch Walk Urban Sketchers Uberlândia Edição Calourada das Artes-UFU 13/03/2020
Espaços Culturais				
	Coreto	Grafite	Permanente	1° Urban Sketchers Uberlândia 03/09/2017
	Antiga Biblioteca Municipal de Uberlândia	Hachura em nanquim	Permanente	39° Urban Sketchers Uberlândia 12/01/2019
	Centro Municipal de Cultura de Uberlândia	Grafite	Permanente	50° Urban Sketchers Uberlândia 25/01/2020
	Centro Municipal de Cultura de Uberlândia	Hachura em nanquim	Permanente	55° Urban Sketchers Uberlândia 13/03/2022
	Estádio Municipal Parque do Sabiá	Hachura em nanquim	Permanente	53° Urban Sketchers Uberlândia 07/03/2020
Fragmentos e Detalhes				
	Museu Municipal de Uberlândia	Hachura em nanquim	Permanente	20° Urban Sketchers Uberlândia 10/03/2018
	Prédio de Arcos e Tijolos	Hachura em nanquim	Permanente	25° Urban Sketchers Uberlândia 15/04/2018

	Casarão da Av. Afonso Pena	Grafite	Permanente	29° Urban Sketchers Uberlândia 03/06/2018
	Castelinho da Av. Floriano Peixoto	Hachura em nanquim	Permanente	32° Urban Sketchers Uberlândia 24/06/2018
	Casa Azul da R. Bernardo Guimarães	Hachura em nanquim	Permanente	35° Urban Sketchers Uberlândia 11/08/2018
Cemitérios				
	Cemitério São Pedro	Hachura em nanquim	Permanente	46° Urban Sketchers Uberlândia 11/05/2019
Classe 02: O Livro do Tombo				
Fase Escolar				
	Centro Educacional Cristina Cavanis	Hachura em nanquim	Permanente	19/11/2022
	E. M. Professora Olga del Fávero - Caic Laranjeiras	Hachura em nanquim	Permanente	19/11/2022
	E. E. Professor Inácio Castilho	Hachura em nanquim	Permanente	19/11/2022
Lembranças Familiares				
	Mercure Plaza Center Shopping	Hachura em nanquim	Permanente	20/11/2022
	Casa Cruzeiro	Hachura em nanquim	Permanente	20/11/2022
	Camelódromo Municipal	Hachura em nanquim	Permanente	24/11/2022
Esporte e Lazer				
	Poliesportivo São Jorge	Hachura em nanquim	Permanente	26/11/2022
	Parque do Sabiá	Hachura em nanquim	Permanente	27/11/2022
	Parque Santa Luzia	Hachura em nanquim	Permanente	27/11/2022
Fabricando Identidades				
	Terminal Santa Luzia	Hachura em nanquim	Permanente	28/11/2022
	Parque de Exposições Camaru	Hachura em nanquim	Permanente	01/12/2022

	Cemitério São Pedro	Hachura em nanquim	Permanente	01/12/2022
Classe 03: Registros da Cidade Histórica - Uberlândia				
Terminais				
	Terminal Central	Hachura em nanquim	Permanente	21/07/2022
	Terminal Rodoviário de Uberlândia	Hachura em nanquim	Permanente	22/07/2022
	Biblioteca Pública Municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira	Hachura em nanquim	Permanente	22/07/2022
Espaços Culturais				
	Coreto	Hachura em nanquim	Permanente	19/07/2022
	Museu Municipal de Uberlândia	Hachura em nanquim	Permanente	29/06/2022
	Oficina Cultural de Uberlândia	Hachura em nanquim	Permanente	29/06/2022
	Centro Municipal de Cultura	Hachura em nanquim	Permanente	21/07/2022
	Teatro Grande Otelo	Hachura em nanquim	Permanente	25/06/2022
	Uberlândia Clube Sociedade Recreativa	Hachura em nanquim	Permanente	26/06/2022
Estádios				
	Estádio Municipal Parque do Sabiá	Hachura em nanquim	Permanente	20/07/2022
	Estádio Juca Ribeiro	Hachura em nanquim	Permanente	20/07/2022
Casarões				
	Casaréu	Hachura em nanquim	Permanente	28/06/2022
	Casa da Cultura	Hachura em nanquim	Permanente	28/06/2022
	Residência Chacur	Hachura em nanquim	Permanente	19/07/2022
	Palacete Naghettini	Hachura em nanquim	Permanente	27/06/2022

Consumo, Lazer e Religiosida- de				
	Mercado Municipal de Uberlândia	Hachura em nanquim	Permanente	27/06/2022
	Praça da Bicota (Praça Rui Barbosa)	Hachura em nanquim	Permanente	24/06/2022
	Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Hachura em nanquim	Permanente	24/06/2022